

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA

SILVANA SOBREIRA DE MATOS

TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA ENTRE CARISMÁTICOS E
EVANGÉLICOS EM CAMPINA GRANDE – PB.

RECIFE – PE

2008

Matos, Silvana Sobreira de
Tolerância e intolerância entre carismáticos e
evangélicos em Campina Grande – PB. / Silvana
Sobreira de Matos. - Recife : O Autor, 2008.
220 folhas : il., quadros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.

Inclui : bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Tolerância religiosa – Campina
Grande (PB). 3. Intolerância (religiosa). 4. Pluralismo
religioso. 5. Evangelistas. 6. Cristianismo. I. Título.

39 **CDU (2.** **UFPE**
390 **ed.)** **BCFCH2008/87**
CDD (22. ed.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA

SILVANA SOBREIRA DE MATOS

TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA ENTRE CARISMÁTICOS E
EVANGÉLICOS EM CAMPINA GRANDE – PB.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado no Programa de Pós –
Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Antropologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roberta Bivar Carneiro Campos.

RECIFE – PE

2008

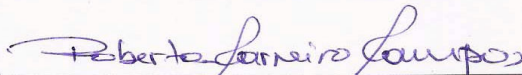
SILVANA SOBREIRA DE MATOS

**“TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA ENTRE CARISMÁTICOS E EVANGÉLICOS
EM CAMPINA GRANDE - PB**

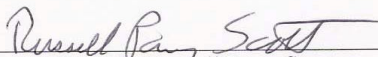
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 24/04/ 2008.

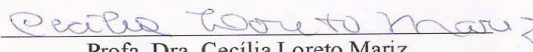
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos
(Orientador/UFPE)



Prof. Dr. Russell Parry Scott
(Examinador Titular Interno/UFPE)



Prof. Dra. Cecilia Loreto Mariz
(Examinador Titular Externo - UERJ)

Recife – PE, 24 de Abril de 2008.

AGRADECIMENTOS

Nossa! Chegou ao fim. São tantas pessoas para agradecer! Mas de início digo a todos, muito obrigado, sem a ajuda de vocês tudo seria muito mais difícil.

Primeiramente gostaria de compartilhar com todos que a minha família é a melhor do mundo. Sem a ajuda preciosa de meus pais Maria Zélia Sobreira de Matos e Francisco José Pereira de Matos, e dos meus irmãos Luciana Sobreira de Matos e Francisco José Sobreira de Matos estes dois anos de mestrado não teriam a mesma cor. Amo vocês. Gostaria de agradecer especialmente ao meu companheiro Guilherme Inaldo Ferreira Patriota que me ajudou de forma incondicional me trazendo muita força, quando a minha família não estava por perto. Obrigado por seu amor e LUZ! MUITÍSSIMO obrigado a Frederico Feitoza e Eduardo Lopes que estiveram sempre por perto me ajudando nesse processo.

Agradeço ainda a minha orientadora Roberta Bivar Campos, que no meu primeiro dia de aula, mesmo sem me conhecer aceitou me orientar nessa empreitada. Sem a sua ajuda, nossas conversas, as suas idéias e insights, a leitura cuidadosa sobre o meu tema de pesquisa, sua competência esta dissertação não seria a mesma. Suas idéias e artigos sobre questões como tolerância e intolerância religiosa me ajudaram demais na construção desta dissertação. Obrigado também por ter entendido e me ajudado quando fraquejei. Desejo-te toda sorte, e lembrarei sempre de você. Muito obrigado.

Gostaria de agradecer a professora Cecília Loreto Mariz, por ter aceitado participar da minha banca vindo de tão longe para compartilhar comigo de suas experiências e idéias. Sua produção acadêmica foi fundamental para construção teórica desta dissertação. Agradeço ainda pela boa conversa que tivemos no encontro “Religião e Cidadania”, aqui em Recife, sobre questões teóricas que faziam parte da minha dissertação. Obrigado pela sua disposição e contribuição para esta dissertação.

Agradeço ao Professor Parry Scott, por ter aceitado participar também desta banca e da minha banca de qualificação. A sua leitura cuidadosa da minha dissertação indicando bibliografia, partes a serem melhoradas, temáticas que eu deveria dar mais atenção me ajudaram a reescrever o último capítulo. Sei que ainda tenho muito que trilhar na temática sobre religião e família, e você foi responsável por um grande passo nessa caminhada. Não esquecerei de suas considerações sobre o meu tema de dissertação. Muito obrigado.

Agradeço ainda a professora Maria das Dores Campos Machado por aceitar ser suplente nesta dissertação. Igualmente ao que relatei sobre a professora Cecília Mariz e Roberta Campos afirmo que a sua produção acadêmica também foi fundamental para minha dissertação. Muito obrigado.

Agradeço também ao professor Bartolomeu Tito Figuerôa por ter aceitado ser o suplente interno nesta dissertação. Obrigado.

Não posso deixar também de agradecer a professora Judith Hoffnagel que participou da minha banca de qualificação e da minha banca de projeto. Adorei tê-la nestes ritos de passagem. Suas contribuições foram maravilhosas me ajudaram demais. Muito obrigado. Agradeço a professora Patrícia Birman que aceitou conversar comigo sobre a minha temática no Encontro sobre “Religião e Cidadania”. Nossa breve conversa foi muito proveitosa, principalmente quando você me incentivou a prosseguir na discussão sobre tolerância e intolerância. Igualmente, agradeço ao professor Emerson Giumbelli, que no mesmo evento também conversou comigo e me deu bons toques na discussão sobre tolerância e intolerância religiosa.

Gostaria ainda de agradecer aos coordenadores do Encontro para a Consciência Cristã – ECC - Euder Fábio e Gomes Silva e a todos os entrevistados deste evento. Do mesmo modo agradeço a Gustavo Lucena, coordenador do Encontro Crescer, e aos entrevistados deste encontro. Queria agradecer também a João e Severina Ferreira que abriram as portas da sua casa e me receberam na segunda etapa do meu Trabalho de Campo. Adorei conhecê-los. Muita Luz para vocês. Muito obrigado a toda a minha turma de mestrado, turma boa foi muito bom esse encontro. Mas agradeço especialmente a Carol Oliveira, Jane Rogério e Eduardo Gusmão, vocês são maravilhosos, não vou esquecer jamais nossas boas conversas e a força que vocês me deram. E por fim agradeço a essa multidão abaixo que irei citar que me ajudaram de formas distintas nesta dissertação. São eles: Regina (mestrado), Elizabeth Andrade (Bebeth) e PET-ANTROPOLOGIA, Martinho Tota, Adeildo Leite, Cláudia Cruz, 9idéia (Tatiana Sales, Falcão), Rodrigo Nunes, Nielton Torres, Dany Vilela, Greilson.

RESUMO

A questão da pluralidade religiosa tem sido objeto de estudo cada vez mais intenso nas ciências sociais. A atualidade do tema deve-se, em grande medida, ao avanço da esfera religiosa na vida social. O aumento de reações fundamentalistas em diversos países, o crescimento das religiões evangélicas, das campanhas católicas como a Renovação Carismática Católica e o boom neo-esotérico que o mundo presencia aquecem as análises sobre uma pluralidade e efervescência religiosa que atropelam a tese de um processo irreversível da secularização. Neste sentido esta dissertação discute as transformações no campo religioso dando ênfase a discussão sobre a tolerância e intolerância religiosa.

Dentro desta discussão temos como objeto de estudo analisar as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos na cidade de Campina Grande - PB. Estas duas comunidades realizam no período do carnaval eventos religiosos, o Encontro para a Consciência Cristã – ECC - que reúne evangélicos, e o Crescer – “O Encontro da Família Católica” - que reúne carismáticos. Assim, analisamos como se apresentam as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos participantes do ECC e carismáticos participantes do Crescer na época em que ocorrem estes eventos e em uma segunda fase observamos estas questões em momento posterior a realização de tais eventos. Nossa intenção é perceber se este conflito que acontece no período do carnaval é reproduzido no dia-a-dia destes fiéis. Para tanto buscamos verificar as relações de tolerância e intolerância entre entrevistados do Crescer e ECC que fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, sob a equação carismáticos X evangélicos, com o intuito de verificar como estes fiéis negociavam os conteúdos apreendidos nestes eventos com membros da família que professam uma religião diferente da sua.

Palavras-chave: Tolerância/Intolerância religiosa. Carismáticos. Evangélicos.

ABSTRACT

With a higher degree of intensity, the matter of religious pluralism has been a subject of study within the social sciences. The importance of the topic is related to the expansion of the religious field of action in social life. The increase of the fundamentalist reactions in several countries, the development of the evangelical religions and the Catholics campaigns such as the Catholic Charismatic Renewal, and also the neo-esoteric boom witnessed by the world, excite the analysis about a religious pluralism and effervescence, which overrun the thesis that defends a irreversible process of secularization. In this sense, this dissertation discusses the transformations of the religious field, emphasizing the discussion about religious tolerance and intolerance. Within that debate, we have as a topic of investigation the relations of tolerance and intolerance among evangelicals and Catholics in the city of Campina Grande – PB. These two communities, during Carnival time, accomplish religious events – the *Meeting for the Christian Conscience* (o Encontro para a Consciência Cristã – ECC) that congregate evangelicals and the *Catholic Family Meeting* (O Encontro da Família Católica or Crescer) that congregate the charismatic Catholics. In this manner, during the time that these events take place, we analyzed how the relations of tolerance and intolerance between the evangelicals that participate of the ECC and the charismatic Catholics participants of the Crescer are displayed. During a second phase, these issues were observed after the holding of these events. Our intention is to discern if this conflict, that happens during the carnival time, is reproduced likewise in the daily lives of the believers. For such, we tried to examine the relations of tolerance and intolerance between the interviewed participants of the Crescer and the ECC who are members of families with intrafamilial religious pluralism, under the equation charismatic Catholics X evangelicals, with the intention of examining the manner by which these believers negotiated the contents apprehended in these events with the family members that profess a different religion of yours.

Key-Words: Religious Tolerance and Intolerance. Charismatic Catholics. Evangelicals.

LISTAS DE QUADROS

Quadro: 1 - Religião anterior, religião e denominação atual e tempo de conversão no Encontro para a Consciência Cristã (Evangélicos)..... 95

Quadro: 2 - Religião anterior, religião atual e tempo de conversão no Crescer (Carismáticos)..... 102

Quadro: 3 - Semelhanças e diferenças entre evangélicos e carismáticos segundo os entrevistados do Encontro para a Consciência Cristã – ECC (Evangélicos)..... 105

Quadro: 4 - Semelhanças e diferenças entre carismáticos evangélicos segundo os entrevistados do Crescer (Carismáticos). 106

Quadro: 5 – Dos entrevistados do Encontro para Consciência Cristã - Evangélicos (Religião dos familiares). 149

Quadro: 6 – Dos entrevistados do Encontro Crescer - Carismáticos (Religião dos familiares). 150

LISTA DE ABREVIATURAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil.
ABRACEH – Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade.
AGIR – Agência de Informações Religiosas.
AHCG – Associação de Homossexuais de Campina Grande.
AME – Associação Municipal de Espiritismo.
APEP – Associação de Pastores Evangélicos da Paraíba.
BPC – Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo.
CEB – Comunidades Eclesiais de Base.
CFCCCF – Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships.
CMAS – Conselho Municipal de Assistência Social.
CNBB – Confederação Nacional de Bispos do Brasil.
CONCLAT – Conselho Carismático Católico Latino Americano.
CPA – Comissão Permanente de Administração.
CPCC – Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos.
CRESCER – Encontro Carismático.
ECC – Encontro para a Consciência Cristã (Evangélicos).
ECCLA – Encontro Carismático Católico Latino Americano.
ENC – Encontro para a Nova Consciência (Movimento Nova Era).
FATEMI – Faculdade de Teologia e Missiologia Aloísio Magalhães.
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
ICCRS – Internacional Catholic Charismatic Renewal Office.
ICP – Instituto Cristão de Pesquisas.
ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião.
ITESMI – Instituto Superior de Missões.
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus.
JUVEP – Juventude Evangélica da Paraíba.
MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães.
MOSES – Movimento pela Sexualidade Sadia.
MPC – Mocidade Para Cristo.
MRCC – Movimento de Renovação Carismática.
OMEB – Ordem de Ministros Evangélicos do Brasil.
PET- ANTROPOLOGIA – Programa de Educação Tutorial em Antropologia.
RCC – Renovação Carismática Católica.
SVE – Seminários de Vida no Espírito.
TLC – Treinamento de Lideranças Cristãs.
UFCG – Universidade Federal de Campina Grande.
UFJC – Universidade Federal com Jesus Cristo.
UNIPAZ – Universidade da Paz.
VINACC – Visão Nacional para Consciência Cristã.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I:	
Religião e Secularização: Evangélicos e Carismáticos neste processo contraditório.	21
1.0. Pluralismo religioso.....	21
1.2. Protestantismo no plural: uma análise sócio-antropológica do fenômeno.	27
1.3. A Renovação Carismática Católica.	32
1.3.1. Por dentro da estrutura e das propostas da Renovação Carismática Católica.	38
CAPÍTULO II:	
O Surgimento do Crescer e do Encontro para Consciência Cristã.	43
2.1. Antecedentes do ECC e do Crescer.	43
2.2. O surgimento do Crescer – “O Encontro da Família Católica”.	49
2.3. O Surgimento do Encontro para a Consciência Cristã.	57
CAPÍTULO III:	
(Anti)Sincretismo e (In)Tolerância entre Evangélicos e Carismáticos.	76
3.1. Sincretismo e Anti-Sincretismo.	76
3.2. Tolerância e Intolerância: categorias analíticas em desuso?	83
3.3. Tolerância e Intolerância entre carismáticos e evangélicos na época do carnaval.	93
CAPÍTULO IV:	
Religião e Família.	131
4.1. Família e religião na modernidade.	133
4.2. Família, juventude e sexualidade no Encontro para a Consciência Cristã e no Crescer.	140
4.3. Pluralismo religioso intrafamiliar entre os participantes do Crescer e do Encontro para a Consciência Cristã.	149
4.3.1. Famílias sem pluralismo religioso intrafamiliar.	151
4.3.2. Negociações, conflitos e acomodações em famílias com pluralismo religioso intrafamiliar.	157
4.3.3. Pluralismo religioso numa rede familiar.	167
CONCLUSÃO	197
BIBLIOGRAFIA	205
ANEXOS	222

INTRODUÇÃO

Muito se têm comentado sobre o retorno/recomposição do religioso nas sociedades atuais. Após longos anos, nos quais a tendência dominante nas ciências sociais era de observar a religião a partir de um processo que findava necessariamente em secularização, muitos autores têm se questionado se vivemos de fato num mundo desencantado.

Na perspectiva da secularização a religião apareceria como um “revival” e/ou “sobrevivências”. Tais experiências religiosas emergiriam, desta forma, na sociedade contemporânea nos espaços ainda não ocupados pela racionalização moderna, ou ainda como um “retorno do recalcado” que aconteceria em períodos alternados nos quais os projetos de uma sociedade moderna teriam fracassado.

Contudo, a perspectiva acima mencionada de pensar a secularização como processo irreversível ou ainda como “sobrevivências” está sendo atualmente questionada quando observamos inúmeros fatos que estão no coração do debate público como o uso do véu das jovens muçulmanas, o aumento progressivo de instituições religiosas no espaço público, ou ainda quando controvérsias sobre o ensino religioso no Brasil se fazem presentes.

Para alguns autores, a exemplo de Danièle Hervieu-Léger (1997), tais teorias sobre a secularização começaram a ser questionadas quando, nos anos de 1970, pesquisas empíricas demonstraram surtos religiosos tanto nas igrejas estabelecidas como nos Novos Movimentos Religiosos. Para a autora, seria mais interessante pensar a sociologia da modernidade e da religião a partir de processos contraditórios, em que se observa tanto tendências secularizantes como dessecularizantes que juntas demonstram a natureza intrinsecamente contraditória do próprio processo de secularização.

A autora ainda argumenta que, dentre os Novos Movimentos Religiosos surgidos nas sociedades contemporâneas, destaca-se a tendência ao emocionalismo comunitário que Weber (1999) descreveu como comunidades emocionais que se caracterizam por discípulos reunidos em torno de um portador de carisma.

Estas comunidades emocionais que Hervieu-Léger menciona são representadas no Brasil, segundo alguns teóricos, pela Renovação Carismática Católica – RCC - e pelas igrejas pentecostais e neopentecostais.

Observado, portanto, o grande avanço tanto da RCC como do pentecostalismo na cidade de Campina Grande – PB – e do crescente conflito entre estas duas comunidades é que

este trabalho se fundamenta. A idéia de analisar as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos em Campina Grande surgiu a partir de um longo processo de envolvimento em estudos que tratavam da esfera religiosa nesta cidade. Antes de pesquisar sobre estes dois eventos minhas pesquisas na área da religião diziam respeito ao movimento conhecido por “Nova Era”, organizado em torno de um evento que acontece desde 1992, na época do carnaval – o Encontro para a Nova Consciência (ENC).

No ano de 2002, o Programa de Educação Tutorial em Antropologia – PET-Antropologia, do qual era integrante, iniciou uma pesquisa no Encontro para a Nova Consciência. Começamos nossa investigação participando das palestras, fazendo entrevistas, indo aos minicursos e coletando todo material que era disponibilizado no evento. No referido ano, o tema do Encontro foi “Tolerância e Paz” e Campina Grande recebeu diversos adeptos de filosofias e religiões ligadas à “Nova Era”. Teve como palestrantes, entre outros a escritora e física Rose Marie Muraro, o Monge Beneditino Marcelo Barros, e o fundador da Universidade da Paz (UNIPAZ), Pierre Weil.

Sabendo, portanto da diversidade de credos, pensamentos, filosofias e comunidades que se encontravam no ENC, o grupo PET-ANTROPOLOGIA, se dividiu, em grupos de pesquisa na busca de conseguir o máximo de informações referentes a esta edição do evento. O meu tema tratava de uma análise um tanto complexa, pois eu estava buscando justamente a presença do conflito dentro de um encontro que prega a paz, a harmonia, a tolerância e o respeito às diferenças¹. Foi neste contexto que surgiram as primeiras idéias para a construção do objeto de estudo da minha monografia de final de curso em Ciências Sociais. Estávamos sentados à porta do Teatro Municipal Severino Cabral, observando questões referentes à pesquisa, quando fomos surpreendidos por um jovem afoito, com aproximadamente 20 anos, que nos entregou manuscritos em um papel de caderno que enunciava:

Só Jesus Cristo muda a consciência do homem, eu vejo todo ano muitos assistem o encontro (ENC) e entram viciados e saem viciados em cigarro, na bebida e não mudam a consciência, vão morrer de câncer no pulmão, só basta crer em Jesus, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. E o pastor Nehemias Marien é idólatra, diz a bíblia, leia e creia, ele vai para o inferno se não se converter, diz a bíblia.

Este jovem que afirmou ser evangélico soltou os papéis que estavam nas mãos e correu quando tentamos uma aproximação. Fiquei curiosa e resolvi dar uma volta pelos

¹. Este artigo foi apresentado na 55ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, em Recife-PE, 2003.

arredores do Teatro Municipal, para ver se encontrava mais alguém da comunidade evangélica para então manter uma conversa acerca das opiniões deste rapaz. Nesta busca me deparei com um grupo de jovens denominado “Quartel General da Nova Era”, que acampava nos dias do ENC, com o intuito de levar aos participantes deste encontro folhetos que tratavam dos malefícios da Nova Era.

Perguntei a este grupo intitulado “Quartel General da Nova Era,” que igrejas representavam, e a resposta foi que ali estavam reunidas diversas denominações evangélicas, que participavam do Encontro para a Consciência Cristã (ECC). Já sabia da existência deste evento que começou em 1999, mas não tinha conhecimento que eles faziam um trabalho evangelístico no Encontro para a Nova Consciência. Aquele acontecimento ficou guardado na minha lembrança, e desta forma no artigo que escrevemos sobre as relações de conflito no ENC, dedicamos um capítulo para tratar dos conflitos externos a este Encontro como a sua relação com a comunidade evangélica organizada no Encontro para a Consciência Cristã. Dessa forma, redistribuí o meu tempo e decidi ir ao ECC para fazer as minhas primeiras explorações. Como não podia participar de tudo que o encontro estava a oferecer, escolhi primeiramente assistir a palestra intitulada “A filosofia da Nova Era”, com o pastor Joaquim de Andrade, da Igreja Batista Ágape de Vila Mariana – SP. Ali foi tratado, do ponto de vista cristão-evangélico, o surgimento deste movimento, suas implicações, os perigos que passava a sociedade brasileira e especificamente Campina Grande, que sediava um encontro baseado nesta filosofia.

A partir desta primeira visita ao Encontro para a Consciência Cristã – ECC -, em 2002, comecei a acompanhar este evento, nos anos seguintes, com intuito de analisar a comunidade evangélica de Campina Grande observando ainda as relações desta comunidade reunida em torno do ECC, com relação ao movimento Nova Era e o Encontro para a Nova Consciência – ENC -, o que resultou em 2005 na minha monografia de final de curso Ciências Sociais. No ano que fazíamos pesquisa de campo (2005) no evento realizado pelos evangélicos de Campina Grande, o Encontro para a Consciência Cristã – ECC -, aconteceu um fato que reacenderia os históricos conflitos entre católicos-carismáticos e evangélicos. O fato ocorrido pode ser descrito da seguinte forma: Na palestra intitulada “Fátima X Holocausto”,² que foi proferida pelo pastor Joaquim de Andrade no VI Encontro para a

². Esta palestra a princípio estava a cargo do pastor José Barbosa de Sena Neto, ex-padre e ex-capelão carismático da comunidade Shaloom, hoje, pastor licenciado da Igreja Presbiteriana Reformada Avivada do Brasil, da cidade de Fortaleza (CE). Contudo diante de problemas de saúde o pastor José Barbosa não pode comparecer ao evento e esta palestra foi realizada pelo pastor Joaquim de Andrade.

Consciência Cristã no ano de 2005, ele declarou que às aparições de Fátima eram demoníacas e em seguida concedeu entrevista ao Jornal da Paraíba – PB - reafirmando as suas colocações.

Tal fato foi responsável por um novo capítulo nas relações entre católicos e evangélicos, entre o poder público e as comunidades envolvidas neste conflito e mais ainda entre a população em geral de Campina Grande com relação à comunidade evangélica. Explicamos: Como descrevemos acima, desde 1992 Campina Grande realiza o Encontro para a Nova Consciência – ENC - que deve ser entendido como um evento nos moldes do Movimento Nova Era (Amaral, 2000, Silva, 2001, Shwade, 2001). Assim, ao longo dos anos Campina Grande foi se tornando nacionalmente conhecida como a cidade da tolerância, do diálogo inter-religioso, do ecumenismo e do respeito às diferenças. Quando surge o ECC, que visa combater principalmente os ensinamentos “distorcidos” da Nova Era, do ENC e de outras religiões, como afirmam seus coordenadores, a imagem de Campina Grande como espaço da tolerância e do respeito às diferenças foi bruscamente questionado.

Desta forma, o Crescer, evento que é organizado pela comunidade carismática da cidade, que acontece desde 1997, resolveu realizar um Ato de desagravo às declarações do pastor Joaquim de Andrade. Tal Ato reuniu, em Campina Grande, 15 mil católicos numa manhã de sábado vestidos de azul e branco com intuito de responder as declarações do referido pastor. Se nos anos anteriores o Crescer mantinha certa “cordialidade” com relação ao ECC, após as declarações do Pastor Joaquim as relações cordiais deram espaço a um conflito religioso sem precedentes em Campina Grande.

Pensando nisto, e já tendo realizado pesquisa anterior sobre as relações de conflito e intolerância entre evangélicos (ECC) e Movimento Nova Era (ENC), é que decidimos dar prosseguimento a análise das transformações do campo religioso campinense, tendo agora como objeto de estudo desta dissertação a análise das relações de tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos na cidade de Campina Grande.

Já nos primeiros questionamentos que fazíamos sobre o nosso objeto indagávamos se os discursos recíprocos de caráter intolerante dos coordenadores, palestrantes e fiéis do ECC e Crescer se estendiam após a realização destes encontros, ou se esgotariam com o término destes eventos. Ou seja, queríamos observar se a idéia proposta por Carlos Alberto Steil (1997), quando analisa o confronto aberto entre a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, contra as religiões Afro-brasileiras afirmando que esta “guerra espiritual” só não tem proporções maiores devido ao caráter performático da IURD em que este combate se esgotaria no próprio ritual, se aplicava aos eventos religiosos (ECC e Crescer) que estudamos. O paralelo estaria não em verificar o conflito entre a IURD e as religiões afro-brasileiras e sim

observar se o conflito e ritualização da afirmação identitária, do reforço do pertencimento entre carismáticos e evangélicos, que se expressam em palavras e atitudes de conflito e intolerância por ocasião da realização do Encontro para a Consciência Cristã – ECC - e Crescer, era performático e se esgotariam no ritual.

Segundo Steil esta proposta em observar o caráter performático “procura relacionar os ataques ritualizados nos cultos com o contexto maior das normas religiosas e morais, das convenções e práticas culturais, das tradições de eventos públicos e reuniões, como festivais, cerimônias e protestos” (STEIL, 1997:42). Vale também destacar que estas proposições de Steil (1997) segundo o referido autor derivam das análises de Stanley J. Tambiah contidas no texto “*Culture, thought and social action*” (1985). Segundo Mariza Peirano as idéias de Tambiah (1985) são posteriormente reafirmadas e expandidas no livro “*Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Ásia*” (1996) que, de acordo com a autora, analisa os conflitos etnonacionalistas e a violência coletiva no Sul da Ásia a partir de eventos chamados *riots*, que designam ondas de conflitos e violências ritualísticas e episódicas, contextuais, de curta duração no qual “os participantes logo voltam à vida normal e continuam a viver junto aos seus (antigos) inimigos” (PEIRANO, 2002:32).

Perfazendo algumas idéias de Tambiah, contidas no texto de Steil (1997) e que iremos seguir na análise dos dois Encontros religiosos que estudamos, questionamos se o tipo de conflito e intolerância entre carismáticos e evangélicos, por ocasião da realização dos seus eventos, respectivamente Encontro para Consciência Cristã e Crescer, é performático e se se esgota no próprio ritual.

Para tanto, a partir destes dois questionamentos, (1) Como se dava a relação de tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos por ocasião da realização dos dois encontros (ECC e CRESCER), e (2) como estas relações se apresentam em momentos posteriores aos eventos, a nossa pesquisa foi dividida em dois momentos: Na primeira etapa realizamos Trabalho de Campo nos dois eventos, observando números de fiéis, principais denominações envolvidas, as palestras, testemunhos, homilias e de que forma se estruturava, em termos de espaço físico, os dois eventos. Os principais questionamentos buscavam investigar como se davam as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos tendo como pano de fundo a realização dos dois eventos. Para tanto questionamos a religião anterior, atual e tempo de conversão dos entrevistados, o que eles observavam como semelhante e diferente entre as doutrinas e teologias de carismáticos e evangélicos, o que entendiam por tolerância religiosa, se julgavam que os eventos nos quais estavam envolvidos promoviam a tolerância, e como observam os eventos dos quais não

faziam parte. Neste primeiro momento realizamos ao todo 23 entrevistas por ocasião da realização dos dois eventos, doze com evangélicos no ECC e onze carismáticos no Crescer. Entrevistamos ainda um padre e um ateu que eram palestrantes no ECC e o prefeito e vice-prefeito de Campina Grande.

Como o ECC e o Crescer se apresentam como eventos que possuem um caráter pedagógico, em um segundo momento das entrevistas realizadas na época dos eventos, questionamos como estes entrevistados se relacionavam no trabalho, na família e nas relações afetivas com indivíduos de outras religiões. Questionamos ainda a opção religiosa dos familiares dos entrevistados e como era o convívio com membros que confessavam outros credos. Desta forma apresentaremos um quadro que trata da religião dos familiares do ECC e outro do Crescer. Nestes questionamentos buscávamos entender as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos participantes do ECC e carismáticos participantes do Crescer em momento posterior a realização dos eventos, ou seja, de que forma estes fiéis no seu dia-a-dia negociavam os conteúdos apreendidos nestes eventos com membros de religiões diferentes a sua.

Na impossibilidade de acompanhá-los no trabalho, resolvemos investigar estas negociações na esfera da família. Para tanto, optamos por verificar estas relações de tolerância e intolerância entre entrevistados dos dois eventos que faziam parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar. Dentre os entrevistados com este perfil escolhemos três para entrevistarmos em momento posterior ao período de realização dos encontros, o que correspondeu à segunda etapa do trabalho de campo. Estes três entrevistados eram parte de famílias que se apresentavam sob a equação católico-carismáticos e evangélicos.

Em maio de 2007, voltamos a Campina Grande para a realização da segunda parte das entrevistas, trabalho de campo e observação participante. Contudo, das três famílias que pretendíamos analisar somente uma, a do casal João e Severina, se disponibilizou novamente a nos conceder entrevistas. A segunda entrevistada, Elizabeth Braga, que é carismática não pode nos receber porque a sua mãe que é evangélica estava internada devido a problemas de saúde. A terceira entrevistada, Melânia Ozelita, que é carismática e todas as suas irmãs evangélicas não pode nos conceder entrevista devido ao fato que as suas irmãs tinham viajado para um retiro evangélico em outra cidade. Desta forma, restou-nos apenas a família de João Ferreira para entrevistarmos. Como afirmamos, a princípio, a nossa idéia era entrevistar algumas famílias, mas devido aos problemas mencionados acima reorganizamos a segunda etapa do trabalho de campo realizando um *estudo de caso* (BABBIE, 1999) da família de João e Severina. Tal procedimento, de analisar o pluralismo religioso intrafamiliar em uma única

família, já vem sendo realizado por alguns pesquisadores a exemplo de Edlaine de Campos Gomes (2003, 2006) e Elen Barbosa dos Santos (2002). De acordo com Gomes em seu texto *“Família e trajetórias individuais em um contexto religioso plural”* (2006), a escolha em analisar a trajetória religiosa de uma única família - a do casal Maria e Geraldo -, realizando assim um estudo de caso, justificasse por esta refletir de maneira substancial as sensíveis mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro caracterizado por um complexo movimento de trânsito entre diferentes opções religiosas, com presença importante de trajetórias voltadas para um processo de conversão a igrejas evangélicas.

A rede familiar que estudamos, - a família de João e Severina-, reflete também as sensíveis mudanças no campo religioso brasileiro. Nesta pode ser observado questões como o trânsito religioso, uma forte tendência a conversões ao pentecostalismo, ou a reconversões ao catolicismo sob ótica da Renovação Carismática Católica, e ainda um processo de desinstitucionalização religiosa caracterizada pela desvinculação entre sentimento religioso e pertencimento institucional.

Assim, em maio de 2007, voltamos a Campina Grande para efetuação da segunda fase de nossa pesquisa, que foi realizada na casa de João Ferreira (ECC) e no grupo de oração no qual a sua esposa faz parte. João é evangélico, a sua esposa católico-carismática e seus filhos e netos variam entre as religiões dos pais. Quando visitamos a casa de João entrevistamos sua esposa, Severina, duas filhas e dois netos. Nas conversas com Severina ela nos convidou para participar do seu grupo de oração e lá entrevistamos a sua irmã Geni Souza e mais três amigas que também participam do grupo de oração. Assim, realizamos onze entrevistas na segunda fase do trabalho de campo, e ao todo 36 referentes à nossa problemática de estudo.

Contudo, alguns dados a exemplo de entrevistas sobre o surgimento do ECC e do ENC, além de algumas análises já faziam parte da minha monografia de final de curso em Ciências Sociais. Obviamente, parte destes dados foram complementados devido ao fato desta monografia ter coberto análises até o ano de 2005. Estes dados podem ser facilmente identificados nas notas de rodapé, onde indico o local da entrevista, a data e ano em que foi realizada.

As investigações para esta dissertação estão inseridas dentro de análises que buscam discutir questões referentes ao conflito religioso nas sociedades atuais, tendo como pano de fundo as transformações do campo religioso no Brasil no que concerne a diminuição dos que se declaram católicos, do aumento progressivo de comunidades pentecostais e neopentecostais. Estas redefinições do campo religioso brasileiro têm privilegiado, ainda, análises que tratam do crescente pluralismo religioso institucional, bem como do aumento

progressivo de tendências religiosas fundamentalistas quando o apego a uma determinada religião se apresenta como forte indicador de identificação grupal. Concomitantemente, observamos também o crescente processo de destradicionalização e desinstitucionalização religiosa marcado por uma relativização das identidades cuja contrapartida religiosa se encontra numa cultura errante ou peregrina, em que os “crentes modernos reivindicam o seu direito ao *bricolage* ao mesmo tempo que o de escolher as suas crenças” (HERVIEU-LÉGER, 2005:72).

Desta forma, ao mesmo tempo em que ocorre o processo de globalização, que pressupõe uma interpenetração e uma interconexão entre regiões, estados e comunidades locais, ela se faz acompanhar por uma potencialização da demanda pela singularidade e espaços para a diferença e localismo. Tais demandas por espaços para diferença se fazem sentir na cidade de Campina Grande quando determinados grupos como católicos-carismáticos, evangélicos e adeptos do Movimento Nova Era, criam espaços institucionalizados, a exemplo dos seus eventos anuais, para discutir questões referentes ao seu próprio grupo como a de outros que estão inseridos em Campina Grande. Na maioria das vezes, estes encontros anuais servem para a reafirmação dos laços comunitários dos indivíduos envolvidos, seja por meio do que é comum a todos seja por meio de demarcar diferenças. Em algumas situações em que as diferenças são fortemente demarcadas houve, por consequência disto, conflitos e reações intolerantes entre os membros das diferentes comunidades envolvidas no preciso caso.

Desta forma, como nosso objeto de estudo trata-se de analisar as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos na cidade de Campina Grande é que achamos necessário discutir conceitos e questões como pluralismo religioso, sincretismo e anti-sincretismo, tolerância e intolerância bem como o universo carismático e evangélico.

Assim esta dissertação se apresenta da seguinte forma. No primeiro capítulo traçamos uma análise sobre as transformações do campo religioso, discutindo questões como pluralismo, secularização, dessecularização e mercado religioso, observando ainda como se inserem as comunidades evangélica e carismática nestas questões.

O segundo capítulo tratará do surgimento e das principais características do Encontro para a Nova Consciência – ENC -, do Encontro para a Consciência Cristã – ECC - e do encontro católico-carismático – Crescer. Este capítulo serve para apresentar aos leitores os três eventos e as relações entre eles.

No terceiro capítulo fazemos uma análise teórica dos principais conceitos que permeiam esta dissertação. Assim, no primeiro ponto analisamos os conceitos de sincretismo e

anti-sincretismo, em seguida problematizamos questões como tolerância e intolerância. No terceiro ponto discutimos possíveis sincretismos entre carismáticos e evangélicos e finalizamos este capítulo com a análise dos dados obtidos no trabalho de campo, observando, desta forma, as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos tendo como lócus de estudo os eventos realizados por estas duas comunidades.

O quarto e último capítulo apresenta os dados sobre as relações de tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos no universo da família. Algumas entrevistas foram realizadas na época dos eventos e outras em maio de 2007 na segunda fase do trabalho de campo.

Acreditamos que uma análise que busque observar questões como tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos tem que privilegiar não somente os comportamentos destes fiéis por ocasião da realização dos dois eventos, mas que é preciso verificar também como se dá as relações entre estas duas comunidades no dia-a-dia, no trabalho, na família, nas relações afetivas. Contudo, como já mencionamos anteriormente, na impossibilidade de acompanhar estes fiéis no trabalho, ou ainda verificar tais questões nas relações afetivas, este capítulo contemplará somente a análise sobre tolerância e intolerância na família. Desta forma na primeira parte deste quarto capítulo enfocaremos questões relativas à família e à religião na modernidade, em seguida observaremos a importância destas questões nos dois eventos, e por fim, abordaremos o ponto central deste capítulo que é verificar relações de tolerância e intolerância entre entrevistados do Crescer e ECC que fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, com intuito de verificar as acomodações, rupturas e/ou negociações provocadas pela emergência de conversões ao pentecostalismo ou a Renovação Carismática Católica.

CAPÍTULO I

Religião e Secularização: Evangélicos e Carismáticos neste processo contraditório.

1.0 Pluralismo religioso

A questão da pluralidade religiosa tem sido objeto de estudo cada vez mais intenso nas ciências sociais. A atualidade do tema deve-se, em grande medida, ao avanço da esfera religiosa na vida social. O aumento de reações fundamentalistas em diversos países, o crescimento das religiões evangélicas, e de comunidades carismáticas-católicas, e o boom neo-esotérico que o mundo presencia aquecem as análises sobre uma pluralidade e efervescência religiosa que atropelam a tese de um processo irreversível da secularização.

Tal tese, defendida por Peter Berger (1985), afirmava que as conseqüências do projeto de modernidade produziriam uma contestação veemente das tradições e uma crescente racionalização de todas as esferas da vida social, no qual, as organizações religiosas gradualmente perderiam a importância e o poder na sociedade.

Para Berger (1985) a secularização seria o processo em que alguns setores da sociedade e da cultura seriam retirados do domínio das instituições e da influência dos símbolos religiosos, ou ainda, o processo pelo qual a religião perderia a sua autoridade tanto em nível institucional como em nível da consciência humana. Ainda de acordo com o mesmo autor, dois resultados teriam daí advindo: o primeiro seria um crescente individualismo religioso que produziria o que chamamos de desinstitucionalização da religião, que deu lugar por sua vez, a privatização do sagrado, e o segundo resultado seria o pluralismo religioso no qual as tradições religiosas em concorrência foram forçadas a competir no mercado com outros sistemas provedores de significado.

De acordo com Lemuel Guerra (2002), o que está contido nas entrelinhas do texto de Berger é uma interpretação negativista do pluralismo religioso feita por Durkheim, que via neste fato uma situação de incerteza moral que produziria assim diversos tipos de patologias sociais. Desta forma, ainda de acordo com Lemuel Guerra (2002), nos trabalhos escritos por Peter Berger até 1967 podemos observar as seguintes análises:

(1) a secularização provoca a diminuição do poder coercitivo das tradições religiosas, (2) a religião tem que se oferecer como produto de mercado, concorrendo com outras formas de explicar e interpretar o mundo; (3) a diminuição da importância da religião na sociedade enfatiza o caráter institucional das diversas mensagens religiosas, já que elas têm que enfrentar uma competição tanto com a não-religião, como com outras religiosidades entre si, pela preferência dos fiéis em potencial; essa crescente competitividade força as organizações religiosas à racionalidade, com o objetivo de produzir uma maximização dos recursos à disposição e de sua competitividade no mercado (GUERRA, 2002:142).

Assim, esse processo de secularização acrescido de um mercado religioso, de acordo com Berger (1985), traria como consequência o decréscimo dos números relativos de frequência nas atividades religiosas, no qual o pluralismo proporcionaria uma menor mobilização religiosa.

Contudo, o que observamos atualmente é o reavivamento religioso. Teorias como as de Peter Berger sobre secularização e pluralismo religioso foram dando espaço a outras como as de Stark e Iannaccone (1994), que acreditam que tal pluralismo fomenta, na verdade, uma maior participação confessional, ou seja, maior mobilização religiosa.

O próprio Peter Berger, em seu texto “*A dessecularização do mundo: Uma visão global*” (2001), reviu suas colocações sobre uma tendência irreversível da secularização e afirmou:

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo hoje, com algumas exceções (...) é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada (BERGER, 2001:10).

Neste processo de revisão da teoria da secularização destacam-se também as análises de Danièle Hervieu-Léger. De acordo com a referida autora, as problemáticas lineares da secularização, que estabeleciam uma equivalência direta entre a perda da religião institucional e a eliminação da religião começaram a sofrer críticas nos anos de 1960 e 1970 quando pesquisas empíricas começaram a demonstrar a evidência de surtos religiosos tanto nas igrejas estabelecidas quanto sob forma de Novos Movimentos Religiosos (HERVIEU-LÉGER, 1997). Tendo como base a análise de comunidades emocionais, a autora apresenta duas perspectivas contemporâneas sobre o papel da religião na modernidade. A primeira consiste em análises que afirmam uma “volta do recalçado”, demonstrando assim os limites da secularização nas sociedades modernas; e a outra expressa um processo de recomposição

mais complexo do trabalho da religião na sociedade moderna, racionalmente desencantada. Enfim, dessecularização ou culminância emocional da secularização?

Fugindo de dicotomias excludentes buscando a articulação como imperativo teórico, para não cair em reducionismos e oferecendo uma análise apropriada, para as tensões que a modernidade impõe ao pensamento sócio-antropológico, Danièle Hervieu-Léger afirma que:

Uma perspectiva mais interessante, do ponto de vista da construção de uma sociologia da modernidade religiosa, talvez consista mais em apreender, no interior da própria tensão que manifesta entre as “tendências dessecularizantes” e as “tendências secularizantes” ativamente presentes, *juntas*, nas experiências de renovação emocional, algo da natureza intrinsecamente *contraditória* do próprio processo de secularização (HERVIEU-LÉGER, 1997:44).

Hervieu-Léger, ainda complementa seu pensamento e diz:

Esta necessidade de relacionar dinamicamente desenvolvimentos aparentemente contraditórios não se reduz à sociologia dos fenômenos religiosos de tipo emocional: na verdade constitui-se por excelência, no imperativo teórico de uma sociologia da modernidade religiosa (HERVIEU-LÉGER, 1997:45).

No Brasil, diversos autores, têm buscado analisar o fenômeno religioso relacionando estes processos aparentemente contraditórios. Cecília Mariz no seu texto “*Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*” (2006b) propõe estudar, não as possíveis causas do enfraquecimento do catolicismo, mas a pluralidade e os reavivamentos dentro desta religião. Assim, de acordo com Mariz, apesar da queda no número de fiéis na Igreja Católica ao longo dos anos, há simultaneamente um relativo reavivamento religioso acompanhado por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico (MARIZ, 2006b). Ainda sobre estas transformações do catolicismo, Carlos Alberto Steil no seu texto “*Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso*” afirma que nesta religião

podemos observar uma “reinvenção” da tradição e uma revitalização de rituais impregnados de emoção, abrindo a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos no seu campo hegemônico. Ou seja, a diversidade atingiu o próprio catolicismo. As opções para expressar o “ser católico” se multiplicaram nestes últimos anos, de modo que as suas possibilidades podem variar das formas mais tradicionais às mais político-libertárias ou emocional-carismáticas. Alguns podem ser católicos, centrando sua prática no culto aos santos, outros participando de associações religiosas, outros ainda assumindo compromissos éticos e políticos de

caráter libertário. E há também aqueles que se consideram católicos, sem que isto os vinculem a quaisquer compromissos explícitos de ordem religioso-institucional. (STEIL, 2001: 117)

Desta forma, esta experiência plural de ser católico privilegia o papel do leigo e abre espaço para inúmeros movimentos dentro de uma instituição maior que é a Igreja Católica Apostólica Romana. Assim vemos a proliferação das Comunidades Eclesiais de Base – CEB, da Renovação Carismática Católica com os Grupos de Oração e Comunidades de Vida e Aliança, as Romarias ao Padre Cícero, os inúmeros relatos de aparições marianas, etc.

Mas foi a partir da década de 60 com o crescimento geométrico das igrejas evangélicas que o pluralismo institucional surge no Brasil (Mariz & Machado, 1998), propiciando assim, o chamado mercado religioso ou pluralismo em nível institucional que se fortaleceu nas décadas de 80 e 90, quando o pentecostalismo ganhou visibilidade maior no espaço público com o surgimento das igrejas neopentecostais (Freston, 1994).

Obviamente que o Brasil conhecia a diversidade religiosa, os cultos afro-brasileiros, e as igrejas protestantes, mas estas religiões não ameaçavam segundo Pierre Sanchis (2001) a predominância do catolicismo devido a sua reduzida significância numérica e pelo fato que esse pluralismo não contestava a identidade católica, nem tampouco a sua relação com a idéia de nação (consultar Burity,1997). Embora houvesse uma diversidade interna de crenças, o indivíduo não se via diante de uma diversidade de instituições que lhes solicitasse afiliação exclusiva. Desta forma, a liberdade religiosa no Brasil só passou de fato a existir legalmente com a promulgação da primeira constituição republicana de 1981, momento em que ocorreu a separação entre Igreja Católica e Estado, e este assumiu para si a condição de avivalista da pluralidade religiosa, sem dar preferência a uma instituição religiosa ou credo, muito embora, ainda se questione se de fato ocorreu uma laicidade estatal ou se isto consiste num processo sempre inconcluso (ORO, 2005).

De acordo com Antônio Flávio Pierucci,

Em 1940, os católicos eram 95,2% da população. Em 1950, o percentual caiu para 93,7%. Em 1960, caiu para 93,1%. (...) Em 1970 o percentual era de 91,1%. Em 1980, já saiu da casa dos 90. Na “década perdida” dos anos 1980, ainda eram 89,2% os que se declaravam católicos. Em 1991 caiu para 83,3%, e finalmente, no ano 2000, houve uma queda para 73,8%” (PIERUCCI, 2004:16).

Já a comunidade evangélica, que em 1991 possuía 13 milhões de adeptos, o que correspondia a 9,05% da população, em 2000 teve a cifra computada em 26 milhões de

adeptos correspondendo, a 15,45% da população brasileira. Dentre os evangélicos, 17 milhões são pentecostais, ou seja, 10,43% do percentual evangélico (CAMURÇA, 2006).

Outro dado importante revelado pelo censo de 2000 foi o aumento de 6,9 milhões para 12,3 milhões dos que se auto denominaram “sem religião”, ou seja, este percentual passou de 4,8% para 7,3%.

Sanchis (2001), ainda aponta três grandes filões que engrossam o caldo de uma situação de pluralidade religiosa no Brasil, quais sejam: O Candomblé e a Umbanda, os cultos de origem oriental, e o universo tipicamente contemporâneo da Nova Era. Essas outras modalidades religiosas que não são cristãs correspondem a 3,5% da população, ou seja, 1,38% são espíritas, 0,34% são adeptos das religiões afro-brasileiras, 0,15% são budistas, e outras religiões orientais como (Seicho-No-ie, Messiânica, Perfect Liberty, Shinto, Bahai, Tao...) correspondem a 0,11% da população. Os esotéricos chegam à cifra de 0,04%, a religião judaica 0,06% e os mulçumanos 0,01%. As religiões de origem brasileira que o IBGE classifica como “tradições religiosas indígenas” como o Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha contam com 0,01% da população brasileira (Pierucci, 2006).

Este predomínio do cristianismo deve-se, em boa parte, ao catolicismo no Brasil que mais do que uma religião pode também ser entendido como uma cultura ou *habitus* cultural (Sanchis, 1994). Contudo, como afirma o autor (2000, 2001) há duas ou três gerações falar em “religião dos brasileiros” seria apontar, quase que exclusivamente, para o catolicismo. Mas, a identidade religiosa brasileira vem, ao longo dos anos, tornando-se múltipla do ponto de vista cultural. No entanto, alguns autores questionam se de fato o Brasil vive esse intenso pluralismo religioso. Antônio Flávio Pierucci em seu texto “*Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça*” (2006) analisa os dados do censo demográfico de 2000 e afirma que:

Cadê nossa badalada diversidade religiosa? O gato comeu. Na tabulação avançada do Censo Demográfico 2000, divulgada em maio de 2002, nosso pluralismo religioso aparece bem desmilingüido: quase binário. Três décadas atrás, os três maiores grupos religiosos eram os católicos, protestantes e os espíritas. Hoje, os três maiores contingentes a figurar nas tabelas de religião do Censo são os *católicos*, os *evangélicos* e os *sem religião*. Se você tira os sem religião desse pódio, sobram somente aqueles que se declaram ou católicos ou protestantes – ou seja, os cristãos em sentido estrito (PIERUCCI, 2006:49).

De acordo com Pierucci, esta celebração da diversidade proclamada por alguns teóricos “beira as raias do ufanismo embevecido” (PIERUCCI, 2006:49) e que por mais que a

tabulação avançada do Censo Demográfico de 2002 apresente cerca de 35.000 respostas que foram agrupadas posteriormente em 144 referentes ao questionamento qual é a sua religião?, quando os dados são analisados o resultado se apresenta sob a equação católicos e evangélicos, ou seja, cristãos. Contudo a análise que Pierucci apresenta não observa que a diversidade religiosa no Brasil, não se dá somente com relação ao pertencimento institucional, pois a desarticulação entre crença e pertencimento bastante presente no Brasil indica que há atualmente um movimento no qual indivíduos crêem fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente válidos.

Sobre estas mudanças recentes no campo religioso brasileiro, conversei com alguns pesquisadores no Encontro “Religião e Cidadania” no dia 09/08/07 em Recife/PE, sobre como eles avaliavam o processo de desinstitucionalização religiosa e ao mesmo tempo o aumento do pluralismo religioso no Brasil. O antropólogo Emerson Giumbelli fez uma análise que se assemelha à de Pierucci sobre o predomínio do cristianismo na nossa diversidade religiosa. De acordo com Giumbelli,

a gente vive um pouco processos contraditórios. Por um lado, o aumento da diversidade é algo evidente, mesmo que ele não se expresse assim de uma forma institucional. Acho que é preciso procurar ele em vários lugares, dentro das próprias religiões ou do lado das pessoas que buscam e combinam de referências que são cada vez mais variadas, inclusive aquelas que não têm uma representação institucional aqui no Brasil mais que as pessoas têm acesso através de livros ou coisas do tipo. Ao mesmo tempo, por isso que é contraditório, existe um movimento no sentido de que certas expressões reafirmam um desejo, um movimento de predomínio, e isso no Brasil se localiza em torno do cristianismo a idéia de uma reafirmação do predomínio cristão no Brasil. Então eu acho que a situação atual é um pouco uma combinação dessas duas tendências, de todo modo colocando algo novo e que precisa ser melhor compreendido.³

No entanto diferentemente de Pierucci, Giumbelli considera, através da colocação dos processos contraditórios, aqueles fenômenos fora dos espaços institucionais que poderiam fugir ao “predomínio” cristão. Se a religião dos brasileiros é tão plural ou não, as opiniões sobre este tema são diversas. O fato é que o campo religioso brasileiro vem passando por diversas transformações tanto no seio das religiões estabelecidas, como na transformação de sentidos e funções da religião.

Segundo Danièle Hervieu-Léger (1997), dentre os Novos Movimentos Religiosos surgidos nas sociedades contemporâneas, destaca-se a tendência ao emocionalismo

³. Entrevista concedida a mim no Encontro “Religião e Cidadania” no dia 09/08/07 em Recife/PE.

comunitário que Weber (1999) descreveu como religião de comunidades emocionais, que se caracteriza por discípulos reunidos em torno de um portador de carisma. Assim, “esta religião de comunidades emocionais apresenta-se, em primeiro lugar como uma religião de grupos voluntários, que implica para cada um dos seus membros um compromisso pessoal (quando não uma conversão, no sentido revivalista do termo)” (HERVIEU-LÉGER, 1997:32).

Estas comunidades emocionais que Danièle Hervieu-Léger comenta são representadas no Brasil, segundo alguns teóricos, pelo Movimento Carismático Católico e pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. Hoje, a RCC é responsável pela readesão ou reavivamento do catolicismo que Faustino Teixeira (2005) e Danièle Hervieu-Léger (2005) categorizam como catolicismo de refiliados e que juntamente com o pentecostalismo são os dois fenômenos, de acordo com Leonildo Silveira Campos (2005), mais significativos do século XX. Desta forma, acreditamos que é de fundamental importância analisar o surgimento e as principais características do protestantismo como da Renovação Carismática, que são as duas formas de religiosidade que trataremos nesta dissertação.

1.2 Protestantismo no plural: uma análise sócio-antropológica do fenômeno.

É comum, quando surge o debate sobre o protestantismo no Brasil, de tratá-lo como um fenômeno genérico, sem distinções, no qual todos os seus adeptos comungam das mesmas doutrinas, liturgias e que dariam a mesma ênfase sobre questões como a predestinação, glossolalia, batismo e exorcismo. Na realidade, o protestantismo brasileiro é muito mais complexo e plural do que possa parecer. Perceber estas diferenciações é fundamental para desmistificação da idéia de que todos os evangélicos pensam e agem indistintamente.

A história do protestantismo brasileiro começa no Império, em 1822, sob a regência de D. Pedro I. Antes, algumas comunidades protestantes advindas da Grã-Bretanha, Alemanha e Estados Unidos já se encontravam no Brasil, mas de forma tímida, estas não tinham a liberdade de culto, que era proibida pela constituição brasileira da época, o que não acontecia com o catolicismo, religião oficial do Império. Foi somente a partir da implantação do primeiro reinado que o protestantismo começou a se firmar no território brasileiro. Na “*História documental do protestantismo no Brasil*”, Duncan Reily (2003), traz um apanhado de documentos históricos que discutem o surgimento do protestantismo, no qual em um deles, o Artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação é possível lê-se:

Art. XII. Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, declara, e se obriga no seu próprio nome, e no de seus herdeiros e sucessores, que vassallos de Sua Majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos, ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso-Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas (...) Contanto, porém, que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação; e também que uso dos sinos não lhes seja permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino. (...) Porém, se se provar que eles pregam ou declamam publicamente contra a religião católica, ou que eles procuram fazer prosélitos (sic), ou conversões, as pessoas que assim delinqüirem poderão, manifestando-se seu delito, ser mandadas sair do país (...) (REILY, 2003:47).

Assim, somente em 1822, poucos meses antes da Independência do Brasil, é que foi inaugurado o primeiro edifício para o culto protestante, a capela Anglicana no Rio de Janeiro. Este período (Império) é caracterizado pela busca destas comunidades na liberdade de culto, que se mostrava ainda incipiente, devido às inúmeras restrições pelo Regente D. Pedro I, como acima citado. A comunidade protestante-imigrantes, estava mais interessada em preservar suas tradições tais como a língua materna e o culto religioso que possuíam. Portanto, o protestantismo de migração⁴, não tinha como objetivo principal o interesse de conseguir novos fiéis no Brasil, e sim, em lutar pela liberdade plena de culto.

Com a Independência do Brasil, algumas denominações chamadas históricas⁵, como os Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Congregacionais e Batistas viram a possibilidade de implantar livremente no país o protestantismo. Esta fase é vista por Pierucci (2000) como protestantismo de conversão, ou seja, o objetivo destes novos protestantes era converter brasileiros e “nacionalizar” os seguidores e lideranças, aumentando assim, o número de fiéis.

Através das missões evangelísticas às sociedades bíblicas, todos os ramos do protestantismo histórico foram implantados no Brasil. Estas sociedades bíblicas se empenharam na difusão das sagradas escrituras, distribuindo a população da época, Bíblias, o que resultou na imediata conversão de brasileiros, e em 1858, foi criada a Igreja Congregacional no Rio de Janeiro. Estas missões podem ser traduzidas, como igrejas trazidas para o país e implantadas pela palavra de pregadores e missionários estrangeiros, que tinham

⁴. Adotamos esta terminologia que está contida nas discussões de PIERUCCI, 2000.

⁵. Adotamos a terminologia protestantes históricos (luteranos, metodistas, presbiterianos, congregacionalistas e batistas) de acordo com PIERUCCI, 2000 e REILY, 2003.

um forte caráter proselitista. Desta forma, no final do século XIX, já estavam praticamente implantadas no Brasil, todas as denominações do protestantismo histórico.

Contudo, é somente no século XX, que surge o pentecostalismo. A genealogia deste movimento advém do avivamento Metodista do século XVIII, que introduziu o conceito de uma segunda obra da graça distinta da justificação, a qual Wesley chamou de Perfeição Cristã. Este acontecimento teve sua repercussão dois séculos depois, no século XX, na escola Bíblica de Topeka, Kansas, nos Estados Unidos, que tinha no comando Charles Pahrman, o qual defendia a idéia de que o falar em línguas estranhas era um dos sinais que acompanhavam o Batismo do Espírito Santo. Além das idéias de Wesley, este reavivamento também foi inspirado na leitura do capítulo 2º do Livro dos Atos que afirma:

Chegou o dia de Pentecostes e estavam todos reunidos naquele mesmo lugar. De repente veio do céu um barulho que parecia o de um furacão: invadiu toda a casa onde estavam reunidos. Então, lhes apareceram línguas como se fossem fogo, que se dividiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os impelia a que se exprimissem (BÍBLIA, 1997:1414).

Um dos discípulos de Charles Pahrman, W. J. Seymour, foi convidado para pregar na Igreja do tipo *holiness* da evangelista Nelly Terry em Los Angeles na Califórnia. Seymour em sua pregação, declarou que Deus teria uma terceira bênção além da santificação, que seria o Batismo no Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas. Estas idéias scandalizaram a evangelista Nelly Terry que expulsou Seymour da sua igreja e desta forma, este começou a promover reuniões em Chicago, na Rua Azuza nº. 312, onde ocorreu o fato de que um menino de oito anos, começou a falar em línguas, seguido de outras pessoas. Portanto, neste momento surge o movimento pentecostal.

Não demorou muito para que o movimento pentecostal chegasse ao Brasil. Durham, pastor da Igreja Batista de Chicago, foi um dos integrantes da reunião de Seymour que falou em línguas, e um dos integrantes de sua igreja, Daniel Berg, saiu de Chicago juntamente com o pastor Gunnar Vingren rumo ao Brasil, implantando em 1911, em Belém, a Igreja Assembléia de Deus. Um ano antes, em 1910, o italiano Luigi Francescon havia implantado em São Paulo a Congregação Cristã do Brasil.

Chegando ao Brasil, Berg e Vingren, ficaram hospedados na Igreja Batista, mas devido a diferenças doutrinárias romperam com esta igreja, começando assim um trabalho de

conversão baseado em suas doutrinas. Reily Duncan nos mostra em um documento⁶ como aconteceu à primeira conversão ao pentecostalismo em solo brasileiro:

Durante aquela semana tivemos cultos de oração cada noite na casa de uma irmã, que tinha uma enfermidade nos lábios e nós sentíamos tristeza, porque ela não podia assistir aos cultos na igreja. O primeiro que fiz foi perguntar se ela cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos então para que ela deixasse, desde aquele instante, todos os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o Senhor Jesus a curou completamente. Nos cultos de oração ela começou a pedir e orar pelo Batismo no Espírito Santo. (...) Foi portanto, a primeira operação do batismo com o Espírito Santo feita pelo Senhor Jesus em terra brasileira (REILY, 2003:370).

Estas denominações pentecostais - Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil, - se difundiram rapidamente pelo Brasil e começaram cada vez mais a ganhar adeptos e a se firmar no território nacional.

Segundo Paul Freston (1994), a história do pentecostalismo no Brasil, pode ser entendida como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda coincide com a implantação em 1910 da Congregação Cristã do Brasil e da Assembléia de Deus em 1911. Estas duas denominações foram majoritárias durante 40 anos, perdendo a sua hegemonia em meados dos anos 50 e 60, quando o campo pentecostal se diversificou, surgindo assim à segunda onda com as igrejas Quadrangular (1951) Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). A terceira onda começa a ganhar espaço no final dos anos 70 e tem como representante máxima a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). É importante deixar claro que esta análise a partir de ondas, não deve ser vista pela ótica de ascensão e declínio de tais denominações, elas coexistem simultaneamente. Cada uma, ao seu tempo, obteve maior repercussão num determinado contexto histórico. Segundo Paul Freston:

A primeira onda, nos anos 10, é o momento da origem mundial e expansão do pentecostalismo para todos os continentes. No Brasil, a recepção inicial é limitada, constituindo menos de 10% dos protestantes de missão...

A segunda onda, dos anos 50, começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal...

A terceira onda começa após a modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização já atinge dois terços da população, o milagre econômico está exaurido e a “década perdida” dos anos 80 se inicia (FRESTON, 1994:72).

⁶. Este documento segundo Reily Duncan foi retirado de “Gunnar Vingren. O Diário do Pioneiro”, Rio de Janeiro, Casa de Publicadora das Assembléias de Deus, 1973, p.19.

Duncan Reily aponta que com a implantação do pentecostalismo no Brasil, estas denominações a priori, não tiveram um diálogo profícuo com os chamados protestantes em decorrência

dos métodos e do tipo de espiritualidade comuns entre os pentecostais (Tendência proselitista; moralismo rigorista proibindo cinema, teatro, TV, fumo e álcool); proibindo às mulheres o uso de maquiagem, roupa justa e cabelos curtos), de aspectos de sua teologia (sua interpretação da doutrina do Espírito Santo, especialmente quanto aos dons, seu biblicismo, sua postura antiecumênica) e ainda por razões sociológicas (seus membros parecem ser de classes inferiores e marginalizadas, e as igrejas pentecostais constituem-se, desse modo, em “refúgio das massas”) (REILY, 2003:366).

Em 2002, no Censo sobre Filiação Religiosa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, existiam cerca de 26.166.930 evangélicos no Brasil, cerca de 15,45% da população. Destes 17 milhões ou 10,43% são pentecostais e cinco milhões protestantes tradicionais. A região Nordeste arrebanhou cerca de 4.931.956 adeptos e a Paraíba ficou em quinto lugar na região Nordeste com cerca de 322.843 evangélicos.

O levantamento institucional realizado em 1992, pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), para a região metropolitana do Rio de Janeiro, revelava que dos 3.477 templos evangélicos registrados, 61,03% eram de denominações pentecostais e 38% de igrejas protestantes históricas. Esta diferença cresceu significativamente na década de 1990, década a qual no qual os pentecostais foram responsáveis pela criação de 91,72% dos templos registrados.

Com o aumento gradativo das denominações pentecostais, o quadro religioso começa a se modificar. O pentecostalismo começou a ganhar adeptos das diversas camadas populares advindas das igrejas protestantes históricas e do catolicismo. Assim no seio de diferentes igrejas históricas (Episcopal, Presbiteriana, Luterana etc.), a experiência pentecostal começou a ser valorizada e a glossolalia foi intensamente debatida. Era o começo da “pentecostalização” do protestantismo histórico.

Logo, esta filiação cada vez maior das igrejas protestantes às pentecostais, se dá justamente pela mudança teológica que esta prega. O forte culto emocional, a ênfase no Batismo do Espírito Santo, a experiência pessoal da fé e a salvação como presente gratuito da graça de Deus tiveram um apelo imediato nas igrejas protestantes históricas que comungavam da idéia de que Jesus não se comunicava mais com os homens desde que deixou para eles as Sagradas Escrituras para guiá-los.

Portanto, os estudiosos do protestantismo brasileiro, têm hoje grande dificuldade de aplicar metodologicamente estas tipologias (protestantes históricos, pentecostais e

neopentecostais), pela frouxidão da identidade destas denominações. É possível, atualmente, encontrarmos igrejas associadas ao protestantismo histórico, mas que em suas práticas cotidianas utilizam diversos aspectos do pentecostalismo, à exemplo, das Igrejas Presbiterianas⁷ e Congregacionais.

1.3 A Renovação Carismática Católica

Na esteira destas transformações no cenário religioso brasileiro surge, a partir das resoluções do Concílio Vaticano II ou *aggiornamento*, um novo olhar sobre questões teológicas e sociais, dando espaço assim para o aparecimento das Comunidades Eclesiais de Base - CEB e um movimento de revivescência espiritual denominado Renovação Carismática Católica - RCC (Carranza, 2000, Prandi, 1988).

Dentre as pospostas do Vaticano II constava uma renovação litúrgica e bíblica, a revisão do papel do leigo na igreja e a procura de novas relações entre a Igreja e a sociedade moderna e outras religiões. O resultado imediato desse *aggiornamento* foi à criação de várias modalidades de associações e agrupamentos de leigos na igreja como: Equipes de Nossa Senhora, Encontro de Casais com Cristo, Comunhão e Libertação, Cursilhos de Cristandade, Opus Dei, Focolares, Schönstatt, Neocatecumenais e Renovação Carismática Católica (Carranza, 2000). De acordo com Reginaldo Prandi sobre o surgimento da RCC,

No outono de 1967 cerca de trinta leigos católicos, todos membros do corpo docente da Universidade de Duquesne em Pittsburgh reuniram-se em retiro espiritual para um período de oração profunda e discussão acerca da vitalidade da sua vida religiosa. [...] Os participantes desse retiro tinham contato com diferentes grupos avivados protestantes e desejavam experimentar a transformação que o Espírito Santo podia operar nas pessoas. [...] Enquanto rezavam na capela, teria ocorrido um verdadeiro Pentecostes renovado. Uns começavam a falar “em línguas”, outros receberam o dom de profecia ou do conhecimento (PRANDI, 1998:32).

No livro de Patti Gallagher Mansfield (2005) consta o relato de uma das participantes deste retiro espiritual. Ela diz:

Tivemos um Fim de Semana de Estudos nos dias 17-19 de fevereiro. Preparamo-nos para este encontro, lemos os Atos dos Apóstolos e um livrinho intitulado "A Cruz e o Punhal" de autoria de David Wilkerson. Eu fiquei particularmente impressionada pelo conhecimento do poder do

⁷. Uma das primeiras igrejas a aprovar a prática da glossolalia foi a Presbiteriana. Consultar MACHADO, 1996:46.

Espírito Santo e, pelo vigor e a coragem com que os apóstolos foram capazes de espalhar a Boa Nova, após o Pentecostes. (...) Pareceu-me curioso, mas um pouco difícil de acreditar quando me foi dito que os dons carismáticos concedidos aos apóstolos são ainda dados às pessoas nos dias atuais – que ainda existem sinais do poder divino e milagres – e que Deus prometeu emanar o seu Espírito para que se fizesse presença a todos os seus filhos (MANSFIELD, 1995:3).

Logo, este retiro foi o ponto inicial e referência histórica para situar o surgimento da RCC. De acordo com Brenda Carranza (2000), duas outras universidades americanas fizeram parte da criação da RCC – a Nossa Senhora, em South Bend e a Universidade do Estado de Michigan. A partir daí, a RCC foi se irradiando por muitos países como veremos a seguir.⁸ Nesta época, muitos canadenses estudavam em Notre Dame e outras universidades da Região dos Lagos, desta forma, a Renovação Carismática foi levada ao Canadá em 1967. Em 1968 foi realizado nos EUA o primeiro congresso nacional, com 100 participantes; em 1969 participaram 300; em 1970, 1.300; em junho de 1971, 5.000 e em 1972, 12.000. Em 1973, aconteceu o primeiro Congresso Internacional em South Bend, Indiana, contando com 25.000 participantes e outro em Roma, com 120 líderes de 34 países. Em 1974, o segundo Congresso Internacional, em South Bend, reuniu 30.000 participantes vindos de 35 países, estando presentes 700 padres e 15 bispos. Em Roma houve, em 1974, um segundo Congresso, com 220 líderes, vindos de 50 diferentes países. O terceiro Congresso Internacional, realizado de 16 a 19 de maio de 1975, reuniu 10.000 participantes provenientes de 54 países. Foi durante esta década que apareceram muitas comunidades carismáticas. Os países onde elas inicialmente floresceram foram os Estados Unidos, França e Austrália. Delas as mais influentes foram: Word of God, Ann Harbor, Michigan (EUA); People of Praise, South Bend, Indiana (EUA); Aleluia, Augusta, Geórgia (EUA); Emmanuel, Brisbane (Austrália); Emmanuel, Paris (França); Chemim Neuf, Lyon (França); e Leão de Judá (mais tarde chamada de Beatitudes), Cordes (França). Essas comunidades tornaram-se responsáveis pela organização de muitos dos serviços da Renovação, tais como, retiros, congressos e revistas de divulgação, onde destacam-se: a New Covenant (EUA), Il Est Vivant (França) e Feu et Lumière (França).

Entre os anos de 1970 – 80 a Renovação já estava presente em outros países de língua inglesa (Inglaterra, 1970-71; Austrália, 1970; Nova Zelândia, 1971) bem como da Europa Ocidental (França 1971-72; Bélgica, 1972; Alemanha, 1972; Itália, 1973; Espanha 1973-74; Portugal, 1974). Na Europa Oriental, a Renovação chegou apenas na Polônia (1976-77), já na

⁸. Os dados sobre a disseminação da RCC no mundo advêm de CHAGAS, Dom Cipriano.

América Latina, na maioria dos países, ela chegou entre 1970 e 1974, quando também apareceu em países da Ásia, como Coréia (1971) e Índia (1972).

Segundo consta no site oficial da RCC no Brasil os pesquisadores David Barret e Tood Johnson⁹ (2000), em um amplo levantamento quantitativo, realizado entre os anos de 1995 e 2000, apresentaram a expansão da Renovação Carismática, desde seu surgimento em 1967, com as primeiras reuniões de oração, até mais recentemente no ano 2000, com sua ampla difusão mundial. O estudo indica que em 1970 já haviam grupos de oração em 25 países e em 1975, em 93. No ano de 2000 a Renovação Carismática encontrava-se presente em 235 países, por onde se distribuíam cerca de 148.000 grupos de oração. Nesta pesquisa, os participantes foram divididos em seis categorias: “semanal”, “mensal”, “anual”, “envolvidos”, “famílias” e “comunidade”. Na categoria semanal era estimado até 2000 aproximadamente 13,4 milhões de pessoas. Já na categoria mensal 19,3 milhões, na anual 28,7 milhões de pessoas.

Os classificados como “envolvidos” são os que se identificam perante a opinião pública como católicos carismáticos, também são incluídos um grande número de católicos de movimentos de renovação. Correspondem a 44,3 milhões de pessoas. Incluindo adultos e crianças, foram ainda quantificadas a categoria “família”, com um número 71,3 milhões de pessoas e a categoria chamada de “comunidade”, onde são contabilizados católicos carismáticos ativos, os que se tornaram irregulares ou menos ativos, os que atuam em outras atividades ou se tornaram inativos, perfazendo um total de 119,9 milhões de pessoas, o que representa 11,3% do total de católicos batizados (BARRET & JOHNSON, 2000: 117).

Logo no seu início a RCC causou resistência na ala mais conservadora da Igreja Católica, pois esta considerava suspeita a aproximação deste movimento com o pentecostalismo, já que aquele foi inspirado a partir de leituras do livro “*A Cruz e o Punhal*” de autoria do pastor protestante David Wilkerson. Esta aproximação era refletida nas propostas que a RCC pregava: como o Batismo no Espírito Santo, a glossolalia, os carismas e a cura. Mas, foi somente em 1973, que a RCC ganhou legitimidade da Igreja Católica quando o Papa Paulo VI dirigiu um discurso de aprovação dos meios e propósitos aos representantes internacionais congregados em Roma. Posteriormente, em 1979, o Papa João Paulo II ratificou essa aprovação em audiência pública.

⁹. Estes dados foram retirados do site oficial da RCC no Brasil. Consultar: www.rccbrasil.org.br Segundo consta no site à pesquisa foi realizada através de questionários enviados pelo Escritório Internacional da Renovação Carismática Católica aos coordenadores ou equivalente em cada país do mundo. Um pequeno questionário com sete perguntas, que tiveram suas respostas devolvidas por fax, e-mail e reforçadas com informações adicionais. Esta pesquisa foi publicada em BARRET, David & JOHNSON, Tood. **The Catholic Charismatic Renewal, 1959-2025**. In: PESAR, Oreste (Org.) “Then Peter stood up...” [Vatican City: ICCRS, 2000, p. 117-124].

Assim, com a benção papal, com a leitura da Bíblia, o zelo missionário, a valorização dos dons e carismas, o incentivo a glossolalia (falar em línguas), o culto ao Espírito Santo, a Virgem Maria e tendo como fundamento a oração, o pentecostalismo católico espalha-se pelos cinco continentes (CARRANZA, 2000: 28).

No Brasil, os primeiros sinais da RCC surgem em 1969, em Campinas/SP sob o comando do Padre Haroldo Joseph Rahm. Nascido no Texas (EUA), ele veio para o Brasil e criou os cursos de Treinamento de Lideranças Cristãs – TLC, que viria a ser, juntamente com os Cursilhos de Cristandade, organizados pelo Mons. Juan Hervás, o embrião da RCC no Brasil. Nesta época, de acordo com Carranza (2000), Padre Haroldo “... tinha a preocupação de manter contato com grupos pentecostais da região, os quais forneciam-lhe literatura sobre a experiência do Batismo no Espírito. Tudo isso com a finalidade de concretizar no Brasil a característica ecumênica que a RCC mostrava no estrangeiro” (CARRANZA, 2000:32).

Em 1969, chega ao Brasil o segundo fundador da RCC o Padre Eduardo Dougherty. Nascido em Louisiana (EUA), Pe. Eduardo, teve uma experiência de Batismo no Espírito em Michigan (EUA) e desta forma aderiu a RCC. Juntos, Pe. Haroldo e Pe. Eduardo criam a RCC no Brasil. O grande impulso e legitimação da RCC se deu com a publicação do livro de Pe. Haroldo “*Sereis Batizados no Espírito*” que foi aprovado pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil – CNBB e prefaciado por Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, Bispo de Campinas/SP que era considerado conservador.

Chamada inicialmente de pentecostalismo católico, a RCC, no seu início, criou diversos atritos dentro da Igreja Católica, a começar pelo nome. Aos poucos, o termo pentecostalismo católico foi dando espaço ao termo Renovação Carismática Católica, para que houvesse uma maior distinção dos evangélicos. Segundo Carranza

Essa mudança não significou só uma questão de terminologia ou semântica. Ela pode ser lida como o início do distanciamento da “abertura ecumênica”, que a RCC desejava adotar e que Pe. Haroldo tinha feito questão de enfatizar em 1972 como uma das vantagens, entre doze, que a RCC tinha trazido para Igreja Católica do Brasil (CARRANZA, 2000:35).

Em 1973, aconteceu sob o comando das lideranças da RCC, o I Congresso da Renovação Carismática no Brasil. Este congresso foi organizado pelos padres Eduardo Dougherty e Haroldo Rahm e pela irmã Juliette Schuckenbrock e realizou-se em Campinas/SP. Compareceram cinquenta líderes que se reuniram para discernir sobre a obra do Espírito Santo. No mesmo ano do I Congresso da RCC, a CNBB realiza uma reunião com os

fundadores deste movimento com intuito de solicitar informações e esclarecimentos sobre esse *novo movimento espiritual*. De acordo com Carranza (2000: 37), no Comunicado Mensal da CNBB de 5/6/1973, o padre Haroldo Rahm declara que a Renovação “não se trata de uma organização ou de movimento em sentido estrito”. Brenda Carranza (2000: 38) também cita a declaração do padre Eduardo Dougherty na qual rejeita a catalogação de “movimento” explicando que “movimento é para um grupo, enquanto uma renovação litúrgica, bíblica e carismática é para todo mundo”.

Desta forma, a RCC, desde os seus primórdios, foi considerada como uma questão polêmica dentro da hierarquia Católica. Não se sabia no início, quais eram os objetivos da RCC, tendo em vista que alguns de seus membros não a viam como um movimento dentre outros que existiam na Igreja e sim como uma renovação profunda na Igreja Católica. Assim, temendo cismas dentro da sua estrutura, somente em 1994, a CNBB publica o documento “*Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*” (1994). Este documento especificava algumas diretrizes para RCC, e aqui transcrevemos algumas, vejamos:

20. Nenhum grupo na Igreja deve subestimar outros grupos diferentes, julgando-se ser o único autenticamente cristão. **21.** A RCC assumam com fidelidade as diretrizes e orientações pastorais da CNBB. A Coordenação Nacional da RCC terá um Bispo designado pela CNBB, como seu Assistente Espiritual, que lhe dará acompanhamento e ajudará nas questões de caráter nacional, zelando pela reta aplicação destas orientações pastorais, sem prejuízo da autoridade de cada Bispo Diocesano. **22.** A RCC assumam também as opções, diretrizes e orientações da Igreja Particular onde se faz presente, evitando qualquer paralelismo e integrando-se na pastoral orgânica. **30.** O programa recentemente lançado pela RCC no Brasil, intitulado ‘Ofensiva Nacional’, assumam o Objetivo e as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Seus projetos só poderão ser implantados em sintonia com os organismos pastorais da Diocese. **32.** Os manuais de oração, livros de estudos bíblicos e de formação doutrinal, dada sua importância pastoral, tenham aprovação eclesial (CNBB, 1995:3) [grifo nosso].

Assim muitos autores começaram a discutir propostas efetivas da RCC, tendo em vista que tanto sacerdotes como alguns leigos que não participavam deste movimento, o acusavam de atitudes de paralelismo frente à Igreja Católica. Cecília Mariz, em seu texto “*A Renovação Carismática Católica: Uma igreja dentro da igreja?*” (2003b) levanta duas hipóteses sobre a constituição da RCC: (1) Que no seu início a meta da Renovação Carismática não era a de ser um movimento e sim mudar a igreja como um todo propondo uma nova forma de ser Igreja tanto para leigos como para o clero e (2) “de que a organização mais ampla da Igreja condicionou a RCC a adotar um modelo organizacional tal que limitou e conteve algumas de suas propostas centrais” (MARIZ, 2003b: 172).

Para alguns autores, como Brenda Carranza (2000), Clodovis Boff (2000) a RCC pode ser considerada uma igreja dentro da Igreja Católica, por sua tendência ao paralelismo pastoral, buscando, desta forma, uma certa autonomia com relação as orientações da cúpula Católica, que afirmam a necessidade do controle diocesano dos projetos que só podem ser implantados em sintonia com organismos pastorais da Diocese. Outros autores, como Reginaldo Prandi e André Ricardo de Souza (1996) e Júlia Miranda (1999), consideram a RCC um movimento muito vinculado e dependente da estrutura eclesiástica da Igreja. Assim Prandi & Souza afirmam que:

Conquanto tenha sido fundado e ainda se mantenha como movimento leigo, a Renovação adotou desde seu início vigorosa estratégia de aderência à estrutura eclesiástica da igreja, conquistando paróquias e bispados. Em julho de 1971, a paróquia de São Patrick, em Rhode Island, Estados Unidos, foi confiada a leigos carismáticos pelo bispo, consolidando-se assim a fundação da Renovação como movimento organizado católico que deveria atuar no interior das paróquias, portanto em justaposição com a organização eclesiástica (PRANDI & SOUZA, 1996:6).

Cecília Mariz, por sua vez, aponta uma nova proposta de análise que integra as posições aparentemente contraditórias dos dois grupos de autores acima citados e diz:

[...] justamente por adquirir um certo paralelismo e autonomia organizacional, a RCC pôde se integrar à estrutura mais ampla da Igreja. Embora ofereça dispositivos para a criação de organizações religiosas relativamente autônomas, a Igreja procura manter seus grupos internos dentro de certo controle. Documentos (...) da CNBB sobre o MRCC, cobram uma conformação a regras claramente definidas. Apesar de oficialmente se cobrar que se evite paralelismo, esse parece ser aceito e necessário (MARIZ, 2003b: 184).

A autora ainda complementa a sua análise dizendo que:

Desta forma, observa-se que na prática organizacional da própria Igreja católica há espaço para o surgimento de uma subestrutura organizacional que parece ser paralela em algumas instâncias, e não o ser em outras. Essa seria uma dinâmica organizacional que ajuda a manter a pluralidade dentro das fronteiras institucionais mais ampla. Graças a esse dispositivos, propostas de críticas ao *status quo* eclesial que cobravam transformação de toda Igreja não levaram necessariamente a rupturas radicais. (...) A criação de uma subestrutura organizacional dentro da igreja mais ampla permite que se “saia” da Igreja ficando dentro dela, se proponha a mudá-la e ao mesmo tempo se ajude a mantê-la (MARIZ, 2003b: 184-5).

Desta forma, a RCC, ao longo dos anos foi se acomodando como um movimento que obteve uma certa autonomia organizacional com relação à Igreja Católica, mas que ao mesmo tempo se ajustou as estruturas desta mesma instituição. A seguir, abordaremos como se

estrutura e organiza a RCC, suas principais propostas teológicas e as tendências que se apresentam neste movimento atualmente.

1.3.1 Por dentro da estrutura e das propostas da Renovação Carismática Católica.

A Renovação Carismática Católica é formada por um comitê Internacional chamado de ICCRS (Internacional Catholic Charismatic Renewal Office) que é presidido pelo australiano Allan Panozza. Em fevereiro de 2002, Allan Panozza, recebeu do Papa João Paulo II a nomeação para ser membro do Pontifício Conselho para Laicos em Roma. A vice-presidência está a cargo da esposa de Allan Panozza - Cathy Brenti. Ela nasceu na França numa família protestante e depois começou a participar de movimentos ecumênicos quando em 1974 teve uma experiência com Jesus e decidiu juntamente com o esposo se comprometer com grupos de oração da Renovação Carismática. O ICCRS ainda possui membros que a representam nos cinco continentes.

No Brasil, quem responde pelo o ICCRS é Reinaldo Beserra dos Reis. Reinaldo é um dos pioneiros da RCC no Brasil e é conferencista internacional representando ainda desde 2002 o restante da América do Sul e Central. Assim, cabe ao ICCRS reunir seus membros com frequência para discutir e planejar a Renovação em âmbito mundial. Esta entidade, ainda realiza retiros e encontros internacionais, mantém um site na internet e publica o "Boletim do ICCRS", com notícias e material de formação.

Outra organização internacional importante é a CFCCCF ("Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships" - Fraternidade Católica das Comunidades de Aliança e Vida), composta por mais de 50 comunidades espalhadas pelo mundo, teve em novembro de 1990, seu Estatuto reconhecido pelo Pontifício Conselho para os Leigos.

Na América Latina, sediado atualmente na cidade do México, há o CONCCLAT (Conselho Carismático Católico Latino Americano), um organismo continental criado em 1972 com o objetivo de promover o intercâmbio e refletir sobre a experiência da Renovação Carismática nos ambientes culturais católicos latino-americanos. Através do CONCCLAT acontece a cada dois anos o ECCLA (Encontro Carismático Católico Latino Americano).

No Brasil, a RCC, é composta por um Conselho Nacional, Conselho Fiscal e uma "Comissão Permanente de Administração" – CPA - que tem como presidente Marcos Dione U. Volcan. Abaixo dos Conselhos Nacionais localizam-se os Conselhos Estaduais e Conselhos Diocesanos. A Coordenadora Estadual da Paraíba é Flávia Regina Rodrigues

Marques. A RCC ainda possui as Comissões de Comunicação, Finanças, Formação, Unidade e Assessoria para Atividades Missionárias. Na base da RCC encontram-se os Grupos de Oração e os Ministérios. Os Grupos de Oração são organizados nas paróquias e liderados por leigos e são formados por um número variado de pessoas em reuniões que acontecem semanalmente. Há ainda os Seminários de Vida no Espírito (SVES) que servem para reproduzir os quadros de dirigentes da RCC e os chamados cenáculos, rebanhões e encontrões como a exemplo o Crescer – “O Encontro da Família Católica”, que acontece há dez anos na cidade de Campina Grande/PB. Outra organização que faz parte da RCC são as Comunidades de Aliança e de Vida que segundo Pedro Oliveira (1978), algumas surgiram em decorrência dos grupos de oração. Tais comunidades como citamos no início, surgiram na década de 70 nos Estados Unidos, França e Austrália. No Brasil, uma das mais antigas, é a “Comunidade Emanuel” fundada em 1974 por Dom Cipriano Chagas. Há ainda outras comunidades como: “Comunidade Shalom”, “Comunidade Canção Nova”, “Comunidade Jesus Te Ama”, “Comunidade Filhos de Jesus e Maria”, “Comunidade Maria Porta do Céu”, “Obra de Maria”, “Comunidade de Aliança Rainha da Paz” e a “Toca de Assis” (CARRANZA, 2000).

De acordo com Reginaldo Prandi e Antônio Flávio Pierucci (1996), no levantamento realizado em meados do segundo semestre de 1994 em todo território brasileiro, a estimativa é que existiriam cerca de três milhões e oitocentos mil católicos carismáticos, ou seja, 4% da população no país.

Já a pesquisa do Ceris (2002:109 e 11) encontrou 18,2% da população católica entrevistada afirmando participar de “atividades carismáticas”. Pode-se calcular que 18,2% da população católica dos grandes centros urbanos (universo da pesquisa do Ceris) possa corresponder grosso modo a 12,6% da população do país. Assim teríamos que de 1994 (ano em que os dados foram coletados pelo *Datafolha*), para 1999 (coleta do Ceris), o número dos que estão envolvidos com atividades carismáticas no Brasil subiu de 3,8% para 12,6%, ou seja, mais que triplicou (MARIZ, 2006b: 55).

Assim, a Renovação Carismática Católica já não é mais apenas uns dos modelos de ser Igreja, ela é *per se* o movimento que mais cresce no interior da Igreja Católica. Mas, quais as propostas teológicas que fazem da Renovação Carismática Católica um dos movimentos religiosos que tem mais apego popular juntamente com o pentecostalismo?

Aqui, voltamos mais uma vez a Danièle Hervieu-Léger (1997), que comenta as relações dialéticas entre modernidade e religião e aponta para a tendência ao emocionalismo comunitário nas sociedades atuais. Tais comunidades emocionais, de acordo com Hervieu-Léger, “apresenta-se em primeiro lugar como uma religião de grupos voluntários, que implica

para cada um dos seus membros um compromisso pessoal (quando não uma conversão, no sentido revivalista do termo)” (HERVIEU-LÉGER, 1997:33). E é aqui que podemos dizer que o fundamento da RCC está numa conversão revivalista que é proporcionada pelo Batismo no Espírito Santo. É comum vermos nos depoimentos dos participantes da RCC a idéia de que esta relação mais íntima com Deus, proporcionada pelo Batismo no Espírito, provocou de imediato uma mudança interior e exterior no indivíduo. Este fiel, marca com palavras e atitudes o seu reavivamento ou recompromisso com o catolicismo, que muitas das vezes não passava de uma identificação frouxa. Maria das Dores Machado (1996) identifica dois tipos de conversão dentro da RCC.

De um lado os fiéis católicos que tiveram um trânsito religioso mais amplo, participando em outras religiões, mas ao terem contato com a RCC sofrem uma *reconversão*, isto é, voltam para o catolicismo. De outro lado, os fiéis católicos que sem terem saído da Igreja, tendo às vezes experiências só de migração interna (participar de diversos movimentos), ao entrarem em contato com a RCC sofrem uma renovação espiritual, reavivando assim sua religião de origem a católica (MACHADO, 1996:105-6).

Assim, este Batismo na RCC não entra em contradição com os sacramentos da Igreja Católica, como no caso das igrejas evangélicas, mas ao contrário reforça um compromisso que em muitos casos estava esquecido. De acordo com o Padre Haroldo Rahm, fundador da RCC no Brasil, “(...) ser batizado no Espírito significa uma mudança nas nossas relações com Deus, que nos faz experimentar na nossa vida todas as coisas que ele prometeu que o Espírito Santo faria a quem acreditasse” (RAHM, 1991:111).

Já citamos anteriormente que o batismo no Espírito tem raízes na passagem bíblica dos Atos dos Apóstolos 2,1,13, que narra os acontecimentos de Pentecostes. Assim, para o fiel, os frutos deste batismo ultrapassam uma mudança interior e exterior, permitindo para o fiel católico o contato com os dons e carismas. Estes dons podem ser infusos e carismáticos. Os infusos são: o dom de Temor a Deus, de Fortaleza, de Piedade, Conselho, Ciência, Inteligência, Discernimento e Sabedoria. Já os dons carismáticos são: da Fé, da Cura, do Milagre, o dom de Falar em Línguas, de Discernimento ou interpretar línguas e o dom da Profecia. Mas podemos afirmar que os dons que mais são enfocados na RCC, são os dons de Falar em Línguas (glossolalia) o Dom da Cura e de Milagres. Outro comportamento bastante verificado na comunidade carismática é a valorização da Bíblia, que no universo católico estava bastante esquecido e que com a RCC esse costume foi revitalizado. Em se tratando da moralidade, a RCC prega uma ascese espiritual, que encontra seu fundamento numa teologia de santificação pessoal e numa ética individualista (CARRANZA, 2000).

Assim, a sexualidade no universo carismático é voltada para moralizar e disciplinar os impulsos sexuais, quando não se torna uma demonização da afetividade e da orientação sexual como último recurso pra frear aquilo que, na sua concepção da sexualidade a RCC condena como pecado (CARRANZA, 2000:152).

É aqui que entra outra característica da RCC que é a tomada dos homens pela figura do Demônio. Assim de acordo com Lília Sales (2003),

[...] a visão de mundo dos carismáticos está rigidamente dividida entre dois grandes domínios: o do bem e do mal. O mal é representado pela figura do demônio, e o bem pelas figuras divinas – Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo e a Virgem Maria. Os homens estão constantemente sob o domínio de uma dessas essências (SALES, 2003: 1).

Outra característica primordial na RCC é o culto à Virgem Maria, assim, muitos autores têm se dedicado ao estudo do Marianismo e principalmente das suas aparições como Mariz (2003a, 2002), (Steil, 2003, 2001b, 1995). Carlos Alberto Steil (2001b) tem percebido uma forte correlação entre a Renovação Carismática Católica e as aparições de Maria. Desta forma, segundo o autor, os carismáticos colocam sua própria estrutura a serviço da divulgação destes eventos e se apresentam como mediadores das aparições juntos aos meios de comunicação de massa causando assim, uma disputa acirrada com os representantes oficiais da Igreja Católica. De acordo com Cecília Mariz, sobre a relação entre Renovação Carismática e aparições marianas ela diz que,

O Movimento Renovação Carismática Católica (MRCC) defende a possibilidade de acesso direto ao sagrado. O leigo pode receber mensagens do Espírito Santo, receber revelações, profecias, fazer cura. Ao legitimar essa possibilidade de manifestação do sagrado e sobrenatural no cotidiano dos leigos, o MRCC reaviva também outras formas de acesso ao sagrado, já tradicionais no universo católico; como seria o caso da visão da Mãe de Deus. Essa relação fica mais clara no modelo de aparição destacado por Carlos Steil (...). O vidente pode falar como se fosse a própria Virgem falando, o que tem sido chamado no grupo que pesquisei de “locução interior”. Assim, o vidente é também chamado confidente. A partir daí muitos dos videntes atuais do Brasil tiveram passagem no MRCC, e muitos dos que acompanham os videntes e organizam movimento de apoio às aparições têm ou tiveram relação com o MRCC.¹⁰

Portanto, gostaríamos de reafirmar algumas questões que foram levantadas ao longo deste capítulo. A primeira delas diz respeito ao fato de que neste intenso movimento de globalização vivemos processos contraditórios nos quais percebemos tantos processos secularizantes e dessecularizantes que é perceptível tanto no aumento do pluralismo religioso

¹⁰. Consultar entrevista com Cecília Mariz em www.antropologia.com.br na seção **Entrevista (edição nº33)**.

como no aumento do processo de desinstitucionalização religiosa. Este aumento, por sua vez, do pluralismo religioso, ao contrário do que previa Berger (1985), o que mais tarde foi reconhecido por este, não diminui a mobilidade religiosa, mas ao contrário, como verificaram Stark e Iannaccone (1994), fomenta na verdade uma maior e/ou múltiplas participações confessionais.

Berger & Luckmann (2004), em estudos mais recentes sobre o pluralismo religioso, evidenciam que nas sociedades atuais os valores comuns e obrigatórios não são (mais) dados a todos e assegurados estruturalmente, e que o resultado disto seriam as crises tanto subjetivas quanto intersubjetivas, ou seja, as crises de sentido. Estas crises decorrentes do pluralismo como valor faz com que ordens coexistentes e concorrentes precisem conviver, gerando assim, tensões e conflitos entre as partes envolvidas. Tais tensões devem ser negociadas, segundo os autores, a partir do conceito de tolerância que deve ser visto como uma virtude “elucidativa” por excelência por possibilitar que indivíduos e sociedades vivam juntos lado a lado, tendo a sua vida voltada para valores diferentes. Assim, há uma relação dialética de perda de sentido e uma nova criação de sentido que pode ser encontrada mais claramente na religião e, desta forma, o pluralismo como valor se expressa fortemente num pluralismo religioso. Estas crises de sentido, resultado deste pluralismo como valor, se apresentam nas sociedades atuais a partir de dois vetores: (1) o reforço dos laços de crença (ECC, Crescer) e (2) o enfraquecimento dos laços ou crença no relativo (ENC).

No Brasil observamos os dois processos acima indicados. Há uma tendência que se volta para demarcar as diferenças reforçando ainda os laços de crença que se apresentam com fortes indicadores de identificação grupal e de crítica às demais religiões como a comunidade evangélica e carismática, bem como a crença no relativo.

Portanto, como afirma Joanildo Burity (2001), ao mesmo tempo em que o processo de globalização se dissemina, havendo a interconexão e interpenetração entre regiões, estados nacionais e comunidades locais, ela se faz acompanhar por uma potencialização da demanda por singularidade e espaço para a diferença e localismo. Desta forma é que no âmbito das transformações globais, do multiculturalismo e do contato cada vez mais constante com a diferença é que surge na sociedade demandas de espaços com intuito de demarcar tal diferença, como a exemplo, o Encontro para a Consciência Cristã – ECC e o Crescer que analisaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO: II

O Surgimento do Crescer e do Encontro para Consciência Cristã

2.1 Antecedentes do ECC e do Crescer

Neste capítulo descreveremos o surgimento do Encontro para Consciência Cristã – ECC – (evangélicos) e do Crescer (carismáticos). Contudo, diante da pluralidade religiosa, na qual Campina Grande se apresenta, precisamos retroceder um pouco e analisar o surgimento do Encontro para a Nova Consciência – ENC. Tal atitude é de fundamental importância para que entendamos os motivos do surgimento tanto do ECC quanto do Crescer. Tendo em vista que de acordo com as entrevistas coletadas, os dois eventos surgem em resposta ao Encontro para a Nova Consciência e a questões como família, religião e modernidade que a Nova Era propõe.

Na minha monografia de final de curso em Ciências Sociais (MATOS, 2005), analisei as relações de conflito travadas entre o ECC (evangélicos) e o ENC (movimento Nova Era) e observei que o surgimento do ECC partiu do fervor da comunidade evangélica da cidade e, especialmente, dos membros da Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo, que afirmavam a necessidade de uma posição firme frente ao avanço do Movimento Nova Era e do ENC em Campina Grande, podendo desta forma, como afirma o fundador do ECC, o pastor Ridalvo Alves, propiciar “diretrizes seguras para a comunidade (evangélica) quanto aos ensinamentos de uma Teologia Cristã Sadia” (ALVES, 2002:3).

Não menos diferente foram as razões do surgimento do Crescer, muito embora os coordenadores deste encontro sejam mais comedidos em afirmar que o surgimento deste evento deve-se a uma resposta ao ENC.

Obviamente, que ao longo dos anos o ECC e o Crescer, desenvolveram suas características iniciais de confronto ao ENC e foram incorporando novos elementos de crítica, a exemplo do conflito latente entre o ECC e o Crescer. Mesmo que hoje, o ECC e o Crescer tenham minimizado o discurso no qual afirmavam sua constituição em consequência do surgimento do ENC, ainda hoje observamos, tanto nos conteúdos das palestras, testemunhos e orações, críticas endereçadas ao ENC. Desta forma, para além das motivações do ENC em promover a paz o diálogo e a tolerância religiosa no bojo destas questões, o ENC propiciou o

surgimento do ECC e do Crescer. Desta forma é impossível tratar de tais eventos sem antes apresentar um breve histórico do Encontro para a Nova Consciência e do Movimento Nova Era.

Segundo o discurso de um dos fundadores do ENC, Elianildo da Silva, em entrevista concedida a Magnólia Gibson Cabral da Silva era

de não ser um evento só religioso, para tirar essa idéia de retiro em si, para que contivesse também a ciência, a fim de atingir público heterogêneo. Então Íris bolou essa idéia do evento principal, queria temáticas apresentando todos os prismas e que tivesse, também atividades paralelas que prendessem, levando o movimento num crescendo. Na época (isso em 1991) ela contatou algumas pessoas (o pessoal ligado a terapias alternativas daqui); no meu caso, eu fazia parte de um grupo que estudava ufologia (...) só havia o movimento espírita. Fernando Queiroga, que na época, era o presidente da AME, gostou da idéia. Eles tinham seu próprio evento e, de certa forma, pegamos carona. (SILVA, s/d: mimeo).

De acordo com o seu estatuto¹¹, o Encontro para a Nova Consciência tem como objetivos fundantes, promover o ecumenismo no seu sentido mais amplo e abrangente, como forma de se chegar à paz através da compreensão, da tolerância, do respeito e do amor. Promover ainda, o intercâmbio de conhecimentos e idéias no campo das religiões, filosofias, ciências e artes de uma forma harmoniosa e transdisciplinar, gerando uma grande corrente de saber e fraternidade entre os representantes de diferentes culturas e tradições, divulgando e disseminando esses conhecimentos, fornecendo ao público participante e à comunidade em geral, informações e elementos que possam auxiliá-los na melhor compreensão da natureza, do homem e da vida, ou seja, o Encontro para a Nova Consciência (ENC) é um evento que está inserido dentro de uma perspectiva denominada Nova Era (SILVA, 2000; AMARAL, 2000; SHWADE, 2001).

O Movimento Nova Era, é hoje amplamente discutido no meio acadêmico devido a grande disseminação de suas práticas no mundo atual. Para tanto, a comunidade acadêmica intitula o Movimento Nova Era dentro de uma perspectiva de “Novos Movimentos Religiosos”.

Segundo Guilherme Magnani (1996), a eclosão do Movimento Nova Era se dá com o advento da contracultura, no qual os movimentos de contestação dos padrões vigentes preparou o mundo para uma mudança profunda na sociedade. O “faça amor, não faça guerra”,

¹¹. Ver estatuto do Encontro para a Nova Consciência - www.novaconsciencia.inf.br

os musicais como “Hair”, o movimento Beatnik, a literatura de Jack Kerouac, o consumo de drogas como via de liberação e experimentação e a própria liberalização sexual feminina, possibilitada pelo aparecimento da pílula anticoncepcional, abriram espaço para o que viria a ser entendido como a Nova Era, a Era de Aquários. Esta Era anunciava uma nova maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se com os outros, com a natureza e com o sobrenatural.

Afirma-se que o termo Nova Era ganhou propulsão com os escritos da jornalista Marilyn Ferguson, na década de 80. Nos anos 60, eclode uma nova forma de sensibilidade que é sistematizada por esta escritora nos anos 80, através de seu livro “*A Conspiração Aquariana*”.

Para a autora, a Nova Era pode ser vista como:

(...) uma conspiração sem manifesto (...) mais ampla que a Reforma, mais profunda que a Revolução. Essa conspiração benigna, a favor de uma Nova Ordem, deflagrou o mais rápido realinhamento cultural da história. A grande transformação, a mudança irrevogável que nos está empolgando, não é um novo sistema religioso, político ou filosófico. É uma nova mentalidade, a ascendência de uma surpreendente visão do mundo, que reúne a vanguarda da ciência e visões dos mais antigos pensamentos registrados (FERGUSON, 1994:23).

Estudos comparativos internacionais, (HÖLLINGER, 2002) demonstram que o Movimento Nova Era tem grande apelo nas camadas mais jovens da população com maior índice de escolaridade. Neste estudo, o público alvo da pesquisa foram os universitários, por seu enquadramento aos parâmetros acima citados. Dos 1.952 estudantes universitários entrevistados na América Latina, 24% acreditam em fadas, 47% praticam a medicina alternativa e 32% são adeptos da meditação. Entre as principais capitais da América Latina, dos 296 entrevistados, a exemplo da capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, 64% acreditam em fadas, 17% fazem meditação e 16% acreditam em astrologia.

Em suma, as práticas do Movimento Nova Era fazem parte hoje do repertório cultural da sociedade. O crescente avanço da Nova Era no mercado editorial demonstra a acomodação destas práticas místico esotéricas no Brasil;

Na pesquisa da revista *Veja*, entre 1995 e 1999, os dez autores de livros de auto-ajuda, religiosos e esotéricos que figuram em primeiro lugar na lista dos mais vendidos foram: 1º) Zíbia Gaspareto, 2º) Paulo Coelho, 3º) James Van Praangh, 4º) Brien Weis, 5º) Deepak Chopra, e 6º) Roberto Shianynsk (...) (SILVA, 2000:187).

Atualmente, no Brasil, existem mais de 35 editoras de âmbito nacional, que produzem regularmente livros e periódicos na área do esoterismo. Pelos menos cinco capitais brasileiras

possuem livrarias sobre esoterismo e Movimento Nova Era (SILVA, 2000). Mas de todos os autores acima citados que produzem livros esotéricos, o maior destaque internacional é, sem dúvida, Paulo Coelho.

Segundo a revista *Época*, Paulo Coelho é um dos 15 autores mais lidos no mundo, com mais de 21,8 milhões de exemplares vendidos. Tem 12 livros publicados, traduzidos para 39 idiomas, vendidos em 73 países, sendo *best-seller* em 30.¹²

Além das práticas e leituras no âmbito esotérico, vê-se o crescente avanço de espaços destinados às práticas e circulação de idéias esotéricas, como as sociedades iniciáticas (Maçonaria e Sociedade Teosófica), comunidades fraternais (Rosa Cruz e Grupo Espírita Corrente Esperança), de centros especializados (Centro de Estudos Gnósticos e Filosofia Univérsica), comunidades (Daimista, Fé Baha’i) fóruns holísticos (Encontro para a Nova Consciência), e espaços de vendas de artigos *New Age*.

Para Magnani (1996), o neo-esoterismo tem como lócus o contexto urbano. Desta forma, as cidades acolhem diversos espaços esotéricos possibilitando um circuito polissêmico de demanda por novos caminhos espirituais.

Segundo Elisete Schwade:

Em decorrência, os espaços, enquanto instâncias coletivas que se consolidam progressivamente, são entendidos como referência para a emergência de novos padrões de comportamento de pessoas que ali se cruzam, reconhecendo-se mutuamente nos estilos de vida partilhados (SCHWADE, 2001:123).

Apesar da existência de indivíduos ligados a instituições esotéricas específicas, a exemplo da Rosa Cruz, ou Sociedade Teosófica, é notória a circulação das pessoas por diversos espaços denominados esotéricos. Assim, a Nova Era permite esta frouxidão de identidades, que Leila Amaral chama de *sincretismo em movimento* (AMARAL, 2000). “Circular significa (portanto) estar aberto para novas possibilidades de desenvolvimento individual e construção de referenciais coletivos” (SCHWADE, 2001: 136-7).

Esta nova forma de sensibilidade, que comporta a circulação, a individualidade, a experiência mística, a tradição revisitada, etc, da esfera religiosa, tem sido vista de forma variada. Para alguns autores, a Nova Era tem elementos da pós-modernidade como a crítica às instituições ou o colapso das fundações (HEELAS, 1996), enquanto que outros analistas, à exemplo de Leila Amaral, acreditam que a relação entre religião e modernidade não tem levado nem ao fim da religião, nem tampouco ao fim da secularização. Assim, “ao invés de

¹². Consultar Revista *Época* no dia 20/07/98: 34.

crise da secularização, é o sucesso dessa secularização que vem tornando visível à consciência do sagrado na sociedade contemporânea” (AMARAL, 2002: 4).

Desta forma, ainda de acordo com Amaral (2002), a religião não tem desaparecido vagarosamente com a modernidade, ou aparecido como “revival” ou “sobrevivências”, é a sociedade que vem mudando a maneira pela qual se expressa religiosamente. E uma destas novas maneiras de se expressar à religiosidade seria, portanto, a Nova Era.

Assim a Nova Era seria um termo utilizado para circunscrever experiências diversas no mundo contemporâneo, seria essa possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressam performaticamente uma determinada visão, em destaque em um determinado momento e segundo determinados objetivos que podem variar de um performance a outra. (...)... Nova Era não é um substantivo para definir identidades religiosas bem demarcadas. Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais diferenciadas em combinações variadas... (AMARAL, 2002:3).

Nestes termos, Leila Amaral irá defender que independente da filiação institucional a uma dada religião, os consumidores ou clientes da “Nova Era”, podem ser católicos, espíritas ou protestantes. Mas, se a “Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais diferenciadas em combinações variadas...” (AMARAL, 2002:3), quais seriam então os rituais e crenças específicos comungados no ENC? Se partirmos do pressuposto que este evento não é só místico-religioso, mas que acomoda também a ciência, como apreenderemos, portanto, o que ele se propõe? A resposta segundo Pedro Camargo, Mestre de Cerimônia do ENC é que:

O evento não possui uma métrica consistente, aqui se reúne, filosofia, religião e ciência, na busca por uma Nova Era, um novo modo de pensar, a única regra aqui é que essa reunião aconteça num clima de macroecumenismo e respeito a diversidade, é isso que funda o evento, a possibilidade de congregação sem perder de vista a unidade, nem a diversidade.¹³

Segundo as palavras do pastor Presbiteriano Nehemias Marien, que participa do evento desde o seu início, o encontro se define também pela busca de uma Nova Consciência, ou seja, “é um sincretismo holista, mas que não é fusão de credos, nem proselitismo, nem conversão de ninguém, nem regresso a Istambul, etc. Cada movimento preserva a sua identidade com muitas impressões digitais (...)” (AMARAL, 2000:190).

Já para D.Luís Fernandes, ex-Bispo de Campina Grande/PB, o macroecumenismo idealizado pelo ENC,

¹³. Consultar Matos, Silvana et alli... 2003.

não se trata de misturar crença com crença, não se trata de copiar nada de ninguém, mas todos, na descoberta mais profunda de si mesmos e no esforço humilde de crescer. Não é uma miscelânea de religiões, mas um caminhar juntos, na paz da fraternidade, em demanda a um verdadeiro crescimento de todos e da construção conjunta de uma humanidade fraterna e feliz... (FERNANDES, 1995: 5).

Para Elisete Schwade (2001), este caráter macroecumênico do evento segue duas direções: a primeira proporcionando a reflexão sobre questões que são consideradas comuns a sociedade e a segunda possibilitando o contato e o diálogo entre diferentes tradições religiosas e não religiosas.

Se pensarmos que o ENC é um evento estritamente religioso cairemos numa análise simplista. Este macroecumenismo, que o evento prega, extrapola o âmbito da religião, quando ele abarca, em suas palestras temas de cunho científico, religioso e questões referentes a problemas sociais atuais. Ricardo Kelner, jornalista do Estado do Ceará e palestrante do ENC comenta a este respeito:

Na sua primeira edição, O Encontro ainda exalava um cheiro danado de incenso por toda parte. Hoje, nove anos depois, ainda se vende muito incenso na entrada do Teatro Municipal, é claro, mas muito daquele caráter esotérico do início evaporou-se em meio às transformações que o evento sofreu ao longo dos anos. Aos poucos ele foi priorizando assuntos mais urgentes, tais como a questão indígena, a ecologia, a prostituição, AIDS e os conflitos étnicos-religiosos.¹⁴

Ricardo Pelegrini, correspondente da revista Planeta, que foi por muito tempo suporte midiático para o movimento Nova Era, comenta a sua experiência no sétimo ENC afirmando que:

A pauta, à primeira vista, parecia um samba do crioulo doido. Mas a impressão rapidamente revelou-se enganosa, pois desde o início, a coisa mais marcante do Encontro era a atmosfera de integração e de unidade que o caracteriza. A começar pelo aspecto fortemente ecumênico e democrático (...) (PELEGRINI, 1998:63).

Desta forma, de acordo com Leila Amaral (2000), frente aos desafios colocados pela nova ordem mundial, observa-se algumas tendências religiosas que buscam respostas aos conflitos atuais que seguem duas direções: (1) reações fundamentalistas, quando o apego a uma determinada religião apresenta-se como um forte indicador de identificação grupal

¹⁴. Consultar KELNER, Ricardo.

(ECC) (CRESCER) e; (2) uma relativização das identidades, cuja contrapartida religiosa se encontra em uma cultura errante. Ainda, de acordo com a citada autora, o ENC estaria inserido nesta segunda categoria, ou seja, as identidades religiosas se relacionam a partir de uma dialética entre diversidade e semelhança, sem cair num relativismo radical.

Assim, observamos que a cidade de Campina Grande acomoda atualmente tanto reações fundamentalistas de apego a uma determinada religião, bem como este tipo de religiosidade mais fluída, sincrética e nômade da Nova Era. E foi a partir do surgimento do Encontro para a Nova Consciência que outras comunidades mais tradicionais como a católica - carismática e a comunidade evangélica resolveram criar seus próprios eventos, visando tanto refutar os ensinamentos do Movimento Nova Era e do ENC, bem como reunir seus adeptos nos eventos por eles realizados.

2.2 O surgimento do Crescer – “O Encontro da Família Católica”.

Em 1997, ano de surgimento do “Crescer – O Encontro da Família Católica”, o Encontro para a Nova Consciência – ENC já estava na sua quarta edição com o tema “Globalização”. A palestra de abertura do ENC teve como tema “Fragmentação e Globalização: a superação dos Dois Extremos” e foi proferida por Pierre Weil. Leonardo Boff também esteve presente discutindo sobre a contribuição dos cristãos na globalização na palestra “Os cristãos no Limiar de um Novo Século”. Sobre o Crescer a jornalista Vanusa Ramos afirmou que,

Em 1997 eram apenas 1.500 pessoas que ocuparam, durante o período momesco, o auditório do Colégio das Damas e deram o pontapé inicial num evento vitorioso, O Encontro Crescer. O Encontro se avolumou, foi atraindo mais pessoas, inclusive de outros Estados e se coloca como uma alternativa à Nova Consciência, mesmo que os carismáticos prefiram não admitir. Os seus membros, que não participam do Encontro para a Nova Consciência, resolveram então terem seu próprio espaço alternativo durante o carnaval (RAMOS, 2000:5).

Gustavo Lucena, coordenador do Crescer, em entrevista concedida a mim sobre a criação deste evento afirmou que,

Campina Grande vira esse centro religioso, esse pluralismo religioso na época do carnaval. Os Católicos não poderiam ficar de fora. Algumas pessoas até interpretam a presença do Crescer como uma resposta ao avanço

dos evangélicos na cidade. Nós somos o terceiro evento mais antigo da cidade, o mais antigo é o Movimento de Integração Espírita – MIEP que são dos espíritas, depois o Encontro para a Nova Consciência e o Crescer. São os três eventos mais antigos da cidade.¹⁵

O Crescer foi idealizado pela Comunidade Pio X, que é uma Comunidade Católica de Aliança, identificada com a espiritualidade da Renovação Carismática. Tal comunidade surgiu em outubro de 1991 através de reuniões de um grupo de leigos católicos e teve a sua constituição reconhecida em 30 de outubro de 1992 por ato declamatório do então Revmo. Bispo Diocesano de Campina Grande, Dom Luís Gonzaga Fernandes, para fins de cadastramento junto ao Escritório Nacional da Renovação Carismática Católica.

Esta comunidade foi fundada pelo advogado Antônio Lucena e sua esposa Maria da Guia Araújo de Lucena, tendo o apoio de Manoel Bezerra de Lima que faleceu já alguns anos e era o Administrador da Capela de São Pio X. Participaram também, Nelci Azevedo Agra, Carlinda Cavalcante Costa (que segundo depoimentos era uma pessoa muito dedicada à RCC e que foi curada de uma enfermidade na coluna em um Seminário de Vida no Espírito Santo-SVES na Capela de São Pio X, durante uma oração em línguas), Edwirges Cavalcante de Albuquerque, também falecida, que era irmã de Carlinda, Djalma Bezerra de Lima e Maria de Jesus Vieira Assis. Segundo Antônio Lucena, entre os seus companheiros no início da missão, destaca-se Maria de Jesus Vieira Assis, a qual carinhosamente a chamam de D. Jesus, que estava no começo de tudo e foi à primeira moradora da Casa do Senhor Jesus, ainda quando a sede da comunidade Pio X era na Rua Solón de Lucena.

Destaca-se ainda, a colaboração de dois jovens no surgimento da comunidade, são eles: Hércules de Assis Souza e Rejane Dias de Albuquerque. Eles foram os responsáveis pela criação dos grupos de jovens e Hércules organizou o primeiro Ministério de Música da comunidade.

Hoje, a coordenação geral da Comunidade Pio X está a cargo de Gustavo Lucena, neto de Antônio Lucena. A administração é feita por um conselho comunitário, o Núcleo dos Apóstolos, que é composto pelo coordenador geral e pelos coordenadores dos demais ministérios, que são: Ministério de Pregação, Ensino e Formação, Aconselhamento e Cura, Libertação, Intercessão, Comunicação, Projetos e Marketing, Evangelização de Crianças e Ministério de Música.¹⁶

No seu carisma, ou seja, na sua vocação, a Comunidade Pio X tem a missão de evangelizar através da pregação, do ensino e da formação (doutrinal, espiritual e humana) de

¹⁵. Entrevista com Gustavo Lucena realizada no dia X Crescer no dia 19/02/07.

¹⁶. Ver panfleto das atividades da Comunidade Pio X (Legenda:5).

adultos, jovens e crianças, “trabalho cuja síntese é o Viver em Cristo, tendo como base o Rhema “Voltai a mim de todo o vosso coração” (Jl 2, 12b), apelo do profeta Joel que chama todos a regressar aos braços amorosos do pai”.¹⁷

Em 16 de novembro de 1998 foi fundada a Associação Carismática São Pio X, personalidade jurídica mantenedora da Comunidade Pio X. Tal comunidade está ainda registrada no Conselho Municipal de Assistência Social - CMAS - de Campina Grande, e em 06 de julho de 2001 esta mesma associação foi reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Municipal de nº. 3923 e pela Lei Estadual nº. 7660 de 16 de setembro de 2004.

Cabe aqui, especificar melhor, o que é ser uma Comunidade de Aliança a qual a Comunidade Pio X está inserida. De acordo com Brenda Carranza Dávila (2000), após o Concílio Vaticano II a Igreja Católica em matéria de organização e estruturação permitiu a valorização do papel do leigo dentro da igreja. Desta forma, foram criadas as Comunidades de Vida e de Aliança. De acordo com Carranza,

as Comunidades de Aliança distinguem-se das de Vida pela sua fisionomia jurídica, tanto civil quanto canônica, caracterizando-se como entidades de benefício público. É a partir das Comunidades de Aliança que na RCC criam-se muitas fundações e associações, através das quais é possível captar recursos financeiros, nacionais e internacionais e possuir bens e imóveis (CARRANZA, 2000:63).

Complementando as idéias de Brenda Carranza, (2000) Cecília Mariz, no seu artigo, “*Comunidades de vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?*” (2006a) afirma que:

Muitos membros destacam que não há diferença em ser participante *de aliança* ou *de vida*. (...) Há, no entanto, diferenças práticas no estilo de vida adotado pelos membros das comunidades de vida que os distinguem dos membros das comunidades de aliança: ao passo que os primeiros compartilham o cotidiano, a moradia, o trabalho, os recursos e as despesas, os segundos os apóiam com doações, trabalhos voluntários e orações, mas mantêm sua vida e seus empregos (MARIZ, 2006a: 266).

Em dezembro de 2000, a Comunidade de Aliança Pio X ganhou nova força com a aquisição de um novo prédio, que hoje é a sede desta associação, onde funciona a Casa do Senhor Jesus. Esta Casa de Missão está localizada na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, na Diocese de Campina Grande e é responsável pela gerência da capelania de São Pio X tendo missionários nas Pastorais da Comunicação, Catequese, Crisma, Liturgia e no Ministério Extraordinário da Comunhão Eucarística. Nesta Casa de Missão, ainda se localiza,

¹⁷. Consultar CRESCER, 2007 a.

uma loja que comercializa produtos da comunidade e da RCC, além de atendimento de Aconselhamento e Oração, Estúdio de Gravação, Cursos de Formação e Capela para orações.

Assim, seis anos após surgimento da Comunidade Pio X, foi criado em 1997 o Encontro católico-carismático denominado Crescer. O I Crescer em 1997, contou com a participação de Antonio Kater Filho, líder e pregador da Associação de Senhor Jesus de Campinas do Estado de São Paulo, que trouxe consigo a cantora Maria do Rosário. O nome do evento foi escolhido numa vigília de orações “o coordenador com o núcleo entraram em orações pediram a Deus que os inspirasse através do Espírito Santo e Deus mostrou sua palavra: "Crescei na graça e no conhecimento do Senhor", então o nome escolhido foi CRESCER”.¹⁸

Em 1999, aconteceu o II Crescer, cujo tema foi: "Estamos contigo Senhor" tirada do livro de Jô 17,24 e o pregador foi o mesmo do primeiro ano, Kater Filho. O III Crescer, em 2000, teve a presença mais uma vez de Kater Filho, que trouxe o Pe. Valetim. O tema desse ano foi: "Chamados à santidade". Em 2001, IV Crescer, contou com a presença de Sidney Telles, coordenador da secretaria Ágape do Estado de Paraná. O tema foi “Não se perturbe o vosso coração" (Jo 14,1a). Segundo relatos, nesta edição aconteceram muitas curas e libertações, pois segundo os entrevistados Sidney Telles é ungido pelo Espírito Santo no dom de cura. Aconteceu em 2002 o V Crescer, com o pregador Roberto Ricardo da Secretaria Nacional Pedro do Estado de Goiás. O tema desse ano foi: "Eis que renovo todas as coisas". Roberto Tannus, também da Secretaria Nacional Pedro do Estado de Goiás, foi o pregador do VI Crescer, com o tema: “Fazei tudo o que Ele vos disser”.

Em 2004, o VII CRESCER, teve como pregador Onazir Conceição, coordenador da RCC do Estado do Paraná. O tema foi "Vem e segue-me". "Somos perfumes de Cristo" foi o tema do VIII CRESCER, em 2005, que contou com as participações de: Sidinehwoster Veiga (Rio de Janeiro) – Ex-pastor protestante, convertido ao catolicismo após uma experiência com Nossa Senhora - Ziad Joseph Esper (Goiânia) - Pregador e Coordenador Estadual da RCC de Goiás - e Maria Aurora Teixeira Barreto (Rio de Janeiro) - Missionária e pregadora da RCC no Brasil.

Com o tema "Cantaremos e Celebraremos o Poder do Senhor" a Comunidade Pio X realizou IX CRESCER, em 2006, no ginásio do Clube Campestre e teve como pregadores Roberto Ricardo e Henrique Santos.

¹⁸ . Consultar CRESCER, 2007a.

Em 04 de fevereiro de 2007, ou seja, quinze dias antes de começar o X Crescer a Comunidade Pio X se concentrou na Casa Senhor Jesus para iniciar a divulgação do evento. Com alguns veículos e um trio elétrico, membros da comunidade percorreram diversos bairros da cidade divulgando a programação do evento, que foi repetido no dia 11 de fevereiro. Com o tema “Bendito o que vem em nome do Senhor”, o Crescer foi realizado nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro, na casa de shows Spazzio, das 8 às 18h.¹⁹ A entrada foi franca, e apenas solicitaram 1kg de alimento não perecível para o “Projeto Faça por Mim” que atende famílias carentes de Campina Grande.

Comemorando 10 anos de Crescer, a Comunidade Pio X convidou para participar desse grande momento o cantor Cosme (Rio de Janeiro), D. Bernardino Marchió (Bispo de Caruaru), D. Aldo Pagotto (Arcebispo da Paraíba), Onazir Conceição (Coordenador da RCC do Paraná, Coordenador da Comissão de Finanças da RCC Nacional e Membro da Comissão de Unidade RCC/Brasil), além da presença do Bispo de Campina Grande D. Jaime Vieira Rocha, além e dos padres Márcio Henrique, Carlinhos e José Vanildo.

Além da comemoração pelos seus 10 anos, o Crescer ainda teve outro motivo para festejar. No dia 23 de Janeiro de 2005, o prefeito de Campina Grande, Veneziano Vital do Rêgo assinou o decreto que inseriu o Crescer no calendário de eventos turísticos da cidade. O prefeito Veneziano destacou e parabenizou a iniciativa da Comunidade Pio X na promoção do Crescer e ressaltou que com a inserção do evento no calendário turístico da cidade, o Crescer passa a ser um evento formal e com maior possibilidade de conseguir patrocínios de órgãos públicos.

Neste ano, o Crescer disponibilizou ônibus gratuitos para os três dias do evento. As rotas partiram das diversas paróquias da cidade e tive a oportunidade de acompanhar os fiéis em uma dessas rotas até o local do evento. O trajeto foi do começo ao fim embalado por músicas que são cantadas na RCC e por orações e chamadas ao Espírito Santo. Na verdade o que me chamou atenção foi à alegria destes participantes, que já anunciavam o caráter festivo deste evento. Além dos ônibus para o X Crescer, foi também disponibilizado serviços de hospedagem para caravanas, vindas de outras cidades e Estados em um colégio da cidade. Outra inovação foi à transmissão ao vivo do evento na Rádio Caturité durante os três dias. A Rádio Caturité também transmitiu as Celebrações Eucarísticas que foram realizadas por D. Aldo Pagotto, D. Bernadino Marchió e D. Jaime Vieira Rocha. Uma outra novidade foi a

¹⁹. Consultar Programação na íntegra do X Crescer no anexo (Legenda: 6) e foto da abertura do X Crescer (Legenda: 21).

“Evangelização de Crianças”. Foi reservado um local com peças teatrais, fantoches, brinquedoteca, e um “Cantinho da Leitura” com livros católicos destinados a crianças.

O X Crescer foi estruturado da seguinte forma: Pela manhã, às 08h00min, era rezado o terço, em seguida acontecia uma animação como o Ministério de Música, passando à Adoração ao Santíssimo Sacramento e em seguida era feito um intervalo para almoço e então começava o Terço da Misericórdia. Logo após havia uma pregação, seguida pela Missa. Sobre a Adoração ao Santíssimo Sacramento a equipe de reportagem do Crescer afirmou que;

Após um grande louvor, mais um presente aos participantes do X CRESCER, a maior de todas as bênçãos, do Santíssimo Sacramento acompanhado pela procissão. Enquanto Jesus passeava pelo Seu povo, o olhar dos fiéis parecia brilhar diante da beleza do Senhor, neste momento curas e libertações foram proclamadas. Para honra e glória do nosso senhor Jesus.²⁰

Dentre as pregações, que tive oportunidade de observar, a que mais comoveu os participantes do X Crescer foi o testemunho de Cosme que é missionário da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro²¹. Cosme é um cantor católico-carismático que tem se dedicado à evangelização da juventude, especialmente aos jovens que vivem em constante risco social ou que já se envolveram com o tráfico de drogas.

Em seu testemunho, o missionário relatou sua experiência de vida e de como aconteceu a sua conversão. Segundo o missionário sua infância foi conturbada, marcada pelo relacionamento complicado com o pai alcoólatra e agressivo com a família. Relatou ainda que começou a se envolver com as drogas na escola que estudava, na comunidade carente de Cidade Alta e com o tempo passou a comandar o tráfico no local, também se relacionando com os integrantes de uma das maiores facções criminosas do país. Em pouco tempo passou a ser chamado de “Caveirinha” e a comandar muitos bandidos.

O momento de sua conversão aconteceu depois de uma fuga da polícia, quando para esconder-se passou a noite inteira numa galeria de esgoto e quase morreu afogado. Seu primeiro encontro pessoal com Deus aconteceu durante um seminário promovido pela Renovação Carismática Católica, seguido de um retiro espiritual. Depois da conversão, levou também toda sua família e passou a se dedicar à evangelização da juventude. O final do primeiro dia foi marcado pela celebração de uma missa com o Arcebispo da Paraíba Dom

²⁰. Consultar CRESCER 2007b.

²¹. Ver foto da Pregação do cantor Cosme no anexo (Legenda: 25).

Aldo Paggoto, que é conhecido por suas fortes críticas a transposição do Rio São Francisco. Na sua homilia, Dom Aldo Paggoto, lembrou aos fiéis que não adianta retribuir o mal com outro mal e que “aquele que supera a dor, se une à cruz de Jesus”.²²

No segundo dia do Crescer houve mais uma pregação de Cosme, em seguida uma missa com o Bispo de Caruaru Dom Bernardino Marchiό. A tarde foi cantado o Ofício da Imaculada Conceição²³, seguido por uma pregação com Onazir Conceição e por fim a bênção do Santíssimo com o padre Carlinhos.

O encerramento do X Crescer contou com a participação de um número maior de famílias e jovens. Foi arrecadado uma grande quantidade de alimentos, que foram destinados ao projeto da Comunidade Pio X “Faça por mim”. Foram ainda recolhidas 500 assinaturas, com o intuito de um milhão até o mês de março, com o objetivo de vetar a lei que legaliza o aborto no Brasil. Ao final, o Bispo de Campina Grande, Dom Jaime Vieira Rocha, celebrou a missa de encerramento do X Crescer.²⁴

O Crescer e a Comunidade Pio X ainda conseguiram realizar um sonho antigo que foi a criação de um Programa de Televisão chamado “Deus Abençoe Você”. O programa começou no dia 25 de agosto de 2007, sendo veiculado pela TV Itararé – Canal 19, retransmissora da TV Cultura, tendo alcance para Campina Grande e região. O programa é exibido aos sábados das 14 às 15h. “Deus abençoe você” é composto por entrevistas, matérias nas ruas e no final há à Adoração do Santíssimo Sacramento com a bênção a todos telespectadores.

A Comunidade Pio X ainda possui um programa de rádio “Voltaí a Mim”. Este é o primeiro programa católico transmitido ao vivo em cadeia FM’s. Tal programa possui uma hora de duração às terças-feiras a partir das 22h pela Rádio Campina FM – 93,1 e rádios filiadas. O programa é composto por orações, música, testemunhos e sessão de perguntas e respostas.

Nesses dez anos do “Crescer - O Encontro da Família Católica”, observamos que a maior preocupação do Encontro como já diz o seu próprio nome é com a família. A busca é por uma maior efervescência dos valores cristãos e fraternos, trazendo principalmente os jovens de volta para a Igreja Católica, buscando assim afastá-los das drogas, da violência e de outras religiões. Em se tratando da importância que os participantes creditam ao Crescer, tivemos opiniões diversas, apesar de boa parte delas enfocarem a importância do evento para

²² . Homilia na Missa de D. Aldo Paggoto no dia 18/02/07 no X Crescer.

²³ . Ver foto do “Ofício da Imaculada Conceição” no anexo (Legenda: 27).

²⁴ . Ver foto da Eucaristia na missa de Dom Jaime Vieira Rocha (Legenda: 24).

a juventude como afirmamos acima. De acordo com Gustavo Lucena – coordenador do Crescer, - “a importância maior é trazer estes jovens para o nosso evento, afastando assim eles dos inúmeros vícios que a sociedade oferece que destroem os jovens e as famílias”.²⁵

Outros enfocam o poder do Crescer na cura de doenças como Luciene Braga e Josefa Bernardo da Costa. Para Luciene, “é de fundamental importância. Eu sou católica e vi vários testemunhos de cura, de sinusite, de diabetes... eu fui curada graças a Deus, eu recomendo a várias pessoas o mesmo, muitas pessoas foram convertidas de vícios, e é isso aí, eu acredito nesse projeto Crescer”.²⁶ Sobre o poder de cura do Crescer Josefa Costa disse,

Freqüente a Igreja há quatorze anos e durante todo este tempo Deus tem feito inúmeros milagres em minha vida. Primeiro tive uma filha que a medicina me disse que não teria. E o Senhor continuou agindo em minha vida. Depois disso precisei fazer uma cirurgia cardíaca. Mas ocorreu tudo bem. Logo depois de um ano tive um câncer de mama. Fiz quimioterapia, radioterapia. Hoje estou curada, e há aproximadamente um mês estive internada devido ao problema de coração. Passei quatro dias na UTI. O médico me disse que seria preciso fazer novamente outra cirurgia porque a válvula mitral estava entupindo e o pessoal da Comunidade (Pio X e Crescer) foram interceder por mim. No outro dia Pe. Antonio Apolinário foi me confessar. E através de um milagre do Senhor fui me recuperando. Sai da UTI e estou me sentindo muito bem. Fui ao médico recentemente e ele me disse que não seria mais preciso nenhuma cirurgia. Foi o Espírito Santo que agiu em minha vida. Agradeço a todos que oraram por mim.²⁷

Segundo Onazir Conceição, palestrante do Crescer, que é atualmente Coordenador da RCC do Paraná, Coordenador da Comissão de Finanças da RCC Nacional e Membro da Comissão de Unidade RCC/Brasil, quando questionado pela equipe de reportagem do evento sobre a importância do encontro, este fez críticas ao pluralismo religioso em que a cidade se apresenta na época do carnaval e disse:

Eu costumo dizer que onde há o poder de Deus, há manifestação das trevas. Com todo respeito ao pensamento de cada um, você falou em pluralidade e eu escutei alguém desses tais eventos a que você se referiu falando de ecumenismo, de multi-religião. Não é nada disso, como Cristãos temos que defender a nossa fé e nós vemos que isso contraria totalmente a sã doutrina da Igreja Católica, contraria os princípios. Nós sabemos que aqui em Campina Grande existe essa tradição de eventos paralelos e todo mundo tem o direito de ir e vir. Mas é bom que a gente fale em alto e bom tom ao nosso povo católico, povo Cristão, que não embarque nesta canoa por que está

²⁵. Entrevista realizada X Crescer no dia 19/02/07.

²⁶. Entrevista realizada no dia X Crescer no dia 19/02/07.

²⁷. Consultar CRESCER, 2007c.

errado. Por isso, graças a Deus, que a Comunidade Pio X nestes dias vem para contrastar e oferecer a palavra de Deus, a cura, a libertação.²⁸

Enfatizando a importância da Comunidade Pio X em promover o evento Crescer por este divulgar o evangelho D. Bernardino Marchiό, Bispo de Caruaru e Coordenador das “Novas Comunidades do Regional Nordeste II” e palestrante no X Crescer, afirmou que:

Acompanho estas novas comunidades de vida e de aliança. São comunidades que levam a sério o Evangelho e querem colocar em prática a Palavra de Deus. E estando aqui percebo que a Comunidade Pio X quer divulgar o Evangelho, fazer com que Cristo seja conhecido por todos. Para mim é uma alegria imensa porque observo jovens, adultos, idosos evangelizando. Nossa Igreja está engajada em um trabalho missionário e é importante que todas as comunidades realizem estes encontros, para que depois cada um continue comunicando o evangelho, levando a Palavra de Deus a todas as pessoas. Eu acredito que a Igreja Católica deve ser uma presença no mundo. O Papa Bento XVI disse “Nós não queremos impor nada a ninguém. Mas nós temos o direito de anunciar o Evangelho. Temos o direito de anunciar que Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida.” Então este evento é muito importante pois é necessário que os católicos se tornem presença na cidade, no trabalho na vida e na sociedade.²⁹

Estes discursos acima citados sobre a importância creditada ao Crescer apontam que há por parte dos fiéis deste evento algumas prioridades a serem discutidas como a busca em trazer os jovens para Igreja Católica, a evocação de um catolicismo miraculoso, além de propiciar um entendimento sobre os perigos do Movimento Nova Era, promovendo assim, a divulgação do evangelho e das doutrinas católicas.

Após esta análise sobre o surgimento do Crescer, que apontou seus principais palestrantes e o seu desenvolvimento e acomodação enquanto evento religioso em Campina Grande, analisaremos agora o surgimento do Encontro para a Consciência Cristã, suas principais características e proposições doutrinárias e teológicas.

2.3 O Surgimento do Encontro para a Consciência Cristã.

Quando o Encontro para a Consciência Cristã (ECC) surgiu em 1999, no período do carnaval, o Encontro para a Nova Consciência – ENC - já estava na sua oitava edição com o tema “O Portal para o III Milênio” e o Crescer já estava na sua terceira edição com o tema

²⁸. Consultar CRESCER, 2007 d.

²⁹. Consultar CRESCER, 2007e.

“Estamos contigo Senhor”. A idéia partiu de membros da Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo, sob o comando dos pastores Ridalvo Alves e Euder Fáber.

Nas palavras do pastor Valberto Cruz, da Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo, o Encontro para a Consciência Cristã

surgiu em resposta a esse evento intitulado Nova Consciência, de reflexão que nós entendemos como sendo esotérica, que reúne várias religiões e pensamentos tanto da área filosófica quanto da teológica, da maneira como eles interpretam e esse evento, que hoje está na sua sétima edição (ECC), surgiu para trazer um esclarecimento ao público não só campinense evangélico mas ao público campinense de uma maneira geral, um esclarecimento sobre a fé cristã. Nós evangélicos nós acreditamos num pensamento cristocêntrico onde sendo Cristo o centro de todas as coisas, então no outro evento (ENC) ele oferece várias formas de se chegar a Deus, então essa filosofia através das diversas religiões e seitas, assim entendemos, estavam assim sendo disseminadas no contexto campinense e provavelmente alcançando as pessoas que não tinham sustentação com relação a sua fé mas conheciam o Evangelho. Então esse evento surge em resposta a essa necessidade de trazer esclarecimento à comunidade campinense cristã, sobre o que Cristo pensa, qual a filosofia de Cristo, qual o pensar de Cristo, qual a proposta de Cristo para uma mudança de vida, então é esse o nosso intuito, é esse o nosso objetivo, não só trazer esclarecimento para o público evangélico, mas para as pessoas simpatizantes também.³⁰

Desta forma, a cidade de Campina Grande já era reconhecida como o segundo lugar no Brasil que reunia as mais variadas vertentes que tratavam de questões ligadas ao movimento *New Age*, perdendo somente para Brasília que já era conhecida de longa data como sendo a capital brasileira do esoterismo. É nessa situação histórica que surge o Encontro para a Consciência Cristã; numa cidade que era reconhecida por promover um encontro místico-esotérico e outro católico-carismático.

Os pastores campinenses por sua vez, já faziam evangelizações em outros eventos da cidade, como na “Micarande” e no “Maior São João do Mundo”, mas nada era tão “perigoso” como o ENC. Pensando nos riscos deste tipo de encontro para a cidade é que pastores ligados a Igreja Evangélica o Brasil para Cristo, se reuniram, a princípio no comando do pastor Ridalvo Alves, para criarem um encontro que combatesse os ensinamentos da “Nova Era” e do ENC. Assim, em matéria veiculada pelo Jornal Consciência Cristã em Foco³¹, o pastor Ridalvo Alves comenta o sentimento compartilhado pela comunidade evangélica:

³⁰. Entrevista realizada no dia 06/02/05 durante o VII ECC.

³¹. O Jornal “Consciência Cristã em Foco” foi criado em 2002, ou seja, três anos após o I Encontro para a Consciência Cristã. Este jornal é distribuído gratuitamente e traz informações referentes ao ECC, bem como informações mais gerais do âmbito evangélico.

A perplexidade e angústia já haviam chegado ao coração de muitas pessoas reivindicando da Igreja Evangélica de Campina Grande uma tomada de posição firme quanto à invasão esotérica na cidade. A princípio não se sabia como fazer para criar uma estratégia eficaz, não somente para combater os ensinamentos distorcidos da Nova Era, como também trazer diretrizes seguras para a comunidade quanto aos ensinamentos de uma Teologia Cristã Sadia. Aconteceu somente em fevereiro de 1999 o I Encontro para a Consciência Cristã quando os alunos do Instituto Teológico Superior das Missões - ITESMI sob a nossa direção, que dirigíamos pela orientação e urgência do Espírito Santo de Deus, aceitaram o desafio de enfrentar não somente as dificuldades de recursos financeiros, mas também de recursos humanos (ALVES, 2003:3).

Segundo o pastor Gomes Silva, (assessor de imprensa do ECC) em 1999, dias antes de começar o carnaval, ao comentar com o então prefeito de Campina Grande Cássio Cunha Lima dos prejuízos financeiros e espirituais que a cidade poderia passar ao financiar o ENC, escutou daquele a proposta de que a comunidade evangélica da cidade se reunisse e criasse um evento, ao qual daria total apoio, afirmando: “eu sou prefeito de todos, e estou pronto para ajudar a todos”.³²

Faltando, portanto, vinte e três dias para começar o carnaval, foram iniciados os preparativos do I ECC. Sem muita experiência em eventos e com a falta de recursos humanos e financeiros, os pastores começaram a contactar pessoas que pudessem fazer parte do Encontro. A abertura se deu no dia 13 de fevereiro no Antigo Museu Vivo da Ciência e Tecnologia e teve como preletor oficial o pastor da Igreja Batista Ágape, em Vila Mariana (SP) e vice-presidente da Agência de Informações Religiosas (AGIR), Joaquim de Andrade, além do pastor da Igreja Presbiteriana Central de Campina Grande, Jorge Noda. De forma tímida, o ECC reuniu apenas 400 pessoas no local por reunião e não teve muita repercussão na cidade devido ao ENC que estava na sua oitava edição e o Crescer no seu terceiro ano.

O segundo ECC, de 3 a 7 de Março de 2000, foi realizado ainda no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia e ainda incorporado ao evento o espaço da Associação Atlética Banco do Brasil - AABB. A abrangência do Encontro foi bem maior, e segundo informações veiculadas no site oficial do evento,³³ circularam 7 mil pessoas nos cinco dias do Encontro.

O aumento também se deu no número de preletores vindos de diversas localidades do país na área de heresiologia, a exemplo dos pastores Paulo César Pimentel, Presidente do Centro de Pesquisas Religiosas - CPR, e do pastor José Barbosa de Sena Neto, ex-padre e ex-capelão carismático da comunidade Shaloom, hoje, pastor licenciado da Igreja Presbiteriana

³². Entrevista realizada com assessor do ECC, pastor Gomes Silva, na sede oficial do ECC no dia 23/03/05.

³³. Dados sobre o número de participantes das edições do ECC retirados do site oficial do evento- www.conscienciacrista.org.br

Reformada Avivada do Brasil, da cidade de Fortaleza (CE), além do já conhecido pastor Joaquim de Andrade. Os temas abordados em sua maioria tratavam novamente de questões ligadas a Nova Era como Ordem Rosa Cruz, Movimento Hare Krishna, Fé Bahá'i, Seicho-No-Ie, Igreja Messiânica, Esoterismo, Gnosticismo. Contudo neste ano o leque de temas aumentou e foi discutido também Espiritismo, Budismo, Mormonismo, Catolicismo, Jeovismo, Movimento Carismático, terapias alternativas e Ioga.

Em 2001, terceiro ano do ECC, de 23 a 27 de fevereiro, o público ultrapassou 10 mil pessoas e várias organizações deram apoio maciço ao evento como: O Instituto Cristão de Pesquisas – ICP (SP) -, a Ordem de Ministros Evangélicos do Brasil, Seção Campina Grande OMEB/CG a Universidade Federal com Jesus Cristo (UFJC) da APEP (Associação de Pastores Evangélicos da Paraíba). Os temas abordados foram: ocultismo, Santo Daime, Kardecismo, Cultos Afro-brasileiros, Ufologia e os desafios da igreja para o terceiro milênio.

Neste mesmo ano começou uma evangelização por parte dos alunos da UFJC (Universidade Federal Jesus Cristo) chamada “Quartel da Nova Era”, que consistia em levar ao Teatro Municipal Severino Cabral, sede oficial do Encontro para a Nova Consciência na época do carnaval, folhetos e literaturas que tratavam dos perigos da “Nova Era”.

Já no ano de 2002, quarto ano do ECC, ele se transforma numa entidade sem fins lucrativos, como explicita o pastor Euder Fáber:

A princípio esse evento surgiu da Igreja O Brasil para Cristo e o evento foi evoluindo, foi crescendo e nós não tínhamos como manter o evento, apesar de desde o princípio nós sempre dizíamos que esse evento não era da Brasil para Cristo, era feito por pastores da Brasil para Cristo que contava com o apoio da OMEB - Ordem de Ministros Evangélicos do Brasil, que tem seu conselho estadual com sede em Campina Grande, e de todas as igrejas da Cidade de Campina Grande. A partir do quarto encontro foi fundada a VINACC, que é uma entidade, uma pessoa jurídica, que é a Visão Nacional para a Consciência Cristã, e a partir daí foi que o evento tomou, vamos dizer assim, institucionalmente, de direito, um interdenominacional, até então era de fato, não era de direito, não havia instituição fundada nessa pessoa jurídica que viesse a administrar a realização do encontro. A partir de 2002, quando foi realizado o quarto Encontro para a Consciência Cristã foi fundada a VINACC a partir daí, tem se desempenhado a sua execução por essa instituição.³⁴

Essa entidade tem uma diretoria composta por vários pastores de denominações diferentes, como Igreja Presbiteriana, Avivamento Bíblico, Batista Independente, Batista Nacional, Brasil para Cristo, Doutrina Primitiva, entre outras. O pastor Euder Fáber comenta a este respeito, e afirma que “a VINACC é uma instituição fundada por pastores de várias

³⁴. Entrevista com o pastor Euder Fáber, realizada na sede da VINACC em 23/03/05.

denominações na sua diretoria e também associados que podem votar e serem votados caso sejam convidados por essa diretoria que passa por uma eleição a cada três anos”.³⁵

A abertura oficial do quarto ECC, de 8 a 12 de fevereiro de 2002³⁶, no Ginásio da AABB, tratou dos “Desafios da Igreja para o III Milênio” e teve com o preletor oficial o Pr. Ricardo Godim, que é Presidente Nacional das Igrejas Assembléia de Deus Betesda – SP e Presidente do Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos - SP. As palestras trataram de: “As causas do homossexualismo”; com João Luís Santolin – RJ, Coordenador do Movimento pela Sexualidade Sadia e membro da Igreja Presbiteriana da Barra; “A bruxaria e seus perigos”, proferida pelo pastor da Igreja Batista Getsêmani e ex-bruxo Seraph Nguenge; “Como identificar uma seita”, pelo pastor Joaquim de Andrade; “Adeus drogas. Há Deus”, com Pr. Marcos Mattos-RJ da primeira Igreja Batista de São José de Caiana – PB. O encerramento ficou a cargo do pastor Seraph Nguenge, que deu seu testemunho com o tema: “De filho de bruxo a filho de Deus”. A organização do ECC, não soube informar, com precisão, o número de participantes por considerar incalculável.

Se no segundo ECC o público chegou a sete mil nos cinco dias do evento, o quinto encontro de 27 a 04 de março de 2003, contou com seis mil pessoas só na sua abertura para ouvir a palestra “Os desafios da humanidade para o III milênio” com o preletor Hernandes Dias Lopes, da Igreja Presbiteriana - Vitória/ES. Em seguida, houve a participação do coral de vozes e Banda de Música da Assembléia de Deus – CG, - além de André Oliveira e Enock Lou de Belo Horizonte que é ex – couver do cantor Raul Seixas.

Neste ano, não só aumentou o número de preletores e público, mas também o espaço ocupado pela ECC, que passou a utilizar o Parque do Povo, instalando o que eles chamam de Representação do Tabernáculo Bíblico, que é uma estrutura móvel, à base de tendas, com capacidade para aproximadamente 10 mil pessoas em suas partes internas e externas. Além deste espaço, a Pirâmide do Parque do Povo e o Centro Cultural fizeram parte do quinto ECC. Foi criado ao lado do Tabernáculo Bíblico uma praça de alimentação com pizzarias, e restaurantes onde foi instalado também um palco, que nos intervalos das palestras, apresentaram-se bandas, cantores, corais e peças de teatro. Outra novidade foi o “I Consciência Cristã Kids”,³⁷ com a participação de 500 crianças durante as seis noites, um espaço infantil na Pirâmide do Parque do Povo, no qual aconteceram apresentações de palhaços, fantoches, peças, filmes e musicais. Este espaço foi criado segundo os

³⁵. Entrevista com o pastor Euder Fáber, realizada na sede da VINACC em 23/03/05.

³⁶. Ver Programação do IV ECC na íntegra no anexo (Legenda: 1).

³⁷. Ver foto do “I Consciência Cristã Kids” no anexo (Legenda: 16).

coordenadores do ECC para que os pais pudessem participar de palestras sem se preocupar aonde deixar os seus filhos, sendo aproveitado ainda para a evangelização de crianças de um a dez anos.

Na mesma época surge outro evento paralelo, o “I Treinamento para Aconselhamento Cristão”, voltado para questões da sexualidade que desafiam a igreja. Durante o encerramento do ECC no Tabernáculo Bíblico, no Parque do Povo, aconteceu o testemunho “A metamorfose que Deus fez na minha vida”, por Enock Lou. Segundo o Jornal Consciência Cristã em Foco³⁸, mais de 50 mil pessoas participaram das palestras no Parque do Povo e no Centro Cultural nos seis dias do evento. Quinhentas igrejas da Paraíba deram apoio maciço, 190 delas, só de Campina Grande.

Entre as palestras, a que causou maior repercussão foi à proferida pelo pastor Joaquim de Andrade com o tema “As falsas profecias de Helen Gould White-Adventismo”. Receosos com o que Joaquim de Andrade pudesse falar sobre os Adventistas do Sétimo Dia nesta palestra, esta comunidade entrou com um pedido de liminar impetrada na Justiça Comum Estadual pelo advogado Saulo Muniz de Lima, tentando impedir a sua realização, cujo pedido foi negado pelo juiz Valério Andrade Porto da 5ª Vara Cível. O resultado foi à criação de uma nova palestra na Pirâmide do Parque do Povo, com Joaquim Andrade e o teólogo e Adventista Ângelo Gabriel, para tentar resolver o impasse.

A sexta edição do ECC, de 19 a 24 de fevereiro de 2004³⁹ começou a sua organização com um seríssimo problema a resolver. Desde o ano anterior o ECC era realizado nas dependências do Parque do Povo, que, como de protocolo, deveria ser mandado um ofício com bastante antecedência para a Prefeitura Municipal, governada na época pela então prefeita Cozete Barbosa. Ofício mandado surge à discussão entre ceder o espaço do Parque do Povo para o Encontro para Nova Consciência ou para o ECC. Depois de muita espera, a prefeitura decidiu ceder o espaço para esta entidade. Daí surge o segundo problema, a Prefeitura Municipal, envolvida em problemas políticos e financeiros, corta a verba para os três eventos que para o ECC, girava em torno de 130 mil reais.

O Jornal Consciência Cristã em Foco demonstra bem a situação dos organizadores:

Faltando menos de 30 dias, os coordenadores tiveram a difícil missão de decidir entre desistir do evento e jogar na “lata” do lixo os cinco anos de trabalho, voltar para a AABB, saindo do Parque do Povo, algo que tanto

³⁸. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2003.

³⁹. Ver Programação do VI ECC na íntegra no anexo (Legenda: 2).

lutaram; ou realizar o VI Encontro, mesmo correndo o risco de ficarem inadimplentes, comprometendo assim a imagem do evento.⁴⁰

A decisão, portanto, da VINACC, foi realizar o evento mesmo diante de tantas intempéries, confiando que o dinheiro em caixa, e com a corrida na busca de outros patrocínios ao seu término, pudessem ser quitadas todas as dívidas. Uma outra mudança de caráter decisivo foi à substituição na diretoria geral, que ficou a cargo do pastor Euder Fábio que era vice-diretor. Isso ocorreu devido à ausência do pastor Ridalvo Alves, que foi morar em São Paulo para fundar uma faculdade teológica, deixando nas mãos de Euder a incumbência de realizar os eventos seguintes. De forma carismática e empreendedora, o pastor Euder levou adiante o evento imprimindo nele uma organização austera e disciplinada.

A abertura contou com um público de quase sete mil pessoas para escutar o pastor Ricardo Godim da Igreja Assembléia de Deus Betesda (SP), que teve como tema “De volta à mensagem da cruz”. As palestras trataram de temas variados como: escatologia, heresiologia, apologética, ciência, sexualidade, teologia, missiologia, ação social e etc. Os principais preletores foram João Luis Santolin, que participa desde o quarto evento, Joaquim de Andrade e Jorge Noda (desde o primeiro evento), e Ricardo Godim, pela segunda vez.

Além do aumento das palestras, no total de 54, do espaço físico e dos preletores que ao todo foram 23, subiu para sete o número de eventos paralelos. O destaque entre os eventos paralelos, foi sem dúvida, o “I Ação Social e Cidadania com Cristo” que proporcionou evangelização, aconselhamentos, palestras educativas, emissão de documentos, atendimento odontológico, orientação de saúde bucal, verificação da pressão arterial, auto-exame da mama, corte de cabelo, oficina de arte, distribuição de mudas, doação de sangue e recreação infantil.

Contudo, o que ficou marcado no VI ECC foi o número de conversões, que chegou a cem. Na palestra de Joaquim de Andrade, que tratava de espiritismo, seis pessoas que estavam ligadas à religião Espírita se converteram. O mesmo aconteceu no encerramento do evento, com testemunho de Rodolfo Abrantes, ex-vocalista do grupo de rock conhecido como “Raimundos”, que falou como foi a sua passagem para a comunidade evangélica. Segundo o *Jornal Consciência Cristã em Foco*:

Podia-se ver e sentir a mudança feita pelo Espírito Santo, pois houve um grande quebramento na vida de 56 jovens que se converteram naquela noite.

⁴⁰. Consultar *CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO*, 2004 a.

Ao lado mães choravam felizes porque presenciavam a conversão na vida de seus filhos que elas esperavam há muito tempo.⁴¹

O VI ECC superou, portanto, às expectativas, e alcançou um público de cem mil pessoas nos seis dias do encontro, segundo o site oficial do evento⁴². Mesmo diante de tantas complicações, como a falta de verbas e a ameaça de não conseguirem o Parque do Povo, alguns objetivos foram alcançados, entre eles, o de aumentar o número de público de Campina Grande e de outras regiões, de preletores e eventos paralelos, bem como firmar novas parcerias com as igrejas evangélicas do Estado e do Brasil e com diversos órgãos de comunicação.

O VII ECC, ocorreu entre os dias 3 e 8 de fevereiro de 2005⁴³. A cerimônia de abertura contou com a participação das principais lideranças evangélicas da cidade, do Governador do Estado - Cássio Cunha Lima, - do Prefeito de Campina Grande, Veneziano Vital do Rêgo, do Vice-Prefeito, José Luís Júnior, do Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Rômulo Gouveia e do Presidente da OMEB, Clélio Cabral, entre outros.

Já em seu discurso de abertura, o Governador Cássio Cunha Lima, expôs a sua alegria em participar do encontro desde 1999, quando este acontecia ainda no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia e acrescentou

embaixo desta tenda no Parque que é do Povo, que se encontram pela a primeira vez Prefeito e Governador e esse encontro que a cidade espera que nós possamos ter em nome daquilo que há de mais sagrado na gestão de uma cidade ou Estado que é o bem público para que possamos compreender que temos nossas diferenças políticas e partidárias, mas que temos um ponto de convergência que é o bem de Campina Grande.⁴⁴

De fato foi somente no VII ECC que o Governador da Paraíba Cássio Cunha Lima (PSDB), que há vários anos foi prefeito de Campina Grande se encontrou com o seu rival político Veneziano Vital do Rego (PMDB) que acabara de vencer o candidato do governador - o Deputado Federal Rômulo Gouveia - nas eleições para Prefeitura de Campina Grande.⁴⁵

⁴¹. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2004b.

⁴². No site do encontro existe a informação que no ano de 2004, VI ECC e em 2005, VII ECC o público circulante foi de 100 mil pessoas nos seis dias de evento, mas na entrevista coletada por mim na sede da VINACC no dia 23/03/05, o pastor Euder afirmou que em 2004 circulou 50 mil pessoas e em 2005, 70 mil pessoas. Enfim, há controvérsias quanto ao número de participantes de cada edição.

⁴³. Ver Programação do VII ECC na íntegra no anexo (Legenda: 3).

⁴⁴. Trecho do discurso do Governador do Estado, Cássio Cunha Lima, na abertura do VII ECC, no dia 03/02/05.

⁴⁵. Ver foto do Governador da Paraíba e do Prefeito de Campina Grande na abertura do VII ECC no anexo (Legenda: 12).

Assim, a abertura do VII ECC foi marcada por um grande público, tanto evangélico como de profissionais do jornalismo, afinal, este era acontecimento inédito do período pós-eleitoral.

A palestra de abertura foi com o pastor Antônio Carlos, da Igreja Presbiteriana do Brasil da Barra - RJ e teve como tema “A mensagem da cruz”. Depois das palestras, por volta das 22 horas, tinha início o “I Festival de Talentos Musicais”,⁴⁶ que tinha como objetivo descobrir talentos da música gospel do Estado da Paraíba.

Por trás da Pirâmide do Parque do Povo, ficavam localizadas as ilhas onde ocorriam as palestras e boa parte dos eventos paralelos. As principais palestras foram “O Kardecismo e as suas incoerências”; “Análise doutrinária da Igreja do Véu”, com o pastor Joel Santana; “Ufologia: Será que estamos sós no universo?”; “Ecumenismo: o que está por trás?”, com o pastor Joaquim de Andrade; “Magia, conspiração e poder”, com Ricardo Marques; “Movimento Carismático: qual o seu objetivo?”, com o pastor Joaquim de Andrade; “Aparições de Fátima X Holocausto” com o pastor Joaquim de Andrade. Ao todo foram 31 palestrantes, 42 palestras nas ilhas e 33 palestras nos eventos paralelos.

O encerramento ficou a cargo do ator Jece Valadão com o tema “E tudo se fez novo”. O seu testemunho tratou de sua passagem para o protestantismo e da mudança provocada por Jesus na sua vida. Em entrevista para o site oficial do evento, Jece Valadão comentou sobre suas impressões do VII ECC e disse:

Este evento é de uma capacidade enorme, algo nunca visto antes por mim. Já participei de grandes concentrações, como simpósios, congressos tanto em nível nacional quanto internacional, mas este, é, na realidade, muito grande. Isso demonstra a capacidade dos seus organizadores.⁴⁷

Nos seis dias do evento, foi possível notar quais foram às principais denominações evangélicas que fizeram parte do Encontro. Notamos, uma concentração bastante grande de fiéis da Brasil para Cristo, igreja que criou o evento, da Igreja Presbiteriana, da Congregacional, Assembléia de Deus, Batista, Metodista, Avivamento Bíblico, Evangelho Quadrangular, etc. Além destas igrejas acima citadas, cerca de 500 outras igrejas do Estado da Paraíba e 150 da cidade de Campina Grande deram apoio maciço à realização da sétima edição do ECC, conforme comentário do Pastor Gomes:

Todas as igrejas de Campina Grande com exceção daquelas igrejas que seguem uma linha doutrinária diferente da visão da VINACC tais como as

⁴⁶. Ver foto do “I Festival de Talentos Musicais” no anexo (Legenda: 14).

⁴⁷. Consultar VINACC, 2003.

igrejas Verbo da Vida e a Igreja Internacional, Universal apóiam o encontro. Por exemplo, nós chegamos numa igreja dessa o pastor dá o púlpito para que nós divulguemos o evento, a gente chega num púlpito desse e tem liberdade pra divulgar o evento, pra tirar mantenedores, fazer o apelo para quem quer ser mantenedor, então os pastores abrem espaço, além de pagar o seu dízimo dar a sua oferta na sua igreja, muitos deles são mantenedores da VINACC, ou seja, uma manutenção que eles é que definem, não é uma exigência nossa, é eles que definem.⁴⁸

A partir das colocações do pastor Gomes, observamos que há uma linha demarcatória sobre quais igrejas podem participar do ECC. As igrejas neopentecostais como Universal do Reino de Deus, Sara Nossa Terra, Verbo da Vida e Internacional da Graça de Deus, entre outras, não participam do ECC, segundo os seus coordenadores, por não serem consideradas estritamente evangélicas, ou ainda, porque são responsáveis pela deturpação do Evangelho ou da própria comunidade evangélica.

Empiricamente esta hostilidade dos evangélicos com os neopentecostais foi confirmada quando entrevistamos o palestrante da Igreja Presbiteriana da Barra da Tijuca/ RJ Antônio Carlos. Segundo o pastor,

A universal não é protestante, ela não é evangélica. A universal não prega o que nós estamos pregando. A mensagem do Cristianismo é “procure a santidade e encontrarás como produto final a felicidade”. E a pregação da IURD infelizmente coloca a felicidade, a prosperidade, o pagamento de dívidas, a solução para os problemas amorosos, acima de tudo em cultos que de fato não glorificam a Deus, onde a fé pública é explorada. E o que acaba acontecendo é que se cria uma imagem que todo evangélico é igual e nós não somos, nós viemos de uma tradição que formou a Universidade de IEIO a Universidade de Harvard de Princeton que influenciou a constituição inglesa a constituição americana fazemos parte de uma tradição que aboliu a escravidão na Inglaterra nos Estados Unidos de uma tradição então que colonizou nações que trouxe cultura educação promoveu a ciência e que pregou o evangelho. E o que hoje essa igreja e outras supostas igrejas evangélicas estão fazendo no nosso país é completamente diferente desta tradição libertária. Infelizmente nós estamos vendo no nosso país uma evangelização a brasileira, todos os elementos vamos dizer assim deletérios prejudiciais da cultura brasileira estão presentes em grande parte da espiritualidade brasileira, modelos bastante místicos e neste encontro nós estamos tentando corrigir isso.⁴⁹

O pastor Antônio Carlos que é um grande pesquisador e conferencista da temática do protestantismo com diversos livros publicados sobre esta temática, indica que o que afasta a

⁴⁸. Entrevista com o pastor Gomes realizada no dia 23/03/05 na sede da Visão Nacional para a Consciência Cristã.

⁴⁹. Entrevista concedida a mim por ocasião do VII ECC no dia 03/02/05.

Igreja Universal do Reino de Deus do universo protestante deve-se ao fato que aquela incorporou elementos prejudiciais da cultura brasileira tornando-se bastante mística. Obviamente sem juízos de valor, ou colocações pejorativas, Ari Pedro Oro (2007) afirma que a IURD pode ser considerada uma igreja *heligiofágica*, ou o que Ronaldo Almeida intitulou como igreja que procedeu a uma fagocitose religiosa. Segundo Oro uma igreja *heligiofágica* pode ser entendida quando esta constrói “seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários” (ORO, 2007: 33). A exemplo, Oro enumera algumas crenças da IURD demonstradas por diversos autores, que são provenientes de outras religiões como o dízimo católico, os rituais de “fechamento de correntes” e a “corrente de mesa branca” – práticas específicas do campo religioso mediúnico brasileiro -, além da ressemantização das entidades afro-brasileiras, em que a IURD não nega a sua existência mais transforma os seus significados. Por estas questões, que Oro comenta e que o pastor Antônio Carlos também enfocou, é que a IURD não é vista com bons olhos pelo ECC. Assim, a IURD não participa do ECC de forma institucional muito embora seus fiéis de forma individual assistam algumas de suas palestras.

As palestras na VII edição do ECC versaram sobre temas variados, e foram ao todo quarenta e duas. Dentre as palestras que tiveram maior público destacaram-se as que tinham como tema à teologia de outras religiões, como a exemplo a de pastor Joaquim de Andrade⁵⁰ no dia 08/02/05, “Ecumenismo: O que está por trás”. O que é interessante notar é que todas as palestras do pastor Joaquim Andrade desde o primeiro ECC, arrebanham um público imenso, pois pelo que pudemos observar através de conversas informais e entrevistas diretas e apreciação das palestras, o pastor é uma espécie de show – man, no qual às suas colocações com relação às demais religiões, são incisivas e por vezes preconceituosas, o que cria uma imagem de combatente leal da fé Cristã, gerando conflitos com as demais religiões, como a exemplo do ano de 2003, no qual ele se desentendeu com os Adventistas e em 2004 com os adeptos de William Marrion Branham, fundador da igreja Tabernáculo da Fé, e em 2005 com a comunidade Católica-Carismática de Campina Grande, por afirmar, no Jornal da Paraíba e em sua palestra “Fátima X Holocausto”, que as aparições de Fátima eram demoníacas.

Joaquim de Andrade é, digamos, o preletor mais querido, não só por participar do Encontro para a Consciência Cristã desde o primeiro ano, mas porque as suas palestras são polêmicas e o público se diverte diante da sua performance.

⁵⁰. Ver foto do Pastor Joaquim de Andrade no anexo (Legenda: 13)

Além da participação da comunidade evangélica nas palestras do ECC, observamos a presença de fiéis de outras comunidades, como os católicos e de algumas comunidades especiais isoladas de todas as congregações cristãs, que segundo a classificação de alguns estudiosos, são igrejas paralelas à Reforma⁵¹, como os Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia e os Mórmons. Elas representam assim, para o ECC, a possibilidade de uma conversão ao protestantismo.

No VIII Encontro para a Consciência Cristã aconteceram seis grandes concentrações noturnas e dez eventos paralelos. Os temas abordados foram: “O que está por trás do ecumenismo”; “A Vulgarização do Sagrado e a comercialização da fé”; “Como as seitas controlam as Mentes dos Adeptos”; “A Igreja Evangélica e os desafios da Pós-Modernidade”; etc. O público aumentou e teve a participação de várias caravanas de outros Estados. De acordo com Marta Caixa do Estado de Pernambuco,

Os temas foram ótimos e necessários para a igreja aprender e lutar contra o misticismo. Fiquei admirada com a estrutura e a organização, pois a gente sai do culto e já é encaminhado para os locais de palestra. Os preletores tem o respaldo bíblico e o testemunho de vida. Isso é importante.⁵²

Contudo, o ponto alto do VIII ECC foi à palestra com Eliane Deferrari. De acordo com a palestrante “A igreja, precisa investir na família, incentivar os casais a lerem mais sobre esse assunto e formar líderes para trabalhar com as famílias, que muitas vezes sofrem sem saber a que recorrer, como ficou claro nas pessoas que a procuraram durante o Fórum da Família, em Campina Grande.”⁵³

O IX Encontro para a Consciência Cristã aconteceu de 15 a 20 de fevereiro de 2007⁵⁴, no Parque do Povo.⁵⁵ De acordo com o site do ECC, o evento este ano visou “proporcionar uma consciência cristã a nossa sociedade, e a edificação do corpo de Cristo, bem como promover o crescimento do indivíduo na sociedade e na família”.⁵⁶

Igualmente ao Crescer, o Encontro para a Consciência Cristã também foi incluído, no dia 29 de dezembro de 2006, no calendário turístico da cidade. Foi também acordado, através de um decreto lei assinado pelo prefeito de Campina Grande Veneziano Vital do Rego, que a

⁵¹. Consultar GAARDER, 2000:213.

⁵². Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2006 a.

⁵³. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2006b.

⁵⁴. Consultar Programação do IX ECC na íntegra no anexo (Legenda: 4).

⁵⁵. Ver foto do espaço físico do IX ECC (Legenda: 17).

⁵⁶. Consultar site oficial do evento www.conscienciacrista.org.br

área do Parque do Povo ficará reservada durante o período do carnaval para a realização do ECC. No mesmo dia Veneziano ainda assinou uma ordem de serviço para a construção do Monumento à Bíblia que será edificado na Praça Alfredo Dantas, e a doação de um terreno onde será construído o Complexo onde funcionará os Encontros de Casais e Jovens com Cristo.

Ao contrário dos outros anos o ECC, bem como, o ENC e o Crescer não receberam apoio do governador Cássio Cunha Lima. Através de um Decreto Lei 27. 966 de 5 de janeiro, o governador cancelou todos os patrocínios de eventos previstos para 2007. Este fato causou grande preocupação aos organizadores do ECC, tendo em vista que o governo do Estado era responsável pelo apoio de mídia, hospedagem, alimentação de preletores, passagens aéreas, locação de sonorização e cadeiras, além da estrutura do Tabernáculo Bíblico. Desta forma, o presidente da VINACC, Euder Fáber,⁵⁷ fez um apelo à comunidade evangélica da cidade para que esta torna-se mantenedora do evento. Sobre a falta de apoio do Governo do Estado, o pastor Euder Fáber Comentou,

Eu acho que o evento já extrapolou a esfera da própria instituição, hoje o evento pertence a cidade, pertence a uma comunidade, pertence a um povo, nós jamais poderíamos retroceder em não realizar o evento por falta de apoio do Estado ou de quem quer que seja, porque entendemos que o povo de Deus tem sensibilidade, tem visão, tem amor pela causa, e esse mesmo povo é que vai estar contribuindo e colaborando e com a graça de Deus nós vamos tá sanando todas as despesas do Encontro para a Consciência Cristã.⁵⁸

No dia 10 de fevereiro de 2007, membros do Projeto Jonas,⁵⁹ começaram a divulgação do 9º Encontro para a Consciência Cristã na praça central da cidade, a Praça da Bandeira.

A abertura do evento contou com a participação do Prefeito Veneziano Vital do Rêgo e do vice José Luiz, do Deputado Federal Rômulo Gouveia, do presidente Ordem de Ministros Evangélicos do Brasil, Seção Campina Grande OMEB/CG, Clélio Cabral, e da APEP - Associação de Pastores Evangélicos da Paraíba. A palestra que abriu o evento “Pode o homem viver sem Deus?” foi proferida pelo pastor presbiteriano de Vitória (ES) Hernandes Dias Lopes. Em entrevista concedida a mim, Hernandes Lopes comentou,

⁵⁷. Ver foto do coordenador do ECC, Pastor Euder Fáber, no anexo (Legenda: 11).

⁵⁸. Entrevista realizada com o coordenador do ECC por ocasião do IX ECC no dia 17/02/07.

⁵⁹. O Projeto Jonas é um evento paralelo do ECC que já está na sua III edição. Este projeto visa de acordo com o Jornal CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, (2007a), alcançar uma cidade – alvo inteiramente em apenas duas horas de evangelismo através de programas de rádio e TV, avião, carros de som, trio elétrico, folhetos, internet, nas rodoviárias, presídios, lares, por telefone. Este projeto está sob a coordenação do pastor Jadiel Davi Rocha, que também nessa evangelização divulga o ECC.

Esse evento é importante, sobretudo porque numa época caracterizada por uma grande confusão doutrinária, numa multiplicidade de discursos religiosos, a maioria dos quais sem nenhum respaldo bíblico, o evento vem com essa proposta de resgatar e relembrar a comunidade evangélica de Campina Grande as grandes verdades da fé cristã, daí ele muito apropriadamente é chamado Encontro para a Consciência Cristã – Uma Visão Cristocêntrica, que de fato Cristo é o elemento central deste encontro.
60

Para as instâncias governamentais, a exemplo do prefeito de Campina Grande Veneziano Vital do Rêgo, o Encontro para a Consciência Cristã é

importante sobre vários aspectos. Primeiro porque não podemos perder de vista que o evento propõe tratar do assunto que deve ser pauta de todos os nossos dias: a mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para nós é muito gratificante poder no período do carnaval estar realizando um evento desta grandeza que reúne tantas e tantas milhares de pessoas que vem de outros Estados e outros municípios para trazer a Campina Grande um debate, assuntos, sobre o tema mais belo que é a mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, propondo alcançar outros tantos corações, e temos visto isso em resultados efetivos. Anos após ano o evento da Consciência Cristã consegue chamar o maior número de pessoas, mostra da força da mensagem que é traduzida através de cada um das tantas pessoas que aqui estão presentes.⁶¹

Foram ao todo 68 palestras, 21 palestrantes divididos em nove encontros paralelos. Destacaram-se as palestras: “Os políticos evangélicos e a Ética Cristã” e “A Secularização da Igreja hoje” com Jorge Noda; “Sincretismo “cristão”: descarrego, sal grosso, rosa unguida, fita unguida, correntes...” e “Judeus Messiânicos: quem são eles?” com o pastor Joaquim de Andrade; “Quem é o Messias da Nova Era” e “O que é a Opus Dei?” com Paulo Cristiano, “Ética na Igreja na Pós-Modernidade” com Luis Carlos; “Pode-se crer no ateísmo?” “Os Profetas da prosperidade a luz da Bíblia” com José Mário.

Entre estas palestras, o ECC nesta edição, demonstrou uma atenção especial com temas como sexualidade, família e juventude. Desta forma aconteceu o “II Encontro Para uma Família Sadia” com o casal Gilson e Eliane Deferrari da Assembléia de Deus do Rio Grande do Sul. As palestras deste encontro foram: “Família para quê?”; “Qual é o segredo para ser feliz no casamento?”; “O lar Cristão”; “A crise na família e o reflexo na sociedade”; “Restaurando o casamento”; “Como educar os filhos em tempos pós-modernos?”.

⁶⁰. Entrevista realizada com Hernandes Dias Lopes por ocasião do IX ECC no dia 15/02/07.

⁶¹. Entrevista realizada com o prefeito de Campina Grande Veneziano Vital do Rêgo por ocasião do IX ECC no dia 15/02/07.

Aconteceu ainda o “II Encontro para uma Sexualidade Sadia” com a presidente da Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade – ABRACEH/RJ - Rozângela Justino. Aqui foi discutido “As violências sofridas na infância e/ou adolescência e os seus reflexos na vida adulta”; “Transtornos comportamentais e sexuais, segundo a Cid 10”; “Homossexualismo e o abuso sexual”; “Da homossexualidade à heterossexualidade: há possibilidade de resgate da heterossexualidade”; “Desenvolvendo um ministério de apoio para uma sexualidade sadia”; “Apoiando os que voluntariamente desejam deixar a promiscuidade sexual”.

Em matéria veiculada no Jornal Consciência Cristã em Foco, a palestrante Rozângela Justino comentou sobre a proposta deste encontro paralelo, afirmando que o seu trabalho visa “... facilitar a compreensão de pessoas e famílias atravessadas pelos reflexos do movimento desconstrucionista, ajudando equipar apoiadores. A abordagem abrangerá os aspectos biológicos psico-sócio-culturais, permeados pelas Escrituras Sagradas.”⁶²

Complementando estes dois eventos paralelos que discutiram sobre família, juventude e sexualidade, ocorreu ainda o “IV Desperta Débora” e o “VII JUVEP”. O Desperta Débora é um ministério que visa despertar as mulheres a orarem pelos seus filhos e os de outras pessoas para que eles sejam tementes a Deus. Este encontro contou com as participações de Russel Shedd da Igreja Batista/SP, que falou sobre “Uma vida de Compromisso com Deus”, José Berlamino que abordou o tema “O Dever dos pais em Criar Filhos responsáveis”, e o missionário José Prado com o tema “A Oração que Muda a História”. Já o JUVEP é um Encontro da Juventude Paraibana no ECC. Este evento é organizado pela “Mocidade para Cristo”⁶³ que segundo a sua organizadora Analice Miná é “uma missão internacional que existe em mais de 110 países no mundo e aqui no Brasil em 33 cidades. Em Campina Grande existe há 17 anos. Nosso alvo principal é o evangelismo de jovens”.⁶⁴ Este encontro é composto por louvores, dinâmicas, peças, gincanas, coreografias, orações e palestras voltadas para jovens. Dentre as palestras a mais esperada foi “Discipulado e Missão: Alcançando a juventude Brasileira” com o pastor José Roberto Prado.

Contudo, o ponto alto do IX Encontro para a Consciência Cristã foi o “II Consciência Cristã em Debate”⁶⁵ com o tema “Religião e Pós-Modernidade”. Este debate contou com a participação de um ateu, um espírita, um padre e um evangélico. Foi a primeira vez que palestrantes de outras religiões fizeram parte do evento.

⁶². Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2007b.

⁶³. Ver foto da “Mocidade para Cristo” no anexo (Legenda: 15).

⁶⁴. Entrevista realizada com Analice Miná no IX ECC no dia 17/02/07.

⁶⁵. Ver foto do “Consciência Cristã em Debate” no anexo (Legenda:18).

É preocupação também do evento, a realização de trabalhos voluntários que são estendidos a toda a população de Campina Grande. Desta forma, desde 2005, o ECC realiza o “Ação Social e Cidadania com Cristo”.⁶⁶ Este evento paralelo aconteceu no sábado pela manhã e teve as seguintes prestações de serviço: corte de cabelo, emissão de documentos, palestras sobre segurança no trânsito e meio-ambiente, testes de glicemia, vacinação e verificação da pressão arterial. De acordo com o coordenador da “Ação Social e Cidadania com Cristo” Marcos Fróes que é pastor na Igreja Casa da Benção

Na “Ação Social” essa questão de parceria de igrejas evangélicas vai muito além, porque aqui é convidado a participar todos aqueles que se dispuserem e tenham boa vontade, sem questionar sua postura ou fé religiosa, podem ser ateus, espíritas, carismáticos, indiferente do credo religioso que a pessoa confesse é bem vindo para estar aqui conosco participando do III Ação Social com Cristo.⁶⁷

Em se tratando da importância que os participantes creditam ao ECC, tivemos opiniões diversas; uma delas foi à de Carmem Dolores, que é membro da Igreja Congregacional em Campina Grande. Ela afirmou, que o ECC

é algo grandioso pra Campina, não só pra Campina, mas eu acho que pra o país inteiro, já que trás pessoas de outras cidades. Porque na verdade o ser humano busca muitas coisas, mas o verdadeiro encontro é só com Deus, e como Campina é um pólo que trás indústria, que trás comércio, que cria que leva, e que trás, acho que seja muito bom esse encontro pra que as pessoas venham pra cá, se encontrem com Deus no Parque do Povo e saiam dizendo que Deus existe.⁶⁸

Já para o palestrante Israel Rocha, da Igreja Assembléia de Deus – SP -, levanta questões mais profundas fazendo uma correlação com o ENC. Para ele:

O ECC representa uma vitória para a igreja evangélica para o povo evangélico, por quê? Porque Campina Grande é conhecida como a capital mundial da fé, ela tá envolvida com esoterismo, com espiritismo e vários outros ismos por aí, então a intenção dos patrocinadores, dos programadores da Consciência Cristã é realmente, o nome diz tudo, é conscientizar as pessoas sobre a pessoa de Cristo, o que é a pessoa de Cristo, quem é a pessoa de Cristo, qual é o significado dela para a humanidade, porque enquanto na

⁶⁶. Ver foto do “III Ação Social e Cidadania com Cristo” no anexo (Legenda: 19).

⁶⁷. Entrevista realizada com Marcos Fróes no IX ECC no dia 17/02/07.

⁶⁸. Entrevista realizada por ocasião do IX ECC no dia 17/02/07.

Consciência Cristã nós procuramos mostrar quem é Cristo, o que é Cristo, o porquê de conhecer Cristo, a Nova Consciência procura afastar as pessoas de Cristo.⁶⁹

Outros como o pastor José Mário, analisa a questão da pluralidade religiosa e diz,

Esse evento é importante, sobretudo porque ele numa época caracterizada por uma grande confusão doutrinária, numa multiplicidade de discursos religiosos, a maioria sem nenhum respaldo bíblico, o evento vem com essa proposta de resgatar e relembrar a comunidade evangélica de Campina Grande as grandes verdades da fé cristã.⁷⁰

Desta forma, observamos que neste mosaico de religiões que Campina Grande se apresenta na época do carnaval, surgem uma série de conflitos religiosos e políticos com relação aos três eventos. Em termos políticos o ECC e o Crescer criticam o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Campina Grande por garantirem maiores recursos e apoio para o ENC, e este, por sua vez, critica as mesmas instâncias governamentais por financiar eventos de caráter intolerante, que desrespeitam a liberdade religiosa. Em termos religiosos, o ECC acusa o ENC de trazer prejuízos espirituais para Campina Grande, e com relação aos carismáticos, os evangélicos, no espaço de seu evento, realizam palestras com o intuito de criticar suas crenças. Se nos anos anteriores o Crescer mantinha uma certa “cordialidade” com relação aos evangélicos e ao ECC, após as colocações do pastor Joaquim de Andrade sobre as aparições de Fátima serem manifestações demoníacas, o conflito de discreto passou a ser aberto.

Estas palestras que tratam de outras religiões no ECC fazem parte da estratégia dos coordenadores deste evento em converter o máximo de fiéis de outras religiões. Este evento, por sua vez, é o que mais investe neste sentido. Para tanto é reservado, como afirmamos acima, um grande espaço para discussão acerca das doutrinas e teologias de religiões diversas. Assim, vale mencionar as estratégias de conversão nos três eventos. Com relação ao ENC, observamos que por ser um evento inter-religioso e macroecumênico as estratégias de conversão são bem menos freqüentes, ou seja, o ENC tem como objetivo fundante o diálogo das religiões e não a conversão. Contudo conversões acontecem, tendo em vista a grande heterogeneidade de crenças existentes e, desta forma, alguns participantes acabam por mudar

⁶⁹. Entrevista realizada por ocasião do VII ECC no dia 06/02/2005.

⁷⁰. Entrevista realizada por ocasião do IX ECC no dia 15/02/07.

de religião, ou adotar uma religião que não possuíam ou ainda, o que é mais comum, transitar entre várias. Assim, a questão da unidade e da diversidade é muito forte dentro do ENC o que garante que haja também o reforço das identidades e não só o movimento de sincretismo. Tal idéia é conferida na própria organização estrutural do ENC, tendo em vista que ocorrem palestras centrais⁷¹, como temas abrangentes que propiciam a participação de um número variado de religiões, reforçando assim a idéia de unidade ou do que é comum a todas as religiões, bem como acontece concomitantemente os eventos paralelos⁷², que servem para demarcar as fronteiras, e firmar identidades proporcionado aos participantes temas específicos sobre religiões específicas. Mas o ENC se apresenta mais sob a ótica do diálogo, e o proselitismo parece não ser a preocupação maior do evento.

Entre o ENC e o ECC estaria o Crescer em preocupação com a conversão. Neste evento não há, diferentemente do ECC, palestras específicas sobre outras religiões. Estruturalmente o Crescer não possui um espaço específico no seu evento para debater, criticar ou refutar outras religiões como no ECC. Assim, as estratégias de conversão, ou crítica às demais religiões acontecem de forma transversal, ou seja, nas homilias, nos testemunhos ou ainda na preparação para o Ministério de Música. Mais isto não quer dizer que o Crescer não tenha a intenção de converter fiéis de outros credos, pelo contrário, a Renovação Carismática Católica – RCC -, movimento que inspirou o Crescer é bastante conhecida pelas suas estratégias de proselitismo e conversão, e estas características da RCC estão fortemente presentes no Crescer. Desta forma, no Crescer há sempre um líder enfocando os perigos do ENC e do Movimento Nova Era, bem como do ECC e dos evangélicos para Igreja Católica. Tais estratégias de conversão não cessam com o término do Crescer. Este evento ainda possui como salientamos anteriormente um site, um programa radiofônico e outro televisivo que leva mensagens a católicos-carismáticos e fiéis de outras religiões por todo ano.

O ECC por sua vez, de acordo com nosso trabalho de campo, é o que mais investe na conversão. Para tanto, boa parte das palestras deste evento tratam de forma crítica das doutrinas e teologias de outras religiões. A cada edição deste evento sempre é enfocando o número progressivo de conversões que aconteceram. O ECC ainda possui um jornal trimestral

⁷¹. A exemplo do caráter de unidade das palestras centrais citaremos algumas como: “Diálogo e Tolerância”, “O exercício da tolerância na construção de uma cultura de paz”, “Ciência e Tradição”.

⁷². Os eventos paralelos por sua vez reforçam o que é diverso trazendo palestras específicas sobre a teologia de diferentes religiões. Vejamos alguns exemplos, primeiro o nome da palestra e em seguida entre parêntese o encontro paralelo na qual ela está inserida: “Festa de Orixá, Preparação e Realização”, (Fórum das Religiões de Matriz Africana com Representatividade no Brasil); “Introdução ao Xamanismo e filtro dos sonhos” (III Seminário sobre Xamanismo); “Praticando o Zikr: despertar a consciência superior - prática espiritual mística islâmica” (VI Encontro da Ordem Sufi Halveti Jerrahi).

(Consciência Cristã em Foco) e um site onde há espaços específicos destinados a matérias que buscam esclarecer “os perigos das doutrinas” de diversas religiões. O ECC ainda promove outros eventos ao longo do ano, como o “Arraial de Deus”, na época São João, e festivais de música gospel, onde acontecem também inúmeras conversões.

Portanto, ao final deste capítulo, resta dizer que ele serve como uma introdução para as análises que estão por vir. Neste momento, a intenção foi situar o leitor quanto ao surgimento e principais características do Crescer e do ECC e do ENC. Aqui, de forma introdutória, levantamos algumas questões referentes ao que iremos estudar, como a relação de tolerância e intolerância entre carismáticos (Crescer) e evangélicos (ECC), bem como pincelamos outra abordagem que iremos tratar no último capítulo, qual seja: a importância creditada às questões como família, religião e sexualidade para os dois eventos e seus participantes.

De acordo com o objeto de estudo, no qual nos propomos estudar, é que achamos de fundamental importância discutir sobre conceitos como sincretismo e anti-sincretismo, tolerância e intolerância religiosa. Acreditamos que tais conceitos são de fundamental importância para a condução de nossa análise, tendo em vista que nas sociedades contemporâneas o desafio que vem se apresentando de forma mais aguda e sistemática com o advento da globalização, trata-se do confronto com a alteridade ou com o situar-se frente ao “outro” e este situar-se frente ao “diferente” conduz por vezes a uma série de sentimentos como aversão, hostilidade, intolerância, mas que também podem gerar sentimentos de união e respeito. Desta forma o próximo capítulo tratará destas questões.

CAPÍTULO III

(Anti)Sincretismo e (In)Tolerância entre Evangélicos e Carismáticos

3.1 Sincretismo e Anti-Sincretismo

Quando se fala de religião no Brasil, o que nos vem à mente é que o brasileiro é profundamente religioso. Aqui é o país mais católico do mundo, berço de inúmeras religiões nacionais como a Umbanda, o Santo Daime, a Barquinha, Vale do Amanhecer e União do Vegetal. Diz-se até que Deus é brasileiro (e se faz até filme para retratar isto⁷³) e que é quase impossível falar do Brasil sem mencionar como traço característico essa nossa profunda religiosidade. Mas, essa nossa religiosidade é vista por muitos teóricos como fluída, sincrética e nômade. Tais características são percebidas até em nossa música - “Acende uma vela pra Deus outra pro Diabo”⁷⁴ -, e literatura como mostrou Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas:

Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, pra mim é pouca talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardérque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. (...) Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e nos domingos, um rosário (ROSA, 1986: 8-9).

Tal religiosidade sincrética marcada pela festividade envolvendo o sagrado e o profano concomitantemente também é retratada nas artes plásticas brasileira. Na série “Objetos de Desejo” de Nelson Leirner de 2002,⁷⁵ apresentada no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães – MAMAM, em Recife, vemos a obra “Terra à Vista” de Nelson Leirner que retrata uma bela composição do Brasil plural, sincrético onde se misturam diversas miniaturas de Pombagiras, do Sagrado Coração de Jesus e Maria, de Budas, Iemanjás, São Jorges, Pretos-Velhos, marinheiros, Sacis, bruxas, sereias, Caboclos e Boiadeiros, Padres-Cíceros, Caboclos de Lança, anjos, Brancas de Neve, Bonecas Barbie, serpentes, elefantes, cordeiros, cachorros, Vishnus, Zé Pilintra e etc. Mas esta instalação, que ao mesmo tempo

⁷³. Refiro-me ao filme do cineasta Cacá Diegues de 2003 “Deus é Brasileiro”.

⁷⁴. Trecho da música “**Interesse**” (ED. Setembro Edições) de Suely Mesquita e Pedro Luís, interpretada por Pedro Luís e a Parede e Ney Matogrosso que está contida no CD Vagabundo de 2004 da Universal Music.

⁷⁵. Ver imagem da instalação “Objetos de Desejo” no anexo (Legenda: 29 e 30).

retrata o imaginário popular religioso e profano do Brasil, não esconde, todavia as tensões inerentes desta diversidade sócio-cultural. Tal instalação é disposta como um tabuleiro de xadrez onde no centro vemos as imagens, uma frente à outra e feridos à bala, de Jesus e Maria. Moacir dos Anjos (2003), curador desta mostra no MAMAM, afirma que ela é a “síntese das vontades difusas dos agrupamentos, as imagens feridas são Objetos do Desejo imaginários, totens e prêmios prometidos pela aniquilação do grupo adversário” (LEIRNER: 2003:31).

Esta diversidade muito aclamada no Brasil que faz parte da sua formação histórica foi bastante discutida por diversos autores como Gilberto Freyre (2004) e Sérgio Buarque de Holanda (1995). Desde o começo da sua formação o Brasil se caracterizou como um processo de equilíbrio de antagonismos que envolvia a cultura européia e a indígena, a européia e a africana, a africana e a indígena, a agrária e a mineira, o católico e o herege, o jesuíta e o fazendeiro, o bandeirante e o senhor de engenho, o bacharel e o analfabeto, o senhor e o escravo (FREYRE,2004:116). Em se tratando da variedade da mistura das raças que caracteriza o Brasil mais uma vez me valho dos nossos artistas pra retratar esta nossa característica. O cantor Arnaldo Antunes diz que: “... aqui somos mestiços mulatos cafuzos pardos mamelucos sararás crilouros guaranisseis e judárabes. Orientupis orientupis ameriquítalos luso nipo caboclos orientupis orientupis iberibárbaros indo ciganagôds somos o que somos inclassificáveis...”⁷⁶

Mas não é só pela variedade de raças que o Brasil é lembrado. Não podemos deixar de destacar a pluralidade de credos que marca a sociogênese do Brasil que foi traduzida em porosidades e contaminações mútuas. Pierre Sanchis (s/d) nos diz que os negros vindos da África já possuíam um elaborado sistema de crenças bem como os índios que habitavam o Brasil. Somado as estes dois sistemas de representação, abarcaram ainda no Brasil, portugueses com seu catolicismo que já era sincrético, holandeses que professavam o protestantismo,⁷⁷ além de muitos judeus e árabes. Assim, “nem África pura, nem reprodução simples do catolicismo europeu, nem continuidade intocada das religiões “nativas”” (SANCHIS, 2001:25).

⁷⁶. Trecho da música “**Inclassificáveis**” Ciclope / (Warner Chappel) de autoria de Arnaldo Antunes que faz parte do Cd “O silêncio” de 1996 da BMG.

⁷⁷. De acordo com Elizete da Silva (2006) a presença protestante no Brasil data do período colonial. Em sua maioria eram franceses hunguenotes que invadiram o Rio de Janeiro em busca do Pau Brasil. Contudo boa parte retornou a França. A autora afirma que três comandantes que resistiram à intolerância do comandante francês Nicolau Villegaignon foram mortos, e são considerados os primeiros mártires protestantes no Brasil.

Apesar da grande variedade de credos que existiu desde tempos primevos foi o catolicismo que reinou opulente englobando e sendo englobado por estas infindáveis formas de crer. De acordo com Sanchis (1994, (s/d), 2001) o catolicismo português passou por uma sucessão topológica de religiões cristãs, romana, celta e pré-celta cujo resultado foi à existência, “num mesmo momento e num mesmo lugar, de uma identidade religiosa (institucionalmente) unificada, na realidade feita da multiplicidade de camadas diacrônicas” (SANCHIS, (s/d): 44). Assim o sincretismo do catolicismo português é um sincretismo diacrônico uma identidade que “pro-vem”, enquanto que no Brasil tal sincretismo é sincrônico, pois

Arrancado do húmus particular que assegurava seu crescimento antropológico, o catolicismo português viu-se jogado num espaço aberto e sem fim, onde encontrou sincronicamente universos simbólicos diferentes, através da forçada aproximação das identidades de três povos desenraizados. Encontro sem dúvida, estruturalmente desigual. E não se pode esquecer um macroprocesso de persistente dominação, exploração, etnocídio intencional, quase genocídio. Apesar dele, no entanto, em seu avesso ou em seus interstícios, deram-se, em níveis individual ou de grupo, coletivo também, mas quase nunca entre as instituições, os microprocessos de um jogo mais variegado das identidades – hostilmente confrontadas como dominantes e dominadas, mas também correlatas, cruzadas, justapostas, articuladas, sem nunca serem definitivamente confundidas (SANCHIS, 2001:25).

Assim, desfazendo a “profunda confraternização de valores e de sentimentos” que Gilberto Freyre (FREYRE, 2004: 439) proclamava, Sanchis vê nesta grande mistura processos complexos e contraditórios. Para este autor haveria no Brasil uma predisposição estrutural a porosidades, mas não à confusão das identidades “nem multiculturalismo de simples justaposição, nem confusão e supressão de diferenças” (SANCHIS, 2001:25). O que na verdade é comum entre os dois autores é a idéia do catolicismo português sincrético e aberto a pluralidade semântica que permite assim a abertura ao outro (consultar CAMPOS, 2007).

Desta forma, mesmo diante de uma sociogênese e de uma situação atual de pluralidade de credos no Brasil, Pierre Sanchis (2001) afirma existir um *habitus* católico no modo de ser do brasileiro. Esse *habitus*, portanto, deve ser entendido a partir de uma diacronia e, por conseguinte, a estrutura deve ser vista como necessariamente inscrita na História (consultar SAHLINS, 2003). Neste sentido é que Sanchis (2001, 1994) propõe analisar a religião através da ótica do sincretismo, fazendo a ressalva que o sincretismo parece ser uma dimensão universal na história das religiões, mas, contudo, não pensa encontrá-lo mais no Brasil do que em outras sociedades. Assim o sincretismo pode ser entendido a partir de

um processo fundamental, tendencialmente universal ainda que diferenciado em seus graus, níveis e modalidades: O processo de usar relações apreendidas no mundo do outro para entender, modificar e/ou eventualmente transfigurar seu próprio universo simbólico, ou ainda o modo pelo qual as sociedades humanas, quando confrontadas – igual ou desigualmente – a outra sociedade, outro grupo social, ou simplesmente outra visão do mundo, redefinem sua própria identidade a partir da alteridade cultural (SANCHIS, 1994: 10).

Literalmente o termo sincretismo, de acordo com Charles Stewart e Rosalind Shaw (1994), referia-se a união ou combinação dos Cretenses, aparecendo pela primeira vez em 99 a.C. no livro *Moralia* de Plutarco. O termo designava a junção ou união dos Cretenses para combater um inimigo comum. Este termo em seu início não possuía um conteúdo pejorativo o que aconteceu somente nos séculos XVI e XVII, quando a proposta do teólogo George Calixtus em reunir diversas denominações protestantes foi fortemente combatida por esta comunidade. Novamente, no século XIX, o conceito de sincretismo ressurgiu ainda assumindo uma noção pejorativa integrado a um esquema evolucionista, sendo revisto somente no século XX quando estudiosos da antropologia, a exemplo de Droogers (1989) e Bryson (1992), começaram a observar a potencialidade analítica deste conceito.

Mesmo assim, ainda no século XX este conceito sofreu ferozes objeções na década de 70 onde a crítica ao funcionalismo e culturalismo,

passou a interpretar o sincretismo como entrave à percepção de experiências de dominação e da situação de exploração colonial. A partir daí esse conceito foi abandonado por ser visto como uma arma dos opressores, como parte de uma ideologia dominante. Assumia-se, assim, que o sincretismo era um processo que atingia apenas dominados ou a cultura dos dominados (MARIZ, 2005a:3).

Mas, como afirma ainda Sanchis (s/d), mesmo diante da crítica ao conceito de sincretismo, por este conotar para alguns autores uma matriz sociohistórica de desigualdade que servia como instrumento de uma ideologia dominante atingindo apenas os dominados e a sua cultura, prevalecia ainda concomitantemente à aceitação tranqüila de uma realidade brasileira "sincrética" que continuava a ser a chave dominante na literatura descritiva e, até, em parte da produção de cunho analítico.

Assim, após alguns anos de esquecimento o conceito de sincretismo ganhou novos contornos passando de ardil epistemológico à possibilidade de propor uma leitura sociocultural da realidade. A idéia de que o termo sincretismo não passaria de instrumento da acusação desfechada pelas formas dominantes de religião – aquelas que se autoconsideram

como “puras” – contra suas homólogas, foi dando espaço para análises que vêm no contato entre as religiões situações de linguagem simbólica negociada.

Atualmente muitos antropólogos e historiadores têm proposto uma revisão radical das teorias sobre o contato dos portugueses e indígenas no Brasil afirmando que o paradigma da conquista, tanto na vertente da “perda” quanto na da “resistência”, que traduzem oposições binárias entre vencedores e vencidos, dominantes e dominados, que deixam para os indígenas apenas dois papéis – os de vítimas de aniquilação, ou de mártires da conservação de sua cultura – torna-se insuficiente. Para alguns autores como Cristina Pompa (2002), esta revisão permite contribuir para a reconstituição da dinâmica pela qual,

o evento histórico da evangelização, portador da simbologia religiosa da Europa medieval e renascentista, foi reelaborado pelas culturas nativas a partir de suas próprias representações, ou seja, a dinâmica interna aos sistemas culturais indígenas, que tomaram e transformaram “para si” o que se apresentava como “outro” [...] Os elementos “alheios” foram absorvidos pela cultura indígena porque se inseriam num preciso contexto significativo, isto é, *faziam sentido*. A criação de um sistema original de representações (uma “cultura híbrida”, diria Vainfas, ou uma “cultura mestiça”, diria Gruzinski) foi uma tentativa nativa de refundar o sentido (POMPA, 2003:28).

Vale também destacar que apesar de toda ênfase no sincretismo brasileiro não podemos ver o Brasil como uma “saga de sincretismos”. O que ocorre na verdade é uma relação dialética onde vetores sincréticos e anti-sincréticos que se confrontam. Assim, o paradigma que vê o Brasil pelo viés de um multiculturalismo bem sucedido (Brumana, 2002) tem sido posto em cheque quando observamos os inúmeros confrontos religiosos que tem feito muitos autores tornarem-se céticos quanto a nossa docilidade sincrética. Desta forma, a modernidade tem propiciado efeitos contraditórios, pois ao mesmo tempo em que grupos religiosos se sincretizam paradoxalmente este sincretismo os tornam anti-sincréticos, ou seja, a história do campo religioso brasileiro pode ser visto a partir da

persistência do tradicional *habitus* flexibilizador, que pode levar a certa forma de sincretismo sem suprimir as diferenças; e as conseqüências das investidas, também reais, das sucessivas racionalidades “modernas”, aquelas que, como dizia Kant, longe de “meios-termos” e das “ambigüidades”, asseguram “determinação e solidez” a todas as máximas (SANCHIS, 2001:29).

Este anti-sincretismo não deve ser visto como ausência de sincretismo, mas como uma atitude valorativa de rejeição ao sincretismo, já que processos de hibridez e misturas acontecem em todas as culturas, entretanto um dentre os tópicos que as diferenciam é

valorização dada a esta mistura. Há sociedades que ideologicamente rejeitam ou têm horror à mistura, enquanto outras a exaltam. “Ser anti-sincrético seria desvalorizar, esconder, negar os sincretismos ocorridos, pois de fato não se é possível evitar o sincretismo de uma ou outra maneira” (MARIZ, 2005a: 10). Cabe ainda salientar que Sanchis (2001) nos lembra que o Brasil é composto de forma sincrônica das fases pré-moderna, moderna e pós-moderna e que sincretismo e articulação do diacrônico na mesma sincronia está longe de significar tolerância. Portanto o sincretismo não pode ser confundido com tolerância, já que aquele é um processo e este uma virtude como aponta André Comte-Sponville (1999). Da mesma forma, não podemos afirmar que o anti-sincretismo é necessariamente intolerância tendo em vista que como aponta Umberto Eco,

pode-se muito bem imaginar uma seita fundamentalista que atribua a seus eleitos o privilégio de compreender o Livro da única forma verdadeira, sem por isso fazer proselitismo, obrigar os outros a partilharem de sua crença, ou lutar pra construir uma sociedade que aceite essa crença como obrigatória (ECO, 2000:16).

Desta forma, em exemplos práticos sobre o que Mariz (2005a, 1997) afirma do anti-sincretismo ser uma atitude que nega, desvaloriza ou esconde a mistura, e que o sincretismo não pode ser evitado, Luís Eduardo Soares em seu texto “*A Guerra dos Pentecostais contra o Afro-Brasileiro: Dimensões Democráticas do Conflito Religioso no Brasil*” (1993) observa que mesmo suprimidas e negadas às entidades espirituais da Umbanda, Candomblé ou Quimbanda são reconhecidas e constantemente invocadas nos rituais de exorcismo que as igrejas neopentecostais pregam, ou seja, os neopentecostais ao demonizar outras religiões, se opondo claramente às misturas religiosas buscando assim uma pureza se utilizam das práticas de outras religiões o que os tornam também sincréticos. Para Soares (1993) esta guerra que se apresenta a partir de continuidades e diálogos entre universos simbólico-axiológicos divergentes é um tipo de conflito que separa com radicalidade depois une e em seguida estabelece pontes, funda uma nova base de sociabilidade que “representa a emergência contundente de uma nova configuração sociológica, de orientação igualitária, em cenário político-cultural que se democratiza” (SOARES, 1993:45). Assim é que a Guerra Santa, para o autor, revelaria a instalação de um igualitarismo por baixo, no qual “desgarrados, os grupos populares voltam-se para seus sócios de infortúnio, criando suas próprias redes de solidariedade e competição aliança e disputa” (SOARES, 1993:45).

De acordo com Mariz (1997), tais propostas anti-sincréticas se expressariam na força de aceitação da teologia da guerra espiritual. Esta teologia, segundo a autora, “advoga que

evangelizar – pregar a mensagem cristã – é lutar contra o demônio que estaria presente em qualquer mal que se faz, ou em qualquer mal que se sofre, e ainda na prática de religiões não cristãs” (MARIZ, 1997:2). Particularmente eu acrescentaria a esta definição as religiões cristãs, pois a exemplo, o catolicismo também sofre os infortúnios desta batalha espiritual tendo em vista que, como observa Mariz (1997) citando uma pesquisa não publicada do ISER de 1996, 30% da comunidade evangélica incluindo os protestantes históricos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, consideram o catolicismo demoníaco. Os protestantes históricos como afirma Mariz (1997), tendem a ser mais tolerantes, tendo em vista que somente 18% afirmaram que o catolicismo é demoníaco. Apesar da teologia da guerra espiritual ter sido sistematizada por evangélicos na Califórnia (EUA), tendo como lócus a Fuller Theological Seminary School of World Mission, como afirma Ricardo Mariano (1999) não acredito, e aqui concordando com Mariz (1997), que somente evangélicos façam uso dela, e novamente cito os católicos que em duplo processo sofrem com esta batalha, mas paralelamente também são agentes desta tendo como grupo mais emblemático os carismáticos. Para Soares (1993) esta guerra santa apresenta-se como oposta à nossa tradição inclusiva e neutralizadora de diferenças identificada com a lógica sincrética.

Assim, estas reações anti-sincréticas, marcadas por uma teologia da guerra espiritual, parecem ir na contramão dos elementos que nossa ciência social definiu como sendo as características de uma suposta identidade brasileira. Desta forma, a idéia de identificar o Brasil como o país do multiculturalismo bem sucedido (BRUMANA, 2002), da cordialidade (HOLANDA, 1995) onde posso “juntar, somar relacionar coisas que tradicional e oficialmente as autoridades apresentam como diferenciadas ao extremo” (DA MATTA, 1991:117), parecem em momentos específicos perder o sentido quando vemos na atualidade os inúmeros conflitos de ordem política econômica e religiosa no Brasil. No caso específico da religião, que é o que quero destacar mais fortemente, e aqui já introduzindo o próximo ponto que irei discutir, observamos que na produção de artigos, dissertações, livros, seminários, congressos e etc, o aumento do uso das palavras “tolerância” e “intolerância” religiosa. Na verdade isso demonstra a grande preocupação da comunidade acadêmica com as metamorfoses que o sagrado vem passando e assim o uso destas palavras, reaparecem com toda força na atualidade mesmo que alguns autores as usem de forma receosa, ou se justificando, mas mesmo assim fazendo uso delas. Como iremos tratar de tolerância e intolerância religiosa acredito que uma discussão sobre este tema é de fundamental importância para explicitar melhor como entendo estas categorias, além do fato de levantar a

discussão sobre a crítica que as ciências sociais fazem destes conceitos ao mesmo tempo em que eles se tornam cada vez mais frequentes na produção científica. É um paradoxo.

3.2. Tolerância e Intolerância: categorias analíticas em desuso?

As palavras tolerância e intolerância são conceitos chaves da civilização moderna e ao mesmo tempo são vistos como dramas conceituais. Numa época em que explodem os conflitos de forte acento religioso, que vemos o terrorismo, o fundamentalismo, as perseguições religiosas, à volta a idéias de pureza, e uma tendência fortemente marcada pelo apego da verdade através da reafirmação violenta e agressiva de identidades, categorias como tolerância e intolerância parecem desempenhar uma forte atração para os que se dedicam ao estudo da religião. Não é à toa que 1995, Ano Mundial da Tolerância e do Cinquentenário das Nações Unidas, foi aprovada a Declaração de Princípios sobre a Tolerância e 1997 foram realizados o Seminário Internacional “Ciência, cientistas e a tolerância” na USP e o Fórum Internacional sobre a Intolerância na Sorbonne – França.

A tolerância é uma palavra densa e estratificada que se opõem, muitas vezes, ao fanatismo, ao ódio, ao fundamentalismo e etimologicamente deriva do latim *tolerare*, de *tolere* ‘tirar’ no sentido de *suportar*. Assim, tolerância foi identificada com os significados de concessão, compreensão, indulgência, moderação e conciliação, ou seja, imediatamente vem a nossa mente que quem tolera está em princípio numa posição de superioridade em relação àquele que é tolerado. O conceito radicaria então numa aceitação assimétrica de poder. Talvez por isso quando esta palavra é escrita ou falada conseqüentemente se dispõe um rosário de palavras na intenção de precisar que idéia de tolerância se está tratando.

Igualmente ao conceito de sincretismo que sofreu e ainda sofre várias críticas, mesmo sendo usado, com o conceito de tolerância não é diferente. Não seria o caso de tentar ampliar o campo conceitual desta categoria afastando-a desta forma da definição etimológica e do senso comum tentando assim dar um conteúdo mais contemporâneo tendo em vista que ele se torna cada vez mais recorrente na produção acadêmica? Contudo eu não me arvoraria a tamanha empreitada, tendo em vista que demanda um grande esforço intelectual, e muitos teóricos já estão fazendo isso. O que pretendo aqui é apenas discutir um pouco este conceito, propondo assim, ao longo do texto, algumas reflexões no intuito de contribuir para este tema.

De acordo com o historiador Jacques Le Goff (2000), a noção de tolerância e correlativamente a de intolerância surgem no século XVI, e uma das suas primeiras aparições públicas é encontrada no *Edito de Tolerância* (1565) que concede liberdade de culto aos protestantes. Contudo, mesmo antes do aparecimento destas noções, estas palavras já permeavam as práticas individuais e coletivas dos povos como afirma Jacqueline De Romilly (2000). Segundo a autora, a Grécia é conhecida por um ato de intolerância que ficou célebre – a condenação de Sócrates à morte, - e desta forma, a partir do século V assiste-se a um flagrante desenvolvimento das palavras que significam suavidade, equidade, indulgência e, sobretudo *épieikeia*, “que significa uma equidade que não é exercida pela justiça, no sentido estrito e muito rigoroso: é a palavra que os dicionários utilizam para traduzir a idéia de tolerância” (DE ROMILLY, 2000:33).

Le Goff (2000) ainda afirma que no final do século XV já estava inaugurado o moderno sistema de intolerância, exclusão e perseguição que teve início com o estabelecimento do cristianismo, a chegada definitiva dos povos ditos bárbaros, e a criação de um conjunto religioso e político que foi o Islão. O jurista Ítalo Mereu (2000) complementa as idéias de Le Goff (2000) e mostra como foi instaurado um sistema de intolerância, afirmando que a Igreja Católica foi à primeira organização que diretamente, ou pela intermediação do poder temporal, traduziu em instituições jurídicas

o conceito de *fé* como instituição dominante, o conceito de *fiel*, de *ortodoxo*, de *devotado servidor*, *obediente* às ordens do chefe, inspirado por Deus ou escolhido pelo povo. Criou também os *excomungados*, os *heréticos*, os *sismáticos*, os *apóstatas*, os *heterodoxos*, e assinalou claramente os *pagãos*, os *infieis* e os *judeus* (MEREU, 2000:43).

Le Goff (2000) ainda complementa, afirmando que surgem novas vítimas além destas que Ítalo Mereu (2000) apontou como os

leprosos impuros, detectados pelo som de uma matraca e encerrados nos leprosários fora das cidades; os homossexuais, objeto de tolerância até o século XIII, rigorosamente excluídos em virtude de suas práticas “contra a natureza”, quando a noção de natureza, difundida pela escolástica, vem reforçar a de pureza (LE GOFF, 2000: 40).

Claro que dentre estes inúmeros relatos de intolerância não podemos esquecer da caça às bruxas que foi iniciada a partir da bula intitulada *Summis Desiderantes Affectibus* de cinco de dezembro de 1484 do papa Inocêncio VIII que declarava guerra contra o satanismo. A partir disto, em 1486, os monges dominicanos Jacobus Sprenger e Heinrich Kramer

escreveram o manual de caça às bruxas intitulado “*Malleus Malleficarum*”. O que pensar quando vemos os seguintes trechos do “*Malleus Malleficarium*” falando do poder das bruxas:

(...) elas podem transtornar as mentes dos homens com amor ou ódio desenfreado; (...) podem tornar sem efeito os desejos reprodutivos e mesmo o poder de copulação, provocar abortos, matar crianças no ventre da mãe... (...) podem enfeitiçar homens e animais com um mero olhar, sem tocá-los e provocar a morte; podem dedicar seus próprios filhos ao diabo... (KRAMER& SPRENGER, s/d: 38).

Buscando algumas definições léxicas para a palavra intolerância, observamos as seguintes afirmações: Dando um passo a mais na formulação deste conceito, Paul Ricoeur (2000) inclui a questão do poder de impor fugindo da naturalização deste conceito previsto em outros autores e afirma que “a intolerância tem origem em uma predisposição comum a todos os humanos, a de impor suas próprias crenças, suas próprias convicções, desde que disponham, ao mesmo tempo, do *poder* de impor e da crença na *legitimidade* desse poder” (RICOEUR, 2000:20). Já para a antropóloga Françoise Héritier (2000), “a intolerância é sempre, essencialmente, a expressão de uma vontade de assegurar a coesão daquilo que é considerado como que saído de Si, idêntico a Si, que destrói tudo o que se opõe a essa proeminência absoluta” (HÉRITIER, 2000: 20). Ou ainda,

“[...] a intolerância tem raízes biológicas, manifesta-se entre os animais em forma de territorialidade e baseia-se em reações emocionais superficiais. Não gostamos dos que são diferentes de nós, porque têm uma cor diferente de pele, porque falam uma língua que não entendemos, porque comem rã, cachorro, macaco, porco, alho, porque usam tatuagem...” (ECO, 2000: 17).

No “*Vade-Mecum por uma luta contra a intolerância*” (2000) escrito pela historiadora Françoise Barret-Ducroq aparece a noção de respeito que substitui a tolerância por estar no campo semântico da igualdade. A autora afirma que

a intolerância está em todo ser humano e em toda sociedade; o homem pode aprender a lutar contra a intolerância; o contrário da intolerância é o respeito ao outro; a aceitação passiva de qualquer diferença leva à indiferença e encoraja a intolerância e a luta contra a intolerância requer uma definição de tolerância (BARRET-DUCROQ, 2000:265).

Assim, foi a partir de atos como a perseguição e a intolerância religiosa que começou a se gestar um conjunto de doutrinas filosóficas que tinham como intuito a discussão sobre a tolerância. Do século XVII até o século XVIII um conjunto de escritores começaram a defender a tolerância ressaltando, segundo a filósofa Monique Canto-Sperber (2000), “que na

medida em que as opiniões religiosas pertencem apenas à consciência, por mais perniciosas que pareçam, nenhuma repressão poderia ter utilidade ou justificativa” (CANTO-SPERBER, 2000:90). John Locke foi o primeiro a comprovar a ineficácia de qualquer perseguição na sua famosa “Carta sobre a Tolerância” de 1689. Esta carta aparece no contexto de divergências e perseguições religiosas, que tiveram a sua origem na Reforma Protestante e na Contra-Reforma Católica. Locke era acusado de cumplicidade na conspiração para assassinar o Rei Carlos II herdeiro do trono da Inglaterra, e em consequência foi condenado ao exílio. De acordo com Locke o poder público não pode impedir as crenças religiosas que são involuntárias e que a ameaça ou imposição de um credo nunca conseguirão modificar as crenças religiosas dos indivíduos, assim é que para Locke o magistrado civil só pode legislar sobre os bens civis e de modo algum pode ser estendido à salvação das almas. O que Locke pregava era a separação Estado-Igreja. Ele diz:

[...] não cabe ao magistrado civil o cuidado das almas, nem tampouco a quaisquer outros homens. Isso não lhe foi outorgado por Deus, porque não parece que Deus jamais tenha delegado autoridade a um homem sobre outro para induzir outros homens a aceitar sua religião. Nem tal poder deve ser revestido no magistrado dos homens [...] O cuidado das almas não pode pertencer ao magistrado civil, porque seu poder consiste totalmente em coerção. ... Todo o poder do governo civil diz respeito apenas aos bens civis dos homens, está confinado para cuidar das coisas deste mundo, e absolutamente nada tem a ver com o outro mundo (LOCKE, 1973:11-2).

De acordo com o filósofo Clodoaldo Meneguello Cardoso (2003), o conceito de tolerância em Locke surgiu da tensão entre identidade e diversidade religiosa e rigorosamente nunca ultrapassou os limites da identidade do próprio cristianismo como única religião verdadeira. Assim para Locke a tolerância teria seus limites:

Os que negam a existência de Deus não devem ser de modo algum tolerados. As promessas, os pactos os juramentos, que são os vínculos da sociedade humana, para um ateu não podem ter segurança ou santidade, pois a supressão de Deus, ainda que apenas em pensamento, dissolve tudo (LOCKE, 1973:30-31).

Ainda sobre os limites da tolerância Canto-Sperber (2000) analisa três idéias que explicitaremos a seguir. No pensamento liberal, do qual Locke e Voltaire fazem parte, não se pode tolerar o que quer que questione a tolerância em si mesma. Um outro critério estaria na

possibilidade de se ferir a liberdade, os interesses, os direitos de outras pessoas. Este critério estaria definido no trabalho de John Stuart Mill.

Mill considera três formas fundamentais de liberdade: a liberdade de pensar, que deve ser absoluta sobre todos os assuntos, “práticos ou especulativos, científicos, morais ou teológicos”, a liberdade de expressarmos nosso pensamento e de tornar públicas nossas opiniões, “quase tão importante quanto a primeira e dela praticamente indissociável”, e a liberdade de viver como bem entendermos, “de agir à nossa maneira e de nos arriscarmos a todas as conseqüências que daí resultem, mesmo que nossos semelhantes achem nossa conduta insensata, errada ou má” (CANTO-SPERBER, 2000: 91-2).

Mais para Canto-Sperber (2000) existiria assim um grande paradoxo na teoria de Stuart Mil, já que para este autor o exercício de cada uma das três liberdades não poderia ferir outros indivíduos, então tal fato limitaria de imediato os gêneros de vida em questão. Assim, as idéias de Stuart Mill segundo a autora, tornam-se insuficientes tendo em vista que é a “análise da noção de mal causado a outrem, e não o esclarecimento conceitual da tolerância, que permite definir os limites de aplicação da virtude da tolerância” (CANTO-SPERBER, 2000: 92-3).

A terceira justificativa dos limites da tolerância (além da manutenção das condições de seu exercício e da exclusão do mal causado a outrem) é a necessidade de preservar certas condições de existência social comum relacionando este conceito a um conjunto de verdades morais, substanciais, que formam o consenso nas sociedades democráticas. Mas a autora questiona se podemos realmente justificar as limitações à tolerância pelo fato de se tratar de verdades morais? É óbvio que não, já que “de modo geral, por mais que acreditemos estar com a verdade (...) basta olhar a história dos quatro últimos séculos para perceber os perigos que há de fundamentar um direito à intolerância na certeza da verdade” (CANTO-SPERBER, 2000:93). Para Canto-Sperber a tolerância enquanto ideal moral abstrato por si só não fornece o princípio que assegure essa delicada tarefa de limitar sua própria aplicação. Portanto, ainda segundo a autora, “talvez seja mais conveniente desistir de posicionar a tolerância como um princípio. Ela é antes uma atitude de espírito na aplicação de um princípio, um ideal, uma exigência, mas não permite determinar, realmente, as condições de sua aplicação” (CANTO-SPERBER, 2000:94). Assim para responder as questões da justificativa para a intolerância a tradição liberal fez uso de dois princípios complementares: o princípio da neutralidade que serve para impedir que certas maneiras de viver hegemônicas comprometam as de outras pessoas; e o princípio de pluralismo que luta contra o poder da uniformidade preservando

assim a diversidade de opiniões. Vejamos agora algumas concepções contemporâneas de tolerância. A primeira delas está contida na “Declaração de Princípios sobre a Tolerância”.⁷⁸

A Declaração diz:

1.1 A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentar pelo conhecimento, abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e de justiça. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz. 1.2 A tolerância não é concessão, condescendência, indulgência. A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa, fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. Em nenhum caso a tolerância poderia ser invocada para justificar lesões a esses valores fundamentais. A tolerância deve ser praticada pelos indivíduos, pelos grupos e pelo Estado.

Há que se levar em conta que estas “Declarações” tanto a “Universal” como a de “Tolerância” em um todo não são unânimes na comunidade científica, tendo em vista que por vezes a tendência à universalidade pode de alguma forma não corresponder às questões como identidade e diversidade e assim idéias de liberdade e igualdade podem possuir diversas conotações dependendo da sociedade estudada. Louis Dumont discute esta problemática no seu livro “*Homo Hierarchicus*” (1997) quando afirma que as castas

nos ensinam um princípio fundamental, a hierarquia, cujo oposto foi apropriado por nós, modernos, mas que é interessante para se compreender a natureza, os limites e as condições de realização do igualitarismo moral e político ao qual estamos vinculados. (...) Há um ponto que deve ficar bem claro. Entende-se que o leitor pode recusar-se a sair de seus próprios valores, pode afirmar que para ele o homem começa com a Declaração dos Direitos do Homem e condenar pura e simplesmente o que se afasta dela. Ao fazê-lo, ele com certeza marca estreitos limites para si, e sua pretensão de ser “moderno” fica sujeita a discussão, por razões não apenas de fato mas também de direito. Na realidade, não se trata aqui, digamo-lo de maneira clara, de atacar os valores modernos direta nem sinuosamente. Eles nos parecem, aliás, suficientemente garantidos para que tenham algo a temer em nossas pesquisas. Trata-se apenas de uma tentativa de apreender *intelectualmente* outros valores. (DUMONT, 1997: 50)

⁷⁸. Aprovada pela Conferência Geral da UNESCO em sua 28ª reunião. Paris, 16 de novembro de 1995. In GRUPIONI, Luís, D, B, & VIDAL, Lux B, & FISCHMANN, Roseli. 2001.

Há ainda as concepções discutidas no “Encontro sobre a Tolerância na América e no Caribe” em 1994 no Rio de Janeiro, que visa formular um conceito de tolerância que privilegie o respeito à diversidade ao passo que se comprometem com a diversidade cultural. Aqui, um grupo de cientistas investiram grande força para formular o conceito de tolerância “concebido a partir das culturas dos povos latino-americanos e caribenhos, conscientes da exploração e da marginalização sofridas nos últimos 500 anos” (CARDOSO, 2003:1). De acordo com o filósofo Clodoaldo Meneguello Cardoso (2003) levando em conta as reflexões, os debates e o consenso de posições que se deram no “Encontro sobre a Tolerância na América e no Caribe” a tolerância pode ser entendida como

Atitude de reconhecimento, na teoria e na prática, do outro como outro e de respeito mútuo às diferenças; - capacidade de diálogo, de compreensão e de respeito mútuo entre posições tolerantes com idéias e valores diferentes; - respeito aos direitos universais inalienáveis da pessoa humana; - reconhecimento da diversidade cultural, contrapondo-se à hegemonia de uma cultura que domina e marginaliza as outras; - resistência a tudo aquilo que provoca opressões e desigualdades sociais; - ação solidária na superação das desigualdades sociais; - valorização da diversidade cultural a partir da consciência clara do valor da própria identidade e de seus limites; - capacidade de cooperação para alcançar objetivos comuns; - atitude de solidariedade entre indivíduos, grupos, povos, nações e, também, dos seres humanos para com a natureza em geral (CARDOSO, 2003: 12).

Segundo Paul Ricoeur (2000) várias etapas foram percorridas na conquista pela tolerância. A primeira delas dizia respeito ao fato de tolerar o que se desaprova, mas não se pode impedir, passando em seguida para uma vontade de compreender as convicções contrárias, sem, no entanto, aderir a elas, depois para a etapa na qual se reconhece o direito ao erro, associado à idéia de que cada um tem o direito de viver segundo suas convicções. “Nesta etapa, característica dos iluministas escoceses e ingleses, a idéia de direito, ligada à suposição de liberdade de escolha no âmbito da crença, ainda deixa intacta a idéia de verdade tributária de um dogmatismo que permanece intocado” (RICOEUR, 2000:21-2). De acordo com Ricoeur uma quarta etapa preconiza que a idéia de tolerância transpõe o limite da verdade (Ricoeur, 2000). Para tanto é que André Comte-Sponville (1999) afirma que o problema da tolerância só surge nas questões de opinião. Ele diz:

Ora, o que é uma opinião, senão uma crença incerta ou, em todo caso, sem outra certeza que não subjetiva? O católico pode muito bem, subjetivamente, estar certo da verdade do catolicismo. Mas, se ele é honesto (se ama a verdade mais que a certeza), deve reconhecer que é incapaz de convencer um

protestante, um ateu ou um mulçumano, ainda que cultos inteligentes e de boa-fé. Cada um, por mais convencido que possa estar de ter razão, deve pois admitir que não tem condições de prová-lo... A tolerância, como força prática (como virtude), funda-se assim em nossa fraqueza teórica, isto é, na incapacidade em que estamos de alcançar o absoluto (COMTE-SPONVILLE, 1999:5).

Ricoeur, igualmente a Comte-Sponville, concorda com a impossibilidade de nos apoiarmos em verdades absolutas e comenta que a quarta etapa do pensamento sobre a tolerância ultrapassa as idéias dos iluministas na medida em que

A simpatia pelas idéias das quais não compartilhamos dá lugar à suposição de que uma parte da verdade pode estar em outro lugar que não nas convicções que fundamentam as tradições em que fomos educados. Que possa existir verdade fora de meu meio, é uma suposição que se volta contra minha própria convicção; exige uma espécie de ascetismo intelectual, sempre doloroso, da parte de quem quer que procure o equilíbrio entre a crítica e a convicção (RICOEUR, 2000:22).

A projeção desta quarta etapa na conquista da tolerância segundo Ricoeur (2000) é política, tendo em vista que esta etapa se realiza a partir de um poder político neutro que não professe nenhuma religião ou comunidade eclesiástica, mas que protege todos os cultos em nome da liberdade de expressão. O tratamento dos conflitos entre crenças e convicções seria devolvido desta forma, a difícil prática de uma *ética da discussão* a qual pressupõe um *espaço público de discussão* e, portanto, uma opinião pública esclarecida. É o que Roberto Cardoso de Oliveira (2001) discute criticamente no seu artigo “*Sobre o Diálogo Intolerante*” posto que vê a impossibilidade de uma ética discursiva nos parâmetros de Karl-Otto e Jurgen Habermas quando na relação dialógica a interlocução envolve membros de culturas absolutamente diferentes.

Para tanto, Michel Walzer (1999), analisando a tolerância ou a coexistência pacífica de grupos de pessoas com histórias, culturas e identidades diferentes em contextos institucionais e macro-sociológicos que envolvem a dimensão do Estado e a sua conformação, define cinco tipos ideais de regimes políticos-históricos de tolerância que são: “Impérios Multinacionais”, “Sociedade Internacional”, “Consociações”, “Estados Nações” e “Sociedades Imigrantes”. Fugindo de argumentações procedimentalistas, por estas não serem diferenciadas pelo tempo e pelo espaço, Walzer acredita que “somente uma descrição histórica e contextualizada da tolerância e da coexistência que examine as diferentes formas que estas assumem na realidade e as normas do dia-a-dia próprias de cada uma delas pode resolver o impasse entre a tolerância e seus limites” (WALZER,1999:5).

Ainda, segundo o referido autor sobre a questão da tolerância, faz-se necessário

... observar tanto as versões ideais desses arranjos práticos quanto as suas típicas distorções historicamente documentadas. Também precisamos considerar como os arranjos são percebidos por diferentes participantes – quer se trate de grupos ou de indivíduos, de quem se beneficia ou de quem é prejudicado – e depois como são vistos por pessoas de fora, participantes de outros regimes de tolerância (WALZER, 1999:6).

É um pouco o que fez Clifford Geertz, no seu livro “*Observando o Islã*” (2004), quando esboça um esquema geral para a análise comparativa da religião aplicando-o ao estudo do desenvolvimento de um credo supostamente único, o Islão, em duas civilizações claramente distintas, a indonésia e a marroquina. Observando, portanto, o valor da particularidade, proposto por Geertz (2004), podemos trazer as idéias de Walzer para contextos mais específicos e particulares, como nosso objeto de estudo, e averiguar de que forma determinadas comunidades como a evangélica, reunida em torno do Encontro para a Consciência Cristã – ECC - e a carismática, reunida no Encontro Crescer, se relacionam em contextos específicos como por ocasião da realização dos seus eventos, no cotidiano (pós-eventos) e ainda observar como outras comunidades religiosas ou não, partícipes de outros regimes de tolerância observam estas comunidades.

É preciso ainda observar, como salienta Roberta Campos (2007), que (in)tolerância religiosa deve ser entendida de forma contextual e estruturada a partir de diversos vetores confluentes como classe, raça, etc. Campos propõe ainda que “a (in)tolerância no (anti)-sincretismo deve ser buscada no contexto, nas condições sociais e políticas dos agentes sociais, na sua capacidade social de enfrentamento e nas estratégias ou astúcias possíveis” (CAMPOS, 2007: 06), ou seja, observando o particular.

Desta forma observamos que o conceito de tolerância é extremamente complexo e que incita reações tanto a favor como contrárias. Goethe em suas “*Máximas e reflexões*” (2003) observava que “a tolerância, no fundo, não deveria passar de uma atitude transitória, no fundo, ela deve levar ao reconhecimento. Tolerar é injurioso” (GOETHE, 2003: 19). Há, no entanto, um conjunto de autores, como exemplificamos acima, que vêem o poder tanto conceitual como prático da tolerância.

Desta forma, o uso operativo do conceito de tolerância que iremos seguir passa pelas idéias de Michel Walzer, Geertz e Ricoeur. Walzer nos ajuda quando afirma a necessidade de verificar a tolerância a partir da contextualização e descrição histórica, Geertz quando propõe a análise do particular e Ricoeur, por sua vez, insere na problemática da intolerância a questão

do poder de impor, dando espaço para análises que tratam do conflito e da disputa democrática. É importante ainda destacar que a idéia de tolerância que iremos também seguir nesta dissertação, trata da tolerância com respeito à diversidade e que leva ao reconhecimento.

Sob esta ótica poderemos analisar o Crescer e o ECC a partir de noções apontadas por Joanildo Burity (1997) quando afirma que a celeuma em torno dos evangélicos decorre de uma rearrumação no campo religioso brasileiro que contraria a secular associação entre catolicismo e nacionalidade e, desta forma, as disputas e conflitos entre evangélicos e católicos-carismáticos passa pela questão do poder em uma sociedade de orientação igualitária em cenário político-cultural que se democratiza como afirma Luis Eduardo Soares (1993).

Portanto, uma análise que busque observar a tolerância e a intolerância entre carismáticos e evangélicos não é tarefa fácil. O cuidado que deve ser despendido na análise dos dados torna-se aqui muito mais complexo tendo em vista que a nossa intenção não busca generalizações do tipo “carismáticos são mais intolerantes do que evangélicos”, o que seria mais fácil, nem um pouco preciso, e muito menos mostraria o quão complexas são as relações existentes entre estas religiões. Basta-nos lembrar como diz Stuart Hall (1997), que os atores sociais adotam inúmeras identidades – étnicas, religiosas, político partidárias, de gênero e etc - e desta forma podemos observar atitudes intolerantes entre carismáticos e evangélicos no nível religioso e, ao mesmo tempo, em outros níveis não. A exemplo, Mariz & Machado (2001), em pesquisa realizada entre pentecostais e católicos de Comunidades de Bases no Rio de Janeiro, observaram alianças institucionais e ações conjuntas entre estes atores em prol de atividades que possam melhorar as condições de vida no seu bairro ou cidade. Embora as autoras tenham apontado uma aliança maior entre os protestantes históricos e católicos, tais alianças também são firmadas com os pentecostais. Observação similar foi apontada por Parry Scott (2007:23) em análise sobre morais socioculturais entre agricultores reassentados no Sertão do Sub-Médio São Francisco numa agrovila na cidade de Petrolândia - PE quando em decorrência do aumento da violência na região, diversos grupos religiosos a exemplo de católicos, protestantes históricos e pentecostais se uniram em um movimento ecumênico em favor da paz nesta cidade, que mesmo não amenizando as diferenças religiosas, mostrou, segundo o pesquisador, a possibilidade mesmo que passageira de união em torno de alguns temas.

Após este percurso, no qual discutimos as noções de tolerância e intolerância e os seus limites, apresentaremos os dados obtidos no nosso Trabalho de Campo que será organizado da seguinte maneira: primeiro mostraremos aos leitores o perfil dos nossos entrevistados e em

seguida abordaremos possíveis sincretismos e anti-sincretismos entre eles, observando ainda questões como tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos.

3.3 Tolerância e Intolerância entre carismáticos e evangélicos na época do carnaval

Como afirmamos anteriormente, o Crescer – Encontro da Família Católica - (carismáticos) -, e o Encontro para a Consciência Cristã – ECC - (evangélicos) - surgem com o intuito de combater o Encontro para a Nova Consciência (Movimento Nova Era). Embora os carismáticos não sejam tão explícitos em afirmar isto, o fato é que o Crescer surge, a princípio, para combater o Encontro para a Nova Consciência. Já o Encontro para a Consciência Cristã – ECC –, desde a sua primeira edição, expôs de forma clara, através dos jornais que publicam, na internet e em suas palestras, que o motivo para criação do ECC era se contrapor as doutrinas do Movimento Nova Era.

Contudo, com o passar dos anos, o ECC foi criando novos adversários e começou a criticar e a se confrontar com outras religiões da cidade, a exemplo dos católicos-carismáticos, resultando em intensos conflitos, quando o pastor Joaquim de Andrade palestrante do ECC desde a sua primeira edição afirmou que as aparições de Fátima eram manifestações demoníacas. Tal fato gerou intensos debates na cidade de Campina Grande e reacendeu o conflito latente entre evangélicos e católicos.

Há, portanto, na época de realização destes dois eventos o acirramento dos conflitos entre estas duas comunidades, que é refletido por meio de palestras, debates, homilias, envolvendo não só os coordenadores, fiéis destes eventos, espalhando-se entre outras instâncias não laicas. Desta forma, a Prefeitura de Campina Grande ou o Governo do Estado da Paraíba por vezes tem que interferir com o intuito de mediar tais conflitos. Esta ritualização do conflito pode ser percebida quando na época de realização destes eventos as diversas denominações evangélicas do ECC deixam de debater questões pontuais de suas igrejas específicas e passam a discutir temas gerais do universo evangélico a exemplo da Igreja Católica Apostólica Romana. Do mesmo modo no Crescer as discussões sobre as Comunidades de Vida ou Aliança, grupos de oração, Ministérios de Música e Eucaristia, dão espaço a debates que tratam do avanço das igrejas evangélicas no Brasil.

Desta forma, por ocasião da realização do Crescer e do ECC, Campina Grande vive um clima de acusações, hostilidades e confrontos entre os fiéis destas duas comunidades.

Muito embora tais conflitos também sejam percebidos por todo o ano, é na época do carnaval que eles se tornam mais evidentes.

Sobre a reunião de dados deste capítulo, acrescentamos que nossas análises advêm do Trabalho de Campo realizado no período do carnaval em 2007 no Encontro para a Consciência Cristã – ECC - e no Crescer – O Encontro da Família Católica. Ao todo realizamos 23 entrevistas por ocasião dos dois eventos, doze com evangélicos no ECC e onze carismáticos no Crescer. Entrevistamos ainda um padre e um ateu que eram palestrantes no ECC e o prefeito e vice-prefeito de Campina Grande.

Mas também serão encontrados entrevistas e dados referentes ao ECC, advindos da nossa monografia de final de curso em Ciências Sociais, em 2005, na UFCG. Os dados referentes sobre a monografia podem ser facilmente percebidos nas notas de rodapé onde consta o ano da realização da entrevista.

Já nos primeiros questionamentos que fazíamos sobre o nosso objeto indagávamos se os discursos recíprocos de caráter intolerante dos coordenadores, palestrantes e fiéis do ECC e Crescer se entendiam após a realização destes encontros, ou se esgotariam com o término destes eventos, ou seja, indagávamos baseado na idéia de Steil (1997) se este confronto entre estas duas comunidades era performático e se esgotava no próprio ritual, ou se transpassava esta época específica se espraiando no dia-a-dia destes fiéis.

Para tanto este capítulo trará informações, entrevistas, e observações do campo referentes à tolerância e intolerância entre carismáticos (Crescer) e evangélicos (ECC) no período em que ocorrem estes dois eventos. O prosseguimento da análise que trará informações sobre tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos em momento posterior a realização dos eventos será trabalhado no próximo capítulo. Como afirmamos anteriormente os dados referentes à nossa problemática de estudo serão analisados à luz de algumas teorias como as de Ricoeur (2000), Michel Walzer (1999) e Geertz (2004).

Desta forma, para que possamos elaborar uma análise sobre o nosso objeto de estudo, organizamos nossos dados da seguinte maneira. Primeiramente destacaremos as semelhanças e as divergências entre evangélicos e carismáticos apontadas pelos participantes dos dois eventos, com intuito de observar discursos anti-sincréticos e conflitos existentes entre estas duas comunidades, em seguida, como destacamos que Maria parece ser o divisor de águas entre carismáticos e evangélicos, analisaremos tal questão principalmente no que concerne a polêmica gerada pelo pastor Joaquim de Andrade sobre as aparições de Fátima. Por fim com o intuito de observar como o conjunto dos entrevistados expressa e entende questões como

tolerância e intolerância religiosa, apresentaremos relatos dos fiéis referentes ao questionamento se os eventos nos quais participam promovem a tolerância religiosa.

De início faz-se necessário apresentar aos leitores os nossos entrevistados. Alguns questionamentos que fizemos que não perpassavam necessariamente pelo nosso tema de pesquisa, aos poucos foram se tornando reveladores. E aqui apresento alguns deles como: A religião anterior e a denominação e religião atual e há quanto tempo o fiel está nesta religião. Estes questionamentos nos ajudaram a observar questões como o trânsito religioso, a circulação e flexibilidade (ALMEIDA, s/d; 2006) entre os fiéis entrevistados e ainda verificar, no caso do ECC, a que denominações os entrevistados fazem parte. Estes dados acabaram por contribuir para analisarmos questões como tolerância e intolerância religiosa entre evangélicos e carismáticos. A primeira tabela nos mostra a religião anterior, religião e denominação atual e tempo de conversão dos participantes do ECC (evangélicos).

QUADRO: 1 - RELIGIÃO ANTERIOR, RELIGIÃO E DENOMINAÇÃO ATUAL E TEMPO DE CONVERSÃO NO ENCONTRO PARA A CONSCIÊNCIA CRISTÃ (EVANGÉLICOS).			
Entrevistado	Religião Anterior	Religião e Denominação Atual	Tempo de Conversão
José Mário da Silva	Católico	Evangélico - Histórico (Presbiteriana)	27 anos.
Hernandes Dias Lopes	Católico	Evangélico - Histórico (Presbiteriana)	30 anos.
Marcos Nunes Fróes	Católico	Evangélico - Pentecostal (Casa da Benção)	15 anos.
Manoel Luiz de Souza Filho	Católico	Evangélico - Pentecostal (Igreja Cristã Pentecostal)	15 anos.
Diana Maria de Jesus	Evangélica	Evangélica - Pentecostal (Igreja Cristã Pentecostal)	Nasceu num lar evangélico, aos 15 anos se converteu a Igreja Batista, se afastou e aos 40 anos voltou para Igreja Cristã Pentecostal.
Antônio Valter	Católico não praticante	Evangélico Histórico (Batista)	12 anos.
Carmem Dolores	Sem religião/ Católica/ Espírita/ Católica - Carismática	Evangélica - Histórica (Congregacional)	8 anos.
João Ferreira de Souza	Católico	Evangélico – Histórico (Congregacional)	47 anos.
Analice Miná	Católica não praticante	Evangélica - Pentecostal (Igreja Presbiteriana Bíblica)	Converteu-se com 11 anos de idade há 12 anos é evangélica.
Auta Quirino de Souza	Católica, Espírita, Umbanda	Evangélica - Histórica (1º Igreja Batista)	30 anos
Edmilson da Silva Paulino	Católico não praticante	Evangélico – Pentecostal (Assembléia de Deus)	10 anos.
Euder Fábio Guedes Ferreira	Católico	Evangélico – Pentecostal (Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo)	20 anos.
Lourdes ¹	Católica	Igreja Universal do Reino de Deus	2 anos.

NOTA: ¹ Um esclarecimento: Lourdes não foi entrevistada no Encontro para a Consciência Cristã – ECC e sim na casa de Seu João e Dona Severina. Ela é filha deles. Ela entra na tabela por ser evangélica.

ANÁLISE DOS DADOS:

Religião Anterior: Católicos = 6, Católicos não praticantes =2, Evangélico = 1, Sem religião = 1, Espírita = 2, Umbanda =1, Católica Carismática =1.

Religião Atual: Evangélicos = 17; Presbiteriana = 2; Congregacional = 2; Batista = 2; Assembléia de Deus = 1; Presbiteriana Bíblica = 1; Brasil para Cristo = 1; Casa da Benção = 1; Cristã Pentecostal = 2; Igreja Universal do Reino de Deus = 1. **Denominações:** Evangélico Histórico: 6; Evangélico Pentecostal: 6; Evangélico Neopentecostal = 1.

Tempo de Conversão: 1 ano a 10 anos = 3; de 11 anos a 20 anos = 5; de 21 anos a 30 anos = 4; 30 anos a 40 anos =1; sempre = 1.

Fonte: Pesquisador: Silvana Sobreira de Matos - 2007

A primeira constatação que observamos a partir dos dados do Quadro: 1, é que dos treze entrevistados, doze deles tinham como religião anterior a Católica. Neste primeiro momento nossa pesquisa não foge da tendência nacional na perda de fiéis da Igreja Católica para as denominações evangélicas, sobretudo para as denominações pentecostais. Ronaldo Almeida (s/d) afirma que o catolicismo tem se configurado como um doador universal de onde todos os segmentos religiosos arregimentam boa parte dos seus fiéis. Almeida (s/d) complementa afirmando que além da grande migração de católicos para as denominações pentecostais, percebe-se ainda como segunda opção a alternativa dos sem religião. Vejamos agora alguns depoimentos dos entrevistados sobre a sua vivência na religião anterior.

Seu João Ferreira (ECC) tem 83 anos se converteu ao protestantismo em 1960, há 47 anos, indo para a Igreja Congregacional, onde está até hoje. Quando perguntado se tinha nascido em uma família católica ou protestante ele respondeu: “Católico praticante, no tempo da ignorância, que as velhas era que ensinava a gente. E hoje eu só tenho do catolicismo o Pai Nosso, a oração de Jesus Cristo, ensinado pela religião católica”.⁷⁹ Perguntei posteriormente a João Ferreira a que “velhas” ele se referia e este afirmou ser a sua avó materna, sua mãe e duas tias. Este relato nos faz pensar a importância da família na formação religiosa e de que nesta transmissão o papel da mulher se sobressai ao do homem. Segundo Maria das Dores Machado (2006), “isso ocorre porque, no modelo hegemônico de família das sociedades latinas, cabe justamente às mulheres, que demonstram maior afinidade com a esfera religiosa, a responsabilidade de educar as crianças e estimular a espiritualidade nos familiares” (MACHADO, 2006:98).

Antônio Valter (ECC) por sua vez nos informou que é evangélico há doze anos e participa da Igreja Batista. Sobre a sua vivência religiosa antes de se converter Antônio afirmou que “era católico, mais nominal, não tinha muita frequência, assim... eu era católico não praticante”. Ao contrário dos evangélicos que para dizer tem que ser, os católicos podem dizer sem ser. Desta forma você pode ser católico, e ao mesmo tempo não ter frequência aos cultos ou ainda não seguir os sacramentos desta comunidade. Para Carlos Rodrigues Brandão (1988) no caso dos evangélicos dizer e ser são duas dimensões indissociáveis, tanto que para os evangélicos existe um antes e um depois da conversão. Para Brandão

Uma pessoa “crente” é antes de tudo, a pessoa de um crente, e todos os outros qualificadores de sua identidade local de origem no país, o grau de instrução escolar, a profissão atual, a definição política são secundários, ou são rescritos a partir da maneira como o sujeito pentecostal submete todas as

⁷⁹. Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 17/02/07.

dimensões de sua ação social e da representação que faz de si, através de tal ação significativa, aos termos e símbolos de sua identidade militantemente religiosa (BRANDÃO, 1988: 36).

Nossa terceira entrevistada que relata sobre as suas experiências religiosas antes da conversão é Carmem Dolores (ECC). Carmem é jornalista, se converteu há oito anos e faz parte da Igreja Congregacional. Ela por sua vez é um exemplo emblemático de trânsito religioso. Ela diz:

Na verdade as pessoas que não tem religião, geralmente dizem ser católicos, eu não tive formação religiosa porque eu saí atrás do que eu queria. Fui pro catolicismo e não me identifiquei, e depois passei cerca de três meses no espiritismo e vi que aquela não era a verdade, aí busquei algo mais vivo que envolvesse o espírito que envolvesse sentimento e passei alguns meses indo na Renovação Carismática, mas vi que também não era a verdade, aí comecei uma eterna busca, foi quando me encontrei com Jesus e estou até hoje e não pretendo mudar de idéia (risos). Inclusive eu acho que boa parte das pessoas que estão freqüentando a igreja evangélica, o primeiro passo que deram foi quando entraram na Renovação Carismática.⁸⁰

A entrevistada Carmem Dolores nos relata que não teve formação religiosa, em seguida foi para o catolicismo, depois para o espiritismo, em seguida para a Renovação Carismática Católica e por fim se converteu, há oito anos, na Igreja Congregacional. Parece que no caso da entrevistada não havia processos de conversão nos moldes dos relatos dos entrevistados das pesquisas realizadas por Mariz & Machado (1998); Brandão (1994) e sim de passagens (Birman, 1994; 1996). Nesse sentido é que Silvia Regina Alves Fernandes e Fernando Pitta (2006) propõem uma revisão a respeito da existência da atitude de conversão em situações de trânsito religioso. No caso de Carmem Dolores a conversão só se deu quando ela decidiu deixar de transitar, escolhendo se fixar na Igreja Congregacional.

Carmem ainda traz no seu relato dados importantes sobre o trânsito existente entre carismáticos e evangélicos quando afirmou que em sua opinião boa parte das pessoas que se converteram a igrejas evangélicas deram o primeiro passo quando entraram na Renovação carismática. Isso acontece pelas similitudes entre evangélicos e carismáticos com relação à liturgia, o que faz com que esta passagem não seja tão brusca, como afirmam Mariz & Machado (1998). As autoras acreditam que por conta destas semelhanças carismáticos e pentecostais se colocam muitas vezes em arenas opostas o que resulta em intensos conflitos entre estes.

⁸⁰. Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 18/02/07.

Na mesma busca de Carmem Dolores (ECC), Auta Quirino (ECC), de 88 anos que se converteu a mais de trinta anos e faz parte da Primeira Igreja Batista de Campina Grande, relata suas passagens por algumas religiões. Quando perguntei se ela tinha nascido num lar evangélico ela respondeu:

Foi uma balburdia minha filha, eu quando era jovem eu andava e dava crenças a espiritismo a macumbeiro, acendia vela, acendia defumador, fazia promessas com ídolos, eu era uma mistura de religião. E eu cria, respeitava, hoje não, eu só creio no meu Senhor Jesus Cristo, só a ele eu devo toda honra e toda glória.⁸¹

Auta Quirino numa dimensão mais associada ao sincretismo, mas que também inclui o trânsito, nos relatou que participava do espiritismo, acreditava em macumba, acendia velas e defumadores, fazia promessas aos santos, como ela mesma relata “era uma mistura de religião”. Assim no caso de Auta, o sincretismo foi uma característica da sua espiritualidade anterior à conversão, tendo em vista que, como ela mesma afirma, agora ela não crê mais nas coisas que acreditava só em Jesus Cristo.

Dos treze entrevistados do ECC, somente um afirmou ter como religião anterior a protestante como demonstraremos a seguir. Diana Maria de Jesus que faz parte da Igreja Cristã Pentecostal nos relatou que:

Eu nasci num lar evangélico, mas aos 15 anos eu me converti na Igreja Batista, 1º Igreja Batista de Boqueirão, mas depois me afastei, foi chegando à adolescência e foi aparecendo muita coisa boa aos olhos, naturais ao ser humano, o mundo tem muita coisa boa a oferecer... (...) aí eu me afastei pra participar das coisas boas que o mundo oferece, boas entre aspas. Voltei depois de casada, depois de uns quinze ou 20 anos, quando me converti passei um ano e pouco depois eu voltei pro mundo e quando retornei eu já estava casada já tinha até filhos e voltei lá em Caruaru passei um certo tempo morando lá e meu sogro ele foi primeiro e depois ele foi levando filhos, genros e noras e netos e fomos todos.⁸²

Nesse sentido o depoimento de Diana Maria de Jesus nos informa sobre uma conversão semelhante à verificada por Mariz e Machado (1998) entre os seus entrevistados, conversão esta, que indica uma ruptura ou adoção de um novo *ethos*, tendo em vista que há por parte de Diana Maria, uma desvalorização de experiências exteriores e anteriores à congregação. Para ela a conversão a fez sair do mundo, este mundo que para o indivíduo convertido é cheio de pecados, ou meramente ilusório.

⁸¹. Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 18/02/07

⁸². Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 17/02/07.

Podemos ainda perceber neste primeiro momento de apresentação dos entrevistados no que diz respeito às denominações que fazem parte do ECC, que há uma tendência na mudança dos indivíduos de igrejas históricas para as pentecostais, ou ainda uma pentecostalização das igrejas históricas. Diana Maria em sua entrevista nos diz que nasceu num lar evangélico Batista, mas que depois foi para a Igreja Cristã Pentecostal. Observamos que dentre os 13 entrevistados seis fazem parte de igrejas históricas e seis fazem parte de igrejas pentecostais. Mas na pesquisa que realizamos (Matos, 2005) em 2005 no ECC o número de denominações pentecostais na nossa amostra era muito maior do que das igrejas históricas. Cabe aqui explicitar a maior quantidade de pentecostais.

O Encontro para a Consciência Cristã – ECC - parte de uma iniciativa de pastores da Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (BPC). Segundo Paul Freston (1994) esta denominação surge em meados dos anos 50 e 60, e é a primeira a ter um fundador brasileiro, o operário pernambucano Manoel de Mello. Filho de pai católico e de uma mãe que participava da Assembléia de Deus Manoel de Mello chegou em São Paulo nos anos de 1940 e trabalhou na construção civil e atuou como diácono da Assembléia de Deus. Contudo sentia-se limitado nesta igreja. A partir de 1950, com a chegada da Cruzada Nacional de Evangelização,⁸³ ele fundou em 1955 a Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (BPC). Paul Freston nos traz indicações do caráter desta instituição. “A visão era de uma igreja genuinamente brasileira, no sentido de independência econômica, liderança nacional, metodologia adaptada e o sonho de ‘ganhar’ a nação” (FRESTON, 1994:118). A BPC alcançou sucesso imediato, e em 1958, encheu o Pacaembu em feriados nacionais, com a presença de autoridades civis e de um grande número de adeptos. Estas reuniões chamadas de “Tardes de Bênção” tinham grande repercussão em São Paulo, onde “paralíticos ficavam no gramado aguardando a oração da fé” (FRESTON, 1994:119). O auge da BPC foi por volta de 1960. Em 1979 foi inaugurado o “Templo de Pompéia” em São Paulo com capacidade para 8.000 pessoas sentadas.

Em 1990 Manoel de Mello faleceu e a liderança da BPC ficou a cargo dos seus filhos e de alguns pastores da instituição. Esta igreja tem estilo litúrgico um pouco mais “carismático” e menos pentecostal do que a Assembléia de Deus. A sua ênfase se dá mais nas curas do que em línguas. Diz-se que a BPC tem em torno de mil templos, dos quais metade em São Paulo, 20% no Rio Grande do Sul e 5% no Paraná e no Rio de Janeiro. É uma igreja principalmente das grandes cidades e seu foco principal é a Zona Leste de São Paulo. Esta

⁸³. A Cruzada Nacional de Evangelização surge nos Estados Unidos e chega ao Brasil por volta de 1950. Estas cruzadas eram itinerantes e aportavam em várias cidades do Brasil, montado em lugares ao ar livre, lonas para a realização de cultos de cura.

digressão sobre os primórdios da BPC é necessária para que entendamos como é organizado o Encontro para a Consciência Cristã, já que seus idealizadores fazem parte desta denominação. Notamos, de fato, como demonstrado acima, uma ênfase maior na cura, do que na glossolalia. Nas reuniões noturnas no Tabernáculo da Fé, onde ficavam situadas as palestras centrais, e nos espaços da ilhas, onde aconteciam palestras específicas com menor público, não foi registrada a glossolalia, mesmo nos momentos devocionais que antecediam as palestras. Já a menção a cura foi largamente percebida, nos discursos dos palestrantes e dos fiéis, quando estes falavam do poder do Espírito Santo em curar enfermidades físicas e espirituais.

Obviamente não podemos generalizar para todos os âmbitos do evento a presença maciça das doutrinas da BPC, tendo em vista que a entidade que rege o ECC, a VINACC (Visão Nacional Para Consciência Cristã) é composta em sua diretoria de inúmeras outras denominações, a exemplo da Igreja Presbiteriana, do Avivamento Bíblico, da Batista Independente etc, que “podem votar e serem votadas caso haja o convite desta diretoria que tem eleição a cada três anos.”⁸⁴ Mas, desde o surgimento do Encontro para a Consciência Cristã, a direção geral fica a cargo de algum pastor da BPC. De alguma forma as idéias da BPC influem na ideologia do evento, pois fica na responsabilidade destes traçar todas as diretrizes do encontro como: quem convidar para as preleções, os temas das palestras e testemunhos,⁸⁵ que denominações virão para palestras de abertura e etc.

Podemos então afirmar que as denominações que fazem parte do encontro e dão apoio maciço para a realização do evento, são aquelas entendidas como históricas (Batistas, Presbiterianas, Congregacionais, Metodistas) e as pentecostais de primeira e segunda onda à exemplo da Congregação Cristã, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Avivamento Bíblico, Doutrina Primitiva, Nova Vida, Cristã Maranata etc. Já as denominações de terceira onda, os neopentecostais, (Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Sara Nossa Terra etc.) não apóiam o evento. Isto acontece devido às divergências litúrgicas e doutrinárias destas denominações com relação aos demais protestantes. Mas mesmo sem apoiar o evento, alguns dos seus fiéis participam das palestras do encontro. Outras denominações religiosas cristãs como os Adventistas do Sétimo Dia, os Mórmons, as Testemunhas de Jeová e os Católicos, não apóiam na realização da ECC, mas muitos dos seus fiéis participam dos encontros. São, portanto, nestas comunidades não

⁸⁴. Estas informações sobre a entidade VINACC, foram extraídas da entrevista com o diretor da instituição o pastor Euder Fáber no dia 23/03/05.

⁸⁵. Os testemunhos diferem das palestras porque naqueles o intuito é mostrar ao grande público como se deu a transformação de uma pessoa pelo Espírito Santo. Em 2005 no VII ECC, vieram para o evento o ator Jece Valadão e o biólogo Ricardo Marques que falou do seu envolvimento com a Nova Era.

evangélicas, em que o ECC, através de suas palestras, investe de forma maciça com intuito de convertê-los, levando, segundo alguns palestrantes, “a verdadeira doutrina cristã”. Assim, os dirigentes destas religiões não evangélicas não proibem seus fiéis de participarem do ECC, a exceção é a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Segundo a entrevistada Lourdes Ferreira, fiel da IURD, quando questionada se participava do ECC ela nos disse:

Participo. Mas meus pastores são contra demais, não admitem nem olhar, nem participar, mas como eu sei que meu pai (João Ferreira, entrevistado do ECC, que faz parte da Igreja Congregacional) vai e não faz nada que é errado, se ele vai é claro que eu posso ir. E eu não tô lá contra o pastor, tô lá servindo a Jesus. Eu procurei saber depois porque eles não aceitam mais ele fugiu do assunto e foi contra.⁸⁶

Contudo, com o aumento gradativo das denominações pentecostais, estas divisões entre históricos, pentecostais e neopentecostais em alguns momentos não correspondem à realidade quando observamos os ritos de determinadas igrejas. Assim, o pentecostalismo começou a ganhar adeptos de diversas camadas populares advindas das igrejas protestantes históricas e do catolicismo. No seio de diferentes igrejas históricas (Congregacional, Presbiteriana, Batista, Luterana etc.) a experiência pentecostal começou a ser valorizada e a glossolalia foi intensamente debatida. Era o começo da “pentecostalização” do protestantismo histórico⁸⁷. Portanto torna-se cada vez mais difícil, como observamos no capítulo 1, afirmamos que uma igreja é histórica ou pentecostal devido à frouxidão de identidades destas denominações como nos mostra o entrevistado José Mário. Ele nos relatou que dentro da Igreja Presbiteriana a Pneumatologia ou o estudo do Espírito Santo e dons carismáticos (línguas, cura) se divide em duas tendências: aqueles que acreditam que os dons cessaram na época dos apóstolos, ou seja, a tendência cessacionista, e aqueles não cessacionistas que acreditam que os dons espirituais são contemporâneos. José Mário diz que

Na Igreja Presbiteriana do Brasil existem estas duas tendências, de maneira que não dá para a gente dar uma resposta enfática se a Igreja Presbiteriana do Brasil professa ou não professa a contemporaneidade dos dons, porque estas duas linhas de pensamento de certa maneira elas estão presentes na Igreja.⁸⁸

Mas mesmo diante de tantas dificuldades de conceituar as várias denominações do protestantismo, podemos afirmar que sendo históricas ou históricas pentecostais, as

⁸⁶.Entrevista realizada na casa de João Ferreira no dia 11/06/07.

⁸⁷.Para uma discussão sobre este tema consultar Mafra, 2001; Fernandes *et al.*, 1998; Velho, 1997.

⁸⁸.Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 15/02/07.

denominações que estão presentes no ECC com maior número de participantes são as pentecostais de primeira e segunda onda (Freston, 1994).

Assim, fazendo um balanço geral do ECC, observamos que dos 13 entrevistados, apenas um tinha como religião anterior à evangélica. Dentre os evangélicos entrevistados seis fazem parte de igrejas pentecostais e seis de igrejas históricas. A média do tempo de conversão é maior na faixa de 11 a 20 anos, seguido de 21 a 30 anos. Mesmo havendo uma igualdade entre evangélicos históricos e pentecostais nas nossas entrevistas, observamos através do trabalho de campo que o número de participantes pentecostais no ECC é muito maior do que de fiéis de igrejas históricas. Observamos ainda a vivência de trânsito religioso antes da conversão em alguns entrevistados. As principais religiões em que os fiéis transitaram foram o Catolicismo, e Renovação Carismática Católica, Espiritismo, Umbanda.

Agora apresentaremos ao leitor os entrevistados do Crescer – O Encontro da Família Católica.

QUADRO: 2 - RELIGIÃO ANTERIOR, RELIGIÃO ATUAL E TEMPO DE CONVERSÃO NO CRESCER (CARISMÁTICOS).			
Entrevistado	Religião Anterior	Religião Atual	Tempo de Conversão
Marco Antônio Alves Nascimento	Católico.	Católico Carismático.	2 anos.
Marileide Alves	Católica.	Católica Carismática.	2 anos.
Gilberto Henriques de Carvalho	Católico.	Católico Carismático.	6 anos.
Melania Ozelita de Assis Carvalho	Católica.	Católica Carismática.	6 anos.
Romero Sales Frazão	Católico.	Católico Carismático.	12 anos.
Maria das Neves Farias da Silva	Católica.	Católica Carismática.	4 anos.
Clideci Lopes de Almeida Machado	Evangélica.	Católica Carismática.	7 anos.
Gustavo Lucena	Católico.	Católica Carismática.	15 anos.
Josélio Bezerra	Católico.	Católico Carismático.	3 anos.
Luciene	Católica.	Católica Carismática.	8 anos.
Elizabeth Braga	Católica.	Católica Carismática.	8 anos.
Severina Ferreira ¹	Católica.	Católica Carismática.	30 anos.
Raquel Ferreira	Católica.	Católica Carismática.	15 anos.
Nelita	Católica.	Católica Carismática.	25 anos.
Tereza Braga	Católica.	Católica Carismática.	25 anos.
Maria Erinete	Católica.	Católica Carismática.	25 anos.
Geni Souza	Católica.	Católica Carismática.	30 anos.

NOTA: ¹ As entrevistas de Dona Severina para baixo não foram realizadas no Crescer, apesar destas entrevistadas participarem deste evento. Elas entram na tabela porque são católico-carismáticas. Dona Severina é esposa de seu João que é evangélico. Cheguei a ela por intermédio dele. Raquel é sua filha e as demais entrevistadas conheci através de um convite de Dona Severina a seu grupo de oração.

ANÁLISE DOS DADOS

Religião Anterior: Católicos = 16; Evangélico = 1.

Tempo de Conversão: 1 ano a 10 anos = 9; de 11 anos a 20 anos = 3; de 21 anos a 30 anos = 5.

Fonte: Pesquisador: Silvana Sobreira de Matos - 2007

A primeira constatação diz respeito ao fato de que dos dezessete entrevistados apenas um nasceu em um lar evangélico (Clideci Lopes), os demais eram católicos. Outra observação é que boa parte dos entrevistados estão na faixa de um a 10 anos de participação na RCC, seguido pela faixa de 21 a 30 anos. Temos, portanto passagens para a Renovação Carismática

mais recentes, e passagens bem mais antigas como a de Severina Ferreira que já participa da RCC desde 1977.

Uma outra questão é que diferentemente dos nossos entrevistados do ECC, que eram católicos ou de outras religiões e se converteram a igrejas evangélicas no caso da RCC não podemos falar de uma conversão no sentido estrito do termo, até porque a RCC, é vista pelos seus fiéis como uma reafirmação ou um reavivamento dos mandamentos da Igreja Católica. Assim, por mais que haja uma mudança perceptível, ou um antes e um depois na conduta ou vivência do carismático, ele não rompe com sua igreja de origem.

Danièle Hervieu-Léger (2005), analisando a conversão nas sociedades modernas, observa que a religião se tornou assunto privado e matéria de opção no qual esta conversão toma antes de tudo uma dimensão de escolha individual que exprime o mais alto nível de autonomia do sujeito crente. Para tanto, a autora distingue em três modalidades a figura do convertido. A primeira modalidade diz respeito ao indivíduo que muda de religião, a segunda àquele indivíduo que não possuía anteriormente uma religião e ao longo de sua vida descobre um caminho pessoal, decidindo se agregar a uma religião específica e, por fim, a terceira modalidade que a autora categoriza como refiliado ou convertido do interior, que abrange aqueles indivíduos que redescobrem uma identidade religiosa que até então era vivida de forma mínima. Assim, para Hervieu-Léger (2005), os carismáticos fazem parte desta terceira modalidade. Desta forma, a RCC pode ser entendida como um reavivamento e reafirmação do catolicismo, ou ainda uma refiliação como demonstra Hervieu-Léger.

Para tanto, o que questionamos nas entrevistas, para se ter uma dimensão de que como se opera a mudança no comportamento do católico que participa da RCC foi questionando o que eles entendiam por Renovação Carismática. Vejamos alguns relatos. De acordo com a artista plástica de 31 anos Elizabeth Braga a RCC é um “reavivamento, reavivamento da igreja, reavivamento da fé, reavivamento da esperança em Deus, é esse retorno de uma vida consagrada”.⁸⁹ Já para Romero Frazão de Sales, que tem 28 anos e é participante do “Ministério de Ensino e Formação” da Comunidade Pio X que rege o Crescer a

Renovação Carismática Católica é como um agir do Espírito Santo na Igreja. João XXIII durante o Concílio Vaticano II, como o próprio João Paulo II, já pediam um fervor do Espírito Santo sobre a Igreja, que esse Espírito Santo viesse realmente abalar a Igreja, no sentido de trazer de volta aqueles que estavam muitas vezes se perdendo... (...) A RCC é a volta dos valores da Igreja, à volta ao valor da confissão, da eucaristia. O amor que a Renovação tem trazido nos diz respeito à eucaristia, essa renovação do amor, a presença

⁸⁹. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

de Jesus, corpo, alma sangue e divindade na hóstia consagrada, o amor a Maria né, eu falo assim pra que fique bem claro, porque muitos acham que a Renovação Carismática é algo protestanizado na Igreja católica, mas não é nada disso.⁹⁰

Maria das Neves, auxiliar de enfermagem de 68 anos, tem uma idéia parecida com a de Elizabeth Braga e Romero Sales. Ela diz que a RCC é “pra renovar a vida em Cristo, para as pessoas nunca esquecerem daquilo que Cristo nos deu; fé, amor com o próximo. Eu acho que é sempre renovando aquilo, porque se não for assim todo mundo vai acabar esquecendo de Cristo”.⁹¹ Clideci Lopes também enfoca o mesmo que os entrevistados acima citados. Ela diz que a RCC é um “renovar diariamente com Cristo, está diariamente em contato com ele procurando viver uma vida cristã verdadeiramente. Pra mim o objetivo é esse, e lá eu tô encontrando muita paz e a presença do Nosso Senhor Jesus Cristo nas nossas vidas diariamente”.⁹² Já Geni Souza, que participa da RCC acerca de 30 anos nos relatou que:

Eu agradeço muito a meu Deus pela Renovação Carismática, que foi mais que me incentivou, incentivou de ler a palavra, a tirar mais esse medo e falar de um Deus maravilhoso na vida da gente (...). Eu aprendi dentro da Renovação que eu posso falar com meu Deus e receber respostas dele, assim como eu falo com ele, ele fala comigo.⁹³

Assim, a RCC aparece nas falas dos entrevistados a partir da ótica de uma reafirmação dos votos com a Igreja Católica, ou ainda como possibilidade de vivenciar uma espiritualidade mais viva, enérgica que envolva o Espírito, a cura e a glossolalia. Notamos também que nos relatos dos entrevistados do ECC (evangélicos) sobre a conversão, que há um enfoque maior na valorização do discurso religioso institucional, como nos demonstrou Auta Quirino e Diana Maria de Jesus, que enfocaram questões relativas a uma vivência bastante correlacionada aos ditames de suas religiões, ou seja, Auta Quirino, que anteriormente se considerava uma mistura de religião e participava do espiritismo, hoje considera o Espiritismo uma seita, e afirma que não é mais uma mistura de religião porque só acredita na salvação por meio de Jesus. Diana Maria por sua vez, afirmou que se afastou das coisas do mundo para viver uma vida que condiz com as práticas institucionais da sua congregação. Assim, ao contrário dos evangélicos, onde a ênfase da conversão está mais associada ao discurso

⁹⁰. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

⁹¹. Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/02/07.

⁹². Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/02/07

⁹³. Entrevista realizada na casa de Nelita no grupo de oração no dia 12/06/07.

religioso institucional, na RCC a ênfase parece estar mais firmemente ligada a uma transformação na dimensão pessoal dos entrevistados como nos mostra Clideci Lopes, que nos relata que encontra muita paz na RCC, ou ainda Geni Souza, que nos afirmou que com a RCC ela passou a ler mais a Bíblia, perdeu o medo de falar com Deus, e aprendeu com a RCC que pode falar e receber respostas Dele. Passaremos agora para o segundo ponto que estabelecemos que visa analisar o que pensam os entrevistados sobre possíveis semelhanças e sincretismos, além das diferenças apontadas pelos entrevistados com relação a carismáticos e evangélicos. Nosso intuito é observar questões referentes à “tolerância” e “intolerância” entre estas duas comunidades. Vejamos os quadros a seguir que nos trazem informações dos entrevistados sobre este tema.

QUADRO: 3 - SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE EVANGÉLICOS E CARISMÁTICOS SEGUNDO OS ENTREVISTADOS DO ENCONTRO PARA A CONSCIÊNCIA CRISTÃ – ECC (EVANGÉLICOS)		
Entrevistado	Semelhanças	Diferenças
José Mário da Silva Evangélico - Histórico (Presbiteriana)	A semelhança é mais exterior.	1º Maria, 2º Só há salvação na pessoa de Jesus. 3º Santos, 4º Documentos da Igreja.
Hernades Dias Lopes Evangélico - Histórico (Presbiteriana)	Só na busca de Jesus.	Incontáveis.
Marcos Nunes Fróes Evangélico - Pentecostal (Casa da Benção)	Na quebra dos tabus tradicionais da igreja católica e das denominações protestantes históricas.	1º Única Regra de fé é a Bíblia, 2º Os concílios da Igreja, 3º A palavra dos líderes tem tanto valor como a Bíblia, 4º Adoração a imagens, 5º Comunhão, 6º Maria.
Manoel Luiz de Souza Filho Evangélico - Pentecostal (Igreja Cristã Pentecostal)	Diz que há semelhanças.	Adoração a Maria.
Diana Maria de Jesus Evangélica - Pentecostal (Igreja Cristã Pentecostal)	Diz que são bastante parecidos.	Adoração a Maria.
Antônio Valter Evangélico Histórico (Batista)	A busca de Deus e a conversão.	A questão das Imagens.
Carmem Dolores Evangélica - Histórica (Congregacional)	Existem muitas. Batismo, línguas, lê a Bíblia.	1º Imagens de escultura, 2º A Semana Santa.
João Ferreira de Souza Evangélico – Histórico (Congregacional)	Ler a Bíblia.	1º Idolatria (Santos) 2º Batismo evangélico, 3º A Santa Ceia, 4º Não batiza crianças.
Analice Miná Evangélica - Pentecostal (Igreja Presbiteriana Bíblica)	A leitura da Bíblia.	A fé para o católico é uma obrigação.
Auta Quirino de Souza Evangélica - Histórica (1º Igreja Batista)	Não sabe responder	Imagens.
Edmilson da Silva Paulino Evangélico – Pentecostal (Assembléia de Deus)	Procuram fazer boas obras, procuram viver em paz.	A questão da interseção.
Euder Fábio Guedes Ferreira Evangélico – Pentecostal (Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo)	Leitura da Bíblia.	Ter além da Bíblia a tradição como autoridade.
Lourdes Ferreira Igreja Universal do Reino de Deus	Ler a Bíblia, e crer em Jesus.	Maria, 2º As imagens.

Fonte: Pesquisador: Silvana Sobreira de Matos – 2007.

**QUADRO: 4 - SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE CARISMÁTICOS EVANGÉLICOS
SEGUNDO OS ENTREVISTADOS DO CRESCER (CARISMÁTICOS).**

Entrevistado	Semelhanças	Diferenças
Marco Antônio Alves Nascimento.	As duas religiões levam a Deus.	Acha que quase nada difere.
Marileide Alves.	Parece em parte.	Não aceita Maria.
Gilberto Henriques de Carvalho.	Existem	Os evangélicos não têm os sacramentos católicos.
Melania Ozelita de Assis Carvalho.	São pessoas boas, buscam Deus.	Não acreditam em Maria.
Romero Sales Frazão.	Em alguns aspectos sim.	Principalmente o Jesus Eucarístico, Adoração ao Santíssimo Sacramento, 2º Maria.
Maria das Neves Farias da Silva.	Parece um pouco.	O evangélico é mais fanático.
Clideci Lopes de Almeida Machado.	As duas levam ao mesmo caminho a Jesus.	Não dá o valor a Maria.
Gustavo Lucena.	1º Eles também partilham da graça de Deus. 2º Acreditamos no mesmo Deus.	1º A questão da virgindade de Maria, 2º Eucaristia, 3º A bíblia é diferente.
Josélio Bezerra.	O Culto único a um Deus, a crença veemente que Jesus Cristo é filho e veio a terra, que morreu por nós e ressuscitou.	A negação da presença viva de Maria.
Luciene.	Acreditam no Deus único.	O culto a Maria.
Elizabeth Braga.	Na busca e na vivência da palavra, em viver a verdade de Deus, em buscar em viver com afinco a palavra.	Só a Maria.
Severina Ferreira.	No dom de línguas.	1º Não aceitam Maria, 2º Não aceitam os Santos, 3º Não tem os Sacramentos da Igreja.
Raquel Ferreira.	Fazem caridade.	1º Não aceitam os santos 2º Não aceitam Maria.
Nelita.	Na força da fé.	Não aceitam os sacramentos da Igreja Católica.
Tereza Braga.	Porque os dois caminhos levam a Deus.	1º Porque não aceitam o Papa, 2º Não aceitam os sacramentos da Igreja, 3º Não aceitam Maria.
Maria Erinete.	Os dois acreditam em Jesus.	Não aceitam os sacramentos católicos.
Geni Souza	Fazem caridade e acreditam em Jesus.	1º Não aceitam Maria, 2º Não tem os Sacramentos da Igreja, 3º Não aceitam os Santos.

Fonte: Pesquisador: Silvana Sobreira de Matos – 2007.

Estes quadros foram construídos a partir das entrevistas realizadas nos dois eventos em 2007. Agrupamos as respostas referentes às semelhanças (sincretismos, porosidades) e diferenças (anti-sincretismos) apontadas pelos entrevistados com intuito de trazer ao leitor, na impossibilidade de comentar todas as respostas, um quadro geral das idéias apontadas pelos entrevistados sobre o referido tema. Em linhas gerais observa-se que acreditar em Jesus e Deus aparece em maior quantidade nas respostas sobre as semelhanças entre evangélicos e carismáticos, ao contrário da leitura da Bíblia que é somente destacado pelos entrevistados do ECC (evangélicos). Com relação às diferenças apontadas, podemos observar que Maria é a grande divisora, tendo em vista que Ela é apontada pelo conjunto dos entrevistados como a principal diferenciadora entre carismáticos e evangélicos.

De acordo com Cecília Mariz e Maria das Dores Machado (1998), a RCC e o pentecostalismo possuem diversos pontos de convergência, como: tendência à afiliação religiosa exclusiva, um maior compromisso do indivíduo com a instituição, rejeitando assim qualquer mistura religiosa, exigindo desta forma, uma transformação no estilo de vida. Além destas tendências ainda se observa, na RCC e no pentecostalismo, outras características

comuns como: o uso da Bíblia, a teologia da guerra espiritual, o falar em línguas, a cura e os milagres. Estas convergências entre os carismáticos e evangélicos são históricas, tendo em vista que a RCC surge a partir de diálogos com igrejas protestantes como mostramos no primeiro capítulo.

Machado (1996) ainda afirma que em pesquisa realizada por ela e Mariz sobre sincretismo e trânsito religioso entre carismáticos e pentecostais (1994) foi observado que

os primeiros, sem distinção de classe, apontam os pentecostais como o grupo religioso que mais se identificam. Nessa pesquisa, os autores constataram a frequência simultânea dos carismáticos aos cultos pentecostais e às palestras de pastores evangélicos, e até o trânsito dos primeiros por Igrejas evangélicas renovadas. Quanto a frequência paralela, verificou-se que ela ocorria basicamente na fase de conversão, quando a opção religiosa ainda não estava definida. Já a passagem pelas denominações pentecostais, muito comum aos estratos populares, mas também presente nos grupos sociais médios, representaria o momento decisivo para o abandono das práticas sincréticas, sobretudo as dos grupos religiosos afro-brasileiros. [...] Além disso, numerosos adeptos do Movimento de Renovação Carismática Católica declaram terem sido católicos não-praticantes e com práticas sincréticas por muitos anos, e que antes da entrada no grupo religioso atual tinham aderido às crenças pentecostais, em Igrejas de tradição protestante. [...] Enfim, a passagem mesmo que temporária de carismáticos por comunidades pentecostais indica que a fronteira entre esses grupos não é tão nítida e forte como a demarcava até bem pouco tempo os universos protestante e católico, reforçando a opção por compará-los (MACHADO, 1996: 53).

Desta forma, o carismatismo católico é visto como uma modalidade religiosa na qual suas bases advêm, em boa parte, do protestantismo histórico, pentecostalismo e do catolicismo. Segundo Ronaldo Almeida e Paula Montero (s/d), do pentecostalismo a Renovação Carismática adotou os dons espirituais ou carismas, como a glossolalia e a cura. “Do protestantismo histórico, a idéia de conversão pessoal que em termos práticos manifesta-se como experiência emocional com implicações diretas no comportamento do fiel [...]” (ALMEIDA & MONTERO, s/d: 14). Assim, segundo Maria das Dores Machado (1996) “a devoção à Maria foi estimulada para demarcar as fronteiras entre o catolicismo e o pentecostalismo e em certa medida reforçar a identidade religiosa católica dos carismáticos” (MACHADO, 1996:48).

Mas para além da observação de elementos de sincretismo, ou bricolagem religiosa entre pentecostais e carismáticos, há também um movimento de firmar identidades “puras” que tem como base o apelo por discursos que acionam um anti-sincretismo religioso que pode, em alguns casos, dar margem a atitudes de intolerância religiosa ou “batalha espiritual”.

Assim, para Cecília Mariz e Maria das Dores Machado (1998), a aproximação dos pentecostais com qualquer setor da Igreja Católica, mesmo os carismáticos, “torna-se muito difícil, visto que os católicos em geral são acusados de adotarem práticas sincréticas identificadas como demoníacas” (MARIZ & MACHADO, 2001:87), muito embora as autoras tenham observado, como afirmei anteriormente que no plano das ações políticas têm existido em menor ou maior grau parcerias, alianças institucionais, ações conjuntas entre pentecostais e católicos que participam das comunidades de base. Em nosso trabalho de campo, no ECC (evangélicos) e Crescer (carismáticos) observamos também como afirmam Mariz e Machado (1998) que alguns evangélicos acusam católicos e carismáticos de adotarem práticas identificadas como demoníacas. Vejamos alguns relatos dos entrevistados dos dois eventos sobre o questionamento que fizemos sobre semelhanças e diferenças entre carismáticos e evangélicos.

O professor universitário José Mário (ECC) que participa da Igreja Presbiteriana nos diz que as semelhanças entre evangélicos e carismáticos são mais aparentes porque se

formos fazer uma análise mais profunda do conteúdo, da pregação, da teologia professada pelos dois grupos, as diferenças vão se revelar quase que intransponíveis. Eu diria também que essas similitudes elas são muito maiores com a comunidade pentecostal, sobretudo no aspecto de uma liturgia festiva, mais celebratória, menos formal, e por também carismáticos e pentecostais hoje estarem cantando as mesmas músicas, então isso cria uma certa impressão de que ambos os grupos professam a mesma fé. Se formos fazer uma análise mais profunda, mais radical da teologia professada pelos protestantes históricos e mesmo pelos pentecostais, vamos perceber que há diferenças absolutamente visíveis e que fazem com sejam dois grupos que embora abrigados neste manto da cristandade, tenham concepções teológicas diametralmente opostas.⁹⁴

Em seu discurso, José Mário enfatiza mais as diferenças entre evangélicos e carismáticos, levantando ainda a questão que as semelhanças entre estas duas comunidades é maior com relação aos pentecostais do que com evangélicos históricos, concluindo que apesar destas duas comunidades serem cristãs, suas concepções teológicas são diametralmente opostas. Tal recusa em ver pontos de contato, porosidades e até mesmo sincretismos entre carismáticos e evangélicos foram também verificados no discurso de Romero Frazão, que é participante do Crescer e faz parte da Renovação Carismática Católica há 12 anos. Vejamos o seu relato.

⁹⁴. Entrevista realizada no IX Encontro para a Consciência Cristã no dia 15/02/07.

A gente observa que existem mais diferenças do que semelhanças. Por exemplo, para o protestantismo, para o pentecostalismo, Jesus não está presente na Eucaristia, adora-se Jesus apenas em Espírito e em verdade, mas não na Eucaristia, corpo, alma, sangue e divindade ali presente. Para nós isto é uma realidade e quem nos garante isso? A sucessão apostólica. Outro detalhe que é interessante é que a oração em línguas já existia desde a Igreja Primitiva, ou seja, são os dons extraordinários do Espírito Santo que vinham se constituindo, mas que com o passar do tempo começou a cair. Outra questão é a pessoa de Maria Santíssima que nos diferencia ainda mais dos protestantes. Porque nós da Renovação contamos com a presença de Maria como mãe, nós não a rejeitamos, ou não a desconsideramos, ou não a menosprezamos pra não falar desprezar Nossa Senhora, mas nós a colocamos, nós a integramos dentro deste novo pentecostes, pentecostes que é a Renovação Carismática.⁹⁵

Segundo Romero Frazão, haveria assim mais diferenças do que semelhanças ou sincretismos entre carismáticos e evangélicos e que estas possíveis semelhanças que ele apontou como as curas, batismo, etc., são características típicas da Igreja Católica que com o tempo foram desaparecendo mas que agora, após este reavivamento ou este novo pentecostes na Igreja Católica, teria retornado com toda força. Assim, na opinião de Romero Frazão, não são os carismáticos que parecem ou apreenderam as doutrinas dos evangélicos e sim o contrário.

Do mesmo modo de Romero Frazão, Gustavo Lucena, coordenador do Crescer (carismáticos), enfocou a questão da tradição católica como o principal diferenciador entre carismáticos e evangélicos. Para ele, por o catolicismo ter surgido primeiro e ser a Igreja de Cristo, ela é o pote maior que recebe diretamente a graça de Deus. Vejamos o seu relato:

A graça de Deus - numa imagem pra gente conseguir visualizar melhor isso - , Deus está do alto jogando água, a Igreja é o pote maior, a Igreja Católica Apostólica Romana, até por causa da sua linha direta com os apóstolos tudo isso, ele seria esse balde maior a receber a água do céu. Quando Deus joga a água nesse balde maior, alguns respingos caem ao redor do balde, mas é água que vem do mesmo lugar. Então eles também partiram da mesma graça que nós, né? Algumas pessoas entendem que nós partilhamos da mesma graça que eles, mas é o contrário. A origem e a fonte está aqui, a origem e a fonte somos nós a Igreja Católica, e não eles, porque nós estamos em linha direta com o Papa. Existem semelhanças é claro, e a maior semelhança é o mesmo Deus.⁹⁶

Gustavo Lucena ainda enfocou na sua fala que estas diferenças que os evangélicos apontam com relação aos católicos-carismáticos acontecem porque “... na Bíblia utilizada por eles, eles extraíram sete livros do nosso, isso foi uma maneira uma tradução utilizada por eles

⁹⁵.Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

⁹⁶.Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

para se diferenciar dos católicos, mas esqueceram que muitas vezes Jesus fez citações desses livros que eles tiraram”.⁹⁷ Com relação à diferença entre a Bíblia católica e evangélica o site oficial do Crescer publicou uma matéria intitulada “*Que livros não são achados na Bíblia protestante?*” que diz:

Eles são Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e os dois livros de Macabeus, junto com fragmentos de Ester (10:4; 16:24) e Daniel (3:24-90; 13;14) (...) Tem uma tradução correta da Bíblia? Sim. Nós temos uma que é reconhecida por estudiosos protestantes como sendo uma verdadeira tradução. Um católico é proibido de ler essas versões protestantes que são más interpretações no qual o texto é torcido para dar respaldo aos inimigos da Igreja Católica. Falsos textos não são a Palavra de Deus.⁹⁸

As idéias apontadas por Gustavo Lucena sobre a Igreja Católica ser a única Igreja de Cristo, foram reafirmadas nas últimas resoluções do Papa Bento XVI em suas “*Respostas relativas a alguns aspectos da Doutrina sobre a Igreja*”. Neste documento constam as últimas resoluções do Papa Bento XVI concernentes a questões sobre ecumenismo as Igrejas Orientais e as comunidades cristãs nascidas da Reforma Protestante. O documento diz:

Segunda questão: Como deve entender-se a afirmação de que a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica? Resposta: Cristo “constituiu sobre a terra” uma única Igreja e instituiu-a como “grupo visível da comunidade espiritual”, que desde a sua origem e no curso da história sempre existe e existirá, e na qual só permanecem e permanecerão todos os elementos instituídos. “Esta é a única Igreja de Cristo, que no símbolo professamos como sendo una, santa, católica e apostólica [...] Esta igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele”. **Quinta questão: Por que razão os textos do Concílio e do subsequente magistério não atribuem o título de “Igreja” às comunidades cristãs nascidas da Reforma do século XVI? Resposta:** Porque, segundo a doutrina católica, tais comunidades não têm a sucessão apostólica no sacramento da Ordem e, por isso, estão privadas de um elemento essencial constitutivo da Igreja. Ditas comunidades eclesiais que, sobretudo pela falta do sacerdócio sacramental, não conservam a genuína e íntegra substância do Mistério eucarístico, não podem, segundo a doutrina católica, ser chamadas “Igrejas” em sentido próprio (CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, 2007).

Sobre esta questão acima citada, Carlos Rodrigues Brandão (1994), nos diz que para o católico “a religião católica segue sendo a única verdadeira, porque foi a única crida por Jesus

⁹⁷. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

⁹⁸. Consultar CRESCER, 2007f.

Cristo, dada a Pedro, a quem sucedem os papas, e nisso, separada por excelência das outras, criações humanas posteriores...” (BRANDÃO, 1994: 200).

Mas não foi só nos relatos dos entrevistados do Crescer que observamos afirmações que a Igreja Católica é a única igreja de Cristo. No site deste evento encontramos um artigo de Carlos Martins Nabeto que enfoca estas questões que citamos acima sobre a autoridade da Igreja Católica como única Igreja de Cristo. Esse texto expõe que “Jesus manifestou o interesse de fundar a Igreja (Mt 16,18), Igreja esta que teria autoridade (Mt 18,17), cujo sinal de unidade seria a pessoa de Pedro (Mt 16,18-19; Jo 21,15-17; etc). A Igreja foi oficialmente fundada após a ressurreição de Jesus, no domingo de Pentecostes, com o derramamento do Espírito Santo (At 2).” Carlos Nabeto complementa ainda suas idéias e relata que depois do cisma da Igreja Ortodoxa foram necessários 500 anos até a Reforma Protestante que teve início com a vontade de Lutero em reformar a igreja. Nabeto diz:

Vários homens lutaram por reformas, cada qual a seu jeito. Francisco de Assis é um desses exemplos: lutou por reformas e conseguiu! Não precisou dividir a Igreja, pois reconhecia sua importância e autoridade. Infelizmente, homens como Lutero e Calvino, ao invés de se inspirarem no grande exemplo de São Francisco, acharam mais fácil romper com a Igreja, fundando novas religiões... Lutero havia afirmado que quem dirige o crente é o Espírito Santo, de forma que este não necessita da autoridade de Igreja para ajudá-lo a interpretar a Bíblia, única fonte de fé que deve ser considerada pelo cristão. Mesmo sendo oposta à própria Bíblia (2Pd 3,15-16), a livre interpretação ocasionou a fragmentação do Cristianismo em mais de 20 mil ramos, o que é um absurdo, já que cada ramo se julga a verdadeira Igreja de Cristo, tendo como único ponto comum o anticatolicismo. Mas, não reconhecendo a autoridade de Igreja, mais uma vez se voltam contra a Bíblia, pois esta afirma que o fundamento e coluna da verdade é a Igreja (cf. 1Tm 3,15), logo, apesar de possuírem alguns pontos verdadeiros (que são iguais aos da Igreja Católica!!!), não são a verdadeira Igreja de Cristo (NABETO, 2006:1).

Contudo, para alguns evangélicos, a Igreja Católica não é a única a ser a verdadeira Igreja de Cristo. De acordo com uma matéria que consta no site do ECC intitulada “*Nem Una, Nem Apostólica - A falácia da unidade católica*” de Paulo Cristiano da Silva, ele diz que o que ocorreu foi que

Roma, e não nós, que se separou da verdadeira doutrina bíblica e apostólica. Ela tem sido a maior causadora de schisma [divisões] nestes 15 séculos de cristianismo. Por isso o mandamento é apartar daqueles que não andam conforme a doutrina (Romanos 16.17). “Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” (Amós 3:3). A verdade é esta: os católicos têm suas divergências e diferenças, mas não admitem, pois concordam em submetê-las todas à decisão da sede papal, que é para eles o centro da unidade; os evangélicos têm também as suas, mas submetem-nas todas ao

único líder – Jesus – cuja autoridade das Escrituras, compõe o centro dessa unidade. Apontam ainda o credo Niceno que reza “Creio na Igreja, Una...”, para daí tirarem a conclusão de que as igrejas evangélicas não fazem parte da verdadeira Igreja de Cristo. Somente a Igreja Católica é Una! (SILVA, 2007:3).

Porém outras questões foram apontadas também por evangélicos e carismáticos como ponto de discórdia e conflitos entre estas duas comunidades e que são temas centrais em seus eventos anuais. De acordo com João Ferreira, (ECC) que faz parte da Igreja Congregacional há 47 anos, os católicos e carismáticos ainda “conservam o mesmo sistema doutrinário da idolatria, ainda procura ter seu santo próprio, eles negam e por isso diverge”.⁹⁹ Outro tema ainda mais controverso do que a adoração aos santos é o destacado pelo professor universitário José Mario (ECC), da Igreja Presbiteriana. Segundo ele, o que diferencia principalmente evangélicos de carismáticos é Maria. O entrevistado ainda enfoca que os carismáticos não têm como única regra de fé a Bíblia. Vejamos o que ele diz:

Os carismáticos apesar de demonstrarem uma espécie de interesse renovado pela leitura da Bíblia, ainda mantêm, a figura de Maria dentro da teologia católica. Tanto no ramo mais ortodoxo, quanto no carismático, à figura de Maria ainda ocupa um espaço muito central e num certo sentido Ela ainda é vista como a mediadora, Ela que também pode realizar algo meritório em favor do pecador. E nós cremos de forma absolutamente cristalina que a salvação é única e exclusivamente na pessoa do Nosso Senhor Jesus Cristo e da obra que realizou no Calvário, de maneira que eles não têm nas Escrituras Sagradas a regra única e inquestionável de fé, dividindo com os pensamentos dos santos e com os próprios documentos da igreja. E nós também professamos que em matéria de fé, espiritualidade, de ética moral, doutrina e de questões concernentes à eternidade somente as Escrituras Sagradas se constituem na nossa regra única de fé e prática. São diferenças assim que colocam em fronteiras bem opostas carismáticos e evangélicos.¹⁰⁰

Diana Maria de Jesus participante do ECC enfocou questões que José Mário também nos relatou sobre a força de Maria na doutrina católica e nos disse que:

Somos bastante parecidos, a única coisa que há diferente é que nós cultuamos um Deus vivo e a Jesus atribuímos à honra, a glória e o louvor da exaltação. Eu não sou contra carismáticos, mas somente assim, pelo fato de conhecer a Bíblia e atribuírem a Maria honras, glórias e louvores, né?! Maria merece todo nosso respeito, é escolhida como mãe de Jesus Cristo, eu a respeito muito e a amo muito como minha irmã, né, mas não tenho Maria como minha mãe, nem tenho Maria como a minha intercessora, tenho Jesus Cristo.¹⁰¹

⁹⁹. Entrevista realizada na casa de João e Severina Ferreira no dia 11/06/07.

¹⁰⁰. Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 15/02/07.

¹⁰¹. Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 17/02/07.

Por os cultos aos santos e Maria serem temas polêmicos no cristianismo, dividindo opiniões, o site do Crescer publicou uma matéria intitulada “*Imagens e Ídolos*” que visa explicar as diferenças existentes entre latria, dulia e hiperdulia. Vejamos o que esta matéria diz:

O culto que a Igreja Católica presta a Deus, e só a Deus, é um culto chamado “latria”, isto é, de adoração. Aos anjos e santos é um culto chamado “dulia”, de veneração. Maria, como Mãe de Deus recebe o culto de “hiper´dulia”, super veneração digamos, mas que está muito longe da adoração devida só a Deus. São Pedro, ao terminar a segunda Carta falava do perigo daqueles que interpretavam erroneamente as Escrituras: “Nelas há algumas passagens difíceis de entender, cujo sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras” (2 Pe 3,16). Infelizmente isto continua a acontecer com aqueles que querem dar uma interpretação individual à Palavra de Deus, sem autorização oficial da Igreja, levando multidões ao erro. Só a Igreja é a autêntica intérprete da Bíblia (Cf. Dei Verbum, 10), pois foi ela que, inspirada pelo Espírito do Senhor (Jo 16,12), a compôs. As imagens, sempre foram, em todos os tempos, um testemunho da fé. Para muitos que não sabiam ler, as belas imagens e esculturas foram como que o Evangelho pintado nas paredes ou reproduzido nas esculturas. E assim há de continuar a ser. É claro que o culto por excelência é prestado a Deus, mas isto não justifica que as imagens sejam retiradas das nossas igrejas. Ao contrário, elas nos lembram que aqueles que elas representam, chegaram à santidade por graça e obra do próprio Deus. Assim, as imagens, dão, antes de tudo, glória a Deus.¹⁰²

Em resposta a estas diferenciações entre latria, dulia e hiperdulia o site do ECC publicou uma matéria intitulada, “*Aparecida - padroeira do Brasil?*”, do dia 22/08/2007, que foi extraída da Revista Defesa da Fé, nº. 26, que diz

(...) qual a diferença que pode haver entre a dulia e a hiperdulia? Qual a diferença das duas com a latria? A verdade é que os três termos se confundem. Os dois termos (dulia e hiperdulia) podem estar envolvidos com a latria e tudo se torna uma distinção que não distingue coisa alguma. As pessoas que se prostram diante de uma imagem da Conceição Aparecida, ou de São João, ou de São Sebastião ou de Jesus sabem que estão cultuando em níveis diferentes? Para elas não seria tudo a mesma coisa? (...) Não podemos dizer que a veneração dos santos — e muito menos a da Mãe de Cristo — faça parte do patrimônio original. Se o culto aos santos e a Maria fosse correto, João, que escreveu o último evangelho, aproximadamente no ano 100 d.C., certamente falaria sobre o assunto e incentivaria tal prática. Ele, porém, nos adverte: Filhinhos, guardai-vos dos ídolos (1 Jo 5.21).¹⁰³

Desta forma, com relação aos santos, os evangélicos chamam os católicos e carismáticos de idólatras, e sustentam que a sua fé é mais genuína porque o único que pode

¹⁰². Consultar CRESCER, 2007g.

¹⁰³. Consultar VINACC, 2007b.

salvar os pecadores é Jesus. A crítica, portanto, reside no fato que os evangélicos condenam a questão da intersecção, afirmando que nem Maria nem os santos, nem os documentos da Igreja Católica podem salvar o pecador.

E é justamente na questão sobre Maria que boa parte dos conflitos acontecem entre carismáticos (Crescer) e evangélicos (ECC). Das dezessete entrevistas que realizamos no Crescer doze delas enfocaram como fato de conflito e intolerância dos evangélicos contra os católicos e carismáticos a questão de Maria. Do lado dos evangélicos das treze entrevistas que realizamos cinco enfocaram a questão de Maria como foco de controvérsias com os católicos e carismáticos. Desta forma, o culto à Virgem Maria, pela RCC, gera uma batalha espiritual entre carismáticos e evangélicos. Segundo Carlos Rodrigues Brandão,

O imaginário pentecostal sobre a morte nega a possibilidade real de que seres humanos não vivos ou não-humanos tenham qualquer tipo de existência e, mais ainda, qualquer poder eficaz de ação sobre vivos e mortos. [...] Nem mesmo os sujeitos santificados do catolicismo e aceitos como personagens importantes na “vida de Cristo”, como a Virgem Maria e os santos evangélicos, possuem poder algum de reciprocidade ativa com os vivos. De tal sorte que todas as aparições de “Nossa Senhora” e todo o seu culto são artifícios do Demônio e são a sua presença desvios da fé católica (BRANDÃO, 1994:196).

Carlos Rodrigues Brandão (1994) ainda complementa as suas afirmações e diz que os pentecostais não reconhecem nenhum tipo de sincretismo na sua doutrina que não derive em linha direta da Bíblia. Assim, é por causa destes inúmeros conflitos que Maria das Neves, entrevistada do Crescer, nos relatou que em sua opinião os evangélicos se diferenciam dos carismáticos por aqueles serem mais fanáticos. Maria da Neves se ressentiu, afirmando que para os evangélicos “só eles estão salvos, só eles podem curar”.¹⁰⁴

Mas o ponto alto deste conflito entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande sobre Maria aconteceu no ano de 2005, quando o pastor Joaquim de Andrade¹⁰⁵ palestrante

¹⁰⁴. Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/02/07.

¹⁰⁵. “O pastor Joaquim de Andrade participa do ECC desde a sua primeira edição. Ele é digamos o preletor mais querido do evento, e as suas palestras sempre estão lotadas. Joaquim de Andrade é casado com Sônia Ribeiro de Andrade, têm quatro filhos, Sheila, Israel, Larissa e Giovanna. Foi ex-vice Presidente da AGIR (Agência de Informações Religiosas) é conferencista internacional, ex-pesquisador do ICP (Instituto Cristão de Pesquisas) por 13 anos. Ainda é autor dos capítulos “Os Fatos Sobre os Movimentos da Fé e da Teologia da Prosperidade no Brasil”, “Os Fatos Sobre os Anjos no Brasil”, “Os Fatos Sobre Os Mórmons no Brasil” (livros da Obra Missionária Chamada da Meia Noite). Pastor da Igreja Batista Ágape em Vila Mariana, São Paulo, Joaquim de Andrade ainda é Professor de seitas e religiões em diversos seminários teológicos, como por exemplo: Betel Brasileiro, ESTE; além de agências missionárias, como: Jocum, Jovens da Verdade, Missão Antioquia, Kairós, etc. Lidera por mais de quinze anos uma cruzada de evangelização aos espíritas no litoral paulista, na noite de Iemanjá, que ocorre sempre no segundo sábado de dezembro; além de cruzadas para alcançar “Testemunhas de

do ECC desde a sua primeira edição, afirmou na sua palestra Fátima X Holocausto e no Jornal da Paraíba¹⁰⁶ que as aparições de Fátima eram demoníacas.

A reação do Crescer foi imediata. Se nos anos anteriores este evento mantinha uma certa “cordialidade” com relação aos evangélicos e ao ECC, após as colocações do pastor Joaquim de Andrade, o conflito de discreto passou a ser aberto. A comunidade PIO X, responsável pelo Crescer, organizou uma passeata e um ato de desagravo a Nossa Senhora no Parque do Povo, decisão esta que foi tomada pelos integrantes da Comunidade durante o IX Crescer, com o objetivo de reparar as afirmações do pastor evangélico Joaquim de Andrade sobre as aparições de Maria serem manifestações demoníacas¹⁰⁷. O ato de desagravo contou com cerca de 10 mil católicos vestidos de branco e azul que, segundo Gustavo Lucena, coordenador do Crescer, é um tipo de manifestação prevista pela Igreja Católica quando alguém ou algum local é profanado. Esta passeata segundo o coordenador do ECC Euder Fáber,

[...] é uma bobagem. Não houve agressão à Maria nem à Igreja Católica. O que está sendo tratado é uma questão de divergência doutrinária. Acho que os católicos não podem se sentir feridos só porque não concordamos com as suas filosofias, pensamentos e doutrinas. O que precisa ser feito é um debate aberto, onde a sociedade possa discernir onde está o certo do errado.¹⁰⁸

De forma semelhante, os pastores do Encontro para a Consciência Cristã – ECC – parecem utilizar o mesmo argumento que Emerson Giumbelli (2001) observou quando analisou a Igreja Universal do Reino Deus – IURD - relatando que estes lançam mão da liberdade religiosa para justificar atitudes intolerantes. Assim, o ECC, criou ao seu redor uma grande teia de instrumentos midiáticos para comunicar e/ou criticar as demais religiões de Campina Grande. Para tanto a Visão Nacional da Consciência Cristã – VINACC -, órgão que responde pelo ECC, possui um site permanente, além de emissoras de rádio, se utilizando ainda de outdoors, panfletos e passeatas para realização dos seus trabalhos evangelísticos por

Jeová", por ocasião de seus congressos anuais, realizados por todo o Brasil e evangelização aos mórmons por ocasião da inauguração dos templos mórmons no Brasil. Participou de vários programas de rádio e televisão, bem como entrevista em jornais seculares, denunciando o abuso das seitas e seu perigo para a igreja e a sociedade.” Consultar informações no site: www.vidacomdeus.com.br/colaboradores/joaquim/index.htm.

¹⁰⁶. Consultar TERZAKIS, P. & PAPES.

¹⁰⁷. No Jornal da Paraíba, do dia 10/02/05 na matéria intitulada “**Dom Aldo contesta declarações sobre visões de Maria e demônio**” da autoria de PHILIO TERZAKIS E ANA CLÁUDIA PAPES eles afirmam que “A direção da Comunidade Pio X explica que o ato não servirá para o confronto, mas de desagravo a Nossa Senhora, já que as afirmações do pastor evangélico foram impróprias e sem nenhum argumento teológico. Segundo Gustavo Lucena, um dos coordenadores da Comunidade Pio X, as acusações feitas pelo pastor evangélico estão erradas e não têm fundamento, com o agravante de terem sido feitas num evento público”.

¹⁰⁸. Consultar TERZAKIS, P. & PAPES, A.

todo o ano. Nesse sentido, não podemos esquecer-nos do que Ricoeur (2000) fala sobre a intolerância, enunciando que esta pressupõe duas questões: o poder impor e a crença na legitimidade deste poder. O ECC desta forma, ao contrário do Crescer, é bem mais explícito no uso de seus dispositivos midiáticos e de outras mídias não evangélicas para evangelização ou pregação, o que gera, mesmo em períodos não carnavalescos, uma série de conflitos com outras religiões ou comunidades não religiosas.

Para além das reações da comunidade carismática, o atual prefeito, de Campina Grande Veneziano Vital do Rêgo, posicionou-se contrário à declaração do pastor, juntamente com o Arcebispo da Paraíba, Dom Aldo Paggoto, que solicitaram que Joaquim de Andrade revisse suas colocações. O pastor por sua vez afirmou que não precisava da misericórdia de Maria, afirmando que

é preciso deixar claro que Maria não pode fazer nada por nós, que se nós podemos ir direto a Deus, porque pedir intervenção dela? Mas por achar isso não, posso ser acusado de estar afrontando uma religião, na verdade respondi à pergunta do jornalista. Nossa ênfase é na Bíblia e por causa disto não acreditamos em espíritos enganadores que se manifestam em terreiros ou aparecem para crianças trazendo mensagens contrárias às bíblicas.¹⁰⁹

Após as declarações sobre as aparições de Fátima serem manifestações demoníacas, no ano de 2005, entrevistamos o assessor de imprensa do ECC, pastor Gomes Silva, sobre como esta instituição administrava a relação com as demais religiões que por vezes sentiam-se ofendidas com as colocações do pastor Joaquim de Andrade. O pastor Gomes nos disse:

Olha coitadinha de Fátima, tá dormindo não tá esperando a vinda de Jesus pra um dia realmente subir com a igreja de Jesus. Maria não tem condição, é uma coisa que nós sabemos que é humanamente impossível morrer e aparecer hoje, isso não existe, isso é atuação do inimigo, e Joaquim realmente falou isso de Maria. Joaquim Andrade é polêmico e nós aprovamos isso, porque nós temos também a mesma postura, a postura é a nossa, e então quando Joaquim dá uma declaração ele já sabe que nós apoiamos aquilo ali, ele sabe da nossa da linha do Encontro, que é um evento que é pra refutar aquilo que vai de encontro à palavra de Deus, então o que for de encontro à palavra de Deus, nós temos a liberdade de refutar, e nós refutamos naquilo que nós podemos, por isso, nós trazemos pessoas capacitadas pra darem esse tipo de palestra.¹¹⁰

¹⁰⁹. Consultar TERZAKIS, P. & PAPES, A.

¹¹⁰. Entrevista realizada no dia 23/03/05 na sede do ECC.

Em seguida o Pastor Gomes complementou afirmando que “o povo católico precisa conhecer a sua igreja. Nós vamos lendo a Bíblia e muitos textos condenam o que é o catolicismo, e me dói saber que um padre passa anos estudando e está ensinando muita coisa errada”.¹¹¹

Somente dois anos após as declarações de Joaquim de Andrade que tivemos a oportunidade de conversar com os participantes do Crescer sobre a polêmica gerada com relação às aparições de Maria. Imaginávamos que esta ferida estaria cicatrizada, no entanto, em quase todas as entrevistas realizadas no Crescer esta polêmica foi mencionada pelos fiéis deste evento. Desta forma, a lembrança e a memória foi o recurso utilizado pelos entrevistados para destacar o sentimento gerado pelas afirmações do pastor Joaquim sobre as aparições de Fátima. Muitas das vezes esta memória e lembrança alimentaram, por assim dizer, atitudes e discursos intolerantes dos carismáticos com relação aos evangélicos e seu evento (ECC). Vejamos alguns relatos dos entrevistados do Crescer sobre esta polêmica. Romero Frazão, em seu depoimento, questionou a autoridade religiosa do pastor Joaquim de Andrade e nos relatou que:

Sinceramente eu acho lamentável, porque dentro da concepção evangélica, agredir outros credos é completamente anti-evangélico, e não era isso que Jesus ensinava, Jesus dava dignidade e devolvia dignidade. Então essa postura do pastor Joaquim foi uma postura para nós anti-evangélica, principalmente quando ele fala que as aparições de Fátima, são aparições demoníacas, porque Nossa Senhora sendo a mãe de Deus, a Igreja primeiro vai estudar, observar os depoimentos, se há milagres, faz todo um estudo científico, pra simplesmente chegar um pastor, diga-se de passagem com todo respeito, mas um pastor de uma igreja que foi fundada um dia desses pra dizer simplesmente que as aparições de Fátima são demoníacas, muitas vezes sem nenhum tipo de autoridade, sem nenhum critério religioso e científico.¹¹²

Destacando a necessidade do pastor Joaquim de Andrade de estar na mídia, e de ter ferido a mística do reconhecimento das aparições de Fátima pela Igreja Católica, o coordenador do Crescer, Gustavo Lucena, afirmou:

É, Joaquim ele é um pastor que está sempre em Campina no carnaval, ele precisa estar na mídia, ele precisa estar comunicando as coisas dele, as ditas por ele verdades. Nós respeitamos, é um missionário cristão, mas ele foi muito infeliz em colocar essa situação lá na seita dele. Ele coloca essa situação das aparições de Nossa Senhora porque ele está ali dentro do

¹¹¹. Entrevista realizada no dia 23/03/05 na sede do ECC.

¹¹². Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

rebanho dele, na seita dele, agora ele foi infeliz em falar isso aqui em Campina Grande, em fazer isso aqui, numa situação onde todos os holofotes da imprensa estão voltados para os eventos que acontecem aqui. São tantos fatos que ele já provocou em 2006 em 2002! Resolvemos então fazer o ato de desagravo. Porque pra nós é uma situação dogmática, de fé, primeiro a questão de Maria Imaculada, da virgindade maternal de Maria e ele também feriu a mística, toda a mística do reconhecimento da Igreja com relação às aparições. Então fizemos um ato de desagravo, e reunimos 15 mil pessoas no Parque do Povo, todas vestidas de azul e branco, e aí respondemos. Respondemos de forma agressiva? Respondemos teologicamente? Não. Nós realizamos uma manifestação de fé, que deu uma melhor resposta, e ele ainda se gaba dizendo que suas declarações fizeram reunir 15 mil católicos! Cada um tem aí as suas situações, mas nós estamos aí, e ele infelizmente precisa estar na mídia, é uma necessidade dele e vai utilizando esses meios.

¹¹³

Elizabeth Braga (Crescer), por sua vez, levantando novas questões sobre esta polêmica, nos relatou que “o ato de desagravo foi um desagravo ao amor que nós temos por Nossa Senhora, porque a afirmação que ele fez não foi só a questão das aparições de Fátima, foi também a questão que nós no Crescer adorávamos o demônio, porque nós estávamos adorando a Nossa Senhora”.¹¹⁴

Buscando, portanto, analisar de forma mais ampla a questão sobre as afirmações do pastor Joaquim de Andrade, conversamos, também em 2007, com alguns participantes do Encontro para a Consciência Cristã, a exemplo do diácono José Mário, que nos relatou esta polêmica da seguinte maneira:

Veja bem o evangelho, a palavra de Deus, ela não é uma verdade entre muitas, ela é a verdade absoluta. Então afirmar esta verdade sobre as aparições de Fátima serem demoníacas, eu não vejo como intolerância e sim como convicção, uma atitude de quem de fato crer de todo coração e todo entendimento de que Jesus é real, é verdadeiro e somente ele é que de fato pode oferecer salvação ao homem. Quando você está disposto a afirmar a verdade numa sociedade numa época como a nossa marcadamente relativista, pragmática, hedonista, dita pós-moderna em que os valores eles são assumidos em função do que a pensam as pessoas, num contexto como esse, aí de fato afirmar a verdade cristã parece para muitos uma atitude intolerante, mas não é, é uma atitude de convicção.¹¹⁵

Analisando a intricada relação entre religião, pós-modernismo e razão, Ernest Gellner (1992) avalia que em questões de fé no mundo contemporâneo três oponentes fundamentais

¹¹³. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

¹¹⁴. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

¹¹⁵. Entrevista realizada no IX Encontro para Consciência Cristã no dia 15/02/07.

correspondem às filosofias do crer, quais sejam: o fundamentalismo religioso, o relativismo, exemplificado pelo pós-modernismo e o racionalismo iluminista ou fundamentalismo racionalista. No discurso de José Mário (ECC) observamos que ele enfatiza uma vivência religiosa guiada por verdades absolutas se contrapondo ao relativismo, pragmatismo e a sociedade pós-moderna, ou seja, o discurso do entrevistado chama atenção para o que Gellner conceituou como fundamentalismo religioso no sentido de que

A idéia subjacente é a de que uma determinada fé deve ser firmemente mantida na sua forma plena literal, sem concessões, esmorecimentos, reinterpretações ou recrudescimentos. Pressupõe-se que a essência da religião é a *doutrina* mais do que o ritual e, ainda, que essa doutrina pode ser fixada com rigor e de forma definitiva, o que pressupõe, além disso, a *escrita* (GELLNER, 1993: 13).

Nesse sentido, para José Mário afirmar “verdades” como as aparições de Fátima serem manifestações demoníacas não deve ser visto como uma atitude intolerante, tendo em vista que os seus valores são guiados por absolutos e não relativos. Do mesmo modo, Marcos Fróes participante do ECC, salienta que a pretensão de Joaquim de Andrade era confrontar posicionamentos, questionando se determinadas posturas e credos eram de fato verdadeiramente cristãos. Vejamos:

as declarações do pastor Joaquim, elas representam o ponto de vista dele como pesquisador de religiões, mas eu não creio que represente de toda a comunidade evangélica. Quando talvez ele se levante contra alguns posicionamentos, ele no seu pesquisar, ele pode notar que aquilo pode fazer parte de uma tradição, pode fazer parte de um dogma, de um sistema, mas não necessariamente da verdadeira e genuína palavra que Jesus ensinou. Talvez ele por questionar isso ele fira algumas pessoas que na verdade assim seguem com toda a sua simplicidade, com toda a sua sinceridade, devoção, e ele nessas declarações que ele fez, ele na verdade tem o objetivo de confrontar os posicionamentos, questionando se estas posturas são cristãs verdadeiramente, e aí essas confrontações podem ferir alguns segmentos.¹¹⁶

Após tantas controvérsias, decidimos procurar em 2007 o pastor Joaquim de Andrade para ouvirmos a sua versão sobre esta polêmica. Contudo, Joaquim mais uma vez não quis nos conceder entrevista. Desde 2005, quando ele declarou que as aparições de Fátima eram

¹¹⁶. Entrevista realizada no IX Encontro para a Consciência Cristã no dia 16/02/07.

demoníacas, gerando assim toda esta polêmica que relatamos, ele deixou de conceder entrevistas para imprensa ou pesquisadores.

Sintetizando esta polêmica sobre Maria a partir dos diversos discursos enunciados ao longo deste capítulo, algumas considerações ainda devem ser mencionadas. Em momentos anteriores afirmamos que o culto a Virgem Maria é por assim dizer a principal característica de acordo com os entrevistados que diferenciam carismáticos e evangélicos. Tanto para os carismáticos (Crescer) como para os evangélicos (ECC) a crença ou a descrença em Maria é uma questão dogmática. A partir das declarações do pastor Joaquim de Andrade as relações entre católicos-carismáticos e evangélicos ganharam novos contornos, e o clima de conflito e intolerância entre estas duas comunidades ganhou maiores proporções, tendo em vista, que esta polêmica sempre é relembrada a cada edição dos dois eventos, alimentando assim, a cada ano as tensões entre os fiéis do ECC e Crescer.

Como afirmamos anteriormente, o Encontro para a Consciência Cristã investe grande força em palestras que tratam de herisiologia, apostasia, demonologia, apologética, seitas, ou seja, se aborda mais questões referentes a outras religiões. Em decorrência disso, o ECC já criou diversos conflitos que beiraram a intolerância com outras religiões, que possuem adeptos em Campina Grande, como a exemplo os Adventistas, os Testemunhas de Jeová, Judeus, Igreja Universal do Reino de Deus, Espíritas, a Umbanda e Candomblé, com o Movimento Nova Era e o Encontro para a Nova Consciência e com os Católicos-Carismáticos e seu evento o Crescer.

Ao longo dos anos o ECC foi acumulando inúmeras desavenças tanto com as instituições religiosas e políticas da cidade como com fiéis de outras religiões e, desta forma, o ECC foi criando uma imagem, em Campina Grande, de um evento extremamente intolerante e perigoso, tendo em vista, que muitos jornalistas, pesquisadores e religiosos argumentam que este evento incita o conflito com quem quer que discorde de suas doutrinas.

Há que se relativizar estas generalizações. De fato muitos dos seus fiéis e palestrantes por vezes ofendem e usam de confronto aberto e direto com as demais religiões, contudo, como já afirmamos que o ECC é composto de diversas denominações religiosas, não temos como afirmar categoricamente, como alguns fazem, que todos os fiéis são intolerantes. Desta forma, observamos que alguns entrevistados não possuíam em suas falas um teor de “batalha espiritual”, mas afirmavam que apesar de não concordarem com determinadas doutrinas de algumas religiões respeitavam e até, em certos momentos, estavam dispostos a trabalharem em conjunto em prol de questões que são comuns à sociedade independente da religião.

Obviamente dos dezessete entrevistados do ECC poucos se dispuseram a isto, mas alguns enfocaram esta questão e desta forma, não podemos omitir estes dados.

Mas, diante desta fama de intolerantes, a diretoria do ECC decidiu, portanto, fazer algo que pudesse diminuir tais conflitos e em 2007 organizou o I Consciência Cristã em Debate. Neste debate foram abordados dois temas: “Deus Existe?” e “Há Vida Após a Morte?”. Sobre o debate o Jornal Consciência Cristã em Foco afirmou:

Numa demonstração de civilidade e tolerância o Encontro Para a Consciência Cristã, tem se tornado um grande fórum de discussões sobre os mais diversos assuntos que desafiam a humanidade nesse terceiro milênio, sempre numa perspectiva de respeito e tolerância para com aqueles que divergem da mensagem cristã (GOMES, 2007:2).

Desta forma, a questão da tolerância religiosa não é somente tema recorrente na produção acadêmica sobre religião, observamos que tais questões têm se tornado, a cada ano, pauta de discussão de inúmeras religiões, sejam elas mais sectárias ou mais abertas. Assim, tanto o Encontro para a Consciência Cristã – ECC - (evangélicos), como o Crescer (carismáticos) e o Encontro para a Nova Consciência – ENC - (movimento Nova Era), tem ao longo dos anos debatido sobre estes assuntos, trazendo, portanto, inúmeros estudiosos para os seus eventos. Contudo, tais debates sobre a tolerância e intolerância nos três eventos se revestem de conteúdos distintos. Vejamos. No ano de 2002 o tema central do Encontro para a Nova Consciência foi “Tolerância e Paz”.¹¹⁷ Apesar de todo ano este tema ser debatido, em 2002 ele passou de coadjuvante para tema do ano no ENC. Os debates giraram em torno de um movimento denominado “Iniciativa para a Unidade das Religiões” – URI – que, como o próprio nome informa, visa à criação de debates constantes com o intuito de buscar uma maior unidade entre os diversos credos, salientando sempre a tolerância religiosa como vetor para consolidação desta proposta. Assim, no ENC observamos que a tônica sobre a tolerância está intimamente ligada a uma visão ecumênica, que busca congregar e comungar de uma espiritualidade que envolva diversas crenças.

O Crescer, por sua vez, também tem investido grande força no debate sobre a tolerância, contudo o que os diferencia da proposta do ENC é o fato que para o Crescer a tolerância deve ser promovida de forma que católicos não se inclinem para outras religiões,

¹¹⁷. Ver a capa da programação do XI Encontro para a Nova Consciência com o tema “Tolerância e Paz” no anexo (Legenda: 8).

ou seja, uma tolerância que se configura anti-sincrética como mostra o relato de Romero Frazão (Crescer). Segundo o entrevistado o ecumenismo e a tolerância religiosa no Crescer

trata de dialogar com as pessoas concordando como o que elas aceitam, dialogando, mais sem se inclinar as outras doutrinas. Nós católicos-carismáticos aceitamos o debate sobre ecumenismo e tolerância se estivermos na frente, porque muitas pessoas às vezes não estão com a sua fé posta de fato sobre a rocha do Cristianismo e assim este debate pode ser perigoso, as pessoas podem então aderir a outros credos, e se estivermos a frente o risco é menor.¹¹⁸

Diferentemente do ENC, que prega uma idéia de tolerância associada ao ecumenismo, e ao diálogo inter-religioso, e do Crescer que prevê uma idéia de tolerância se os católicos estiverem à frente, o ECC, quando trata de questões que envolvam o diálogo, ele se apresenta como estratégia para a conversão. Tanto que, no debate com diversas religiões que ocorreu em 2007 no ECC, que citamos acima, teve como intuito segundo, o pastor Euder Fábio coordenador deste evento, “esclarecer ao público evangélico sobre os perigosos de diversas religiões, que contrariam os ensinamentos bíblicos a exemplo do catolicismo, do ateísmo, do espiritismo”.¹¹⁹

Neste debate foram convidados o jornalista Timóteo Souza, para ser o mediador, o pastor Joaquim de Andrade da Igreja Batista Ágape, o representante da Associação Municipal Espírita, Oscar Lira, o pastor Jorge Noda da Igreja Presbiteriana, padre Assis, do Seminário Diocesano de Campina Grande, Djalma Vasconcelos, presidente do Núcleo Espírita Leopoldo, e o antropólogo e ateu Rogério Zeferino. Mas, mesmo assim, este debate, que aconteceu no sábado dia 17/02/07, foi marcado por muitos conflitos, apesar do esforço do mediador Timóteo de Souza em minimizar os ânimos dos debatedores. Com relação aos espíritas e a comunicação destes com os mortos, os pastores do debate refutavam todas as colocações expostas citando a passagem da Bíblia que diz: “e como todo homem está destinado a morrer uma só vez depois é que haverá o julgamento” (BÍBLIA, 1997:1533). Já com relação ao padre Assis e a Igreja Católica, os pastores enfocavam a questão da mediação dos santos e de Maria, os Concílios do Vaticano e afirmavam que a única regra de fé verdadeira eram as Escrituras Sagradas. Com relação ao ateu, os evangélicos enfocaram a questão da infabilidade da Bíblia, afirmando que a Verdade não pode ser relativizada.

¹¹⁸. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

¹¹⁹. Entrevista realizada no IX Encontro para a Consciência Cristã no dia 16/02/07.

Uma outra dimensão que se investe o conceito de tolerância no ECC, trata-se de uma tolerância intra-religiosa, ou seja, por ocasião do ECC as inúmeras denominações evangélicas da cidade sejam elas históricas ou pentecostais, de primeira onda ou segunda, se juntam deixando de lado, neste momento específico, as diferenças denominacionais e compartilham de questões comuns a toda comunidade evangélica, como os perigos das seitas, do catolicismo, da adoração aos santos e a Maria. Sobre esta união das igrejas evangélicas no ECC, o pastor Antônio Carlos, da Igreja Presbiteriana da Barra – RJ -, afirma que este evento é

um testemunho extraordinário de unidade porque você sabe que nós protestantes sofremos do mal das divisões denominacionais que são fruto do pressuposto protestante do livre exame das Sagradas Escrituras (...) e o que ocorreu então foi que surgiu essas diferenças denominacionais todas, alguns fazendo interpretações de fato estapafúrdias, outras nem tanto, mas acabou que nós nos dividimos e é isso que é maravilhoso, as igrejas protestantes da cidade estão unidas dizendo o seguinte: que o que nos separa não é suficientemente forte para nos manter desunidos, que Cristo é o ponto central.¹²⁰

Pensando, portanto, nos inúmeros conflitos religiosos que acontecem por ocasião da realização dos ECC (evangélicos) e do Crescer (carismáticos), é que incluímos perguntas que questionavam aos entrevistados se eles achavam que os seus eventos promoviam a tolerância religiosa. Nossa intenção nesta pergunta era obter informações dos próprios fiéis participantes destes encontros sobre como eles se viam e como avaliavam os inúmeros argumentos de pessoas que não participam deste evento e os acusavam de “fundamentalistas”, “xiitas”, etc. Tivemos diversas opiniões e mostraremos algumas delas.

Quando perguntado se o ECC promovia a tolerância religiosa, Marcos Fróes participante da Igreja Casa da Benção, por sua vez, nos relatou que: “o ECC ele deve promover a tolerância, deve promover a palavra a Deus como eu já falei como a única regra verdadeira de fé, e quando aí se colocam outras regras de fé para terem o mesmo peso da palavra de Deus começa a existir alguns conflitos”. A tolerância, portanto, é limitada a um grupo restrito que aceitou a palavra de Deus e a segue como regra única de fé.

A mesma pergunta sobre se o Crescer promovia a tolerância religiosa foi direcionada aos participantes deste evento. Romero Frazão respondeu da seguinte forma:

¹²⁰. Entrevista, por ocasião do VII ECC, no dia 03/02/2005.

Promove a tolerância, sem se inclinar para demais doutrinas. A gente sempre costuma a dizer que a verdade principalmente para nós católicos, que cremos em Jesus, cremos num Deus Uno e Trino, o Pai o Filho e o Espírito Santo, Jesus disse que ele é a verdade, pra nós a verdade de fato é absoluta, não é relativa, né, mas deve haver essa tolerância no sentido de promover o respeito, tanto que nós pelos menos durante os três dias do nosso encontro, nós não procuramos agredir as demais religiões, muitas vezes mostramos a verdade, sem procurar agredir. Eu me lembro que Mahatma Gandhi ele costumava dizer: “Eu tenho uma admiração profunda por Cristo eu só não gosto dos cristãos”. Por quê? Porque os cristãos não dão o testemunho de Cristo. Já no Encontro para a Consciência Cristã a tolerância se fundamenta simplesmente em você não denegrir a imagem das denominações protestantes que fazem parte deste evento, então tolerância pra eles, entre eles, as outras religiões eles não respeitam.¹²¹

No relato de Romero Frazão (Crescer) observamos que a tolerância configura-se como anti-sincrética, tendo em vista que o catolicismo não deve se inclinar para outras doutrinas. Romero ainda enfatiza que a tolerância no ECC se fundamenta em não agredir as denominações deste evento, ou seja, a tolerância se dá entre eles, e não deles com outras comunidades religiosas. Nos inúmeros discursos dos participantes do ECC e Crescer sobre suas próprias concepções do que é a tolerância religiosa observamos várias conotações deste termo, embora o intolerante seja sempre o outro.

Tratamos no início deste capítulo, questões teóricas como sincretismo e anti-sincretismo, tolerância e intolerância e de que como estes arranjos se apresentam em maior ou menor grau nas relações sociais, sobretudo quando se trata de sistemas de crenças. Observamos, ainda, que uma análise que busque entender relações de tolerância e intolerância entre comunidades religiosas não é das tarefas mais fáceis, tendo em vista que como afirmamos os indivíduos acionam diferentes identidades que nem sempre a crença religiosa é o fator preponderante. E mais, quando se analisa condutas ou comportamentos religiosos temos que observar tanto estes processos no nível das comunidades em que os fiéis estão envolvidos, como no plano mais pessoal aos quais estes fiéis se encontram.

Por os termos tolerância e intolerância serem vistos com dramas conceituais, em nossa análise buscamos utilizá-los a partir de um movimento que fugisse de absolutismos, e privilegiasse observar como tais termos se apresentam em determinados contextos sociais e políticos, ou seja, no particular. Desta forma, em determinada época específica observamos que as atitudes intolerantes e o acirramento dos conflitos são maiores entre carismáticos e evangélicos, devido à realização anual dos seus eventos. Há, portanto, uma ritualização da

¹²¹. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

afirmação identitária, do reforço do pertencimento que se expressam em palavras e atitudes de conflito e intolerância. Desta forma, nos dados analisados a partir dos conceitos tolerância e intolerância, privilegamos a descrição histórica e contextualizada da coexistência de carismáticos e evangélicos (Walzer, 1999), observando as particularidades (Geertz, 2004) destas duas comunidades no que tange a um momento específico destas relações, que ocorrem por ocasião da realização dos seus eventos anuais, observando, ainda, questões de poder (Ricoeur, 2000).

Assim, por ocasião da realização do Crescer (carismáticos) e do ECC (evangélicos), Campina Grande vive um clima de acusações, hostilidades e confrontos entre os fiéis destas duas comunidades. Muito embora tais conflitos também sejam percebidos por todo o ano, é na época do carnaval que eles se tornam mais evidentes, sendo percebido nas palestras, debates, homilias, nos jornais da cidade etc., envolvendo não só estes fiéis, mais os coordenadores, destes eventos, espalhando-se também entre outras instâncias não laicas.

Como afirmamos anteriormente, nos relatos dos entrevistados, observamos que as tensões referentes a possíveis sincretismos ou continuidades entre as doutrinas de evangélicos e carismáticos foram de certa forma combatidas por alguns fiéis, mas não por todos. Até porque como verifica Tambiah (1996) quando estuda os *riots* e fala que não há uma homogeneidade na multidão e coletividade que participa deste ritual, acreditamos também que o mesmo acontece nos eventos que estudamos devido à grande heterogeneidade de denominações ou pertencimentos destes fiéis. Assim, para alguns entrevistados, as diferenças entre carismáticos e evangélicos são intransponíveis, para outros as diferenças são quase inexistentes, mas mesmo assim há uma tendência maior em observar mais divergências do que semelhanças, ou seja, há mais uma tendência em desvalorizar a mistura (anti-sincretismo) do que exaltá-la (sincretismo). Tanto que, para José Mario (ECC), as semelhanças entre carismáticos e evangélicos são quase inexistentes e para Gustavo Lucena (Crescer), não são os carismáticos que compartilham da mesma graça dos evangélicos e sim o contrário. Para Gustavo Lucena, assim como, para Romero Frazão (Crescer), a RCC não deve ser vista como uma protestantização do catolicismo, porque os dons, o batismo o falar em línguas, que Ronaldo Almeida (s/d) nos apresenta como sendo as bases da RCC que advém do protestantismo histórico e do pentecostalismo, já estavam no catolicismo desde a Igreja Primitiva.

Contudo, três questões foram as que mais geraram reações intolerantes entre carismáticos e evangélicos. A primeira delas diz respeito ao fato de a Igreja Católica considerar que não há salvação fora desta Igreja. Assim, muitas questões foram levantadas por

conta disto. Para a Igreja Católica só ela é a Igreja de Cristo por causa da sucessão apostólica, mas para os evangélicos a Igreja Católica não prega a verdadeira doutrina que Cristo ensinou. Não prega quando os seus fiéis e o Vaticano comungam da adoração a Maria e aos santos. Assim, de acordo com os evangélicos, este tipo de culto, ou seja, a idolatria é algo que a Bíblia condena em muitas passagens como Êxodo 20.4, Levítico 19.4, nos Atos dos Apóstolos 17.16 e em Coríntios 6.9 que diz que:

Acaso não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus (BÍBLIA, 1997: 1470).

Por outro lado alguns entrevistados do Crescer (carismáticos) rebateram as afirmações dos evangélicos com relação à adoração a Maria e aos santos, afirmando que isto acontece porque os evangélicos criaram uma nova Bíblia, na qual muitas passagens ou livros foram suprimidos. Desta forma, para alguns entrevistados somente a Igreja Católica é a única, a intérprete autêntica da Bíblia. Para os católicos as imagens, bem como o culto aos santos e Maria especialmente, é antes de tudo uma glória a Deus. Católicos-carismáticos ainda afirmam que os evangélicos deturpam os ensinamentos de Martinho Lutero que tinha por Maria grande respeito e admiração e a via como uma intercessora junto a Jesus.

Assim, o ponto de maior conflito no qual reações intolerantes são mais fortemente marcadas entre carismáticos e evangélicos, trata-se realmente da questão de Maria. Observamos que as declarações do pastor do ECC, Joaquim de Andrade, sobre as aparições de Fátima serem manifestações demoníacas desvelou uma grande crise nas relações entre evangélicos e católicos na cidade de Campina Grande. A cada ano, este conflito aumenta com a realização do ECC e do Crescer. Contudo, também é fato, e isto foi uma das observações que constatamos no Trabalho de Campo, que o ECC (evangélicos) ao contrário do Crescer (carismáticos) em sua estruturação como evento desprende grande parte do seu espaço na realização de palestras ou testemunhos que enfoquem críticas a outras religiões. A exemplo citaremos algumas palestras que aconteceram no ECC nos seus nove anos de existência, são elas: “Testemunhas de Jeová e suas Profecias fracassadas”; “Maria, mãe de Jesus: qual a diferença entre católicos e evangélicos?”; “O Kardecismo e as suas incoerências”; “Movimento Carismático: qual o seu objetivo?”; “Quem é o Messias da Nova Era?”; “Os

falsos ensinamentos do profeta Willian Branham”; “É Cristão o Mormismo?”; “Hare Krishna: que filosofia é essa?.

O Crescer, por sua vez, é organizado de outra forma. Nele não há palestras que enfoquem diretamente outras religiões. Neste evento, as críticas direcionadas a outras comunidades religiosas aparecem de forma transversal em testemunhos, na homilia, na missa, pregações, ou ainda na preparação para o Ministério de Música. Assim, não há desta forma, um espaço institucionalizado dentro do Crescer, que serviria para discutir a teologia e a doutrina de outras religiões.

Desta forma, diferentemente do Crescer, o ECC não goza de tanta cordialidade com as demais religiões. O Encontro para a Consciência Cristã, causou, ao longo dos anos, inúmeros conflitos com outras religiões de Campina Grande, por conta das suas palestras e testemunhos, a ponto de uma grande parcela da população, contando com alguns políticos da cidade, serem contra a realização deste evento, por considerá-lo intolerante, preconceituoso e por ir de encontro a toda uma construção histórica a qual vê Campina Grande como uma cidade da tolerância do diálogo religioso, do ecumenismo, boa parte instaurado pela a realização, a dezesseis anos, do Encontro para a Nova Consciência.

Neste sentido, as percepções que a população de Campina Grande tem sobre o ECC e o Crescer são completamente distintas, até porque, como afirma Marcelo Camurça (2006), o Nordeste é a região mais Católica do Brasil com cerca de 80,1% de fiéis, sendo a Paraíba o terceiro Estado do Brasil com o maior porcentagem de católicos, cerca de 93% da sua população. Mas não é somente pela quantidade de fiéis católicos que o ECC (evangélicos) é motivo de reações contrárias a sua existência. Campina Grande é uma cidade do interior, que é reconhecida como um grande centro universitário. Pessoas de vários credos, nacionalidades e naturalidades se encontram neste espaço sócio cultural. A consequência disto é um forte processo de destradicionalização e desinstitucionalização religiosa, ou seja, para a camada universitária, que é bastante grande na cidade, as proposições religiosas que o ECC (evangélicos) prega vão de encontro a todo um arcabouço secularizado em que estas pessoas estão envolvidas. Assim, eventos como o ECC, em Campina Grande, são vistos em sua maioria como um atraso a cidade, um absurdo, e um absurdo maior quando instâncias políticas apóiam e incentivam tais eventos.

Neste processo contraditório, de secularização e dessecularização, que Campina Grande vive de forma intensa, os universitários da cidade se ligam mais ao ENC. Isto se dá por conta das especificidades deste evento que abarca disposições comuns a estes universitários como a busca pela satisfação pessoal, uma religiosidade que não

necessariamente exige uma ligação institucional a um determinado credo, ou ainda um comprometimento com um evento ou uma religião que não pressupõe uma adesão exclusiva, menos ainda um comprometimento pessoal com a comunidade. Mariz e Machado (1998) já haviam chamando a atenção para estas questões quando afirmaram que ao passo que há um crescente processo de pluralismo institucional com a multiplicação de igrejas evangélicas, há concomitantemente uma desinstitucionalização religiosa nas camadas mais instruídas, que privilegiam uma visão monista, permitindo a hibridização ou bricolagem de crenças, rejeitando ainda a necessidade de exclusividade religiosa e a acusação a outras como demoníacas.

Desta forma, pela nossa cultura católica, o Crescer não recebe tantas críticas como o ECC, e podemos também observar parcelas de universitários e jovens em menor número nestes dois eventos. Já o ENC é composto em sua grande maioria por universitários, ou pessoas de instrução ou renda mais alta.

Michel Walzer (1999) afirma ainda que, em uma análise que se busque discutir questões como tolerância e intolerância é salutar considerar como os arranjos são percebidos por diferentes participantes – que ser trate de grupos ou de indivíduos, de quem se beneficia ou de quem é prejudicado – e depois como são vistos por pessoas de fora, participantes de outros regimes de tolerância. Embora a conotação que Walzer propõe sobre regimes de tolerância tenha mais a ver com a dimensão de Estado e a sua conformação, acreditamos que os mais diversos grupos religiosos ou não, tem suas próprias noções do que é tolerância e do que deve ser tolerado. Desta forma, estes grupos ou comunidades, se aproveitam de algo mais estrutural e histórico que é a liberdade religiosa concedida pelo processo de secularização e modernidade do Estado brasileiro. Trazendo estas idéias de Walzer sobre regimes de tolerância para dimensões mais particulares como nosso objeto de estudo, mencionamos o que pensam os evangélicos dos carismáticos e vice-versa, o que pensam os adeptos de Encontro para a Nova Consciência do Crescer (carismáticos) e do ECC (evangélicos), e agora analisaremos o que pensam outros indivíduos que fazem parte de outro “regime de tolerância”, a exemplo a comunidade homossexual de Campina Grande. A escolha não é aleatória, tendo em vista que na época de nossa pesquisa de campo, acontecia paralelamente um grande confronto entre o ECC e a comunidade homossexual de Campina Grande.

Assim, as reações adversas ao ECC não são somente dirigidas por comunidades religiosas, outros grupos, a exemplos dos homossexuais, tem travado como o ECC uma grande batalha. O ECC, em sua organização também privilegia palestras que tratam de família e sexualidade como citamos anteriormente. Tanto que desde o início deste encontro há um

evento paralelo denominado “Encontro para Uma Sexualidade Sadia”, que enfoca questões como homossexualidade, virgindade, abuso sexual e transtornos comportamentais. Este evento tem como meta apoiar aqueles que desejam largar a homossexualidade ou outros tipos de comportamentos sexuais que a “Bíblia condena”.

Em decorrência disto, a comunidade homossexual de Campina Grande, desde o início deste evento, não o vê com bons olhos, e afirma que o ECC prega a homofobia. O ponto alto deste conflito aconteceu em Junho de 2007, quando a Visão Nacional da Consciência Cristã – VINACC -, entidade que responde pelo o ECC, espalhou outdoors em vários pontos da cidade com a seguinte mensagem: “Homossexualismo: “E Deus fez homem e mulher e viu que era bom.””. Estes outdoors tinham como intuito protestar contra o projeto de lei PLC 122/2006 (Senado Federal), PL 6418/2005 (Câmara dos Deputados) que visa combater a discriminação sexual nas mais diversas circunstâncias. Além destes outdoors, a VINACC ainda fez manifestações públicas, na praça central de Campina Grande, para protestar contra esta lei e “promover uma campanha em defesa da família e dos princípios consagrados na Bíblia Sagrada”.¹²²

A Associação de Homossexuais de Campina Grande – AHCG -, por sua vez, entrou com um processo na justiça estadual acusando a VINACC de discriminação sexual e solicitando a retirada de todos os outdoors, bem como a suspensão imediata das manifestações que aconteciam na praça central de Campina Grande. A juíza Maria Emília Neiva acatou a decisão baseado-se no artigo 5º da Constituição Federal e a VINACC teve que retirar todos os outdoors, além do conteúdo do site que fazia menção também a esta questão e ainda suspendeu as manifestações que estavam sendo realizadas na cidade.

A repercussão deste caso, ainda ganhou maiores proporções quando o Jornal da Globo, da Emissora Rede Globo de Televisão, veiculou uma reportagem, no dia 23/06/07, a respeito da mensagem dos outdoors e do site do Encontro para a Consciência Cristã. A matéria trazia as falas de Euder Fábio, coordenador do ECC, da juíza Maria Emília Neiva e do presidente da Associação de Homossexuais de Campina Grande – AHCG - David Soares. Na reportagem Euder Fábio diz que “o objetivo desta campanha é chamar a atenção de toda a sociedade sobre importância deste movimento perigoso, desta lei, que nós estamos chamando lei da mordaza gay. Porque se esta lei for aprovada nos vamos criar uma nova casta superior, os intocáveis”.¹²³ David Soares, presidente da AHCG, rebateu afirmando que: “Nós ficamos indignados com o conteúdo destes outdoors que nós achamos altamente discriminatórios e

¹²². Consultar VINACC, 2007c.

¹²³. Este relato foi retirado de uma matéria que foi veiculada no Jornal da Globo - JG no dia 23/06/07.

homofóbicos”.¹²⁴ Na mesma matéria, a juíza Maria Emília Neiva disse: “A liberdade sexual ninguém pode impedir, no meu entendimento eu acho isso inadmissível”.¹²⁵

Assim, para além dos conflitos travados com outras religiões que não são evangélicas, o ECC também se confronta com outros grupos da cidade. Quase todos os anos o ECC é processado por alguma religião ou grupo social por conta das suas palestras, manifestações, ou declarações. Já com relação ao Crescer, não há processos judiciais, como também não há grandes controvérsias a respeito da legitimidade ou não deste evento. Muito embora o Crescer tenha como alvo de críticas as comunidades evangélicas e o Encontro para a Nova Consciência, estas críticas são mais amenas e transversais, como já explicitamos. Assim o Crescer mais se defende das críticas do ECC do que as gera.

Desta forma, concluindo nossas análises sobre este capítulo a partir dos dados apresentados, verificamos que tanto o Encontro para a Consciência Cristã – ECC -, como o Crescer se apresentam como espaços de ritualização do conflito e da diferença e, portanto, nessa época específica que abrange o período do carnaval as atitudes intolerantes entre estas duas comunidades são mais demarcadas. Afirmamos ainda, que o conflito e a intolerância entre evangélicos e carismáticos na época de realização dos seus eventos, não é reproduzido da mesma forma por todos os seus fiéis, tendo em vista que, como afirmamos anteriormente, o ECC é composto de diversas denominações evangélicas que percebem e vivenciam de maneiras e graus distintos questões como tolerância e intolerância. Do mesmo modo, podemos pensar o Crescer, acrescentando apenas que este evento lida com um universo abrangente de católicos, os quais, mesmo ligados a RCC, podem manter ainda uma mínima relação com outras religiões, afetando e ressignificando, é claro, questões como tolerância e intolerância com relação aos evangélicos e seu evento.

Para tanto, na busca de entender o impacto da experiência de “guerra espiritual” no dia-a-dia destes fiéis, é que voltamos a Campina Grande com o intuito de investigar se o conflito que ocorre entre carismáticos e evangélicos na época do carnaval é reproduzido no cotidiano das famílias dos entrevistados. Tais questionamentos serão respondidos no próximo capítulo que visa compreender como se dão as negociações, conflitos, rupturas e/ou acomodações entre famílias com pluralismo religioso que se configuram a partir da equação católicos-carismáticos participantes do Crescer x evangélicos participantes do Encontro para a Consciência Cristã.

¹²⁴. Este relato foi retirado de uma matéria que foi veiculada no Jornal da Globo - JG no dia 23/06/07.

¹²⁵. Este relato foi retirado de uma matéria que foi veiculada no Jornal da Globo - JG no dia 23/06/07.

CAPÍTULO IV

Religião e Família

Este capítulo tratará das relações de tolerância e intolerância entre carismáticos do Crescer e evangélicos do ECC, tendo como pano de fundo o universo da família. No III capítulo analisamos estas questões num plano mais geral, ligado às disposições institucionais de cada religião, tendo como base, um contexto específico que é a realização, tanto do Crescer, como do Encontro para a Consciência Cristã – ECC –. Já no II capítulo afirmamos que uma análise que busque observar questões como tolerância e intolerância, entre carismáticos e evangélicos, teria que privilegiar, não somente, os comportamentos destes fiéis, por ocasião da realização dos dois eventos, mas que é preciso verificar também, como se dão as relações entre estas duas comunidades no dia-a-dia, no trabalho, na família, nas relações afetivas. Na impossibilidade de acompanhar estes fiéis no trabalho, ou ainda nas relações afetivas, como explicitamos na Introdução, resolvemos investigar estas negociações na esfera da família. Para tanto, optamos por verificar relações de tolerância e intolerância entre entrevistados do Crescer e ECC os quais faziam parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, com intuito de verificar as acomodações, rupturas e/ou negociações provocadas pela emergência de conversões ao pentecostalismo ou a Renovação Carismática Católica.

O referido capítulo tentar responder ao seguinte questionamento: os discursos recíprocos de caráter intolerante dos coordenadores, palestrantes e fiéis do ECC e Crescer se estendem após a realização destes encontros? Assim, nossa intenção é observar se o discurso “belicoso” entre os fiéis do ECC (evangélicos) e Crescer (católicos-carismáticos) transpassa a época da realização dos dois eventos, e se transpassa, de que forma se dão as negociações entre os membros de uma mesma família que professam credos distintos. Tal pergunta, inevitavelmente, nos impeliria a acompanhar alguns desses fiéis em momentos posteriores, a realização dos dois eventos, e desta forma questionamos na época da realização dos dois eventos a religião dos familiares dos entrevistados. Em nossa pesquisa dos treze entrevistados do ECC (evangélicos), sete fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, enquanto que no Crescer (carismáticos), dos dezessete entrevistados, onze possuem membros com credo diverso do entrevistado.

A princípio, dentre as famílias com pluralismo religioso intrafamiliar tínhamos escolhido três para esta segunda etapa do Trabalho de Campo. Contudo diante da

impossibilidade instrumental de entrevistar as duas outras famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, optamos pela realização de um *estudo de caso* (BABBIE, 1999) da família de João e Severina. Porém, serão encontrados depoimentos referentes a esta problemática provenientes da primeira etapa do Trabalho de Campo, por ocasião da realização dos dois eventos, que podem ser identificados nas notas de rodapé que consta o local e data em que foi realizada a entrevista.

Com relação ao procedimento de analisar o pluralismo religioso intrafamiliar em uma única família argumentamos que estudos similares vêm sendo realizados por alguns pesquisadores a exemplo de Edlaine de Campos Gomes (2003, 2006) e Elen Barbosa dos Santos (2002). De acordo com Gomes em seu texto “*Família e trajetórias individuais em um contexto religioso plural*” (2006), analisar a trajetória religiosa de uma única família - a do casal Maria e Geraldo -, realizando assim um *estudo de caso*, justifica-se por esta refletir, de maneira substancial, as sensíveis mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro, caracterizado por um complexo movimento de trânsito entre diferentes opções religiosas, com presença importante de trajetórias voltadas para um processo de conversão a igrejas evangélicas.

A rede familiar que iremos estudar, - a família de João e Severina-, reflete também as sensíveis mudanças no campo religioso brasileiro. Nesta podem ser observadas questões como o trânsito religioso, uma forte tendência a conversões ao pentecostalismo, ou a reconversões ao catolicismo sob ótica da Renovação Carismática Católica e ainda um processo de desinstitucionalização religiosa caracterizada pela desvinculação entre sentimento religioso e pertencimento institucional.

Em maio de 2007, voltamos a Campina Grande para a segunda fase de nossa pesquisa que foi realizada na casa de João Ferreira e no grupo de oração no qual a sua esposa faz parte. João é evangélico e participante do ECC e a sua esposa Severina católica-carismática participante do Crescer e seus filhos e netos variam entre as religiões dos pais. Quando visitamos a casa de João entrevistamos sua esposa, Severina, duas filhas e dois netos. Nas conversas com Severina ela nos convidou para participar do seu grupo de oração e lá entrevistamos a sua irmã Geni Souza e mais três amigas que também participam do grupo de oração. Assim, realizamos onze entrevistas na segunda fase do Trabalho de Campo.

Em anos anteriores, mais precisamente em 2005, quando fizemos uma pesquisa no Encontro para a Consciência Cristã, para a monografia de final de curso em Ciências Sociais, já tínhamos observado que questões como família e sexualidade eram bastante discutidas neste evento. Tanto que, o ECC realiza três eventos paralelos que tratam desta questão como:

“Fórum campinense para uma Família Sadia”; o “Encontro para a uma Sexualidade Sadia” e o “Desperta Débora”. Em 2007, quando tivemos a oportunidade de participar do Crescer, constatamos também que a referência à família aos valores cristãos e a busca em trazer os jovens para a Igreja Católica era uma referência extremamente forte neste evento.

Assim, este capítulo se dividirá em três pontos: Na primeira parte enfocaremos questões relativas à família e a religião na modernidade, em seguida observaremos a importância destas questões no ECC e Crescer, e por fim, abordaremos o ponto central deste capítulo que busca analisar as relações de tolerância e intolerância entre carismáticos (Crescer) e evangélicos (ECC), tendo como pano de fundo o universo da família. Este ponto se dividirá entre as análises das entrevistas com esta temática realizadas na época dos eventos e em seguida pós-eventos, tendo a rede familiar de João e Severina como parâmetro. Aqui buscaremos verificar se os conflitos entre estas duas comunidades na época da realização dos dois eventos se estendem em momentos posteriores, tendo em vista que nesta rede familiar o pai é evangélico participante do ECC e a mãe é carismática participante do Crescer e os filhos variam entre a religião dos pais. Nosso intuito é observar se a ritualização da afirmação identitária, do reforço do pertencimento que se expressam em palavras e atitudes intolerantes entre evangélicos e carismáticos por ocasião da realização dos seus eventos anuais são reproduzidos no dia-a-dia destes fiéis em suas relações familiares.

4.1 – Família e religião na modernidade.

Estudos que tratam da complexa e dinâmica relação estabelecida entre família e religião têm sido ao longo dos anos tema recorrente nos estudos sócio-antropológicos. As transformações que atravessam a religião em nossa sociedade projetam reflexos na família ao passo que as crescentes mudanças no universo da família incidem em vários campos sociais a exemplo da religião. Tais estudos têm privilegiado nas últimas décadas análises que enfatizam o crescente processo de privatização e individualização tanto nas experiências religiosas como na vivência dos vínculos familiares.

Os últimos dados do censo realizados no Brasil indicam mudanças importantes tanto na esfera religiosa como na da família. Os dados destacam a diminuição significativa dos casamentos religiosos, o aumento das separações, o crescimento dos lares unipessoais e

chefiados por mulheres. No universo religioso, estas mudanças também se fazem sentir. Há, portanto, um declínio crescente da taxa de católicos, um aumento significativo dos evangélicos e dos sem religião e ainda um processo fortemente marcado pela a desinstitucionalização religiosa e pelo trânsito religioso. Estas questões que a modernidade trouxe para o âmbito da família são fortemente discutidas pelo o universo religioso bem como o contrário. Desta forma, existe um vínculo entre estas duas instâncias na qual a família é uma das responsáveis pela manutenção e reprodução religiosa, e a religião por sua vez desempenha um grande papel na regulação e normalização da sexualidade e da reprodução que é um dos principais sustentáculos da família.

Márcia Thereza Couto observa que esta intrincada relação entre família e religião torna evidente uma questão estrutural da família moderna que aponta para o conflito entre a afirmação da individualidade e por outro lado o respeito às obrigações e aos padrões próprios dos vínculos familiares. Segundo Couto,

se privatização da religião tem contribuído para uma interdependência ainda mais forte com a instituição familiar, é oportuno reconhecer que os processos de pluralismo e individualização possibilitam a liberdade, por parte dos indivíduos, de adoção de sistema religioso destoante daquele compartilhado pelos membros de sua família (COUTO: 2005, 207).

Outros autores a exemplo de Luiz Fernando Dias Duarte (2006b), tem contribuindo para análises que tratam da relação entre família e religião afirmando que a história das instituições religiosas no mundo ocidental moderno e das práticas públicas e privadas que lhes estão associadas depende de um complexo nó de ênfases diferenciais no “indivíduo”, na “família” e na “congregação”. Desta forma, é que neste complexo que relaciona indivíduo, família e congregação nas sociedades modernas observamos uma série de combinações que tanto reverenciam a religião como fator de agregação e fortalecimento da família ou da sociedade (Durkheim, 1974), como também encontramos análises como a de Weber (1980) que fala da religião desfazendo laços de sangue e de família. Vejamos o que Weber diz a este respeito:

Quando a profecia de salvação criou comunidades de fundamento puramente religioso, a primeira força com a qual entrou em conflito foi a comunidade naturalmente dada, o *clã* o qual temia sua desvalorização por aquela. Quem não pode hostilizar os membros da casa, o pai e a mãe, não pode ser

discípulo de Jesus: “Não vim trazer a paz, mas a espada” (Mt 10,34) está dito nesse contexto (e notar bem: apenas nesse). É certo que a maioria esmagadora de todas as religiões regulamentou também os laços de piedade filial intramundana. Mas, quanto mais abrangente e internalizadamente se concebeu o escopo da salvação, tanto mais evidente se considerou que o crente deve estar mais próximo, antes de tudo, do salvador, do profeta, do sacerdote, do confessor e do irmão na fé do que da parentela natural e da comunidade matrimonial enquanto puramente tais. Com a desvalorização, ao menos relativa, dessas relações e o rompimento da vinculação mágica e exclusiva ao clã, a profecia, sobretudo onde se transformou numa religiosidade soteriológica congregacional, criou uma comunidade social nova (WEBER, 1980: 243).

Esta nova comunidade social que é congregação, na qual Weber (1980) fala, tem sua grande força na atualidade, quando observamos as inúmeras opções religiosas, que por sua vez, competem na criação cada vez maior de grupos que se juntam não a partir de laços adscritos e sim por aquisição. Assim vemos as comunidades de daimistas, de evangélicos ou ainda as Comunidades de Vida Carismáticas (Mariz, 2005b 2006a) que demonstram a formação de uma idéia de família na qual os irmãos de fé, em alguns casos, parecem desempenhar na vida dos convertidos papel preponderante do que os irmãos consangüíneos.

Desta forma, autores como Machado (2006), Duarte (2006a), e Gomes (2006), têm observado que o crescente pluralismo religioso no Brasil tem remodelado tanto a esfera da religião como da família. A família, neste contexto de pluralidade confessional, convive com a diversificação de credos no seu interior, que muitas vezes são antagônicos, o que gera, desta forma, inúmeros conflitos e desagregações, mas também em alguns casos pode gerar uma maior solidariedade entre os membros da família.

Com base neste argumento é oportuno reconhecer que as relações familiares não devem ser vistas como organizadas por normas dadas, e sim como fruto de contínuas negociações e acordos entre seus membros e, desta forma, a sua duração no tempo depende da duração dos acordos. A falta de entendimento da instituição familiar como processo e não como uma estrutura fixa no tempo tem provocado, segundo alguns autores, distorções nas interpretações do universo familiar (Côrrea, 1993, Szymanski, 1995). Assim,

(...) dado que as famílias não só respondem às transformações sociais, econômicas e demográficas, mas também as geram, tem sido difícil para os estudiosos da família brasileira interpretar as mudanças nas estruturas familiares no tempo. A visão dicotômica – entre o tradicional e moderno – já não satisfaz. Não só por suas limitações enquanto modelos interpretativos associados à uma concepção de família e de tipologias de família, mas

também, porque obscurece a realidade da maioria das famílias brasileiras que pertencem às camadas populares (SZYMANSKI, 1995:73).

Analisando os modelos de tolerância nas sociedades atuais Michel Walzer (1999) afirma que as pessoas atualmente começam a provar o que poderíamos considerar como uma vida sem fronteiras definidas e sem identidades singulares. Assim, na opinião de Walzer, os indivíduos estão fugindo dos seus limites provincianos e se misturando livremente com membros da maioria, sem necessariamente assimilar-se a uma identidade comum. Tais situações por sua vez, modificariam, desta forma, tanto a esfera da religião como da família. Para Walzer o resultado disso seria

[...] uma constante mistura de indivíduos de identidade ambígua, o casamento entre indivíduos de grupos diferentes, e portanto um multiculturalismo muito intenso que se percebe não apenas na sociedade como um todo mas também num número crescente de famílias e até mesmo de indivíduos. Agora a tolerância começa em casa, onde muitas vezes precisamos conviver em paz étnica, religiosa e cultural com nossas esposas, parentes e filhos – e com nossas próprias identidades divididas ou hifenizadas. Esse tipo de tolerância é particularmente problemático para a primeira geração de famílias mistas e identidade divididas quando cada um ainda se lembra, e talvez com nostalgia, de comunidades mais coesas e de uma consciência mais unificada (WALZER, 1999:114-115).

Walzer, nesta colocação, evidencia alguns pontos que valem ser ressaltados como as mudanças ocorridas no que tange a imbricada relação entre família e religião. Se outrora a família (pai e mãe) desempenhava papel preponderante nas escolhas confessionais de seus membros (filhos), agora com o processo cada vez maior de globalização e de casamentos entre indivíduos de grupos diferentes os conflitos sejam étnicos, religiosos ou culturais tornam-se mais freqüentes. No que tange a questão religiosa nas sociedades modernas vê-se que esta esfera da vida social tem se tornado cada vez mais assunto privado, matéria de opção tomando dimensões de escolhas individuais que exprimem o mais alto grau do sujeito crente (HERVIEU-LÉGER, 2005). Assim, a opção religiosa dos indivíduos tem sido cada vez menos repassada por herança familiar devido à autonomia do sujeito crente. Tais mudanças, são sentidas de formas diferenciadas pelos sujeitos havendo, portanto, em alguns casos, na primeira geração de famílias mistas uma certa nostalgia e idealização da família, uma lembrança e desejo de voltar aos velhos tempos, onde a família, na perspectiva destas pessoas

era mais “coesa” e “solidária” e havia a adequação dos papéis desempenhados pelas partes que a compõem.

Neste sentido, diferentes autores sintonizados com o paradigma da secularização sugerem que parece não haver, tanto quanto antigamente, a adoção de uma religião imposta pela tradição ou família, que além de regular as atitudes e produzir valores, confira uma identidade ao indivíduo.

Sobre esta temática acima citada, Danièle Hervieu-Léger (2005a), argumenta que na base de toda crença religiosa existe efetivamente a crença da descendência de fé e que com a diferenciação do campo religioso especializado, com a pluralização progressiva das instituições, comunidades e sistemas de pensamento religioso a memória social total tem se transformado numa memória de “meios de memória” especializados.

Assim, as instituições religiosas estariam sofrendo uma desvalorização de sua herança cultural no qual a “memória verdadeira” é posta em xeque pelos crentes que reclamam as verdades subjetivas de suas trajetórias. Portanto, esta progressiva diferenciação no campo religioso, acrescido da explosão da memória coletiva em memórias especializadas, estaria gerando uma crise na transmissão dos valores religiosos, principalmente no que concerne a instituição família. Para tanto, Hervieu-Léger afirma que

(...) nas sociedades atuais, esta crise de transmissão mudou profundamente de natureza. Os afastamentos identificáveis entre os universos culturais das diferentes gerações já não correspondem apenas aos ajustamentos que a inovação e a adaptação aos dados novos da vida em sociedade tornam necessários. Eles localizam verdadeiras fracturas culturais que atingem em profundidade as identidades sociais, a relação com o mundo e as capacidades de comunicação dos indivíduos. Eles correspondem a um novo arranjo global das referências colectivas, a rupturas da memória, a uma reorganização dos valores que põem em causa os próprios fundamentos do laço social. Não é útil insistir no facto de que todas as instituições nas quais se inscreviam a continuidade das gerações perdem hoje em dia a sua importância em proveito de uma sociabilidade da experiência partilhada, da comunicação directa, do empenhamento pontual. A escola, a universidade os partidos políticos, os sindicatos, as igrejas são por ele tocados igualmente. Mas é evidentemente a mutação da família, instituição de socialização por excelência, que faz aparecer de modo mais directo a amplitude das suas implicações sociais, bem como psicológicas (HERVIEU-LÉGER, 2005b: 66-7).

Desta forma, nas sociedades atuais nas quais há uma constante mistura de indivíduos, de casamentos entre pessoas de grupos distintos e de uma convivência multicultural, como salientou Walzer, e Hervieu-Léger a família parece sofrer a diminuição na sua influência

sobre as opções religiosas de seus membros. O pluralismo religioso trouxe para o universo da família a diversificação religiosa, que outrora era menos freqüente e instaurou novas formas de sociabilidade entre estes familiares, que unidos por laços consangüíneos tiveram que reordenar e negociar suas ações em função da multiplicidade de condutas e valores que começaram a se gestar num mesmo núcleo familiar. Sobre esta questão Pierre Sanchis (2001) diz que:

[...] o jogo das conversões no interior das famílias e o confronto das cosmovisões institucionais que este jogo acarreta fariam logicamente esperar oposições drásticas e dramas domésticos, é o cotidiano de coexistência dos fiéis, com o entrecruzar das trajetórias de cada um dos membros da casa, que permite não só a convivência, mas a complementaridade das funções sagradas e de proteção mágica, cada um juntando com os outros as forças sobrenaturais de que dispõe, apenas de trânsitos, “conversões”, “abandonos” e passagens ao (teoricamente) inimigo (SANCHIS 2001:31).

Tais mudanças no âmbito da família e da religião estão fortemente correlacionadas com a questão da conversão. A literatura sócio-antropológica tem demonstrado diversas nuances sobre esta questão a partir dos relatos de seus informantes. Em algumas pesquisas, a idéia de conversão dos informantes demonstrava a quebra com os valores anteriores, uma ruptura e adoção de um novo *ethos* (Mariz & Machado, 1998), ou como *passagens* (Birman, 1994; 1996), na qual há a existência de um espaço fluído e sincrético, de constante interlocução nos percursos individuais, que se dirigem de uma religião a outra, gerando desta forma, redefinições de fronteiras, trocas simbólicas e inovações que afetam os cultos envolvidos.

Há ainda as proposições formuladas por Duarte, (2006a, b, 2005) no qual o autor verificou haver uma suposta prevalência nas sociedades atuais de um subjetivismo nas atitudes religiosas em todos os domínios confessionais proporcionado uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos, mesmo em períodos de intensa adesão (DUARTE, 2006a, b, 2005) Assim, existiriam diversos níveis de pertencimento adesão, bem como, diversas modalidades de *ethos* nas experiências religiosas individuais adotadas pelos indivíduos “convertidos”. Duarte diz que nesta perspectiva

trata-se de compreender como as disposições programáticas contidas nas diferentes denominações religiosas (e suas tendências congregacionais locais) interagem com as disposições de origem não-religiosas (ou, ao menos, não-confessional) correntes na sociedade e, sobretudo, como os

sujeitos sociais constroem suas trajetórias de vida com base nessa trama complexa de possibilidades, selecionando suas alternativas (e sendo selecionadas por elas) de gestão das práticas afetivas, sexuais, e reprodutivas (DUARTE, 2006b: 52).

Trazendo estas idéias de Duarte (2006a, b) para o nosso âmbito de análise formularíamos da seguinte forma: Como interagem as disposições programáticas, de evangélicos e carismáticos com as disposições religiosas não confessionais da sociedade? Ou ainda os conteúdos programáticos destas duas comunidades com relação à tolerância e intolerância entre eles são vivenciados da mesma forma no âmbito da família? E mais, questionamos como se dá as negociações de tais disposições programáticas que dão vazão a discursos belicosos entre evangélicos (ECC) e carismáticos (Crescer) em âmbitos não confessionais como a família.

Na perspectiva apontada por Duarte (2006a, b) observaremos as relações de tolerância e intolerância entre pessoas que são parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, ou seja, o questionamento paira sobre a possibilidade de observarmos ou não uma gestão da vida privada de certa forma independente dos conteúdos programáticos destas religiões, observando como os indivíduos (carismáticos e evangélicos) se relacionam com a família de origem a partir do arcabouço religioso que possui. Nosso objeto de estudo pensando a partir desta perspectiva pode nos ajudar a analisar processos contraditórios que envolvem questões diferenciadas como: religião como identidade ou pertencimento, religiosidade como adesão e experiência ou crença e ethos religioso como disposição ética ou comportamental associada a um universo religioso (Duarte, 2005).

Neste contexto, Duarte (2005) afirma que a distinção destas três dimensões facilita a compreensão do argumento que informa uma relativa autonomia do “*ethos religioso*” no contexto das sociedades modernas em que

as comunidades religiosas não dispõem de meios coercitivos explícitos de exigência de um comportamento prescrito (sobretudo no nível privado ou íntimo). Isso significa que a continuidade de um “pertencimento” ou de uma “adesão” não significa necessariamente a obediência aos ditames doutrinários ou pastorais. A distinção entre o pertencimento e a adesão permite, por outro lado, que se compreendam as múltiplas situações – típicas do mundo moderno – em que a frequência da congregação ou do espaço religioso envolvido não corresponda necessariamente a um continuado sentimento interior de compartilhamento dos valores ou crenças específicos aí cultivados (ou vice-versa) (DUARTE, 2005:141-2).

Contudo, as duas outras análises acima citadas, a primeira que traz o discurso do entrevistado falando de uma conversão como ruptura e adoção de um novo *ethos* apontada por Mariz & Machado, (1998) e a segunda que pressupõe a existência de um espaço fluído e sincrético, de constante interlocução nos percursos individuais (1998) apontado por Birman (1994; 1996), serão também importantes para analisar os nossos dados. Tal perspectiva, de observar nossos dados a partir destas três propostas sobre a conversão em nossa opinião, não se apresenta como algo contraditório. A religião se apresenta a partir de infundáveis experiências pessoais, e podemos então observar numa mesma família, e até em momentos distintos das trajetórias dos indivíduos conversões (Mariz & Machado, 1998), passagens (Birman 1994; 1996), ou ainda uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos, mesmo em períodos de intensa adesão (Duarte, 2006a, b, 2005). Esta perspectiva afasta, por exemplo, idéias dicotômicas que afirmam que a pluralidade religiosa intrafamiliar traz a desagregação da família, ou ainda que só resulte em solidariedade. Até porque não há uma causalidade entre adesão do sujeito e tensão familiar, isto porque em muitos casos a busca por sistemas religiosos refletem a vivência de tensões anteriormente instaladas neste universo. Desta forma podemos perceber que as afiliações religiosas podem promover tensões e conflitos na família, como também o seu inverso, ou seja, uma convivência familiar permeada por conflitos entre gêneros e gerações provocar a busca por conforto e satisfação na religião (COUTO, 2001). Desta forma, passaremos agora ao segundo ponto deste capítulo que busca analisar questões como família, juventude e sexualidade no Crescer e no Encontro para a Consciência Cristã.

4.2 Família, juventude e sexualidade no Encontro para a Consciência Cristã e no Crescer.

Como já afirmamos, estes dois eventos dão uma significativa importância a questões como família, juventude e sexualidade e muitas das suas palestras, testemunhos, homilias, orações tratam destas questões.

No ECC (evangélicos), como citamos anteriormente, há três eventos que tratam especificamente desta questão, o “Encontro para uma Família Sadia”; “O Encontro para uma Sexualidade Sadia”; e o “Desperta Débora”. O primeiro evento já está na sua segunda edição

e tem como objetivo segundo o Jornal do ECC Consciência Cristã em Foco, “ajudar a família a desfrutar uma convivência saudável, firmada na Palavra de Deus”.¹²⁶ Em 2007, as palestras versaram sobre: “Família para quê?”; “Qual é o Segredo para ser feliz no casamento?”; “A crise da família e os reflexos na sociedade”; “O lar cristão”, “Restaurando um casamento”, e “Como Educar os Filhos em Tempos Pós-Modernos?”. Este encontro paralelo ficou a cargo do casal Gilson e Eliane Deferrari que são da Assembléia de Deus no Rio Grande do Sul.

De acordo com Gilson Deferrari, em uma das suas palestras, a crise que a família tem vivenciado está sendo refletida de forma negativa na sociedade e, desta forma, “é preciso restabelecer a consciência de cada cidadão quanto à importância da família em todos os sentidos”.¹²⁷ Já no Jornal Consciência Cristã em Foco, Eliane Deferrari ressaltou que “além da atenção, os pais precisam acompanhar os filhos na mesma proporção. Os filhos estão muito ativos e conhecedores dessa evolução enquanto muitos pais estacionam no tempo”.¹²⁸ Complementando, Eliane Deferrari afirmou que “é necessário que estudemos mais sobre a família. As pessoas, às vezes, não vêem essa necessidade, mas podemos ver e sentir que muitas igrejas situam as famílias num posicionamento interno muito longe do que deveria ser”.¹²⁹

Já o “Encontro para uma Sexualidade Sadia” teve como palestrante a presidente da Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade – ABRACEH - Rozângela Justino que abordou temas como: “As violências sofridas na Infância e/ou Adolescência e os seus reflexos na vida adulta”; “A Relação entre o homossexualismo e o Abuso Sexual”; “Da Homossexualidade à Heterossexualidade: Há a possibilidade de Resgate da Heterossexualidade?” e “Apoiando os que Voluntariamente Desejam Deixar a Promiscuidade Sexual”. Sobre este evento, Rozângela Justino afirmou: “Estarei trabalhando de forma a facilitar a compreensão de pessoas e famílias atravessadas pelos reflexos do movimento desconstrucionista, ajudando a equipar apoiadores. A abordagem abrangerá aspectos bio-psico-sócio-culturais, permeados pelas Escrituras Sagradas”.¹³⁰

Também, com o intuito de conscientizar os evangélicos sobre uma sexualidade sadia, Rozângela Justino publicou um artigo no Jornal Consciência Cristã Em Foco intitulado “*O que está por trás do Movimento Homossexual*” que diz que:

¹²⁶. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2007c.

¹²⁷. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2007c.

¹²⁸. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2007c.

¹²⁹. Consultar ARAÚJO, Aluska.

¹³⁰. Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2007b.

O movimento homossexual, o feminista e o da revolução científica, juntamente com todos os opositores do sistema de crenças e valores sociais, identificados como anarquistas, anti-sociais, satanistas e outros, têm se denominado: o movimento da desconstrução social ou movimento 'queer'. (...) cabe a lembrança de que muitos estão sendo enganados pelo movimento da desconstrução social 'queer', inclusive pessoas que vivenciam a homossexualidade. Diversos estão perplexos, em estado de sofrimento, desejam voluntariamente deixar a homossexualidade e necessitam da nossa compreensão, assim como os seus familiares.¹³¹

Complementando estes dois eventos paralelos que discutiram sobre família, e sexualidade, ocorreu ainda o “IV Desperta Débora”. O Desperta Débora é “um ministério que visa despertar as mulheres a orarem pelos seus filhos e os de outras pessoas para que eles sejam tementes a Deus”¹³². Este encontro contou com as participações de Russel Shedd da Igreja Batista/SP que falou sobre “Uma vida de Compromisso com Deus”, José Berlamino que abordou o tema “O Dever dos pais em Criar Filhos responsáveis”, e o missionário José Prado com o tema “A Oração que Muda a História”.

Desta forma, temas como a homossexualidade, o aborto, planejamento familiar, infidelidade conjugal e diversos outros assuntos concernentes à esfera da vida privada fazem parte da pauta dos evangélicos, não apenas nos cultos diários, mas também, são temas constantemente debatidos nos meios de comunicação e na vida política (Natividade, 2005, Machado, 1996).

Analisando, portanto a questão da homossexualidade em denominações evangélicas, Marcelo Natividade e Leandro Oliveira (2004) identificam no universo desta comunidade três tendências. A primeira delas afirma ser a homossexualidade resultante de possessão ou influência demoníaca, nas quais tais práticas estão inseridas em uma cosmologia centrada na batalha espiritual e em uma cosmologia centrada no embate entre o *bem* e o *mal*. A segunda tendência de acordo com os autores é elaborada a partir de uma visão *psicologizante* da homossexualidade, em que essa prática sexual é interpretada como resultado de experiências como abuso e violência, ou seja, são identidades sexuais *deformadas*, que surgem a partir de famílias *desequilibradas*, acarretando assim, *distorções* na personalidade pela identificação com papéis de gêneros *inadequados*. Tal perspectiva concebe o padrão heterossexual como expressão da vontade de Deus e os *desvios* da norma religiosa como *anti-natureza*.

¹³¹. Consultar JUSTINO, Rozângela.

¹³². Consultar CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2007 d.

Essas concepções, reproduzem-se no meio evangélico a partir de instituições interdenominacionais como Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES), Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPCC) e a Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade (ABRACEH) e o Ministério Êxodus. Estes órgãos atuam numa perspectiva interventiva da sexualidade, por meio de aconselhamentos, encaminhamento a terapias de cunho religioso e tratamentos espirituais. Tais órgãos, acima citados, são responsáveis por uma intensa produção textual destinada ao público homossexual, além de capacitar pessoas para evangelizar indivíduos que desejam largar voluntariamente a homossexualidade. Tanto que, em 27 de agosto de 2003, de acordo com Maria das Dores Machado (2007), o então deputado estadual, Edino Fonseca (PSC), pastor da Assembléia de Deus, apresentou na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro o Projeto de Lei nº. 717/2003 que propõe a criação de um programa de auxílio às pessoas que desejam voluntariamente deixar a homossexualidade.

A terceira perspectiva é a tendência liberal que prega o comportamento responsável, no qual as prescrições são articuladas visando o exercício de conduta ética independente. O exemplo desta terceira perspectiva é sem dúvida a Igreja Presbiteriana de Bethesda localizada na zona sul do Rio de Janeiro – frequentemente noticiada como *igreja gay* - por realizar cerimônias religiosas de união entre pessoas do mesmo sexo, que tinha como pastor Nehemias Marien, fundador do Encontro para a Nova Consciência (ENC) em Campina Grande.

Dentre as três perspectivas apontadas por Natividade e Oliveira (2004) a segunda, ou seja, a tendência psicologizante é a utilizada pelos coordenadores do Encontro para a Consciência Cristã, no tangente a questões como homossexualidade. Desta forma, tanto o MOSES como a ABRACEH, participam do ECC desde o seu início. Contudo é provável que haja fiéis que se identificam mais com a primeira ou a terceira proposta. Mas oficialmente a questão da homossexualidade no ECC é mais vista como um *desvio de conduta*, resultante de abuso e violência do que como de possessão ou influência demoníaca.

A terceira proposta, a do comportamento responsável e seu principal propagador Nehemias Marien são extremamente combatidos pelos coordenadores do ECC. Sobre esta questão entrevistamos em 2005 o palestrante do ECC, o pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) no Rio de Janeiro – Antônio Carlos –, igreja esta, que o pastor Nehemias Marien foi expulso, criando posteriormente a Igreja Presbiteriana Bethesda, onde ficou até a sua morte. Segundo Antônio Carlos o pastor Nehemias

foi expulso da IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil), mas eu conheço pouco esse homem, me parece uma pessoa intelectualmente muito limitada pelo o pouco que já ouvi desse homem, e que usa o cristianismo como ferramenta sei lá, sociológica, psicológica, mas que relativiza seções inteiras das Sagradas Escrituras, então, justamente por isso, ele foi expulso da nossa denominação. Ele pertencia a IPB, Igreja Presbiteriana do Brasil da qual eu faço parte, mas por força desses seus ensinamentos ele foi expulso da nossa denominação então nós não temos comunhão com ele.¹³³

O Crescer por sua vez, não organizado como já explicitamos com palestras específicas. A menção a família é, portanto percebida de forma mais dispersa que no ECC. Mais temas como sexualidade, juventude, família e moralidade cristã, são bastante mencionados neste evento. Em entrevista com o coordenador do Crescer, Gustavo Lucena, e alguns participantes deste evento, questões como a busca de uma sexualidade sadia de acordo com os ditames religiosos foi bastante mencionado, principalmente para a juventude. Desta forma de acordo com Parry Scott

as diferentes Igrejas (católica, pentecostais, afro-brasileira, etc.) praticam uma diferenciação discursiva que usa as regras morais em torno da sexualidade para se situarem na realidade cotidiana. Sobretudo as Igrejas protestantes e evangélicas (e as católicas em menor grau), as atividades organizativas e pedagógicas religiosas dirigidas para os jovens giram em torno da sexualidade e do namoro (SCOTT, 2007: 37).

Para tanto em 2007, o Crescer investiu força especial para trazer o cantor carismático do Rio de Janeiro, Cosme, para pregar para os jovens que participaram deste encontro. Em entrevista a equipe de reportagem do Crescer, Cosme falou da importância do evento afirmando que:

É maravilhoso, é disso que os jovens precisam, o jovem precisa entender que há uma alegria fora do pecado, da 'bagunça', fora das drogas. Eu, que fui um dos maiores traficantes do Rio de Janeiro durante nove anos de tráfico, destruí a vida de muita gente e hoje estou ajudando a construir. Eu vejo no Crescer uma forma de mostrar aos homens que eles podem se alegrar, dançar, brincar e até 'paquerar' na santidade. Você pode ter um namoro santo! É bom ver um jovem alegre, dançando, pulando e louvando a Deus. Para mim é uma alegria participar do Crescer nessa transformação na vida dos jovens. E a mensagem que eu deixo para os jovens é que a melhor 'dose' é Jesus. Você não precisa de bebida alcoólica para se divertir, não precisa de bagunça ou palavrões. Não precisa de uma sexualidade desequilibrada, onde

¹³³. Entrevista realizada no VII Encontro para a Consciência Cristã no dia 06/02/05.

as danças são cada vez mais eróticas. Você precisa é de Jesus, onde poderá ter uma vida normal, você pode brincar, namorar, se divertir. É essa a minha mensagem: dê uma chance a Jesus; você já deu chance ao forró, à micaretas, então dê só uma chance a Jesus, tenho certeza de que você vai se divertir, vai brincar e louvar ao Senhor, que é bom demais.¹³⁴

Paralelamente a pregações para os jovens sobre drogas, namoro, sexualidade, há no Crescer um espaço destinado ao aconselhamento destes, no que concerne ao uso de contraceptivos, virgindade, masturbação, aborto e homossexualidade. Seguindo as orientações de João Paulo II e do então Papa Joseph Ratzinger, - Bento XVI - o Crescer também possui posição contrária ao uso da camisinha, ao aborto¹³⁵, a união civil dos homossexuais, ou ainda ao sexo antes do casamento. Contudo, como afirma Carranza (2000), uma pesquisa do Datafolha com católicos praticantes demonstrou que na teoria os dogmas sobre a moralidade sexual são acolhidos, mas na prática dificilmente acredita-se que são levados a sério, o que deve ocorrer também entre alguns fiéis do Crescer.

Esta incompatibilidade, entre seguir teoricamente e não praticar os dogmas sobre a moralidade sexual, também foi analisada por Duarte (2006a, b, 2005), levando-o a afirmar a existência de um subjetivismo¹³⁶ nas atitudes religiosas que tem proporcionado uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos, o que de certa forma pode ser observado na pesquisa do Datafolha, citada por Carranza, que aponta que 68% dos entrevistados acham mais importante a consciência do que as normas católicas, e 90% dos entrevistados afirmaram ser a favor do uso da camisinha para evitar gravidez. No que se refere ao aborto, 70% são contra e com relação união civil dos homossexuais, 71% declaram-se contrários. Carranza (2000) ainda destaca, que no que se refere à moral sexual, a hierarquia católica insiste em unir sexualidade à procriação, destoando dos avanços científicos e da cultura secular que avaliam positivamente o desejo e os prazeres sexuais. Assim,

... a sexualidade no universo carismático é voltada para moralizar e disciplinar os impulsos sexuais, quando não se torna numa demonização da afetividade e da orientação sexual como último recurso para frear aquilo que,

¹³⁴. Consultar CRESCER, 2007i.

¹³⁵. Em 2007 na X edição do Crescer circulou um abaixo-assinado contra o projeto de lei que visa a regulamentação do aborto. Entre as pregações e homilias o coordenador do Crescer – Gustavo Lucena – convidava os participantes deste evento para apoiarem a este abaixo-assinado.

¹³⁶. De acordo com Duarte (2006a: 18; 21) este subjetivismo enfatiza a preeminência da representação de uma *escolha* pessoal do sujeito, de uma presumida liberdade individual prevalecente no campo da experiência religiosa atual. Vê-se a disposição ética para a verdade (responsabilidade pessoal pela correção dos atos no mundo), convicção de um livre-arbítrio (autonomia da vontade pessoal) e reconhecimento de uma interiorização (como sede de uma consciência livre).

na sua concepção da sexualidade, a RCC condena como pecado. Essa última postura da Igreja não é nova, muito pelo contrário, ela acompanhou-a no processo de cristianização do Brasil (CARRANZA, 2000:152).

Apesar destes temas (aborto, virgindade, homossexualidade, drogas) serem direcionados a todos os participantes do ECC e do Crescer, sem dúvida é para os jovens que tais eventos investem grande força em palestras e aconselhamentos.

No Crescer, assim como no ECC, a juventude é prioridade e o lema recorrente destes dois encontros está na passagem bíblica de Eclesiastes que diz: “Jovem, rejubila-te na tua adolescência e, enquanto ainda és jovem, entrega teu coração à alegria. Anda nos caminhos de teu coração e segundo os olhares de teus olhos, mas fica sabendo que de tudo isso Deus te fará prestar conta” (BÍBLIA SAGRADA, 1997:825).

Para tanto, o Crescer e o ECC criaram espaços destinados às aspirações dos jovens e que são organizados por estes, como o “Festival de Talentos Musicais” no ECC e o “Ministério de Animação e Música” e o “Show Musical” no Crescer. O primeiro evento¹³⁷ é realizado a noite na praça de alimentação do ECC, após o encerramento das palestras e visa descobrir novos talentos da música gospel no Estado da Paraíba. As dez músicas vencedoras são agraciadas com a gravação de Cd. Já o “Ministério de Música e Animação”, é composto por uma banda de jovens que se reúnem por todo ano e que no Crescer são responsáveis por imprimir o tom festivo do evento. Antes das pregações ou homilias, estes jovens sobem ao palco cantando músicas acompanhadas de coreografia que são imitadas pelos participantes do Crescer. Sem dúvida eles são os responsáveis pela animação do encontro, convidado a todos a louvar de corpo e alma literalmente.

Atentos a participação dos jovens nas igrejas, estudos recentes, (Santos, 2005) têm apontado que dentre as opções de lazer nos finais de semana dos jovens atualmente, o lazer religioso tem crescido como opção. Regina Novaes (2005) estudando o comportamento juvenil no âmbito do lazer identificou que o ato de ir à missa, igreja e culto ocupam uma posição privilegiada no lazer dos jovens, acrescentando ainda, que se outrora a Bíblia era desqualificada por estes, atualmente ela tem ganhado nova força sendo cantada ou como

¹³⁷. De acordo com o jornal Consciência Cristã em Foco “Para chegar às finais e ao título, os participantes terão que convencer com seus talentos a Comissão julgadora... sendo que os critérios são os seguintes: Postura de palco: relacionamento com o público, roupa apropriada, desenvoltura. Teologia: deve ter fundamento nas doutrinas básicas da fé, salvação pela fé no sacrifício de Cristo, divindade de Jesus, personalidade, português, trindade, a volta visível de Cristo, o pecado e ao arrependimento. Melodia-Harmonia: esses elementos devem estar ligados a proposta da letra, manifestando lógica no estilo apresentado” (CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO, 2005:13)

forma de protesto (hip hop, rap) ou ainda exaltada por bandas gospel (Apocalipse, Eclesiastes, Rodox).

Mas para além das atividades como cultos e missas, está havendo no interior dos templos e igrejas uma série de atividades que visam criar espaços que possam atender aos interesses dos jovens. No Crescer, como explicitamos acima, grande parcela dos participantes é de jovens que além de estarem vinculados fortemente as suas igrejas ainda participam de Ministérios de Música, de grupos de estudos, ou ainda de trabalhos voluntários que visam o aconselhamento de crianças, jovens, enfermos, e idosos. O ECC por sua vez, conta com a participação do grupo “Mocidade para Cristo”¹³⁸ da Juventude Evangélica da Paraíba – JUVEP, os quais realizam atividades por todo ano e na época do carnaval são responsáveis pela organização de eventos paralelos como o “Festival de Talentos Musicais”, focado anteriormente.

Alguns estudiosos apontam que este reinteresse dos jovens pela religião Católica ou Protestante tem se dado pelo fato da Renovação Carismática Católica – RCC – e do pentecostalismo ter quebrado com o rigorismo, ou moralismo puritano que pregava uma ética restritiva dos costumes como dançar, cantar, etc., que impediam assim uma maior ênfase à emoção e à mística. Tanto no pentecostalismo como na RCC os cultos acabaram incorporando a dança, o canto e a riqueza gestual como canais de acesso emocional ao sagrado, o que correspondeu, de certa forma, aos interesses dos jovens.

Os jovens, portanto aparecem como a principal preocupação para os dois encontros, tanto que quando questionamos aos entrevistados a importância que eles creditavam aos eventos boa parte das respostas fizeram menção à questão da família e da juventude a exemplo de Clideci Lopes participante do Crescer que nos relatou que este evento é importante “principalmente para os nossos jovens, por conta das drogas e do álcool. Aí, a gente podendo trazer nossos jovens, é um enriquecimento espiritual muito grande para eles e eles vêem que podem ser felizes e contentes sem precisar usar drogas”.¹³⁹ Gustavo Lucena, coordenador do Crescer, tem a mesma opinião. Para ele a importância maior do evento é contribuir para a formação de famílias e jovens ancorados na fé cristã. Ele diz:

¹³⁸. A “Mocidade para Cristo” é uma missão internacional que existe em mais de 110 países e em 33 cidades no Brasil. Em Campina Grande a Mocidade já existe há 17 anos e é coordenada por Analice Miná que também faz parte da coordenação do Encontro para a Consciência Cristã. A meta principal desta organização é a evangelização de jovens feita por jovens.

¹³⁹. Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/02/07.

Nós vivemos numa sociedade aonde percebemos que os valores fraternos e cristãos são um tanto quanto ignorados porque é completamente diverso e antagônico ao que o *mass media*, a mídia de massa, anuncia. A gente vê hoje valores como a família, respeito humano, tudo indo embora pelos costumes que são apregoados pelas famílias das novelas. Hoje a gente vê uma situação aqui no Crescer, um encontro de famílias, vocês perceberam a quantidade de jovens que existe? Isso é uma característica única do encontro, em nenhum outro evento religioso que acontece atualmente na cidade você percebe a grandiosidade de jovens...¹⁴⁰

Mas, os reflexos sobre questões como família nos dois eventos ultrapassam meramente o âmbito propriamente das disposições sobre como cada evangélico e carismático deve proceder com relação à educação de filhos, a homossexualidade, virgindade, casamento etc. Nos dois eventos há, portanto, uma grande preocupação com a espiritualidade da família, ou seja, tais eventos investem em palestras ou pregações que visam esclarecer aos participantes sobre o perigo da entrada de outras religiões na família. Assim, além das palestras que tem como tema a família e a sexualidade, outras trazem informações que tratam das maneiras de combater a entrada de “seitas” na família, como analisar os perigos de algumas religiões à luz da Bíblia, e como evangelizar as pessoas que são de outras religiões. Desta forma, os inúmeros conflitos sobre o lugar de Maria, dos Santos, do Papa, entre outras questões que tratamos no III capítulo são enfocadas também pelos dois eventos, para alertar sobre o perigo tanto do catolicismo para a família protestante como do protestantismo para a família católica.

Desta forma, é que incluímos nos questionários perguntas referentes sobre a religião anterior e atual do entrevistado e a religião de sua família. Nosso intuito foi analisar questões sobre tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos, tendo como pano de fundo as relações familiares. Queríamos, neste momento, observar se o discurso “belicoso” entre os fiéis do ECC (evangélicos) e Crescer (católicos-carismáticos) transpassa a época da realização dos dois eventos, e se transpassa, de que forma se dão as negociações entre os membros de uma mesma família que professam credos distintos. Vejamos agora o quadro que traz informações sobre estas questões no Encontro para a Consciência Cristã.

¹⁴⁰. Entrevista realizada X Crescer no dia 19/02/07.

4.3. Pluralismo religioso intrafamiliar entre os participantes do Crescer e do Encontro para a Consciência Cristã.

QUADRO: 5 – DOS ENTREVISTADOS DO ENCONTRO PARA CONSCIÊNCIA CRISTÃ - EVANGÉLICOS. (RELIGIÃO DOS FAMILIARES)			
Entrevistado/ Estado Civil	Religião Anterior	Religião e Denominação Atual	Religião dos Familiares
José Mário da Silva (Casado)	Católico	Evangélico - Histórico (Presbiteriana)	Pai evangélico, esposa evangélica, primos católicos.
Hernnades Dias Lopes (Casado)	Católico	Evangélico - Histórico (Presbiteriana)	Toda evangélica.
André Nunes Fróes (Casado)	Católico	Evangélico - Pentecostal (Casa da Bênção)	Filhos evangélicos, esposa evangélica, alguns tios e primos católicos.
Manoel Luiz de Souza Filho (Casado)	Católico	Evangélico - Pentecostal (Igreja Cristã Pentecostal)	Toda evangélica.
Diana Maria de Jesus (Casada)	Evangélica	Evangélica - Pentecostal (Igreja Cristã Pentecostal)	Toda evangélica.
Antônio Valter (Solteiro)	Católico não praticante	Evangélico Histórico (Batista)	Toda evangélica.
Carmem Dolores (solteira)	Sem religião/ Católica/ Espírita/ Católica - Carismática	Evangélica - Histórica (Congregacional)	Toda evangélica, mãe evangélica, irmãos evangélicos, menos o pai que ainda não decidiu a religião que quer.
João Ferreira de Souza (Casado)	Católico	Evangélico – Histórico (Congregacional)	Esposa carismática, filha carismática, filha evangélica (IURD), filha evangélica (Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo), neto católico não-praticante e neta católica não-praticante.
Analice Mina (Solteira)	Católica não praticante	Evangélica - Pentecostal (Igreja Presbiteriana Bíblica)	Mãe evangélica, Pai católico irmão evangélico, irmã católica não praticante.
Auta Quirino de Souza (Viúva)	Católica, Espírita, Umbanda	Evangélica - Histórica (1º Igreja Batista)	Filha e genro Kardecistas.
Edmilson da Silva Paulino (Solteiro)	Católico não praticante	Evangélico – Pentecostal (Assembléia de Deus)	Todos evangélicos.
Euder Fábio Guedes Ferreira (Casado)	Católico	Evangélico – Pentecostal (Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo)	Todos evangélicos.
Lourdes (Separada)	Católica	Igreja Universal do Reino de Deus	Mãe carismática, irmã carismática, filha católica não-praticante, sobrinho católico não-praticante.
ANÁLISE DOS DADOS			
<p>Religião Anterior: Católicos = 6, Católicos não praticantes =2, Evangélico = 1, Sem religião = 1, Espírita = 2, Umbanda =1, Católica Carismática =1.</p> <p>Religião Atual: Evangélicos = 17; Presbiteriana = 2; Congregacional = 2; Batista = 2; Assembléia de Deus = 1; Presbiteriana Bíblica = 1; Brasil para Cristo = 1; Casa da Bênção = 1; Cristã Pentecostal = 2; Igreja Universal do Reino de Deus = 1. Denominações: Evangélico Histórico: 6; Evangélico Pentecostal: 6; Evangélico Neopentecostal = 1.</p> <p>Estado Civil/ Casado (a): 7; Solteiro (a): 4; Separado: 1; Viúva:1.</p> <p>Religião dos Familiares: Toda evangélica: 6; Familiares católicos e católicos carismáticos: 5; Familiares com religião indefinida: 1, Familiares Kardecistas: 1.</p> <p>Fonte: Pesquisador: Silvana Sobreira de Matos - 2007</p>			

Os dados nos mostram que dos treze entrevistados seis deles são de uma família na qual todos os membros são evangélicos e sete são parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar. Dos sete entrevistados com família com pluralismo religioso intrafamiliar, cinco deles possuem familiares católicos, ou católicos-carismáticos. Apenas Carmem Dolores afirmou que o pai ainda não tinha decidido a religião que queria seguir, e Auta Quirino que relatou que a filha e o genro são Kardecistas. Desta forma, no grupo dos entrevistados do

ECC, boa parte do pluralismo religioso intrafamiliar se apresenta como evangélicos e católicos. Outro dado é que dos treze entrevistados, doze deles nasceram em lares católicos, apenas Diana Maria nasceu num lar evangélico. Assim, a religião de origem destes entrevistados em 93% dos casos era católica. Vejamos agora o quadro abaixo que trata da religião dos familiares dos entrevistados no Crescer.

QUADRO: 6 – DOS ENTREVISTADOS DO ENCONTRO CRESCER - CARISMÁTICOS (RELIGIÃO DOS FAMILIARES)			
Entrevistado/ Estado Civil	Religião Anterior	Religião Atual	Religião dos Familiares
Marco Antônio Alves Nascimento (Casado)	Católico.	Católico Carismático.	Filhos católicos, esposa católica, a maioria é católica mais tem duas irmãs evangélicas.
Marileide Alves (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Filhos católicos, esposo católico, têm duas cunhadas evangélicas e uma tia evangélica.
Gilberto Henriques de Carvalho (Casado)	Católico.	Católico Carismático.	Filhos católicos, esposa católica, sogra e cunhadas evangélicas.
Melania Ozelita de Assis Carvalho (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Filhos católicos, esposo católico, mãe evangélica, todas as irmãs evangélicas, só ela é católica.
Romero Sales Frazão (Solteiro)	Católico.	Católico Carismático.	Pai e mãe Católicos e irmão protestante, Testemunhas de Jeová e Espíritas.
Maria das Neves Farias da Silva (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Todos Católicos.
Clideci Lopes de Almeida Machado (Casada)	Evangélica	Católica Carismática.	Filhos católicos, esposo católico, todos os irmãos evangélicos, pai falecido evangélico, mãe católica.
Gustavo Lucena (Casado)	Católico.	Católica Carismática.	Toda Católica.
Josélio Bezerra (Casado)	Católico.	Católico Carismático.	Toda Católica.
Luciene (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Toda Católica.
Elizabeth Braga (Solteira)	Católica.	Católica Carismática.	Pai e mãe Católicos, Irmã da Assembléia de Deus, irmão pastor.
Severina Ferreira (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Esposo evangélico (Congregacional), filha evangélica (IURD), filha evangélica (Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo).
Raquel Ferreira (Solteira)	Católica.	Católica Carismática.	Pai evangélico (Congregacional), irmã evangélica (IURD), irmã evangélica (Igreja pentecostal o Brasil para Cristo).
Nelita (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Toda católica
Tereza Braga (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Marido católico, filho evangélico, nora evangélica, tio e primos evangélicos.
Maria Erinete (Casada)	Católica.	Católica Carismática.	Toda católica
Geni (Solteira)	Católica.	Católica Carismática.	Cunhado evangélico (Congregacional) e sobrinhas evangélicas (IURD) e (Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo)
ANÁLISE DOS DADOS			
Religião Anterior: Católicos = 16; Evangélico = 1. Religião Atual: Católico-carismático = 17. Estado Civil/ Casado (a): 13; Solteiro (a): 4; Separado (a): 0; Viúvo (a) 0. Religião dos Familiares: Toda católica: 6 ; Familiares evangélicos: 11; Fonte: Pesquisador: Silvana Sobreira de Matos - 2007			

A tabela, sobre a religião dos familiares no Encontro Crescer nos mostra que dos dezessete entrevistados, seis deles são parte de famílias, na qual todos os membros são católicos. Dos onze entrevistados, com família com pluralismo religioso intrafamiliar, os onze possuem membros que participam de denominações evangélicas. Assim, 100% dos entrevistados que são parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar se apresenta sobre a equação católicos e evangélicos. No Crescer apenas Clideci Lopes nasceu em um lar evangélico, desta forma, 93% dos entrevistados nasceram em lares que a família professava o catolicismo.

Comparando os dois quadros verificamos que apenas um dos entrevistados do ECC, Diana Maria, não tinha como religião anterior à Católica, e Auta Quirino e Carmem Dolores transitaram entre várias confissões até se converterem ao protestantismo. No Crescer, apenas Clideci Lopes, como afirmamos acima, não era católica e sim evangélica antes de se converter a Renovação Carismática Católica - RCC. Pretendendo perceber as configurações das famílias com pluralismo religioso intrafamiliar questionamos o Estado Civil dos entrevistados com o intuito de averiguar se este pluralismo era maior na família nuclear do entrevistado, ou se este pluralismo se apresentava para além do núcleo pai, mãe e filhos. Desta forma, no ECC temos sete entrevistados casados, quatro solteiros, um separado e um viúvo. Para tanto, dentre os sete entrevistados, com pluralismo religioso intrafamiliar, apenas dois tem a família nuclear toda evangélica. Os outros cinco ou tem o pai, ou mãe, irmã ou irmão de outra religião. No Crescer os dados indicaram que dos dezessete entrevistados treze são casados, quatro solteiros. Dentre os dezessete, onze fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar e cinco tem a família nuclear toda católica.

4.3.1. Famílias sem pluralismo religioso intrafamiliar

Vejamos agora, os relatos dos entrevistados dos dois eventos que não participam de famílias com pluralismo intrafamiliar. O primeiro relato é de Manoel Luiz de Souza Filho, casado, membro da Igreja Cristã Pentecostal e participante do ECC.

Nasci numa família católica e por volta de 16 anos sou evangélico. Todos que são membros da minha família são evangélicos. Quando meus parentes não eram evangélicos havia por parte deles uma rejeição a mim, eles não

concordavam com algumas teses com alguns ensinamentos, mais fora isso era tudo normal.¹⁴¹

O relato de Manoel Souza caracteriza, de forma exemplar, o conflito-negociação entre as novas experiências religiosas individuais e a família geral. A conversão ao pentecostalismo é acompanhada por vezes de uma mudança interior e exterior no convertido, o que não deixa de operar novas reorganizações na interação deste como a sua família de origem. As relações de sociabilidade, a forma de lidar com o corpo, vestimenta, o andar sempre com a Bíblia e as constantes conversas sobre temáticas religiosas (pregações ou evangelizações) foram questões apontadas em outro momento por Manoel Souza, como fatores que geraram conflitos com os membros não convertidos da sua família. A conversão de um membro da família pode gerar ao longo do tempo acomodações, ou seja, a conversão dos demais familiares, a negociação dos conflitos instaurados ou ainda o recrudescimento destes. No caso específico, os conflitos gerados a princípio por suas pregações e evangelizações cessaram quando estes começaram a fazer efeito entre os membros de sua família, que em seguida se converteram a sua religião.

Antônio Valter, solteiro, da Igreja Batista (ECC) nos informa em seu relato três questões que merecem destaque: a sua frouxa adesão ao Catolicismo, à influência da sua mãe na conversão dele e da sua família ao protestantismo, e a restrição na sociabilidade dos evangélicos a seu próprio grupo. Vejamos:

Minha família era toda católica, mas católica nominal né, não praticante, não tinha muita frequência, aí minha mãe que se converteu por volta dos anos 90, todos nós viramos crentes, parece que ela teve aí uma influência positiva em tudo isso. Houve uma mudança, né. Eu convivo com pessoas de outras religiões, dá pra conviver. Com alguns tem hostilidades né, e eu creio que os crentes também não querem abrir mão, diz que não se misturam que também deveriam se misturar.¹⁴²

Nosso entrevistado informa que possuíam frouxa adesão ao catolicismo, intitulado-se católico não praticante. De acordo com Almeida & Montero (s/d) este indivíduos

são os católicos dos batismos, casamentos, enterros, para os quais os sacramentos atuam como ritos de passagem tradicionais na sociedade brasileira. Tratam-se daqueles indivíduos que acreditam na Igreja, batizarão seus filhos nela, aceitam-na como identidade religiosa, mas não a praticam, como ir periodicamente aos templos ou manter alguma devoção a um santo, por exemplo. A auto-identificação de 'não-praticante' deve-se à pouca

¹⁴¹. Entrevista realizada no IX ECC no dia 17/02/07.

¹⁴². Entrevista realizada no IX ECC no dia 17/02/07.

frequência aos serviços religiosos e à ausência de relações mais comunitárias (ALMEIDA & MONTERO, s/d: 6).

Cabe ainda salientar, como aponta Gomes (2006), que esta categoria católico não-praticante é recorrente nos discursos dos convertidos ao protestantismo, com intuito de enfatizar a mudança operada neste, em que seu vínculo institucional de frouxo passou a nível ativo de participação. Desta forma Brandão (1988) salienta que no caso dos evangélicos, dizer e ser, são duas dimensões indissociáveis. Assim, estudos apontam uma grande migração de fiéis católicos, principalmente os que se intitulavam não-praticantes para as denominações evangélicas, devido à frouxa adesão aos serviços católicos.

Antônio Valter, ainda nos informa a influência de sua mãe na conversão dos demais familiares. Analisando as relações estabelecidas entre família e religião Duarte (2006c) aponta a questão do gênero como fator importante de observação nesta dinâmica. Segundo o autor é o gênero feminino que se apresenta como socialmente responsável pela religião e pela família, argumentando que

no que toca a religiosidade familiar, um dos pontos que distinguem a experiência feminina da masculina é o caráter mais sistemático da atitude da primeira. Os homens expressam frequentemente os sentimentos de comunhão e reverência aqui descritos, mas não se dedicam tanto ao culto e ao cultivo das formas e fórmulas rituais quanto as mulheres (Duarte, 2006c:29)

Interpretação similar, sobre a influência do gênero feminino nas questões religiosas, foi descrita por Maria das Dores Machado (2006), que observa que isto ocorre devido ao modelo hegemônico de família das sociedades latinas, em que cabe justamente às mulheres, a responsabilidade de educar as crianças e estimular a espiritualidade nos familiares, o que foi corroborado por Antônio Valter, que relata a conversão de sua mãe como momento crucial na transformação de sua espiritualidade e na de seus familiares.

O entrevistado, ainda salienta que apesar de sua conversão convive com pessoas de outros credos sem esconder ainda esta difícil relação, que às vezes produz hostilidades mútuas como ele mesmo confidenciou e reclama ainda o fato dos evangélicos não se misturarem com indivíduos de outras religiões. Como afirmamos acima, a conversão ao pentecostalismo pressupõe uma mudança interior e exterior. Esta mudança, também se opera nas relações de sociabilidade do convertido. Muitas das vezes, mas nem sempre, ele restringe suas relações afetivas, de trabalho, amizade a membros da sua congregação, diminuindo assim, o contato mais próximo com indivíduos ou até familiares que não comungam do seu credo, ou seja,

geram-se distinções entre “família de fé” e “família de sangue”, ou ainda entre os “irmãos de fé” e os “irmãos de sangue” (Novaes, 1985).

Weber (1980), já havia destacado a congregação como uma nova forma de comunidade social, e esta, na atualidade, tem conferido um novo caráter à idéia de família na qual os irmãos de fé, em alguns casos, parecem desempenhar na vida dos convertidos papel preponderante do que os irmãos consangüíneos.

Destacando também a questão dos laços por aquisição Carlos Rodrigues Brandão afirma que

Entre os pentecostais (...) o nominador “irmão” é obrigatório entre sujeitos afiliados a uma mesma congregação, a um mesmo ministério, a uma mesma igreja ou comunidade religiosa. Por extensão, aplica-se a todos os que são e se consideram “crentes”, diversos das pessoas “do mundo”. Em geral, o vocativo “irmão”! substitui o próprio nome da pessoa. São irmãos na fé aqueles que se identificam como convocados a uma mesma “obra de salvação”. Um familiar não-crente pode ser um irmão civil, mas não um irmão na fé. (BRANDÃO, 1994:193)

E é justamente sobre esta questão que Antônio Valter se ressentiu, afirmando que os evangélicos deveriam ser mais abertos a sociabilidades com membros de outras religiões, ou seja, em sua opinião os evangélicos deveriam se misturar. Tais idéias, também são enfocadas pelo próximo entrevistado. Para ele, a religião não é variável mais importante na construção de vínculos sociais. Vejamos.

Edmilson da Silva Paulino, 21 anos, solteiro, membro da Assembléia de Deus há dez anos e participante do ECC nos relatou que nasceu num lar católico e que aos treze anos se converteu na Assembléia de Deus onde está hoje. Ele nos diz que:

Graças a Deus na minha família todos são evangélicos, minha mãe é evangélica e meu padrasto que já faleceu também era evangélico, meus irmãos, tios e tias são todos evangélicos. Eu trabalho com pessoas que não são evangélicas são católicas. Assim, é aquela questão, a religião não está ligada a uma questão de amizade, acredito que a religião está à parte. Eu tenho amigos que não são evangélicos e que respeitam a minha crença como eu respeito a deles. Tenho amigos que são Testemunhas de Jeová, Mórmons, Católicos. Nós aprendemos e até o Senhor Jesus Cristo ensinou a respeitar né?! Não condenar, porque nós não temos autoridade para condenar ninguém, mas pra respeitar as pessoas e tentar de uma melhor maneira passar pra elas e também apreender, né?! Porque eu acredito o seguinte, eu devo acreditar numa coisa até que me provem o contrário, então numa conversa franca, num diálogo aberto pode haver mudanças de opinião e aí cada um escolhe a religião que quer.¹⁴³

¹⁴³. Entrevista realizada no IX ECC no dia 17/02/07.

Para Edmilson Paulino a noção do respeito é o que fundamenta a amizade. Em seu relato observamos que a religião não é o fator preponderante na escolha de suas relações de sociabilidade. Destacamos na parte teórica sobre tolerância e intolerância que muitos autores a exemplo de Barret-Ducroq (2000), Meneguello (2003) e da “Declaração de Princípios sobre a Tolerância” (1995) que a noção do respeito e apreço à diversidade se apresenta como fator fundamental na busca pela tolerância seja ela religiosa, étnica, cultural etc. Vale ainda destacar no discurso de Edmilson Paulino, menções ao que Paul Ricoeur (2000) destacou como a quarta etapa na conquista da tolerância, ou seja, a simpatia pelas idéias as quais não fazemos parte, ou ainda, o respeito à diversidade, sem que haja, no entanto, a conversão a novos valores. O entrevistado, ainda demonstra a predisposição ao diálogo com pessoas de credos distintos ao seu, conferindo ao seu discurso o que Oliveira (2001) chamou de uma ética de discussão, atitude esta, que compete para a diminuição de atitudes intolerantes.

No Crescer (Carismáticos), seis entrevistados participam de famílias na qual não há pluralismo religioso intrafamiliar. Vejamos alguns relatos. Maria das Neves nos diz que na sua família “todos são católicos uns praticantes e outros não, aquele católico que vai uma missa de finado, vai um casamento, vai uma missa de 15 anos, uma 1º comunhão de um filho, mas praticante tem pouco”.¹⁴⁴ Luciene por sua vez relata que vem “de uma família totalmente católica, tanto vinculada com freiras como com padres, o meu cunhado é padre. Meu marido freqüentava a igreja evangélica, mas já com o namoro ele passou a ser católico, há oito anos isso, e hoje ele reza o terço comigo”.¹⁴⁵

Luciene destaca no seu relato a questão da conversão e estruturação familiar por intermédio do casamento. Alguns autores, a exemplo de Patrícia Birman (1996), analisando as interações entre família e religião argumenta que a pessoa liberta ou convertida no caso à mulher, tem a sensação que é responsável por seus familiares, especialmente por seu marido e filhos. Segundo a autora:

esses familiares são percebidos, portanto, como uma extensão dela (...). Se Jesus e o Espírito Santo não protegem aqueles que freqüentam a igreja, é preciso que certas pessoas possam intervir em favor desses ainda não convertidos mais necessitados de proteção. Não é difícil imaginar que cabe às mulheres e mães esse espaço de mediação e auxílio religioso (BIRMAN, 1996: 105).

¹⁴⁴.Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/02/07.

¹⁴⁵. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

Complementando Birman (1996), Márcia Thereza Couto afirma que “as estratégias femininas que estão ligadas ao engajamento religioso são, fundamentalmente, *estratégias familiares*” (COUTO, 2001:323), ou seja, na busca da conversão do namorado, noivo ou cônjuge o que está em jogo, embora, muitas vezes, de forma implícita é a possibilidade de concretizar seu projeto de reprodução social da família. Assim, a formação de um novo núcleo familiar pode ser considerado um dos fatores na conversão dos indivíduos.

. O sexto depoimento, sobre indivíduos que não fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar é o de Josélio Bezerra, que é casado, católico-carismático e participante do Crescer. O entrevistado nos relatou que nasceu numa família católica e que “graças a Deus não tem evangélico, porque convivo no trabalho com alguns e é complicado e na família eu não quero não, porque acho que ia ter problemas”.¹⁴⁶

Em seu discurso, Josélio nos informa as extensões do pluralismo religioso institucional, quando relata a sua difícil sociabilidade no local de trabalho com os evangélicos, dando “graças a Deus”, por não existir em sua família membros desta religião.

Em resumo, dos discursos acima citados observamos algumas questões que valem ser salientadas. A conversão ao pentecostalismo é acompanhada por vezes de uma mudança interior e exterior no convertido, o que não deixa de operar novas reorganizações na interação deste como a sua família de origem. Quando a mãe a esposa, ou seja, o gênero feminino se converte a possibilidade do restante da família se converter parece ser maior devido ao fato de caber justamente as mulheres a responsabilidade de educar e estimular a espiritualidade nos familiares.

Nas razões que competem para a conversão podemos ainda destacar, a partir dos discursos acima citados, a dinâmica estabelecida entre conversão e estruturação familiar por intermédio do casamento. Assim, de acordo com Couto (2001), as estratégias femininas que estão ligadas ao engajamento religioso são, fundamentalmente, *estratégias familiares*, e a busca em converter o cônjuge para sobre a possibilidade de concretizar o projeto de reprodução social da família.

Observamos ainda, nos entrevistados evangélicos uma maior abertura para relacionamentos de amizade e trabalho com indivíduos de outros credos. Edmilson Paulino (ECC), nos informou em seu discurso que a noção de respeito é o que fundamenta a amizade e que a religião não deve ser pressuposto para as relações afetivas. Antônio Valter (ECC), por sua vez, relatou que mesmo havendo hostilidades com indivíduos dos outros credos convive

¹⁴⁶. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

com estes e se ressentem com o fato dos evangélicos restringirem sua rede de sociabilidade aos “irmãos de fé”. Já Josélio Bezerra (Crescer) agradece o fato de todos em sua família serem católicos, pois para ele o convívio com evangélicos no trabalho é complicado.

Passemos agora para os dados sobre as famílias com pluralismo religioso intrafamiliar.

4.3.2 Negociações, conflitos e acomodações em famílias com pluralismo religioso intrafamiliar.

Demonstramos nas tabelas sobre a religião dos familiares dos entrevistados, que a grande maioria deles fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, no qual este pluralismo se apresenta entre católicos e evangélicos. Vejamos agora alguns depoimentos, dos entrevistados dos dois eventos sobre o convívio com familiares e amigos que professam outros credos. Vale salientar, que estas entrevistas foram feitas em fevereiro de 2007, por ocasião da realização do Encontro para a Consciência Cristã e do Crescer.

Marco Antônio Alves, casado e participante do Crescer nos diz que: “Nasci numa família católica e estou até hoje. Tenho duas irmãs evangélicas, a gente convive bem é a mesma coisa, a gente não fala de religião. Eu respeito elas lá”.¹⁴⁷ Já Marileide Alves esposa de Marco Antônio nos relatou o seguinte:

A minha família toda é católica e eu continuo e não quero mudar. Na minha família, assim não tem irmãos evangélicos não, graças a Deus. Tenho duas cunhadas e uma tia que são evangélicas, mais assim, a gente lá de casa nunca mudou de religião não. Mas, eu não discuto religião com o pessoal evangélico, eu não!¹⁴⁸

Melânia Ozelita é casada, católica-carismática e participante do Crescer. Sobre a convivência com familiares de outras religiões ela nos relatou que permaneceu católica mesmo depois da conversão de todos em sua família. Ela diz:

Eu tenho sete irmãs e meus pais, o pai já falecido, mãe evangélica e toda irmãs são evangélicas, só tem eu na minha família que sou católica. Nós somos uma família muito unida, cada uma o Deus único, é um só, ela com sua religião e eu com a minha. Nunca a gente discutiu religião entre família,

¹⁴⁷. Entrevista realizada no X Crescer no dia 18/02/07.

¹⁴⁸. Entrevista realizada no X Crescer no dia 18/02/07.

quando elas me procuram pra eu participar de algum evento na igreja delas, se estiver ao meu dispor eu posso ir, agora uma coisa eu garanto, é difícil elas irem à minha paróquia, porque quando eu convido elas elas nunca têm tempo. Agora assim, o católico acredita muito na mãe de Jesus e o evangélico não, eles acham que Maria é igual a mim, ela é uma mulher diferente aí tem um pouco de conflito. A minha irmã é com - pastora, como existe o pastor ela já é uma com - pastora e acredito assim, a mais velha, todas assim, todas elas fazem parte da religião protestante, elas nunca chegaram pra mim pedindo para eu mudar pra religião delas. Elas foram casando e conhecendo seus maridos e acompanharam a religião evangélica deles. Mas, eu digo assim, eu não deixo a minha fé por outra fé jamais.¹⁴⁹

Nestes três discursos acima citados podemos observar que há a predominância do todo ou da família em detrimento das opções religiosas de seus membros. Para Marco Antônio, Marileide Alves e Melânia Ozelita o enfoque recai sobre o respeito aos membros de outras religiões e ao fato de não se discutir tais conversões com o intuito de manter a “harmonia” entre os familiares. Contudo o “não discutir sobre religião” com os membros convertidos, não esconde, no entanto, os conflitos existentes como ressaltou Melânia Ozelita. Em seu discurso, Melânia enfoca mais uma vez a questão de Maria como ponto principal nas tensões com os membros evangélicos da sua família. Para ela, Maria não é uma mulher igual às outras, fato este, sempre ressaltado no discurso dos evangélicos, o que gera segundo a entrevistada alguns conflitos com seus familiares. A entrevistada, ainda relata participar de eventos nas igrejas de suas irmãs, e a pouca disposição destas em participar dos serviços religiosos de sua igreja. Do mesmo modo que Melânia Ozelita o entrevistado Romero Frazão, que é solteiro e participante da Renovação Carismática Católica há doze anos, fala dos conflitos com familiares evangélicos por causa de Maria. Romero informou, que seus pais e irmãs são católicos e o que seu irmão é protestante, complementando que: “já tive parentes de diversos credos, Testemunhas de Jeová, Espíritas, mais no geral a maioria é Católica. Convivemos tranquilamente, somos unidos, às vezes é conflitante com os evangélicos porque que eles menosprezam Maria, e Maria é nossa mãe, digna de toda honra e glória.”¹⁵⁰

Destacamos, no início do terceiro capítulo, o fato da plurivalência semântica que permite a abertura ao outro do Catolicismo, ou ainda (Campos, 2007) da sua predisposição a porosidades (Sanchis, 2001). Nesse contexto, Machado (1998), avaliando o trânsito e sincretismo entre carismáticos e pentecostais observa que aqueles, sem distinção de classe apontam os pentecostais como o grupo religioso que mais se identificam, observando ainda, a

¹⁴⁹. Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/07/07.

¹⁵⁰. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

frequência dos carismáticos aos cultos evangélicos. Contudo Mariz & Machado (2001), ainda observam que a aproximação dos pentecostais com qualquer setor da Igreja Católica, mesmo com os carismáticos, “torna-se muito difícil, visto que os católicos em geral são acusados de adotarem práticas sincréticas identificadas como demoníacas” (MARIZ & MACHADO, 2001:187).

Confrontando nossos dados às teorias acima descritas, podemos observar que o catolicismo, por sua plurivalência semântica e abertura ao outro ou ainda a sua predisposição a porosidades permite uma abertura maior e até mesmo a participação em cultos de outras religiões como observou Machado (1998) e como foi descrito pela entrevistada do Crescer, Melânia, quando afirmou que quando convidada participava das reuniões evangélicas das irmãs. Contudo, a participação de suas irmãs evangélicas na sua igreja não acontece da mesma forma, tendo em vista como foi ressaltado acima por Mariz e Machado (2001), os pentecostais acusam os católicos de práticas sincréticas identificadas como demoníacas como o culto a Maria, no qual Melânia Ozelita relatou como ponto central do conflito com seus familiares evangélicos.

Melânia Ozelita ainda destaca algo que salientamos anteriormente, sobre a íntima relação entre conversão e estruturação familiar por intermédio do casamento, quando afirmou que suas irmãs foram se convertendo ao protestantismo ao passo que foram se casando com cônjuges que eram evangélicos. A quarta entrevista do Crescer, que faz parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, é Elizabeth Braga que tem 31 anos é solteira e participa da Renovação Carismática Católica – RCC - há oito anos. Sobre a relação com familiares evangélicos Elizabeth nos informa que:

A minha irmã ela é da Assembléia de Deus. Eu tenho um irmão que é pastor em São Paulo e tenho uma irmã evangélica da Igreja Verbo da Vida. Nós temos um convívio muito bom, muito saudável, graças a Deus nosso convívio assim, eu não tenho do que reclamar, eu venho de uma família feliz, embora de pais separados, mas a gente sempre colocou o amor acima da religião, acima de qualquer outra coisa que possa separar. Outras famílias que não tem estrutura em Jesus têm conflito, e não é só religião diferente que traz conflito, o que traz é a pessoa não estar em Jesus.¹⁵¹

Neste relato podemos observar que a entrevistada afirma ter um bom convívio com os membros de sua família que pertencem à religião evangélica, ressaltando ainda que as relações familiares são saudáveis e que o amor entre eles está acima das diferenças religiosas.

¹⁵¹. Entrevista realizada no X Crescer no dia 20/02/07.

Nesse sentido, o relato de Elizabeth demonstra a preeminência de valores laicos ou não confessionais como a família, em detrimento de uma cosmologia religiosa, ou seja, a família seria o valor englobante, tendo em vista que para ela o amor ou família está acima da religião.

Por fim o último relato é o de Clideci Lopes que tem 58 anos é casada e participa da RCC há sete anos. A entrevistada relata que seu pai

era evangélico, ele já faleceu, a minha mãe era católica e pra mim o exemplo de mulher de fé foi minha mãe, porque quando meu pai proibiu que nós fossemos a igreja da minha mãe, pra ficar indo só na dele, minha mãe ia pra missa achando que ia com os nove filhos, então foi o que me fez, desde pequena eu tinha vontade de ser católica, mas não tive direito de escolha, tive depois de adulta.¹⁵²

Clideci nos mostra que não teve a opção de escolher a religião que queria seguir, tendo em vista que, como ela mesma afirma, o seu pai a proibiu de ir à Igreja Católica que era a religião da sua mãe. Mas Clideci nos relatou que desde pequena queria ser católica, o que aconteceu somente quando esta se casou. Para ela a sua mãe foi um grande exemplo de mulher de fé, e, portanto foi isto que a impulsionou a escolher depois de casada a Igreja Católica, afastando-se assim da religião do Pai. Falamos anteriormente que a mãe ou as mulheres são as principais responsáveis pela propagação dos ensinamentos religiosos. O caso de Clideci não foge à regra, tendo em vista que, por mais que o seu pai tivesse a proibido de ir à Igreja da mãe, para ela o que a “fez” foram os exemplos de fé que a sua mãe a passou. Contudo o seu discurso trás um elemento novo para a dinâmica das relações de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar que são as diferentes estratégias utilizadas pelo pai e pela mãe no que diz respeito à transmissão religiosa. Não negando a influência da mulher na transmissão dos valores religiosos, questionamos a eficácia desta influência quando o casal professa credos distintos, tendo em vista que o relato de Clideci demonstra que seu pai proibiu os filhos de irem à igreja da mãe, que era a católica, para irem somente a igreja dele. Desta forma, quando o casal professa credos distintos variáveis como a religião do marido e o grau de sua adesão devem ser considerados. Seria salutar ainda observar as diferentes estratégias de transmissão da religião do pai e da mãe, observando hipoteticamente se o homem impõe pela autoridade e a mulher pela persuasão, ou ainda, se esta transmissão de valores religiosos pela mulher vai depender da religião do marido. Talvez estudos de casos sejam necessários para o melhor entendimento do cruzamento de variáveis.

No Encontro para a Consciência Cristã também entrevistamos vários participantes que eram membros de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar. Como demonstramos na

¹⁵². Entrevista realizada no X Crescer no dia 19/02/07.

tabela acima dos treze entrevistados do ECC, sete convivem no seu lar com membros de credos religiosos diferentes do seu. Dentre os sete entrevistados com pluralismo religioso intrafamiliar, apenas dois tem a família nuclear toda evangélica. Os outros cinco ou tem o pai, ou mãe, irmã ou irmão de outra religião.

Igualmente ao Crescer no ECC, a diversidade religiosa na mesma família se configurou a partir da equação evangélicos e carismáticos. Tivemos apenas o caso de Carmem Dolores que afirmou que seu pai ainda não escolheu a religião que quer, e Auta Quirino que sua filha e genro são Espíritas. Vejamos agora alguns relatos dos entrevistados do ECC sobre a convivência deles com parentes que confessam outros credos, destacando ainda que estas entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2007, por ocasião da realização do ECC. Analice Miná, é solteira, tem 21 anos, estuda Comunicação Social é evangélica há doze anos, e faz parte da Igreja Presbiteriana Bíblica. No ECC é responsável pela “Mocidade para Cristo”, que tem o papel de organizar os eventos destinados aos jovens. A entrevistada nos relata o conflito com o seu pai que não é evangélico e da herança católica da sua família e diz:

A minha família é católica, dos dois lados, pai e mãe e desde pequena eu freqüentava a Escola Dominical, e aos 11 anos eu me converti e estou até agora. Meu pai e dois irmãos ainda são católicos, minha mãe agora é evangélica, junto com meu irmão mais velho. Por eu ter sido crida num lar católico, tem toda a herança católica, aí tem muito conflito, discussões, né? E aí de repente eu com 11 anos de idade me converti, aí o meu pai disse: “Você não tem idade, você não sabe escolher o que você quer da sua vida”. Ele no começo pensava que era só brincadeira, era só mais alguma coisa, mas depois ele foi se acostumando eu até entendo esse lado essa herança cultural que a gente tem do catolicismo e a mudança gera conflitos, né?¹⁵³

Analice Miná nos apresenta em seu discurso elementos sobre o Catolicismo que foi analisado por diversos autores, a exemplo de Pierre Sanchis (2003). De acordo com a entrevistada, os conflitos com seu pai, em decorrência da sua conversão, deveram-se ao fato da herança católica, que em outro momento, ela chama de herança cultural. Esta herança cultural, Sanchis, assinalou como um *habitus* católico no modo de ser brasileiro, *habitus* este que deve ser entendido a partir de uma diacronia no qual a estrutura deve ser vista como necessariamente inscrita na História. Assim, o Catolicismo, mais do que uma religião, seria uma cultura, uma espécie de referência civilizatória que se espraia para além da esfera do sagrado, incidindo também em instâncias laicas ou não-confessionais.

¹⁵³. Entrevista realizada no IX ECC no dia 17/02/07.

O relato de Analice Miná demonstra também o conflito assinalado entre a afirmação da individualidade e o respeito às obrigações familiares ou a hierarquização por geração. A entrevistada ressalta o conflito com o seu pai, quando este afirmou, em detrimento da sua conversão, que ela não tinha idade para escolher o que queria da vida. A idéia do pai de Analice Miná, sobre a sua incapacidade em decidir aos onze anos se converter, é refletida também em uma longa tradição das Ciências Sociais “baseada na psicologia do desenvolvimento, de perceber a criança como impossibilitada, devido a uma condição de inferioridade psíquica, de dar sentido as suas experiências e lugares no mundo” (CAMPOS,2007:14). Autores como Hill e Tisdall afirmam que

a personalidade da criança, seus interesses e atividades não são atributos nem de um indivíduo isolado, nem impostos pelo meio, mas não são localizados firmemente nas interações entre a crianças e a rede ou sistema de relacionamentos nas quais cada criança pertence (HILL &TISDALL, 1997:4).

Nesse sentido, o conflito entre Analice e seu pai, se reveste do cruzamento entre por um lado à herança Católica que possui e por outro pelo conflito de geração, que a princípio surgiu em detrimento do fato de seu pai não perceber que mesmo com onze anos Analice foi capaz de dar sentido (sujeito/agente) as suas experiências. Observamos ainda, que igualmente ao relato de Clideci Lopes, participante do Crescer (carismáticos), que citamos acima, o pai de Analice Miná aparece como principal vetor de conflito.

O relato da nossa próxima entrevistada corrobora com as análises feitas anteriormente sobre a responsabilidade do gênero feminino em estimular a espiritualidade nos familiares e ainda trás, novamente, a idéia do conflito com o pai. Carmem Dolores é jornalista, solteira, tem 34 anos e participa do ECC. Antes de se converter a entrevistada relatou que não possuía religião e desta forma começou a buscar uma crença indo para o Catolicismo, em seguida para o Espiritismo, depois para Renovação Carismática e por fim se converteu ao Protestantismo há oito anos na Igreja Congregacional. Sobre as relações familiares com membros que não professam a sua fé ela nos relatou o seguinte:

Eu fui a primeira pessoa a aceitar o evangelho e graças a Deus, oito pessoas da minha família minha mãe e cinco irmãos, já tem primos e estamos debaixo de uma promessa de Deus que toda a família seja alcançada e estou nessa promessa. Com relação às pessoas da minha família que não são evangélicas veja bem, sempre existem aquelas questões de conflito, o meu pai não é crente ainda, na verdade ele ainda não decidiu o que quer aí quando acontece alguma coisa que envolve a igreja evangélica ele começa:

“olha é pastor, é crente” e na verdade a gente sabe que o ser humano é falho, seja lá qual for a sua religião. Mas eu creio que em breve essas coisas pequenas vão ser resolvidas.¹⁵⁴

Como mencionado, verificamos no relato de Carmem o que Luís Fernando Dias Duarte (2006c) observou sobre o gênero feminino se apresentar como socialmente responsável pela religião dos familiares. Duarte, ainda complementa afirmando haver um peso especial da irmã mais velha no cuidado com a estância do sagrado, o que é observado no relato de Carmem (irmã mais velha) quando esta afirma ter feito uma promessa a Deus para que toda a família seja alcançada (se converta).

Mariz e Machado analisando a conversão das mulheres ao pentecostalismo, e as relações desta conversão no núcleo familiar argumentam que

a responsabilidade que a mulher crente assume em relação ao bem estar espiritual de sua família parece ser maior na medida em que a mulher desempenha um papel de mediação dupla entre comunidade religiosa e sua família, não apenas recrutando novos membros, mas também ajudando no processo de libertação dos mesmos (MARIZ & MACHADO, s/d:14)

As autoras ainda complementam observando que a pessoa que se converte se vê como indivíduo liberto de todo mal e consciente das verdades do mundo. Desta forma,

por ter o conhecimento da verdade tem maior responsabilidade sobre sua própria felicidade e a dos outros. Assim o convertido tem responsabilidade de converter aqueles com quem convive de perto e mesmo se engajar em trabalhos missionários. As mulheres crentes se referem com frequência à promessa bíblica de que salvará aquele que crê e toda a sua casa. É com esta esperança que muitas se converteram. (MARIZ & MACHADO, s/d: 14).

Esta obrigação de converter o máximo de pessoas gera conseqüentemente um grande desconforto quando indivíduos partícipes desta família não aceitam estas conversões, como é o caso do pai de Carmem Dolores, quando esta relatou que quando acontece alguma notícia negativa a qual envolva o universo evangélico ele logo trata de dizer “está vendo é crente”.

A próxima entrevistada Auta Quirino é a única que faz parte de uma família com pluralismo religioso intrafamiliar, que não se apresenta sob a equação católico-carismático/evangélico. Auta, é viúva, tem 88 anos, e se converteu a trinta anos na 1ª Igreja Batista de Campina Grande e participa do ECC desde a primeira edição. O pluralismo religioso em sua família, configura-se sob a equação, evangélico/ kardecista. Sobre a sua

¹⁵⁴. Entrevista realizada no IX ECC no dia 18/02/07.

vivência religiosa antes da conversão, a entrevistada nos informou que era Espírita, o que veio a influenciar na escolha da sua filha por esta religião. Ela diz:

Eu tenho uma filha que eu nem gosto de lembrar, mas ela também não fala, quando ela era criança eu botava ela pra falar de Allan Kardec e dizia ela vai dar uma Espírita ótima, pela minha ignorância, não sabe? Eu também era Espírita neste tempo, eu freqüentava espiritismo, macumbaria, tudo, mas minha filha casou e depois dela casada ela aceitou a crença Espírita, mas ela me respeita tanto, que não fala dessa seita pra mim, ela muito reservada, e ela sabe que sou crente em Jesus Cristo e não gosto de ouvir outras coisas a não ser para falar de Jesus. Eu não aceito a crença dela não, a gente é meio assim, mas também ela não fala dessa seita né.¹⁵⁵

Apesar de em nossa pesquisa só ter verificado Auta Quirino como tendo a religião anterior o Kardecismo, acreditamos que alguns dos entrevistados possam ter também transitado nesta religião. De acordo com Bernardo Lewgoy (2006), no Censo de 2000, cerca de 2,2 milhões de pessoas se autodeclararam espíritas kardecistas, o que corresponde a 1,4% da população. Depois dos católicos e evangélicos, os kardecistas são a terceira religião com o maior número de adeptos no Brasil. Lewgoy ainda afirma que entre 1980 e 2000 o Kardecismo cresceu 50% a sua proporção no conjunto do universo religioso (0,7% em 1980 e 1,4% em 2000), crescimento este apenas superado pelos evangélicos e pelos sem religião, caminhando na contramão do encolhimento dos cultos afro-brasileiros (50% a menos no mesmo período).

Contudo, alguns autores, a exemplo de Regina Novaes (2002) têm se perguntando por que o número de kardecistas, umbandistas e adeptos do candomblé foi tão pequeno no Censo de 2000. Esta pergunta, também feita por nós, no que diz respeito ao fato de somente uma entrevistada ter relatado como religião anterior o Kardecismo, ou ainda, só termos verificado uma família com pluralismo religioso intrafamiliar, no qual um dos membros é kardecista. Nossa resposta corrobora com as explicações de alguns autores (Camurça, 2006; Novaes, 2002; Sanchis, 1997; Birman, 1992). Acreditamos que a baixa quantidade dos que se declaram kardecistas, umbandistas e candomblecistas deve-se ao fato que muitos dos que freqüentam esses cultos se declaram católicos. Desta forma, os espaços destas religiões são exemplares da “chamada cultura católico-brasileira”, definida como inclusiva sincrética e pouco afeita das fronteiras fixas.

Na entrevista realizada com Auta Quirino, ela se mostrou muito decepcionada com o fato de sua filha seguir o Kardecismo, que ela considera como uma seita. Segundo a

¹⁵⁵. Entrevista realizada no IX ECC no dia 18/02/07.

entrevistada, a sua maior tristeza foi ter levado a sua filha ainda criança para reuniões kardecistas, enfatizando que nesta época ela era ignorante, ou seja, ainda não conhecia a “verdade”. Contudo, os conflitos religiosos são contornados segundo Auta, pelo fato de sua filha ser muito reservada, e não falar do Kardecismo para ela. Assim, podemos destacar que dentre as estratégias adotadas por famílias, nas quais o pluralismo religioso intrafamiliar se apresenta como um conflito é a manutenção do silêncio por um dos seus membros, que decide não comentar suas experiências religiosas com o intuito de diminuir possíveis conflitos.

Salientamos ainda, que o conflito teológico entre kardecistas e evangélicos é demasiadamente marcado devido a temas como a reencarnação e a comunicação com os mortos (Pierucci, 2000), que segundo os evangélicos são preceitos anti-bíblicos. No ECC, sempre há palestras que enfocam os perigos do Kardecismo afirmando que a Bíblia condena esta prática em Hebreus, Capítulo 9, Versículo 27 que diz: “e como todo homem está destinado a morrer uma só vez depois é que haverá o julgamento” (BÍBLIA, 1997: 1533).

Assim, podemos observar no discurso da entrevistada Auta Quirino à idéia de conversão como uma quebra com os valores anteriores, uma ruptura e adoção de um novo *ethos* (Mariz & Machado, 1998), em que a ritualização do conflito e intolerância por ocasião da realização do ECC, se entende a outros períodos sendo refletida nas relações familiares. Não há, portanto, no relato de Auta a existência interlocuções, ou de um espaço fluído e sincrético (Birman, 1994, 1996) com o Kardecismo, menos ainda, a existência uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos (Duarte, 2006a, b, 2005). Isto é observado quando a entrevistada afirma que hoje só crê em Jesus, que não aceita a religião da filha e que por isto vivencia uma relação conflituosa com ela. O relato do nosso próximo entrevistado reflete o quão é diversificado o universo evangélico para que possamos de forma simplista afirmar que todos são intolerantes ou ainda afirmar que toda esta comunidade tem como valor englobante a religião.

Desta forma, demonstraremos a seguir o relato de José Mário que é casado, se converteu há 27 anos e faz parte da Igreja Presbiteriana do Brasil. O entrevistado nos relata a influência do seu pai em sua conversão, e sobre a relação amistosa com familiares que não são evangélicos. Vejamos.

A maior parte da minha família era católica, o meu pai era evangélico e foi um homem de grande piedade, de grande testemunho, e foi por intermédio da instrumentalidade de sua vida, do seu testemunho e da sua permanente preocupação com o estado espiritual dos seus familiares e através da vida dele, da sua pregação que eu vim ao conhecimento do evangelho e fui encontrado, fui alcançado pela graça de Deus em 1980. Tenho duas tias que

se converteram bem depois de mim, e tenho primos, e eu creio que hoje o número de pessoas convertidas na minha família já é um número bem maior do que era no passado. Eu fui criado por estas duas tias e pelo meu pai e mesmo quando elas não eram evangélicas nos sempre tivemos uma relação muito amistosa, muito fraterna, muito respeitosa, não tivemos nenhum tipo de litígio ou conflito maior, e isto se estende para outros parentes meus que ainda não professam a fé evangélica mas com os quais tenho bom relacionamento.¹⁵⁶

É oportuno neste momento salientar que o pluralismo religioso intrafamiliar não corresponde necessariamente no estabelecimento de tensões familiares ou atitudes intolerantes e que de certa forma, o discurso belicoso que se apresenta por ocasião da realização do ECC no período do carnaval não é vivenciado por todos os entrevistados na vida cotidiana.

Antes de passarmos para o próximo item gostaríamos de ressaltar algumas questões nos relatos de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar produzidas na época da realização do ECC Crescer. Cruzando os dados dos entrevistados dos dois eventos que fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar observamos que os relatos de conflito religioso parecem ser maiores entre os entrevistados do ECC. Nos cinco relatos dos participantes do ECC citados acima, quatro entrevistados afirmaram manter uma relação conflituosa com familiares católicos ou católicos carismáticos, enquanto que no Crescer dos cinco entrevistados apenas dois relataram conflitos com familiares evangélicos.

Foi observado ainda o cruzamento entre por um lado à dimensão religiosa e por outro o conflito geracional como vetor de conflito. Neste caso o relato de Analice Miná é exemplar. Segundo ela o conflito com seu pai ocorre devido à cultura católica deste e ao fato dela ter se convertido com 11 anos de idade, o que o fez afirmar que ela não tinha idade pra decidir o que queria da vida. Vale salientar também a importância do gênero feminino (mãe, irmãs velha) nas imbricada relação entre família e religião. Mariz e Machado (s/d) já afirmaram sobre a responsabilidade da mulher crente com relação ao bem estar espiritual dos familiares, principalmente quando ela desempenha um papel de mediação dupla entre comunidade religiosa e sua família. Tal responsabilidade, pode competir, tanto para geração de conflitos religiosos, quanto para a acomodação e negociação destes. Se por um lado observamos que a conversão de Carmem Dolores (ECC) e conseqüentemente a busca para que toda a sua família se convertesse gerou conflitos com alguns membros, a exemplo do seu pai, por outro lado, observamos em vários relatos citados ao longo desta dissertação, que a conversão da mãe ou das irmãs é visto pelos membros da família como algo positivo e pré-requisito para conversão deles.

¹⁵⁶. Entrevista realizada no IX ECC no dia 15/02/07.

Do lado do Crescer, os pontos conflitantes apresentados pelos entrevistados trataram de divergências teológicas, que incidiam na esfera familiar como a questão de Maria. Tanto Melânia Ozelita como Romero Frazão, em suas entrevistas, afirmaram que fazem parte de famílias muito unidas, mas não escondem também em seus relatos a difícil dialética entre a afirmação da individualidade e o respeito às obrigações e aos padrões dos vínculos familiares. Por mais que o enfoque tenha recaído sobre a união e o respeito familiar, Melânia e Romero falaram também das tensões e conflitos com os membros de sua família que são evangélicos, principalmente por causa de Maria, que é tida no catolicismo e ainda mais na Renovação Carismática como digna de toda honra e glória.

Dentre as estratégias que observamos nos relatos dos entrevistados, dos dois eventos, com intuito de não gerar, ou ainda, diminuir as tensões e conflitos com membros da família de outras religiões, o respeito, o silêncio e não discutir religião em família foram as mais destacadas. Enquanto Marileide Alves e Melânia Ozelita (Crescer) destacaram que não discutiam religião em família, Marco Antônio (Crescer) e José Mário (ECC) enfocaram, como estratégia na diminuição dos conflitos, o respeito com familiares de outros credos. Já o silenciar sobre a experiência religiosa foi destacado pela entrevistada Auta Quirino (ECC) quando afirmou que os conflitos com sua filha só não são maiores, porque ela (filha) é reservada e não comenta sobre o Kardecismo, que Auta chama de seita.

Com intuito de observar se a ritualização da afirmação identitária, do reforço do pertencimento que se expressam em palavras e atitudes intolerantes entre evangélicos e carismáticos, por ocasião da realização dos seus eventos anuais, é reproduzido no dia-a-dia destes fiéis em suas relações familiares, é que decidimos voltar a Campina Grande, para observar como se dão as negociações, conflitos e acomodações entre membros de uma rede familiar que possui membros evangélicos (participantes do ECC) e carismáticos (participantes do Crescer), que será mostrado no item a seguir.

4.3.3 Pluralismo religioso numa rede familiar

Como afirmamos no terceiro capítulo, a tolerância e a intolerância são conceitos chaves da civilização moderna, e, ao mesmo tempo, são vistos como dramas conceituais. Após longa revisão bibliográfica sobre este tema, assinalando as controvérsias que os termos tolerância e intolerância ensejam, acreditamos que sua aplicação deve estar atenta a três questões específicas. A primeira delas, já iniciada por Michel Walzer (1999), afirma que somente uma descrição histórica e contextualizada da tolerância e da coexistência, que

examine as diferentes formas que estas assumem na realidade e as normas do dia-a-dia próprias de cada uma delas, pode resolver o impasse entre a tolerância e seus limites. A segunda proposta é apresentada por Geertz (2004), quando propõe a análise do particular e a terceira proposta apontada por Ricoeur (2000), que insere na problemática da intolerância a questão do poder, dando espaço para análises que tratam do conflito e da disputa democrática.

Para tanto, seguindo as pistas de Walzer e Geertz e Ricoeur, no que se refere a nossa problemática de estudo, acreditamos que somente analisar as relações de tolerância e intolerância por ocasião da realização dos dois eventos se torna insuficiente, tendo em vista que estas relações podem se modificar em momentos e em situações posteriores como no caso da família.

Desta forma, neste item específico, analisaremos como os conceitos de tolerância e intolerância se apresentam no dia-a-dia de uma rede familiar com pluralismo religioso, tentando observar se o “discurso belicoso” entre evangélicos do ECC e carismáticos do Crescer cessa com o fim dos eventos, ou se projeta de outra maneira na família. Nossa intenção é perfazer tanto as relações travadas entre evangélicos e carismáticos na época da realização dos eventos como no cotidiano de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, que participam destes encontros.

Na época da realização do ECC, entrevistamos seu João Ferreira que tem 83 anos e se converteu à igreja Congregacional há quarenta e sete anos. Foi por intermédio dele, da sua história de vida, que retornamos a Campina Grande para a segunda etapa do Trabalho de Campo, que visava analisar as relações de tolerância e intolerância entre entrevistados do Crescer e ECC, que faziam parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, com intuito de verificar as acomodações, rupturas e/ou negociações no universo da família.

João Ferreira quando perguntado sobre a religião de seus familiares ele nos relatou que tem

três filhos que já são evangélicos, que já aceitaram o evangelho, e a mulher que é carismática de muitos anos e não larga por preço nenhum, é fã do padre Jonas Abib. Eu ela a gente não chega muito bem a um acordo não, eu só vivo porque a obrigação social, a obrigação familiar e em Deus que sou muito teimoso, né, mas a gente vai tolerando muita coisa, mas já teve muita divergência, não se passa muito bem em comunhão não, é difícil, discute, diverge. Isso acontece em toda família não é?! No sentido religioso.¹⁵⁷

O relato de João Ferreira aponta o matrimônio como algo sagrado e uma obrigação familiar. Apesar de acontecer divergências religiosas entre ele e sua esposa, João afirma

¹⁵⁷. Entrevista realizada no IX ECC no dia 17/02/07

continuar casado por conta de tais obrigações. Sua família, como ele mesmo apresenta, possui membros evangélicos e católicos-carismáticos, e desta forma logo, após a esta entrevista perguntei a seu João se poderia conversar com ele e a sua família em momento posterior. De acordo, voltei quatro meses depois a Campina Grande para conhecer Severina a esposa de João e seus filhos e netos. Estas entrevistas foram realizadas na sua casa dos dois nos dias 11 e 12 de junho de 2007. Por ainda não ter tido contato com Severina tratei de ligá-la assim que cheguei a Campina Grande. Já na conversa que tivemos no telefone percebi que a conversão do marido era para ela um grande desgosto. Severina, no início da conversa, me perguntou: “O que é esta pesquisa, não é coisa de crente não, né? Porque se for eu não quero conversa”. Assim, expliquei a ela que a minha intenção era observar como se davam as relações familiares nas quais os membros envolvidos professam credos distintos. De imediato ela respondeu: “Então venha minha filha que aqui cada um tem uma religião, é uma tristeza”.

Desta forma, no dia 11 de junho fui encontrar Severina. Contudo por motivo de saúde ela tinha ido a um médico de última hora e assim, aproveitei para conversar com seu João, sua filha Lourdes que é participante da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, com a filha de Lourdes Larissa que é católica não praticante, com Raquel outra filha de seu João que é católica-carismática, um neto de seu João, Idário, que é católico não praticante. Como eu já havia conversado com seu João, neste encontro dei prioridade para conversar com seus filhos e netos. Como queria observar as relações de tolerância e intolerância, ou seja, como se dava o convívio na família a partir das crenças que cada um tinha perguntei de início como foi à formação religiosa dos entrevistados. Lourdes Ferreira, que participa da IURD há dois anos, nos disse sobre a sua formação religiosa o seguinte:

Aqui em casa, nós todos fomos batizados na Igreja Católica, eu acho que quando ele (Seu João, pai de Lourdes) resolveu ser evangélico acho que já tinha nascido o último filho. Faz dois anos que me converti. Papai sempre me chamava e eu brincava – não, só vou aceitar quando eu tiver com 80 anos, depois de eu brincar muito, dançar muito - só na brincadeira, mas eu tive um probleminha, sentindo uma dorzinha, tem gente que vai pela alegria eu fui pela dor, e estou satisfeita graças a Deus, sei que Jesus tá comigo e ele é um Deus Salvador, tenho certeza da minha salvação, tenho certeza que Ele já perdoou todos os meus pecados, eu estou satisfeita.¹⁵⁸

É comum nos depoimentos de fiéis que se converteram a igrejas evangélicas, a menção da doença, da dor ou aflição como um dos principais motivos que os levaram a se

¹⁵⁸. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

converter. No caso de Lourdes, esta idéia pode ser percebida quando ela relata que começou a sentir uma dorzinha e foi (se converteu) pela dor e não pela alegria. Em seu depoimento ainda pode ser observado, que por mais que seu pai a convidasse para ir à igreja dele, ela relutava em aceitar porque ainda queria brincar e dançar, ou seja, participar das coisas do mundo. Nesse sentido, a sua conversão à IURD devesse mais ao fato da sua doença do que da influência do seu pai.

Em seguida conversei com Larissa filha de Lourdes. Larissa tem 22 anos é católica não praticante e está no segundo semestre do curso de Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. O primeiro questionamento que a fiz foi sobre a convivência dela com sua mãe, já que esta era membro da IURD. Larissa nos disse:

Na verdade eu nunca concordei muito com a Igreja Universal, eu sempre critiquei muito, mais quando ela entrou ela falou: “Olha, tô entrando tô gostando”. Então eu disse: beleza se pra você tá fazendo bem, massa, mas que não insistisse pra eu ir, que eu não iria, só que ela insiste não tem jeito. (risos) **Lourdes em seguida diz:** E ela não vai. **Larissa continua:** Então é isso, mais é tranqüila a relação que a gente tem, por exemplo, eles condenam muito a questão das imagens, na minha casa tem um quadro de Jesus e o pessoal da Universal que às vezes vai lá em casa critica. Tem uma mulher que foi ontem lá em casa da Universal e falou: “Você devia queimar isso aí”. Eu tenho imagem no meu quarto, e com mamãe é tranqüilo, ela não tem problema quanto a isso não, é mais a questão de se espiritualizar mesmo, eu entendo assim. Então a relação da gente é tranqüila, só em relação a alguns pontos de divergência né, de questão religiosa mesmo, de questão em relação a homossexualismo que a gente discute muito porque ela condena e eu não acho condenável, é sobre isso que a gente diverge mais fora isso é tranqüilo. **Lourdes diz:** Licença, não é a igreja que condena é a Bíblia.¹⁵⁹

As tensões entre Larissa e sua mãe Lourdes são evidentes. Contudo tais tensões se apresentam a partir de questões ligadas à moral e à sexualidade. Com relação às imagens, algo que os evangélicos combatem bastante, Larissa afirma que a mãe não cria empecilhos, contudo, com relação à homossexualidade o conflito se torna evidente. Larissa, como afirmou acima, não acha a homossexualidade condenável a exemplo de sua mãe, que afirma que não é a sua igreja que condena e sim a Bíblia. Em outro momento Lourdes disse: “É só ler Romanos 1:27 que você verá que a Bíblia condena o homossexualismo”.¹⁶⁰ Luís Fernando Dias Duarte (2006b) já havia atentando para o fato de que é preciso observar como as disposições programáticas, contidas nas diferentes denominações religiosas interagem com as disposições não-confessionais correntes na sociedade e, sobretudo, como os sujeitos sociais constroem

¹⁵⁹. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

¹⁶⁰. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

suas trajetórias de vida com base nessa trama complexas de possibilidades, selecionando suas alternativas (e sendo selecionado por elas) de gestão das práticas afetivas, sexuais, e reprodutivas. Com base neste argumento de Duarte observamos ainda, no discurso de Larissa, que ela leva consigo alguns conteúdos pragmáticos do catolicismo como a adoração às imagens, ao passo que quando se cruza às disposições religiosas com as não-confessionais, observamos a predominância da segunda, tendo em vista que Larissa não condena a homossexualidade, apesar de o catolicismo condenar. Lourdes tem outro filho chamado Gilberto, que também é católico não praticante. Sobre a sua relação com ele, Lourdes afirma:

É do mesmo jeito, ele critica. Porque a minha igreja prega também a prosperidade, tem na segunda, cada dia tem uma coisa, eles chamam de ladrão de disso daquilo, mas quem está lá dentro e segue vê que é completamente diferente, não tem nada disso. Só aqueles pastores viverem lutando e orando 24 horas pra salvar uma alma, atende ali toda qualidade de gente, é drogado, gente sebozo, aquelas mulheres sebosas, toda qualidade tem, só você vendo a qualidade de muniça que entra lá, e ele atende do mesmo jeito, com aquela humildade, ele lê a Bíblia, aconselha, só isso vale tudo, e nunca me roubaram eu vivo dizendo. **Larissa diz:** O que atrai é justamente isso, é você ser tratado com dignidade, porque no mundo daqui de fora a gente sabe que... mais aí é que tá, o que tá por trás disso aí? Aí, já é outra história. **Lourdes pergunta:** E o que é que está por trás Larissa? **Larissa diz:** O ser humano ele age por interesse, interesse, interesse, quanto mais fiéis mais dinheiro.¹⁶¹

Desta forma, a sua conversão a IURD, também não é vista com bons olhos por Gilberto, que igualmente a Larissa sua outra filha acusa a Universal de explorar a fé dos indivíduos. Sobre a IURD, Emerson Giumbelli (2002), analisando a liberdade religiosa no Brasil a partir do caso desta igreja, argumenta que esta, destaca-se entre os evangélicos por liderar manifestações que lamentam as restrições à liberdade religiosa, denunciando, assim, os privilégios dado a Igreja Católica no Brasil. Tal atitude, segundo o autor, gera um grande conflito com as demais religiões, principalmente com a Igreja Católica, e, desta forma, de acordo com Giumbelli, as doutrinas e práticas da IURD são constantemente questionadas. Assim, “(...) a acusação é articulada de modo a converter essa doutrina no “artifício fraudulento” com a ajuda do qual os pastores em suas práticas procuram enganar os fiéis com vistas a obter dinheiro na forma de doações e dízimos” (GIUMBELLI, 2002: 87).

Sabendo que Lourdes é da Igreja Universal do Reino de Deus, e que a RCC, da qual a sua mãe faz parte, empenha-se fortemente no combate a esta Igreja, desde o famoso episódio em que o pastor Sérgio Von Helde da IURD no dia 12 de outubro de 1995, no programa

¹⁶¹. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

“Despertar da Fé”, chutou a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, Padroeira do Brasil, referindo-se a ineficácia e devoção à santa, é que perguntamos a Lourdes como era o relacionamento dela com a sua mãe. Lourdes nos relatou:

Mamãe discute demais, logo a mãe sempre tem uma filha que gosta mais, ela diz que não, mas com certeza existe isso, minha irmã chamada Amélia, ela sempre gostou mais dela e tudo, e ela aceitou primeiro que eu, foi uma tristeza que ela só vive chorando, só vive chorando com desgosto e aí, comigo ela só fica dizendo: “Você cuide em sair dessa seita, a maior tristeza da minha vida é você tá nessa seita, se eu morrer hoje é a maior tristeza”. **Raquel irmã de Lourdes diz:** Mas ela já tá aceitando, o negócio é mais com a de Lourdes que é da Universal. **Lourdes prossegue:** Eu digo mais mãe, pense direitinho no que a senhora tá dizendo, se eu vivesse drogada, bebendo, fumando nos bares por aí não seria pior? Ai ela fica calada. Porque eu aceitei Jesus a senhora tá dizendo isto?!¹⁶²

Assim, Emerson Giumbelli (2003), argumenta que o famoso “chute na santa” mudou por completo as relações entre a Igreja Católica e a IURD, afirmando que neste episódio “o que estava em questão era a idéia de tolerância, tradicionalmente evocada para traduzir o clima predominante nas relações inter-religiosas no Brasil, ora duplamente atingida: pela suposta agressão à santa e pelas reações que possivelmente desencadearia” (GIUMBELLI, 2003:172). O caso de Lourdes é emblemático, pois, ao passo que seus filhos acusam a Igreja da mãe de fraudulenta e só se importar com os dízimos, a sua mãe Severina, acusa a IURD de seita e o seu pai, João, afirma que esta igreja não pode ser considerada estritamente evangélica. Desta forma, boa parte do conflito instalado nessa rede familiar deve-se a conversão de Lourdes a Igreja Universal do Reino de Deus.

Em seguida observando que Lourdes tinha ficado um pouco triste em verbalizar sobre o conflito que tem com sua mãe, dirigi os meus questionamentos a Raquel Ferreira, a outra filha de João e Severina Ferreira. Assim, perguntei sobre a sua vivência na Renovação Carismática Católica. Raquel nos disse:

Eu cresci dentro da RCC, porque desde guria minha mãe me levava eu me engajei mesmo, eu era do ministério de música de grupo de oração, meu maior crescimento foi dentro da Renovação. Pra mim foi um crescimento muito bom, me ajudou demais, porque você ir pra uma missa não tem o crescimento, que um grupo, uma escola um ministério, porque na missa você vai participa mas não tá mexendo, quem ta é o padre você só tá , sentada escutando e na Renovação não, você tá produzindo, mexe com um fala com outro, conversa com jovem com adulto, com idoso, você tá se

¹⁶². Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

movimentando, dentro de um hospital falando com um doente, pra mim é bom.¹⁶³

Raquel complementa dizendo que “não há problema em conviver com papai. Não tenho conflito também com minhas irmãs por causa da RCC. A gente convive bem, assim, tem as diferenças religiosas mais a gente contorna, mamãe é que ainda está se acostumando, ela chora, e diz que foi uma divisão muito grande por causa da religião do meu pai”.¹⁶⁴

Neste caso, parece que a religião não é o fator englobante. Raquel nos informa que convive bem com suas irmãs e o seu pai que é evangélico. Para ela o respeito e a família são mais importantes do que as diferenças religiosas. Até porque, por mais que ela se auto-indique como católica carismática, Raquel nos relatou em outro momento que participa também de alguns cultos nas igrejas de suas irmãs, e que no ano de 2006 passou o seu reveillon em um retiro espiritual da Igreja Brasil para Cristo, que uma das suas irmãs faz parte. Nesse sentido, a vivência religiosa de Raquel pode ser entendida pela ótica de *passagens* (Birman, 1994; 1996), havendo assim a existência de um espaço fluído e sincrético, de constante interlocução nos percursos individuais, que se dirigem de uma religião a outra, gerando desta forma, redefinições de fronteiras, trocas simbólicas e inovações que afetam os cultos envolvidos.

Talvez por Raquel participar da RCC e fazer visitas, mesmo que esporádicas, a cultos evangélicos, havendo assim uma interlocução entre estes dois universos, ela apresente um discurso mais tolerante com relação aos membros de sua família, que são evangélicos. Como salientamos acima, e que também foi verificado em outras entrevistas com carismáticos participantes do Crescer, a exemplo de Elizabeth Braga, as relações familiares aparecem como mais significativas do que as divergências de credos.

Raquel, ainda no seu relato, traz à tona os sentimentos de sua mãe com relação ao pluralismo religioso dentro de casa. A entrevistada afirma, que sua mãe, Severina, não se conforma com o fato de João ter se convertido à igreja Congregacional, pois, tal acontecimento, teria gerado uma divisão na família. Desta forma, acreditamos que as constantes conversões em determinadas redes familiares são sentidas de forma diferenciadas pelos seus membros, parecendo haver desta forma, uma recusa maior, da primeira geração da família, no caso de Severina, em aceitar as conversões dos demais familiares. Assim como afirma Walzer, quando diz que a tolerância é particularmente problemática “para a primeira geração de famílias mistas e identidade divididas quando cada um ainda se lembra, e talvez com

¹⁶³. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

¹⁶⁴. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

nostalgia, de comunidades mais coesas e de uma consciência mais unificada” (WALZER, 1999:114-115). (grifos nosso).

Tentando observar pontos de convergência e divergências entre carismáticos e evangélicos nesta rede familiar questionei se havia algo em comum entre estas duas religiões. Raquel Ferreira por sua vez respondeu: “Em umas coisas se parecem muito. Na oração na convivência da oração, em fazer caridade, de visitar enfermos, presos, os trabalhos são todos parecidos.”¹⁶⁵ Como Raquel transita entre as duas religiões as diferenças para ela são, de certa forma, atenuadas, enfatizando no seu discurso o que tem de semelhante entre evangélicos e carismáticos, ao contrário do seu pai e da sua irmã, Lourdes, que em seus relatos, como veremos a seguir, marcam mais as diferenças. De acordo com João Ferreira as diferenças se apresentam principalmente por que

o evangélico tem dois sacramentos o Batismo e Ceia. O católico não participa da ceia porque não é batizado no Batismo evangélico, o católico batiza crianças, evangélico não batiza porque não acha bíblico né. **Lourdes prossegue:** E as imagens que a nossa igreja não tem. **João:** A própria Igreja Católica tá retirando as imagens porque vê que não é coisa cristã, não é de acordo com a palavra, a Bíblia não é?

Vemos, portanto, nos discursos de João e de sua filha, Lourdes, uma reprodução na família dos conteúdos programáticos de suas religiões. Aqui, ao invés de uma religiosidade fluída e sincrética, (Birman, 1994, 1996) podemos observar uma conversão com quebra dos valores anteriores e adoção de um novo *ethos* como observaram Mariz & Machado (1998). Se há por ocasião da realização do ECC um grande combate entre evangélicos e católicos-carismáticos devido, a exemplo, a questão das imagens, esta idéia não cessa com o término do evento. Assim, determinadas questões teológicas pregadas no ECC não são relativizadas em prol da diminuição de tensões e conflitos em um núcleo familiar.

A questão das imagens e adoração a Maria parece ser desta forma, um dos principais conflitos entre os membros desta rede familiar, como apontou Lourdes, João e como demonstraremos no relato de Raquel.

Eu creio que sempre bate nisso, na história da imagem, da imagem vou colocar como sempre, que é como a minha mãe (Severina) sempre fala que ela tem a maior coisa com isso e com Nossa Senhora e tem um combate aí, não sei se todas as igrejas evangélicas. No caso para os evangélicos só Jesus

¹⁶⁵. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

deve ser adorado, mas eu vejo assim, eles não adoram a Nossa Senhora eles tem um carinho como a gente tem carinho por uma mãe. Então eu não vejo que há uma adoração a Ela, porque tem o momento do terço, mas isso não quer dizer que é uma adoração, eu vejo que é um carinho pelo Rei pelo Criador, por Ela.¹⁶⁶

Sabemos que Maria ocupa destaque privilegiado dentro do catolicismo, e que com a RCC, Maria foi colocada em mais alto plano, como forma de diferenciar católicos-carismáticos de evangélicos, como bem salientou Machado (1996). Não restam dúvidas também sobre a forte adoração a Maria por parte, seja de católicos, ou ainda, de católicos carismáticos. Contudo observamos no discurso de Raquel, que ela tenta negociar o conflito em sua casa, ressignificando o lugar de Maria na RCC, afirmando não haver uma adoração a Ela, e sim um respeito e um carinho. Neste caso, os conteúdos programáticos do Crescer, cujo qual Raquel faz parte, no que tange a questões como Maria, são, de certa forma, relativizados por ela, em nome da tolerância do respeito ou ainda como estratégia de negociação de conflitos com os membros de sua família, que são evangélicos.

Nosso próximo relato é o de Idário que é católico não praticante, tem 19 anos e é neto de João e Severina. Questiono como é seu convívio com os outros membros desta rede familiar.

Eu sou muito neutro, como Larissa, eu nunca pratiquei fui à igreja algumas vezes, já fui a missas, mas sei lá, eu tenho a minha própria fé, sou católico por batismo, a minha família é de São Paulo eu moro com os meus pais e lá é muito tranquilo porque somos todos católicos. Aqui eu vejo pelo o pouco que venho que há um conflito. Eu respeito muito a minha avó, meu avô é super tranquilo, a gente nunca teve nenhuma divergência, e o meu avô nunca fala “ah você não pode fazer isso, isso é errado”, mas já a minha avó diz, ela é muito, pragmática com as coisas é bem fechada. Inclusive há certos assuntos que eu ouço e fico quieto, porque primeiro ela é a minha avó e eu tenho que respeitar e segundo porque não tem cabimento e também eu não tenho fundamento pra falar porque eu nunca li a Bíblia. Hoje de manhã ela (Severina sua avó) estava comentando umas coisas que eu acho absurdo, mas eu não vou ficar discutindo. Eu acho que o que tem na Bíblia, não serve no momento de hoje e não vai servir daqui a vinte anos, as coisas mudam evoluem, enfim pra melhor ou pra pior, não faz diferença, mais as coisas mudam então eu procuro levar assim numa boa.¹⁶⁷

Já falamos anteriormente sobre o silêncio e o respeito como estratégias para a diminuição dos conflitos. Tais questões são evidentes no discurso de Idário, como forma de

¹⁶⁶. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

¹⁶⁷. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

negociação das diferenças principalmente com a sua avó. Contudo não podemos deixar de atentar para o fato que para além das divergências de cunho religioso, há também um forte conflito geracional. Em seu relato, Idário, demonstrou relações mais amistosas com o avô, do que com a sua avó, e desta forma perguntei a ele, e aos demais membros desta rede familiar, quem era mais rígido, O avô-pai ou avó-mãe: Larissa respondeu: “A avó com certeza. **Idário:** Eu que venho de vez em quando noto também isso. **Larissa:** Ela é extremamente dogmática, ela é muito dogmática, muito dogmática”.¹⁶⁸ Então perguntei dogmática com relação a quê?

Larissa: A moral. **Lourdes:** Sexo só depois do casamento. **Idário:** Esse foi o assunto da discussão. Não teve debate porque eu fiquei só ouvindo. **Raquel:** Hoje em dia ela não concorda da namorada dormir na casa do namorado, então o debate de hoje já foi por isso. **Idário:** É porque rolou esse assunto e tal, eu namorei com uma pessoa que morava longe da minha casa e pra mim não tinha a menor possibilidade desse namoro seguir a diante se eu não pudesse dormir na casa dela, ou ela na minha.¹⁶⁹

Informamos anteriormente, o forte rigorismo moral da Renovação Carismática Católica, principalmente no que tange a questões como virgindade, aborto e homossexualidade. No caso do relato acima citado, o centro do debate tratou da questão da virgindade. Segundo os entrevistados Severina é contrária ao sexo antes do casamento, tanto para filhas e netas, como para o neto. Nesse sentido a proibição do sexo antes do casamento, por parte de Severina, está atrelada uma dimensão estruturante que Duarte (2005) chamou de “*ethos* religioso”, que compreende uma disposição ética ou comportamental associada a um universo religioso.

Continuando a construção de nossa análise, por fim, sabendo que existia um grande conflito entre Severina e João perguntei a Lourdes como ela analisava o convívio de seus pais. Ela então nos respondeu da seguinte maneira. “Eu não moro aqui, mais eu sei que é estressante, se essa entrevista tivesse sido a noite seria ótimo. Mas não é bom não”.¹⁷⁰ A mesma pergunta dirigi a João e ele então disse: É o natural dos casais hoje no mundo inteiro, a gente briga mais depois se entende.”¹⁷¹

Quando João respondeu a sua filha, Lourdes, prosseguiu em seu relato sobre o conflituoso relacionamento dos pais, devido principalmente a divergências religiosas e disse:

¹⁶⁸. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

¹⁶⁹. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

¹⁷⁰. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

¹⁷¹. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

Não tem aquela música “entre tapas e beijos”, só que não chega às tapas. O pastor da minha igreja eu convidei pra vir aqui, ele gosta muito de vir ungir as casas, aí eu pedi a ele e ele veio aí ele ungiu e conversou muito com ela, e ela começou a falar da religião dele, mais o pastor disse: “Não mais a senhora tenha paciência, eu sei que a senhora é mulher de fé, de muita fé”, porque ela vive assim de joelho de tanto orar pela família. **Raquel:** O quarto dela tem parabólica a televisão dela é só canal de religião e mais nada, não assiste nada, é no “Século 21” na “Canção Nova”, onde tem coisa de religião ela tá, é 24h, é tanto que ela cobra que a gente não vai assistir e chama meu pai. **Lourdes:** Mas não tem lógica se você entrar no quarto dela, não tem lógica uma pessoa ser evangélico dormir num quarto daquele, com tanta imagem que tem, porque você lê a Bíblia e vê que ali tá errado. **Raquel:** Ela assiste dia e noite. **João:** aí tem essas questões que a gente não se sente bem e aí eu tenho outro quarto que é melhor.¹⁷²

Neste depoimento podemos observar mais uma estratégia de negociação dos conflitos. Enquanto que Idário silencia para não gerar conflitos e Raquel ressignifica o papel de Maria, Lourdes (que igualmente a sua mãe Severina vivem uma conversão à máxima) se utiliza dos preceitos de sua religião na tentativa de diminuir os conflitos. A solução encontrada por Lourdes, nesta conflituosa relação com mãe, não foi silenciar, nem ressignificar suas crenças, foi, portanto, se utilizar dos dispositivos da IURD, como a unção das casas, levando o pastor de sua igreja à casa de sua mãe, para que ele pudesse acalmá-la quanto à religião do marido e de suas filhas. Em seu relato, Lourdes, mais uma vez, chama a atenção para a questão das imagens, afirmando que não há condição de um evangélico (como o pai) dormir num quarto cheio de santos, utilizando-se da Bíblia para fundamentar sua opinião. E é por esta mesma questão, a quantidade de santos dentro do quarto, e a proibição desta prática pela Bíblia, que seu João afirmou dormir em um quarto separado da esposa.

Sobre o uso da Bíblia pelos pentecostais e carismáticos Mariz e Machado (1998) afirmam que

Embora a ênfase no MRCC (Movimento de Renovação Carismática Católica) e do pentecostalismo na escritura como fonte de verdade e de toda argumentação sugira a desinstitucionalização religiosa na medida em que permite aos indivíduos o acesso às palavras divinas sem a mediação institucional, podemos observar que esta desinstitucionalização é relativa. A Bíblia, ou qualquer livro religioso que é tido como única fonte de verdade, pode ser considerada como uma instituição em seu conceito ideal. Como tal, conseqüentemente gerará sempre uma instituição social, na medida em que se cria fronteiras que separam os que realmente a seguem dos que não a aceitam ou somente aceitam como uma entre outras fontes de verdade. Por isso podemos dizer que a adoção da Bíblia como fonte prioritária de verdade

¹⁷². Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 11/06/07.

é, em, si, base para uma identidade religiosa exclusiva e uma semente de institucionalização (MARIZ & MACHADO, 1998:27-8).

Terminada a entrevista, fiquei bastante ansiosa para conhecer Dona Severina e no outro dia fui então encontrá-la na sua casa. Severina tem setenta e oito anos e participa da Renovação Carismática desde 1977, ou seja, acerca de trinta anos. Ela sempre trabalhou no lar, mas quando entrou na RCC começou a participar de vigílias e das pastorais da Igreja, o que começou a tomar muito o seu tempo. Muito simpática e materna, Severina logo me convidou para irmos, depois da entrevista, a seu grupo de oração, que acontece toda semana na casa de sua amiga, Nelita, que também é participante da RCC em Campina Grande, desde o seu início. O primeiro questionamento que fiz foi o seguinte: Você sempre foi católica? Seu João foi à primeira pessoa da sua família a se converter ao protestantismo? Ela então respondeu:

Essa época que ele entrou na religião, eu casei em 1949 no fim de 1949, em 1955 ele entrou na religião protestante, (**Seu João diz:** em 1960) 1960? É nessa época a gente só tinha Amélia, e ele entrou e foi aquela coisa como sempre que eles entram né, mas também ele nunca de querer que eu seguisse, já no fim quando foi entrando os filhos foi que ele foi criando mais asa, começou a dizer alguma coisa, mas ele nunca dizia, nem empatava, nunca empatou de eu ir na igreja, ele dizia que não gostava ficava com raiva, mas eu ia eu batizava os meninos, eu fazia primeira comunhão delas, tudo eu fiz né, o que eu pude eu pude, porque nossos filhos não acompanhavam ele, ele era mais só, mais aí depois delas já adulta até já casada, formada, foi que começaram a seguir, Então eu até censuro, porque assim, ele é de uma igreja, elas são de outra igreja, não vão pra igreja dele, que podiam ir com ele pra não tá indo só, né, a idade não permite ele tá andando, dirigindo carro, aí ele vai pra igreja sozinho.¹⁷³

Severina, em seu depoimento relata duas dimensões conflituosas com relação às conversões a igrejas evangélicas em sua família. A primeira refere-se a possíveis conflitos gerados em famílias com pluralismo religioso, quando acontecem rituais de passagem, como o batismo, primeira eucaristia crisma, casamento ou extrema unção. As execuções de tais rituais, que podem ser considerados também como confirmações de votos, podem gerar inúmeros conflitos, quando há pluralismo religioso na família, tendo em vista que, cada membro vai reivindicar a sua presença, ou a presença da sua crença, ou para a consecução de tal ritual, ou para impedir tal consecução. O que está em jogo é, portanto, a descendência religiosa ou espiritual da família. Contudo, mesmo diante do conflito gerado entre batizar ou

¹⁷³. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

não na Igreja Católica os filhos do casal, João e Severina, o que prevaleceu foi à opinião da matriarca, tendo em vista que como já citamos anteriormente, baseados em Machado (2006), Duarte (2006c) e Mariz & Machado (s/d) o gênero feminino se apresenta como socialmente responsável pela religião dos familiares. A segunda dimensão de conflito, em decorrência das conversões apontada por Severina, trata-se não somente do pluralismo religioso intrafamiliar, mas também, de um pluralismo intrareligioso. Expliquemos: para além do fato de Severina não concordar com duas religiões na família, ela ainda discorda do fato dos membros evangélicos serem de denominações diferentes, já que a sua filha Lourdes participa da Igreja Universal do Reino de Deus, o marido da Igreja Congregacional e Amélia, sua outra filha, ter se convertido na Igreja Renascer em Cristo, e em seguida ter migrado pra Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo. Para Severina, as conversões a igrejas evangélicas, ao invés de criar laços entre os membros convertidos resultaram num maior afastamento destes, e destes com relação ao pai (João), pelo fato de cada um participar de uma denominação diferente.

Estas reconfigurações, no âmbito da família a partir da diversificação do campo pentecostal, têm apontado, segundo alguns autores, (Gomes, 2006, 2003 Duarte, 2006c, Mariz e Machado, 1998), para uma reafirmação da identidade Católica por parte de alguns de seus membros. Outros autores a exemplo de Berger & Luckmann (2004) e Michel Walzer (1999) comentam que esta é uma das reações do pluralismo e da crença no relativo, ou seja, há uma afirmação da tradição e do pertencimento, que mostraremos empiricamente no relato de Severina Ferreira. De acordo com a entrevistada, a conversão do marido à Igreja Congregacional a fez participar ainda mais da Igreja Católica a qual fazia parte. Vejamos:

Então eu participei mais da igreja quando ele começou a ser evangélico porque eu tinha medo de perder a minha fé, a minha igreja, as minhas raízes, que eu tinha nascido naquilo que eu fazia parte de congresso da igreja, quando mocinha eu cantava na igreja, no coral, papai muito católico e eu não queria, né. Então eu comecei a freqüentar mais a igreja, mais do que eu já freqüentava, mesmo com os meninos pequenos eu também ia, aí foi crescendo mais, e aí eu entrei na Renovação Carismática no ano de 77, aqui eu tô desde o começo, ela já vinha com mais de um ano lá de fora, mais aqui, Padre Jonas Abib veio por aqui foi em 77. Aí entrei na Renovação Carismática e a Renovação Carismática dá aquele impulso né, dá aquela força pra gente no desespero, e aí você vai conhecendo mais Jesus, você vai tendo mais desejo de ter a Palavra de Deus, de pregar né. Mas eu te digo a minha fé é muito grande, não precisou eu mudar de religião, se eles quiseram mudar... Mudaram né. Eu quero dizer que pra mim eu estou até acostumada, mas logo no início eu chorava muito porque foi uma divisão muito grande.

174

¹⁷⁴. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

Severina faz uma nítida associação entre religião e tradição, afirmando que começou a participar cada vez mais de sua igreja por medo de perder as suas raízes, raízes estas religiosas já que os seus pais eram muito católicos, e raízes mais abrangentes identificada por Pierre Sanchis (2003) como *habitus* católico. Assim, segundo Severina, a conversão de seu marido foi responsável pela a sua adesão a Renovação Carismática Católica. Maria das Dores Machado (1996) analisando carismáticos e pentecostais e adesão religiosa na esfera familiar argumenta que as conversões ajudam, de certa forma, as mulheres na defesa de seus interesses e criam também, uma rede de apoio às mulheres reforçando a sua autoestima. Tais constatações de Machado podem ser observadas no discurso de Severina, quando esta afirmou que a RCC lhe deu impulso e força em momentos críticos como a conversão do seu marido a Igreja Congregacional. Severina, ainda em seu relato, correlaciona à mudança de religião a falta de fé, e a divisão ou conflitos causados em sua família.

Por muito tempo, João, foi o único membro evangélico nesta rede familiar. No final dos anos 90, ou seja, 30 anos após a conversão de João, uma das suas filhas Lúcia se converteu ao protestantismo. Severina marca com muita tristeza este fato, porque foi a partir da conversão de Lúcia que as outras duas filhas Amélia e Lourdes se converteram. Vejamos o que ela diz:

A minha filha Lúcia era professora de psicologia aqui da UEPB, quando ela entrou, ela teve uma doença grande, uma alergia de repente e lá no colégio ela falava com as colegas e as colegas eram evangélicas e aí, diziam: “Ah eu vou levar pastor fulano.” Você sabe que quando eles querem eles sempre são mais ativos que a gente, tem que dá a mão a palmatória a isso aí, eles querem pegar o peixe que já está pescado e jogar lá dentro. Aí começou a vir um pastor aqui e ela foi se impressionando com aquilo e foi botando na cabeça, e teve um sonho e foi até nessa época do São João no meio do mundo, e ela disse que Jesus mostrou a ela que o São João era coisa diabólica, e que ela visse que isso estava errado, e ela foi acreditando naquilo. E ela foi vendo aquilo, e eles foram orando e ela ficou curada. Quer dizer também com medicamento, porque ela tomou muito medicamento e também eu não sei se foi à fé ou se foi também o medicamento, como ela entrou para igreja evangélica ela diz que foi a fé, mas os medicamentos até hoje em dia ela toma.¹⁷⁵

Após se converter, Lúcia começou a pregar para Amélia e Lourdes, o que foi ocasionando um grande desconforto para a matriarca, principalmente, quando a filha que ela

¹⁷⁵. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

mais era apegada, Amélia, se converteu também. Severina nos relata a época em que Lúcia se converteu diz:

Ela era da Renascer em Cristo, depois foi para a Brasil para Cristo. Aí ela começou a pregar para as irmãs, e aí o negócio mudou, e aí o negócio mudou porque ela tinha muita bagagem né, professora de psicologia tem muita bagagem né. E ela foi pegando as irmãs e ela pegou uma das filhas né... Todos os filhos são igual né?! Mas tem sempre um filho que é sempre mais dedicado aos pais. Mas tinha uma filha que era mais dedicada a mim e ela pegou essa, logo elas são muito unidas, e ela pegou logo essa Amélia. Amélia era do Focolare, já deixou o Focolare, e já está fazendo curso evangélico, porque só quem faz é quem é evangélico. Eu falo pra eles rezarem para ter a salvação deles, porque não tem uma mãe que queria que um filho arda no inferno. Então se for pra felicidade deles se essa religião for certa que eu acredito que não é, porque o Papa está dizendo, porque não tem Nossa Senhora, mas que eles possam ver que nós temos uma mãe maravilhosa. Preguei tudinho a ela (Amélia) na vista dele (Seu João), então que vá até o fim, e se não for que Deus interceda.¹⁷⁶

Severina, em momento posterior, nos relatou que não tinha “estudos”, casou muito cedo, e logo vieram os filhos, o que a fez se dedicar mais à família. Segundo ela, por sua filha Lúcia ser formada em psicologia e ter muita “bagagem”, ela conseguiu levar as outras irmãs para a religião que ela seguia. Contudo, Severina, em seu relato acima, demonstra maior tristeza com a conversão de Amélia, já que esta era a que se dedicava mais a ela. Amélia fazia parte da Renovação Carismática Católica e do Focolares, e com a pregação da irmã Lúcia se converteu à Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo. Na verdade, de acordo com Raquel, a outra filha de Severina, a conversão de Amélia é um tabu, não se fala disto em casa, desta forma, a matriarca não tem muita certeza se Amélia se converteu, ela apenas desconfia. Neste caso, o segredo desta rede familiar, com relação à conversão de Amélia, pode ser visto como um “segredo estratégico” (Goffman, 1999) na negociação dos conflitos.

Ainda em seu relato, Severina demonstra grande preocupação com a salvação da sua família, tendo em vista, que para ela, a religião protestante não é certa devido às colocações do Papa. Tais colocações do Papa, sobre as igrejas advindas da Reforma, podem ser vistas no texto que citamos no terceiro capítulo mais que demonstraremos parte dele a seguir:

Por que razão os textos do Concílio e do subsequente magistério não atribuem o título de “Igreja” às comunidades cristãs nascidas da Reforma do século XVI? Resposta: Porque, segundo a doutrina católica, tais comunidades não têm a sucessão apostólica no sacramento da Ordem e,

¹⁷⁶. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

por isso, estão privadas de um elemento essencial constitutivo da Igreja. Ditas comunidades eclesiais que, sobretudo pela falta do sacerdócio sacramental, não conservam a genuína e íntegra substância do Mistério eucarístico, não podem, segundo a doutrina católica, ser chamadas “Igrejas” em sentido próprio (CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, 2007).

Nesse sentido, observamos no discurso de Severina, uma forte adesão aos dogmas da Igreja Católica e uma rejeição muito forte à comunidade evangélica. Desta forma, com intuito de observamos como se dá a relação entre os conteúdos programáticos de evangélicos e carismáticos, com relação à tolerância e intolerância, e de como estes conteúdos são vivenciados no âmbito da família, é que perguntamos à Severina como era a relação dela com seus filhos evangélicos os quais não aceitavam o fato de ter tantas imagens dentro de sua casa. Ela então nos disse:

Eu não discuto, eu só digo o seguinte: Me respeitem, as minhas imagens, é no canto delas. Eu sei que essas imagens não falam, não estão fazendo mal a ninguém, e que é feito pelas mãos do homem, um homem pecador como eu. Sendo que Jesus deu inteligência de fazer uma imagem dessas, eu acredito que se o homem faz uma imagem dessa só pode ser um dom muito grande dado por Deus, porque não é todo mundo que desenha uma coisa dessas né, então aí eu coloco as minhas imagens. Eu sinto algo diferente dentro de mim quando eu começo a louvar Jesus, que tem uma imagem na sala, ou como Nossa Senhora que tem no meu quarto. Eu tenho no meu quarto diversas imagens de Nossa Senhora, dou muito valor a minha religião.¹⁷⁷

Severina evoca, portanto, a noção do respeito em suas crenças. A adoração e o respeito à Maria, temas tão enfocados no Crescer, são reproduzidos em momentos posteriores no cotidiano de Severina, mesmo que tal prática leve ao aumento dos conflitos com os membros evangélicos de sua casa, resultando, até no fato dela dormir em um quarto separado do marido. A entrevistada prossegue relatando sobre as discussões dentro de casa com João e suas filhas evangélicas por causa de Maria e diz:

João diz que eu não boto Jesus na frente de Nossa Senhora, eu não boto, eu amo muito a Mãe Santíssima, eu tenho amor por ela infinito. Pronto, o negócio da divisão aqui em casa é isso aí. Quando Ela chegou que Isabel avistou Ela, Isabel ficou cheia do Espírito Santo, e disse: “De onde me vem a honra da Mãe de Meu Senhor entrar na minha casa”? Quer dizer, é uma honra Maria entrar na nossa casa, não é? Quando eu peço sempre eu tenho as

¹⁷⁷. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

respostas, rezo o meu terço com muito amor, com muito carinho, eu estou rezando os 150 salmos, então cada vez que eu rezo cada mistério daquele contemplo Nossa Senhora, eu falo com ela, eu falo com Jesus e eu acredito que estou certa, nunca pensei de estar errada.¹⁷⁸

Mais uma vez, a questão de Maria se apresenta como um dos principais pontos de conflito. Se por ocasião do ECC e do Crescer, Maria se apresenta como principal tema de divergência, entre os adeptos destes dois eventos, esta situação parece não cessar com o término destes encontros, espalhando-se, portanto, nas relações familiares. Severina ainda nos relata sobre os limites da sua tolerância quando afirma que apesar de seus filhos e marido estarem numa religião que ela desaprova pelo menos eles aceitaram Jesus e não estão seguindo o Espiritismo. Ela diz:

Não dou valor ao Espiritismo porque eu sei que é arte diabólica. Eu nunca fui nem nunca iria, pode chegar é um aqui e eu está morrendo, e dizer a “senhora só fica boa se for a um centro ou chamar um benzedor”, que eu não vou. Eu já não aceitava e depois da Renovação é que eu vejo que é uma falsa mentira. Uma falsa mentira, é coisa diabólica, não tem nada de religião, que Espiritismo não tem né? Então eu oro muito a Jesus, hoje mesmo eu fiz minha oração ali. Eu não me sinto feliz com duas religiões dentro de casa, mas se é de eu viver no mundo, se o Senhor acha já que até agora nesse tempo todinho que João vive nela e já tem esses outros filhos, se eles estão certos, só quero que eles estejam certo, que eles não se percam. Eu peço muito a Jesus, se eles estão certos que continuem, se eles não tiverem certos eu digo: Jesus que tu faça com que um dia antes deles partirem daqui pra ti eles esqueçam. Mas se eles são fervorosos e continuam desse jeito é porque Jesus quer né? E graças a Deus já tem uma coisa importante né, que eles não são Espíritas né, pregam a palavra de Deus.¹⁷⁹

Brenda Carranza (2000), em análise sobre a Renovação Carismática Católica, afirma que este movimento no mesmo clima do pentecostalismo ressuscitou o diabo e

em nome do demônio [...] cria seus adversários no campo religioso, trazendo de volta velhas disputas contra o espiritismo e as religiões afro-brasileiras, e delimita fronteiras identitárias como pentecostalismo (especialmente a Igreja Universal do reino de Deus). Ao mesmo tempo, a RCC realiza uma cruzada contra o movimento religioso Nova Era, atribuindo-lhe poderes demoníacos. (CARRANZA, 2000:176)

Apesar de Severina não concordar com a religião dos seus familiares, acrescentando ainda, a sua preocupação com a salvação deles, ela se sente um pouco mais confortável, pelo

¹⁷⁸. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

¹⁷⁹. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

fato de todos pregarem a “Palavra”, e não seguirem o Espiritismo, que ela não concordava, e que depois de entrar na RCC, segundo suas palavras, percebeu que era uma arte diabólica.

Após este relato de Severina, João, que estava na cozinha, sentou ao seu lado e ficou escutando a nossa conversa pacientemente. Quase não interrompia a nossa conversa e quando fazia era pra ajudar a Severina a relatar situações nas quais a sua memória falhava. Sempre carinhoso ao lado dela, ela sorria e brincava dizendo “oh mulher geniosa que eu casei”. E aí ela ria, mas logo voltava a falar da sua tristeza, quanto às duas religiões na sua família. Perguntei então o que ela achava da religião protestante. Severina sem meias palavras nos disse:

Eu acho que ela não é certa porque há a divisão, e Deus não faz a divisão, porque Jesus não veio condenar ninguém ele veio salvar, então se eu faço uma divisão eu não sou de Jesus Cristo. Como é que eu posso ser de Jesus Cristo se eu faço divisão? Em Jesus não existe divisão, e você tem que pregar o amor. Jesus é amor, você tem que pregar esse amor que você vai pregar mais fazer divisão não. Não tem condição de fazer divisão. É divisão de igreja, que uma critica a outra, e é aquela confusão né, e você não vê na nossa igreja, ela criticar outra igreja, se acontece uma queda de padre que a gente vê muito né, mas não se vê o escândalo dentro dela.¹⁸⁰

De forma similar, as análises de Edlaine Gomes (2003), sobre o pluralismo religioso intrafamiliar, observamos que as conversões às igrejas evangélicas são vistas pelos membros católicos, a exemplo desta rede familiar, como responsável pela “desestruturação” ou “divisão” da família. De acordo com Severina, as sucessivas conversões a igrejas evangélicas, teriam ocasionado conflitos de diversas ordens principalmente com o seu marido João Ferreira. Para além das questões sobre descendência religiosa, podemos observar ainda, no discurso da entrevistada, que há uma certa queixa, no que se refere a transmissões de valores morais, que, antigamente, quando não havia diversidade religiosa, ficava a cargo de sua responsabilidade. Quando os filhos se converteram a religião do pai passaram a solicitar conselhos no que se refere à espiritualidade, moral e sexualidade não mais a Severina, o que causou nela uma grande tristeza.

Como João já havia me dito que o relacionamento dele com sua esposa era conflituoso por causa das diferenças religiosas perguntei à Severina como ela analisava o convívio com seu marido. Ela riu bastante e disse:

¹⁸⁰. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

Minha filha, não é muito bom não, é não. Eu não sei às vezes eu digo a ele: Meus pais terminaram os dias de vida os dois juntinhos, dormido no mesmo canto. Depois que estava de morte mesmo, a gente separou, não ele. Minhas filhas dizem que é por causa dessas imagens dos santos que eu tenho no quarto. Um dia ele chegou pra mim e disse “ou você deixa a igreja e deixa essa religião”, você chegou e olhou pra mim e disse: “Você ou deixa a igreja ou deixa essa Renovação que você vive ou então...” Porque eu tenho muita pastoral, eu tinha pastoral do presídio, pastoral do hospital, da saúde. E ele disse: “Ou você deixa ou então eu vou lhe dar um desprezo que você nunca pensou”. E realmente ele deu. Aí Jesus na mesma hora disse a mim na Bíblia “que teus pais que tua mãe que teus filhos teus irmãos te abandonem podem abandonar, mais eu sou o teu Deus e não te abandono”. Aí essa foi à força que Deus me deu, até hoje. **João fala:** Eu não me lembro dessa história não (risos). **Severina:** Pois é, você disse. **João continua:** Oxe e eu estava embriagado (risos)?! **Severina:** Não, você estava bonzinho como está falando agora. Eu não vou dizer a você que eu não senti, eu senti muito, foi uma discórdia muito grande, mais hoje eu já estou até acostumada.¹⁸¹

Então perguntei: João o senhor não dorme no quarto por causa dos santos? E então ele respondeu: “É um dos motivos, há vários, a mulher é assim se eu tusso ela reclama, se eu ronco ela reclama eu não gosto de ninguém me reclamando”.¹⁸² Severina interrompe a conversa e diz: “É não Silvana eu não reclamo, aliás, já foi o pastor dele que disse que o crente não é pra viver com mulher, como é que se diz de outra religião”.¹⁸³ Pergunto em seguida a seu João: Mais o pastor disse isso seu João? Respondendo a questão ela afirmou: “Todos os pastores aconselham a união e não a separação”.¹⁸⁴

Como afirma Couto (2001) e Mariz & Machado (s/d), a ênfase na família é muito forte nas igrejas evangélicas, sendo entendida como uma instituição divina, que deve ser preservada a todo custo. Ela é tomada como um valor em si própria, porque foi instituída por Deus. Contudo, também se observa que o modelo de família os quais evangélicos se baseiam é modelo nuclear burguês, que coloca o homem como o líder e a mulher em posição subalterna. Neste modelo, a família ganha quando está unida na adequação de papéis a serem desempenhados pelas partes que a compõem. De acordo com alguns pastores que conversamos, as esposas devem seguir a autoridade maior na casa o homem, independente de ser crente ou não. Contudo, como observou Couto (2001), esta posição – da mulher seguir o marido, sendo ela crente ou não – apresenta-se como contraditória, tendo em vista que as igrejas evangélicas fazem uma nítida distinção entre “família de sangue” e “família de fé”. Assim, de acordo com alguns entrevistados do ECC, quando alguém conhece a “verdade” vai

¹⁸¹. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

¹⁸². Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

¹⁸³. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

¹⁸⁴. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

aos poucos se distanciando dos que a não conheceram ainda ou não querem conhecer. Desta forma, segundo Couto,

como conseqüência, a diferenciação entre os crentes e os não crentes na família gera um afrouxamento ou mesmo rompimento dos laços. E, à medida que o crente se sentir provocado pelos “descrentes” a fazer uma opção, ele, “por conhecer a verdade e reconhecer que a salvação tá em suas mãos”, optará por Cristo e pela nova “família de fé.” (COUTO, 2001:206).

Nos dois discursos acima citados, de Severina e João, observamos dimensões conflituosas de caráter religioso, como de papéis socialmente construídos sobre o lugar da mulher e do homem na instituição familiar. Em seu discurso, Severina, aponta que seu marido reclamava de seu envolvimento em diversas atividades da igreja, o que causava nele um enorme desconforto. Sobre o envolvimento de mulheres pentecostais na igreja, Mariz e Machado (s/d) afirmaram que, muitas vezes, Deus está acima da família, e que o compromisso com esta obra causa, a princípio, reações negativas do marido e filhos. Acreditamos, que tais reações negativas, também são sofridas por mulheres carismáticas como bem salienta o relato de Severina. Assim, o envolvimento de Severina nos trabalhos da Renovação Carismática Católica gerou um duplo conflito: por um lado ela passou por cima da autoridade do marido, quando persistiu em continuar nas Pastorais a contragosto de seu João, colocando em risco os papéis socialmente construídos sobre o espaço da mulher na família, como demarcou incisivamente que não se converteria, mesmo que o pastor da Igreja de seu João tivesse afirmado que crente não deve viver com uma mulher de outra religião.

Apesar de Severina ter relatado que o pastor da igreja de João afirmou que não era para crente viver com uma esposa que não era crente, ele, por sua vez, relatou acima que todos os pastores aconselham a união e não a separação, e em outro relato, destacado no começo deste capítulo, João diz que só vive com a esposa por causa da “obrigação social, a obrigação familiar e em Deus que sou muito teimoso”.¹⁸⁵

Desta forma, apesar de João não aceitar ou concordar, ou ainda ter dificuldade em aceitar o envolvimento da esposa com a Renovação Carismática Católica, ele continua a viver com ela, mesmo que em quartos separados, porque existe, como ele mesmo fala, uma obrigação social, familiar e religiosa na manutenção do casamento.

Por fim, depois desta longa conversa, Severina nos convidou para irmos ao seu grupo de oração na casa de sua amiga, Nelita, que também é participante da Renovação Carismática desde o seu início em Campina Grande. Lá tive a oportunidade de conversar com a irmã de

¹⁸⁵. Entrevista realizada no IX ECC no dia 17/02/07.

Severina chamada Geni Souza, Nelita, Tereza Braga e Erinete. Nas conversas com que tivemos no grupo de oração percebi que ao contrário de Severina, Tereza Braga, sua amiga, achou positivo a conversão de seus familiares ao protestantismo. Segundo ela:

Deus chama as pessoas pra um lugar determinado. Por exemplo, o meu genro e minha nora eles assistiram na minha casa um culto evangélico. Minha filha sofreu um acidente e ela tinha uma amiga da idade dela que ia muito na igreja evangélica, como ela não gostava muito de religião não fez primeira comunhão não gostava de ir à igreja eu deixei ela ir porque eu acho que cada um tem que ter a sua religião. Aí deixei, quando essa filha sofreu um acidente, ela disse “Mãe, a senhora aceita o pastor vir aqui fazer oração?” Eu disse minha filha a casa é aberta pra falar do nome de Deus, a casa é aberta pra qualquer pessoa. Aí eu sei que eles vieram e trouxeram som e tocaram violão e fizeram uma pregação muito bonita e meu filho tava lá e na mesma hora quando eles saíram de lá já foram atrás do pastor. É um chamado, eu acredito que aquilo foi um chamado de Deus e se dão muito bem até hoje, e melhorou muita coisa porque eles não gostavam de nada de religião.¹⁸⁶

Observamos no relato de Tereza, que para ela o valor englobante é Deus, não importando, desta forma, se a pessoa é evangélica ou católica. Já que a sua filha não gostava de religião, não ia à missa e nem fez à primeira comunhão, para Tereza Braga, ela ter se convertido foi positivo, porque a partir deste momento ela começou a ser mais religiosa. Talvez, isto ocorra pelo fato de Tereza Braga também ter contato, há muitos anos, com parentes evangélicos, chegando até a participar dos cultos de suas primas e filhos como ela demonstra abaixo

Não, eu vou na igreja evangélica. Antes de meus filhos irem eu já tinha amigos evangélicos. Desde que nasci tenho evangélicos na minha família, mas eles me respeitam ninguém falava de religião pra outro assim. Minha mãe tinha muito retrato de santo na parede, lá na fazenda. Então eles respeitavam não ficavam perguntando “Porque você tem isso?” “Porque é errado”, nunca disseram isso. Então sempre tive contato com evangélico, mas eles lá e eu cá. Eu sou muito amiga das minhas primas evangélicas, quando eu ia a Pombal, na casa delas, elas diziam quer ir na igreja? Eu dizia vou. Então eu cantava que só, só não quando chamavam venham cá pra aceitar o senhor, aí eu não ia. Eu digo vou não porque eu já sei quem é Jesus há muitos anos.¹⁸⁷

Nesse sentido, o relato de Tereza Braga lembra muito o que Patrícia Birman (1994) fala sobre “passagens”, ou seja, que há a existência de um espaço fluído e sincrético de constante interlocução nos percursos individuais, que se dirigem de uma religião a outra,

¹⁸⁶. Entrevista realizada na casa de Nelita no dia 12/06/07.

¹⁸⁷. Entrevista realizada na casa de Nelita no dia 12/06/07.

gerando, desta forma, redefinições de fronteiras, trocas simbólicas e inovações, que afetam os cultos envolvidos.

A partir destes relatos que expomos no conjunto deste capítulo, trataremos, neste momento, de analisar algumas questões que eles suscitaram. Verificaremos a partir destas entrevistas relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos tendo como foco, o universo da família. No início do capítulo começamos questionando se o discurso “belicoso” entre os fiéis do ECC (evangélicos) e Crescer (católicos-carismáticos) transpassa a época da realização dos dois eventos, e se transpassa, de que forma se dão as negociações entre os membros de uma mesma família que professam credos distintos.

No terceiro capítulo informamos que em determinada época, época esta que coincide com a realização do Encontro para a Consciência Cristã e do Crescer, as relações entre carismáticos e evangélicos na cidade de Campina Grande tendem a se tornar mais conflitantes. Há, portanto, uma ritualização do conflito e da intolerância. Isto acontece devido a grande concentração de fiéis nestes dois eventos em prol de um objetivo maior que é a discussão mais geral do âmbito de suas doutrinas, ou seja, por ocasião do ECC as divergências doutrinárias que existem entre as inúmeras denominações evangélicas que fazem parte do ECC dão espaço a discussões que são comuns a toda comunidade evangélica, quais sejam: a reivindicação maior em espaços públicos, a discussão acerca de questões como as seitas, moral, sexualidade, família. etc. Mas, devido ao grande avanço das denominações evangélicas no Brasil e em Campina Grande isso não é diferente, esta comunidade tem como principal rival a religião Católica, que ainda é em quantidade de fiéis a maior do Brasil e em especial no Nordeste.

No Crescer, também não é diferente, as Comunidades de Vida de Aliança, os Encontros de Casais, os Grupos de Oração, os Ministérios de Música e Eucaristia, que fazem parte da Renovação Carismática, passam a debater não as questões pontuais de seus grupos, mas a situação da Igreja Católica atualmente tendo também como pano de fundo a ofensiva evangélica no Brasil, o avanço das seitas, além das questões como moralidade, sexualidade e família.

Já no projeto de pesquisa para esta dissertação, nos questionávamos se este discurso belicoso entre carismáticos e evangélicos transpassava a época de realização dos dois encontros, ou seja, qual era o impacto da ritualização da experiência de “guerra espiritual” no dia-a-dia destes fiéis. Por isto é que estendemos nosso Trabalho de Campo para verificar como se dava as relações de tolerância e intolerância entre evangélicos e carismáticos após a realização dos dois eventos, ou seja, como são vivenciadas estas questões em famílias com

pluralismo religioso intrafamiliar, que se apresenta sob a equação carismáticos e evangélicos. Vejamos agora algumas conclusões acerca destas relações.

Os primeiros relatos que comporam este capítulo foram extraídos na época da realização dos dois eventos. Perguntamos aos entrevistados a sua formação religiosa anterior a conversão, a religião que os seus familiares professavam e como era o relacionamento com as pessoas da família do entrevistado que não confessam a mesma religião que eles. Destas entrevistas observamos que dos treze entrevistados do ECC, sete fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, enquanto que no Crescer dos dezessete entrevistados onze convivem com familiares que professam outros credos que não são o do entrevistado. Verificamos ainda, que no ECC sete entrevistados são casados, quatro solteiros, um separado e um viúvo. Para tanto, dentre os sete entrevistados com pluralismo religioso intrafamiliar, apenas dois tem a família nuclear toda evangélica. Os outros cinco ou tem o pai, ou mãe, irmã ou irmão de outra religião. No Crescer, os dados indicaram que dos dezessete entrevistados treze são casados, quatro solteiros. Dentre os dezessete, onze fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, e cinco tem a família nuclear toda católica.

Assim, na nossa pesquisa, o número de famílias com pluralismo intrafamiliar no ECC é menor do que no Crescer. Acreditamos que um dos fatores que contribuem para esta situação se deve ao fato do proselitismo que parece ser maior nos evangélicos do que em católicos-carismáticos. Sobre os evangélicos, Mariz e Machado (s/d) afirmaram que o indivíduo que se converte à igrejas evangélicas se percebe liberto do mal e conhece a “verdade”, conseqüentemente por ter responsabilidade com seus familiares ele se sente impellido a pregar e faze-los conhecer as benesses desta “verdade”. Para tanto, é que observamos, nos relatos de alguns dos entrevistados, a exemplo de Manoel Luiz (ECC) e Carmem Dolores (ECC), a missão e a promessa de converter o máximo de pessoas da sua família, ocasionando tanto numa conversão e maior solidariedade entre os membros convertidos como no caso de Manoel, como o acirramento, dos conflitos, a exemplo do relato de Carmem Dolores, que nos relatou a difícil convivência com o pai que segundo ela ainda não decidiu a religião que quer.

Machado e Mariz (s/d), ainda complementam afirmando que existe um peso maior da mulher, na transmissão dos valores religiosos, cabendo, portanto, a estas a responsabilidade de educar as crianças e estimular a espiritualidade nos familiares. Para tanto, o entrevistado Antônio Valter (ECC) fala com carinho da conversão de sua mãe e das conseqüentes conversões em sua família. Na mesma linha de raciocínio encontramos a análise de Luiz

Fernando Dias Duarte (2006c) sobre o papel da mulher da mãe e da filha mais velha na transmissão dos valores religiosos. De acordo com Duarte

Há um peso especial do personagem da irmã mais velha, regularmente encarregada do ônus de uma representatividade moral englobante. Esse papel pode ser assumido desde cedo, em situações de fraqueza do personagem da mãe de família, e se avoluma a partir da morte desta. A posição na fratria pode levar à formação de linhagens paralelas, que herdam corporativamente propriedades de seu fundador. Desse modo, os descendentes da irmã mais velha (ou, eventualmente, do irmão) herdam parte da responsabilidade moral da matriarca em relação ao conjunto da parentela. Essa desigualdade (em relação ao privilégio das mulheres sob os homens) é particularmente importante no campo da religião, em função do privilégio feminino dos cuidados com o sagrado, e tende a se expressar na religiosidade familiar sob forma de uma ênfase matrilateral, sobretudo nas classes populares. Esse privilégio pode redundar num maior enriquecimento dos *sacra* matrilaterais, já que as filhas tendem a herdar os acervos morais da família, eles próprios já tingidos desse privilégio na geração anterior (DUARTE, 2006c:30).

Este papel da irmã mais velha na transmissão dos valores familiares foi observado quando entrevistamos Carmem Dolores. Carmem foi à primeira pessoa em sua família a se converter, e a partir deste episódio ela começou a pregar para o restante de seus familiares, conseguindo converter boa parte deles. Ainda com relação à questão do gênero feminino em contraponto à conversão, observamos em nossa pesquisa a íntima relação entre engajamento religioso e estratégias familiares (COUTO, 2001), ou seja, a busca em converter o marido, namorado, ou noivo, em alguns casos, de forma implícita, o que está em jogo é a possibilidade de concretizar o projeto de reprodução social da família. Assim, a formação de um novo núcleo familiar, pode ser considerado um dos fatores na conversão dos indivíduos, como foi assinalado pela entrevistada Luciene Braga (Crescer), que relatou que já na época de namoro seu marido se tornou católico, e Melânia Ozelita (Crescer) que destacou que as suas irmãs foram se convertendo ao protestantismo ao passo que foram se casando com cônjuges, os quais eram evangélicos.

Com relação ao nosso questionamento sobre se o discurso “belicoso” entre os fiéis do ECC (evangélicos) e Crescer (católicos-carismáticos) transpassa a época da realização dos dois eventos e se espalha nas relações familiares, observamos que uma série de fatores, a exemplo de questões como gênero, geração, tempo de conversão, denominação e idade em que ocorreu a conversão e a idade em que se encontra o convertido e grau de adesão competem para que haja a reprodução ou não de relações de intolerância e conflito na família.

Com relação ao tempo em que ocorreu a conversão observamos, mas não necessariamente, que, quanto maior o tempo em que o indivíduo se converteu maior a probabilidade de que haja tensões e conflitos com indivíduos que não fazem parte da religião do entrevistado. Isso ocorre devido ao grau de participação deste indivíduo a sua igreja, tendo em vista que há uma maior acomodação do *ethos* religioso e uma distinção mais clara entre “família de fé” e “família de sangue”. Tais questões foram observadas, tanto no discurso de Auta Quirino (ECC – Igreja Batista), que tem 88 anos e se converteu a trinta anos na Igreja Batista, como no relato de Severina Ferreira (Crescer), que tem 78 anos e participa da Renovação Carismática Católica também acerca de 30 anos. Agora quando se cruza tempo de conversão e idade em que se encontra este indivíduo, podemos observar, que em alguns casos, os conflitos podem ser menores. Expliquemos: Edmilson Paulino (ECC – Assembléia de Deus) se converteu há 10 anos e tem 23 anos. Segundo ele, suas relações são fundamentadas na amizade, no respeito e não na religião. Desta forma, no discurso Edmilson Paulino, a variável religião parece não ser o fator preponderante na escolha de suas relações de sociabilidade. Assim, como aponta Novaes (2006), diante das transformações da globalização, e as suas possíveis conseqüências na esfera do sagrado, os jovens parecem ter maiores chances de atualizar os novos sentidos e funções da religião na sociedade. Para tanto, “... a juventude, vista como espelho retrovisor da sociedade atual, explora as várias possibilidades, faz novos arranjos e dá nova visibilidade à religião, ressemantizando-a sem pudores e ocultações...” (NOVAES, 2006:137). Nesse sentido, questões como a diminuição do peso da autoridade religiosa e o aumento das possibilidades de escolhas e síntese pessoais, parecem ser mais amplamente refletidas no comportamento dos jovens.

No que se refere ainda a possíveis conflitos e tensões entre evangélicos e carismáticos, no universo familiar, observamos que questões geracionais também foram ressaltadas a exemplo do relato de Analice Miná (ECC – Igreja Presbiteriana Bíblica). Segundo a entrevistada, o conflito com o seu pai ocorreu primeiramente pela herança católica que este possuía e pelo fato dele não ter concordado com a sua conversão, aos onze anos de idade, afirmando que ela não tinha idade ou maturidade para escolher seguir a Igreja Presbiteriana Bíblica.

Outra questão que compete para a reprodução do discurso “belicoso”, em momento posterior a realização do ECC e do Crescer, refere-se ao grau de adesão dos indivíduos a sua religião. Quando a conversão é vivida à máxima, havendo, portanto, uma quebra com os valores anteriores e a adoção de um novo *ethos* (Mariz e Machado, 1998), como no caso de Severina (Crescer), Lourdes (ECC - IURD) e João (ECC - Congregacional), a possibilidade

dos conflitos tensões e intolerâncias se espriarem também nas relações familiares é muito maior tendo em vista que o crente, seja ele evangélico ou carismático, neste caso, tende a agir seja na igreja ou no cotidiano, a partir dos referenciais morais ou teológicos de sua religião.

Por outro lado, quando indivíduos transitam entre religiões, havendo, portanto, *passagens* (Birman, 1994), gera-se, conseqüentemente, um espaço fluído e sincrético de constante interlocução nos percursos individuais. Tal atitude, pode criar redefinições trocas simbólicas e inovações que afetam os cultos envolvidos. Neste caso os relatos de Raquel (Crescer) e Tereza Braga (Crescer) são exemplares. Embora as duas se auto-declarem carismáticas, elas também relataram que participam de cultos evangélicos. Por existir este trânsito, Raquel inova e ressignifica questões bastante emblemáticas na doutrina da Renovação Carismática Católica, como a questão de Maria. Segundo ela, os católicos não adoram Maria, eles têm amor e respeito por ela. Mas também tal afirmação de Raquel, não acontece somente em detrimento do seu trânsito, ela se apresenta também como uma estratégia para contrabalançar o conflito com os membros evangélicos da sua família, no que se refere ao culto a Maria. Tereza Braga (Crescer), também relatou participar em algumas circunstâncias dos cultos nas igrejas evangélicas que seus familiares freqüentam. Para ela, o fato de seus filhos terem se convertido à igrejas evangélicas foi muito positivo, porque eles não gostavam de religião e passaram a valorizar mais fortemente questões espirituais. Tereza, ainda destacou, que não importa a religião e sim se as pessoas têm Deus no coração, demonstrando, desta forma, que o valor englobante é Deus.

Assim, quando a conversão é seguida de uma quebra com os valores anteriores e a adoção de um novo *ethos* as tensões e conflitos em família aparecem de forma mais demarcada. Certas questões, a exemplo das imagens de santos e Maria, não são relativizados em prol da diminuição de conflitos, como foi demonstrado na rede familiar estudada. João (ECC-Igreja Congregacional) e sua filha Lourdes (ECC-IURD), não aceitam o fato da esposa-mãe, Severina (Crescer), ter tantas imagens dentro do quarto, fato este, que segundo Lourdes, é responsável pelo fato dos pais dormirem em quartos separados.

Uma outra questão que também vale destacar nas possíveis causas de conflitos em famílias com pluralismo religioso intrafamiliar trata-se quando o casal professa credos distintos, como é o caso de João, que é evangélico, e Severina, que é carismática. Quando isto ocorre, uma série de questões como descendência espiritual e transformações dos papéis socialmente construídos sobre o lugar do homem e da mulher na família são reorganizados, podendo gerar tensões e conflitos.

Sobre a descendência espiritual observamos que os rituais de passagem ou confirmações de votos como o batismo, primeira eucaristia crisma, casamento ou extrema unção podem gerar inúmeros conflitos quando há pluralismo religioso na família, tendo em vista que cada membro vai reivindicar a sua presença, ou a presença da sua crença ou para a consecução de tal ritual ou para impedir tal consecução.

Sobre o lugar da mulher, do homem e dos filhos na família observamos, que em muitos dos casos, o modelo seguido por alguns evangélicos é o nuclear burguês, que coloca o homem como o líder e a mulher em posição subalterna, no qual a família ganha quando está unida na adequação de papéis a serem desempenhados pelas partes que a compõem. Severina por sua vez, quando o marido se converteu há trinta anos, à Igreja Congregacional, ela não seguiu a confissão do marido indo, portanto mais a fundo na sua igreja, passando a participar efetivamente da Renovação Carismática Católica e dos trabalhos nas Pastorais da Saúde, Presídio, etc.

Logo, sua inserção na RCC, foi o que a fez superar a tristeza com relação à conversão do marido, contudo, o seu envolvimento nos trabalhos da igreja gerou um duplo conflito: por um lado, ela passou por cima da autoridade do marido, quando persistiu em continuar nas Pastorais a contragosto de seu João, colocando em risco os papéis socialmente construídos sobre o espaço da mulher na família, como demarcou incisivamente que não se converteria, mesmo que o pastor da Igreja de seu João tivesse afirmado que crente não deve viver com uma mulher de outra religião.

Desta forma, concordando com Couto (2001), acreditamos que quando o casal é evangélico, compartilhando assim a mesma crença, tem-se o reforço da casa como instância privilegiada na formação dos padrões de comportamentos para meninos e meninas (pelos ensinamentos paternos e maternos). Quando, porém, há conversões que são seguidas pelo restante dos membros, e não pela mãe, a casa como instância socializadora segundo o referencial feminino perde espaço para a Igreja ou grupo religioso de referência, porque este novo local, constitui, portanto, uma nova referência (“a família de fé”), em que são buscadas as novas orientações que informam atitudes e comportamentos. Tal assertiva, pode ser verificada na rede familiar de João e Severina, tendo em vista que ela é a única carismática. Quando o seu marido e filhos se converteram a igrejas evangélicas, Severina, como detentora da moralidade e espiritualidade da família, sentiu a perda desta responsabilidade para Igreja dos filhos e marido. Assim, nas conversas que tive com Severina, ela sempre demonstrava uma tristeza profunda por não desempenhar mais este papel e em diversos momentos ela voltava a esta questão como nesta passagem abaixo:

Não sei onde errei, eduquei tudinho na religião que sempre fui criada que é a católica, mas meu exemplo não serviu, e agora minha filha mais velha, ela tem muito estudo é psicóloga, está levando os filhos tudinho pra ser evangélico. Aí é uma tristeza, porque quando a gente era tudo católico não tinha conflito aqui em casa. Essa religião foi uma divisão muito grande.¹⁸⁸

Uma outra questão que vale mencionar na dinâmica de famílias com pluralismo religioso é que comumente a conversão à igrejas evangélicas é vista pelos membros católicos como fator de “desagregação” ou “desestruturação” da família tradicional. Desta forma, é comum se perceber, uma certa nostalgia e idealização do passado (Walzer, 1999), principalmente entre os membros mais velhos, uma lembrança e desejo de voltar aos velhos tempos, onde a família, na perspectiva destas pessoas, era mais coesa e solidária e havia a adequação dos papéis desempenhados pelas partes que a compõem.

No que se refere ao fator denominação religiosa na promoção de conflitos tensões ou até mesmo atitudes intolerantes em famílias com pluralismo religioso, as quais se apresentam sob a equação carismáticos e evangélicos observamos que certas denominações não são vistas com bons olhos pelos membros destas duas religiões. Na rede familiar estudada, isto foi percebido nos relatos de Lourdes, filha do casal João e Severina. Lourdes participa a dois anos da Igreja Universal do Reino de Deus, e em decorrência desta sua afiliação os conflitos com os seus pais se tornaram constantes, tendo em vista que seu pai é protestante histórico da Igreja Congregacional e sua mãe é católica-carismática, e, na maioria das vezes, a IURD é vista por estas duas denominações como um perigo, uma afronta, ou ainda uma deturpação da mensagem cristã. Muitos autores já informaram que as igrejas evangélicas, bem como, a comunidade carismática elegeram a IURD como denominação para se opor devido às doutrinas que esta igreja prega. No ECC, a IURD e outras igrejas do ramo neopentecostal são duramente criticadas e não participam oficialmente deste evento, muito embora seus membros circulem neste. Neste caso, vale salientar, que diferentemente de outros contextos,¹⁸⁹ em se tratando da comunidade evangélica, os maiores protagonistas de conflitos religiosos em Campina Grande, não são os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, e sim fiéis que participam do Encontro para a Consciência Cristã, que como afirmamos anteriormente são protestantes históricos e pentecostais de primeira e segunda onda.

¹⁸⁸. Entrevista realizada na casa de João e Severina no dia 12/06/07.

¹⁸⁹. Ver um apanhado dos conflitos religiosos protagonizados pela IURD na coletânea de textos organizada por ORO, Ari Pedro & SILVA, Vagner Gonçalves da. (2007) no livro “Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro”.

Desta forma, os conflitos e recursos de demarcação de identidade através de discursos anti-sincréticos dos evangélicos também são direcionados às igrejas neopentecostais, como aponta Airton Luiz Jungblut. Segundo o referido autor,

Ao caracterizarem a Teologia da Prosperidade como uma um desvio da fé cristã que leva o crente a se sentir no direito de usufruir dos poderes de Deus, ou seja, a se sentir um “mini – deus”, com grande domínio sobre sua morte no mundo, pretensões essas tidas como análogas as que são prometidas por práticas seculares e religiosas atribuídas ao movimento nova era, e ao tomarem como sua obrigação religiosa lutar pela integridade e ortodoxias da fé Cristã no interior da tradição evangélica os combatentes da Teologia da Prosperidade compartilham para legitimar seu combate, de parte das bases teológicas do neopentecostalismo, do mesmo discurso legitimador utilizado pelas neopentecostais para combater os cultos afro-brasileiros: a doutrina da guerra espiritual (JUNGBLUT,1997:50).

Na Renovação Carismática Católica a hostilidade com relação a IURD também acontece em grande parte, como já explicitamos anteriormente, por causa do famoso episódio extremamente evidenciado na mídia do pastor da IURD que chutou Nossa Senhora Aparecida que é a padroeira do Brasil.

Precisa-se igualmente salientar que dentre as estratégias observadas em famílias com pluralismo religioso, no intuito de diminuir possíveis conflitos, o silêncio o segredo e o respeito foram as mais mencionadas. Desta forma, muitos dos entrevistados mencionaram o fato de silenciarem ou até mesmo guardarem segredo sobre suas vivências religiosas como estratégia para diminuição das tensões. Outros, no entanto, preferem não mencionar assuntos religiosos em família, e tanto outros afirmaram que o respeito às diferenças religiosas é a melhor saída para superação dos conflitos.

Desta forma, com relação ao nosso questionamento se o tipo de conflito e intolerância entre carismáticos e evangélicos por ocasião da realização dos seus eventos, respectivamente Encontro para Consciência Cristã e Crescer, é performático e se esgota no próprio ritual, observamos que para muitos entrevistados tal conflito se encerra na época dos eventos, mas, na grande maioria dos relatos dos entrevistados, observamos que há uma reprodução dos conteúdos programáticos de suas religiões na esfera familiar. Assim, reforçando, a ritualização do conflito e da intolerância entre evangélicos e carismáticos na época de seus eventos não foi reproduzido por todos os membros entrevistados, até porque quando se cruza comportamento e adesão religiosa, com questões laicas como a família as configurações se tornam muito mais complexas, tendo em vista, que como afirmamos acima uma série de

arranjos como grau de adesão, gênero, geração, tempo de conversão, denominação entram em jogo nesta trama complexa, que é a religiosidade na família. Em vários discursos, tanto dos participantes do ECC como do Crescer, observamos atitudes tolerantes que falam de uma convivência pacífica com familiares de credos diferentes, contudo, esta observação não vale para o conjunto total dos entrevistados, tendo em vista que, como já salientamos, alguns vêem o pluralismo religioso intrafamiliar como algo que incide na “desestruturação da família”.

Se outrora, a pluralidade religiosa intrafamiliar era rara, hoje, ela está produzindo uma nova forma de negociação da realidade, que incide, tanto na esfera religiosa quanto na familiar. As sucessivas adesões, conversões e pertencimentos dos membros da família a credos que não são os que lhes foram transmitidos por herança familiar e sim por aquisição, tem postulado uma complexidade de arranjos e manobras, que em alguns casos, a variável religiosa não é definidora das relações, sejam afetivas, familiares ou de trabalho, e em outros a religião, ainda se apresenta, como forte instituição de regulação da vida social e familiar.

Para tanto, nossa pesquisa buscou averiguar questões como tolerância e intolerância religiosa na família a partir do cruzamento de diversos vetores que combinados estruturam determinados comportamentos sejam eles mais sectários ou não, observando ainda, as estratégias, e negociações dos indivíduos no que se refere à convivência com membros da família que professam outros credos.

CONCLUSÃO

O surgimento das comunidades carismáticas e a surpreendente expansão dos grupos pentecostais no Brasil expressam um processo de diferenciação do campo religioso e reafirmam a tendência contraditória entre processos secularizantes e dessecularizantes. Tais grupos podem ser entendidos como comunidades emocionais, possuindo, ainda, diversos pontos de convergência como a tendência à afiliação religiosa exclusiva e um maior compromisso do indivíduo com a instituição, rejeitando assim qualquer mistura religiosa, exigindo, desta forma, uma transformação no estilo de vida.

Além destas tendências, ainda se observa na RCC e no pentecostalismo outras características comuns como: o uso da Bíblia, a teologia da guerra espiritual, o falar em línguas, a cura e os milagres. Estas convergências, entre os carismáticos e evangélicos, são históricas, tendo em vista que a RCC surge a partir de diálogos com igrejas protestantes como mostramos no primeiro capítulo.

Na cidade de Campina Grande observamos o aumento progressivo destas duas comunidades que se reúnem em eventos anuais denominados Encontro para a Consciência Cristã (evangélicos) e Crescer (carismáticos). A cada ano, como relatamos no segundo e terceiro capítulos, as tensões e conflitos entre os participantes destes eventos aumentam gerando por ocasião do carnaval atitudes de intolerância entre carismáticos e evangélicos.

Pensando nisto é que resolvemos analisar as relações de tolerância e intolerância entre estas duas comunidades a partir dos pressupostos teóricos de Michel Walzer (1999), Clifford Geertz (2004) e Paul Ricoeur (2000). Do primeiro autor, consideramos a idéia de que somente uma descrição histórica e contextualizada da tolerância e da coexistência, que examine as diferentes formas que estas assumem na realidade, e as normas do dia-a-dia próprias de cada uma delas, pode resolver o impasse entre a tolerância e seus limites. De Geertz, consideramos a questão de observar o particular, ou seja, como a tolerância e a intolerância se apresentam em contextos específicos, e de Paul Ricoeur acolhemos a idéia de inserir na problemática da intolerância a questão do poder de impor, dando espaço para análises que tratam do conflito e da disputa democrática.

Assim, a partir das entrevistas e do trabalho de campo realizado durante e após a realização do ECC e do Crescer chegamos às seguintes constatações.

Observamos que tanto o ECC quanto o Crescer podem funcionar como espaços para a ritualização do conflito e da intolerância. Desta forma, no período em que ocorrem estes eventos há um aumento das tensões entre evangélicos e carismáticos, onde se prioriza a demarcação da diferença através de discursos anti-sincréticos, onde as palestras, homilias, testemunhos etc., servem para focar ou até demonizar a religião do outro. Desta forma, foi observada uma grande tensão nos entrevistados quando questionávamos sobre possíveis sincretismos, porosidades ou continuidades entre as doutrinas de evangélicos e carismáticos e, assim, reações anti-sincréticas foram mais fortemente percebidas entre os grupos envolvidos.

Para alguns entrevistados do ECC as semelhanças ou sincretismos entre carismáticos e evangélicos são quase inexistentes. Sobre esta mesma questão, os participantes do Crescer afirmam que a RCC não deve ser vista como algo protestantizado dentro da Igreja Católica, porque os dons, as curas, o batismo e o falar em línguas não surgiram com a Reforma Protestante, mas já existiam desde a Igreja Primitiva. Contudo, também tivemos relatos, como o de Marcos Fróes (ECC), que informavam que carismáticos e pentecostais de fato se parecem muito, mostrando no seu discurso uma abertura para o diálogo com a Renovação Carismática Católica. Do lado do Crescer, também verificamos alguns discursos que informavam haver muitas semelhanças entre carismáticos e evangélicos, e a primeira delas, segundo alguns entrevistados, seria a crença num Deus único.

Contudo, três questões foram as que mais geraram reações intolerantes entre carismáticos e evangélicos. A primeira delas diz respeito ao fato da Igreja Católica afirmar que não há salvação fora desta instituição, à segunda trata da questão da Virgem Maria e a terceira, muito ligada à segunda, diz respeito à adoração aos santos católicos. Desta forma, os evangélicos afirmam que possuem somente a Bíblia como regra de fé, o que não acontece com a Igreja Católica por causa das encíclicas e documentos de orientação dos Papas. Para os evangélicos, a Igreja Católica se afastou por demais da verdadeira palavra de Cristo quando incentiva práticas como a *dulia*, *hiperdulia* e *latria*. Assim, boa parte dos entrevistados do ECC, citavam passagens bíblicas que condenavam a adoração aos santos e a Virgem Maria, reafirmando, desta forma, que o catolicismo não segue a genuína palavra de Jesus.

Em contraponto as estas questões, os entrevistados do Crescer rebateram as afirmações dos evangélicos com relação à adoração a Maria e aos santos, afirmando que isto acontece porque os evangélicos criaram uma nova Bíblia, na qual muitas passagens ou livros foram suprimidos. Assim, para alguns entrevistados, somente a Igreja Católica é a única intérprete autêntica da Bíblia. Para os católicos, as imagens, bem como o culto aos santos e a Maria, especialmente, é antes de tudo uma glória a Deus. Para tanto é que Bento XVI publicou um

documento intitulado “*Respostas relativas a alguns aspectos da Doutrina sobre a Igreja*” (2007), afirmando que as comunidades protestantes não podem ser identificadas como Igrejas no sentido estrito do termo por não possuírem a sucessão apostólica, o sacerdócio sacramental e, desta forma, não conservam a genuína e íntegra substância do Mistério eucarístico não podendo, assim, segundo a doutrina católica, ser chamada de “Igreja”.

Uma outra questão que vale salientar sobre a discussão de tolerância e intolerância é que, como afirmamos no capítulo III, o ECC, ao contrário do Crescer, em sua estruturação como evento, desprende grande parte do seu espaço na realização de palestras ou testemunhos que enfoquem críticas a outras religiões. Já no Crescer as críticas direcionadas a outras comunidades religiosas aparecem de forma transversal em testemunhos, na homilia, na missa, pregações, ou ainda na preparação para o Ministério de Música, e, desta forma, não há um espaço institucionalizado dentro deste evento, para a discussão sobre a teologia e a doutrina de outras religiões.

Assim, concluímos que o ECC, diferentemente do Crescer, não goza de tanta cordialidade com as demais religiões. Em Campina Grande, o Encontro para a Consciência Cristã, causou, ao longo dos anos, inúmeros conflitos com as demais religiões da cidade, por conta das suas palestras e testemunhos, a ponto de uma grande parcela da população, contando com alguns políticos da cidade, serem contra a realização deste evento, por considerá-lo intolerante, preconceituoso e por ir de encontro a toda uma construção histórica a qual vê Campina Grande como uma cidade da tolerância, do diálogo religioso e do ecumenismo, boa parte instaurada pela realização, a dezesseis anos, do Encontro para a Nova Consciência.

Observamos ainda, como foi mencionado anteriormente, que uma análise que busque entender as relações de tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos deve observar as diferentes formas que estes conceitos se apresentam na realidade, observando, ainda, como este arranjo tolerância e intolerância é percebido pelos participantes dos grupos envolvidos e por pessoas de outras comunidades.

Para tanto, os indivíduos de outras comunidades não religiosas, a exemplo dos homossexuais, vêem o ECC como um perigo ou uma afronta as liberdades individuais e afirmam, constantemente, o quão é perigoso as instituições políticas do Estado da Paraíba apoiarem este evento. Já com o Crescer não observamos reações adversas à realização deste evento por parte da comunidade campinense. Explicitamos que isso ocorre também pelo fato da nossa cultura católica e por Campina Grande ainda ser uma cidade em que a grande maioria dos indivíduos confessam este credo.

Afirmamos, ainda, a necessidade de investigar o impacto desta “guerra espiritual” no dia-a-dia dos fiéis destes dois eventos, com intuito de perceber se este conflito, que ocorre na época do carnaval, se entende para outros momentos, sejam eles no trabalho, nas relações afetivas ou na família. Contudo, como explicitamos na Introdução desta dissertação, na impossibilidade de acompanhá-los no local de trabalho, ou ainda nas relações afetivas, optamos por verificar relações de tolerância e intolerância entre entrevistados do Crescer e ECC que faziam parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, que perfaziam a equação evangélicos x católicos-carismáticos, com intuito de verificar se o discurso belicoso que acontece entre estes fiéis na época de seus eventos é reproduzido na família.

Para tanto, já sabendo que tanto o Crescer, e como o ECC, dá significativa importância a questões como família, juventude e sexualidade, questionamos aos entrevistados a religião de seus familiares, com intuito de averiguar como se operam as acomodações, rupturas e/ou negociações em famílias onde os indivíduos professam credos distintos. Nossos dados indicaram que, dos treze entrevistados do ECC, seis deles são de uma família na qual todos os membros são evangélicos e sete fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar. Destes sete entrevistados com família com pluralismo religioso intrafamiliar, cinco deles possuem familiares católicos, ou católicos-carismáticos.

Com relação à religião dos familiares no Crescer, dos dezessete entrevistados, seis deles são parte de famílias, na qual todos os membros são católicos. Dos onze entrevistados, com família com pluralismo religioso intrafamiliar, os onze possuem membros que participam de denominações evangélicas. Assim, 100% dos entrevistados que são parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar se apresenta sobre a equação católicos e evangélicos.

Pretendendo perceber as configurações das famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, questionamos o Estado Civil dos entrevistados com o intuito de averiguar se este pluralismo era maior na família nuclear do entrevistado, ou se este pluralismo se apresentava para além do núcleo pai, mãe e filhos. Desta forma, no ECC temos sete entrevistados casados, quatro solteiros, um separado e um viúvo. Para tanto dentre os sete entrevistados com pluralismo religioso intrafamiliar, apenas dois tem a família nuclear toda evangélica. Os outros cinco ou tem o pai, ou mãe, irmã ou irmão de outra religião. No Crescer os dados indicaram que dos dezessete entrevistados treze são casados, quatro solteiros. Dentre os dezessete onze fazem parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, e cinco tem a família nuclear toda católica.

Antes de comentarmos os dados deste capítulo salientamos que as relações familiares não devem ser vistas como organizadas por normas dadas, e sim como fruto de contínuas

negociações e acordos entre seus membros, e desta forma, a sua duração no tempo depende da duração dos acordos. Desta forma, a falta de entendimento da instituição familiar como processo e não como uma estrutura fixa no tempo pode provocar distorções como a que Márcia Thereza Couto (2001) aponta de forma crítica sobre a idéia vigente de que o pluralismo religioso intrafamiliar resulte necessariamente em tensões, conflitos ou rupturas, já que a busca pelos sistemas religiosos podem refletir a vivência de tensões anteriormente instaladas.

Desta a forma, a pluralidade religiosa na família não deve ser percebida necessariamente como fator de desagregação ou ruptura. Esta pluralidade pode sim gerar conflitos, tensões ou atitudes intolerantes, mas também pode trazer uma maior solidariedade entre os membros como salientou o entrevistado do ECC José Mário (Igreja Presbiteriana) e a entrevistada do Crescer Tereza Braga.

Contudo, em nossa pesquisa, o pluralismo religioso intrafamiliar foi mais amplamente apontado pelos entrevistados como fator de conflito na família. Em muitas das nossas entrevistas com os participantes, tanto do Crescer como do ECC, percebemos certa continuidade das dimensões conflituosas nas relações familiares dos entrevistados. Ou seja, questões amplamente discutidas nestes eventos como a intercessão, os santos e de Maria, não são relativizadas no âmbito da família. Assim, em determinados entrevistas, percebemos uma reprodução dos discursos intolerantes que acontecem no carnaval na esfera familiar.

Com relação ao quarto capítulo, observamos ainda que as transformações que atravessam a religião em nossa sociedade projetam reflexos na família, ao passo que as crescentes mudanças no universo da família incidem em vários campos sociais. Estudos sobre o campo religioso e a família nas últimas décadas têm enfatizado o crescente processo de privatização e individualização tanto nas experiências religiosas como na vivência dos vínculos familiares.

Tais mudanças ainda sugerem que parece não haver, tanto quanto antigamente, a adoção de uma religião imposta pela tradição ou família, que além de regular as atitudes e produzir valores, confira uma identidade ao indivíduo. Assim, a conversão dos indivíduos a religiões que destoam da sua herança familiar tem se tornado uma constante, produzindo ainda diferenciações entre “família de sangue” e “família de fé”.

Esta adoção de uma religião que destoa da advinda de herança familiar está fortemente correlacionada à questão da conversão. Desta forma, podemos observar conversões como uma quebra com os valores anteriores, uma ruptura e adoção de um novo *ethos* (Mariz & Machado, 1998), ou como *passagens* (Birman, 1994; 1996), na qual há a existência de um

espaço fluído e sincrético, de constante interlocução nos percursos individuais, que se dirigem de uma religião a outra, gerando desta forma, redefinições de fronteiras, trocas simbólicas e inovações que afetam os cultos envolvidos. Outra perspectiva é a formulada por Duarte, (2006a, b, 2005), que afirma existir a prevalência de um subjetivismo nas atitudes religiosas em todos os domínios confessionais, proporcionando assim uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos, mesmo em períodos de intensa adesão.

Em nossa dissertação as três perspectivas foram utilizadas na análise dos dados, tendo em vista que, como explicitamos, a religião se apresenta a partir de infundáveis experiências pessoais, e podemos então observar numa mesma família, e até em momentos distintos das trajetórias dos indivíduos, conversões (Mariz & Machado, 1998), passagens (Birman 1994; 1996), ou ainda uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos, mesmo em períodos de intensa adesão (Duarte, 2006a, b, 2005).

Com relação à segunda parte do Trabalho de Campo, realizado em maio de 2007, que visava verificar se os discursos recíprocos de caráter intolerante dos coordenadores, palestrantes e fiéis do ECC e Crescer se estendiam após a realização destes encontros, ou mais especificamente, como se operavam as relações de tolerância e intolerância entre entrevistados do Crescer e ECC que faziam parte de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, as conclusões foram diferentes das observadas na época da realização dos dois eventos, tendo em vista que outros elementos como gênero, geração, tempo de conversão, denominação e idade em que ocorreu a conversão e a idade em que se encontra o convertido e o grau de adesão, competem para que haja ou não a reprodução de relações de intolerância e conflito na família.

No que diz respeito ao tempo de conversão, observamos, a partir dos dados de campo, que quanto maior o tempo em que o indivíduo se converteu maior a probabilidade de que haja tensões e conflitos com indivíduos que não fazem parte da religião do entrevistado. Isso ocorre devido ao grau de participação deste indivíduo em sua igreja, tendo em vista que há uma maior acomodação do *ethos* religioso e uma distinção mais clara entre “família de fé” e “família de sangue”. Mas quando se cruza tempo de conversão e idade em que se encontra este indivíduo, podemos observar que em alguns casos os conflitos podem ser menores.

Uma outra dimensão que compete para a reprodução do discurso “belicoso” em momento posterior a realização do ECC e do Crescer refere-se ao grau de adesão dos indivíduos a sua religião. Quando a conversão prevê uma quebra com os valores anteriores e a adoção de um novo *ethos* (Mariz e Machado, 1998), como no caso de Severina (Crescer), Lourdes (ECC) e João (ECC), a possibilidade dos conflitos, tensões e intolerâncias se

espraiarem também nas relações familiares é muito maior, tendo em vista que o crente, seja ele evangélico ou carismático, neste caso, tende a agir, seja na igreja ou no cotidiano, a partir dos referenciais morais ou teológicos de sua religião.

Mas se há o trânsito, havendo, portanto, *passagens* (Birman, 1994), a reprodução na família do discurso belicoso que acontece por ocasião da realização do ECC e Crescer pode ser menor, tendo em vista que os indivíduos recriam e inovam suas crenças, afetando de certa forma os cultos envolvidos.

Neste caso, os relatos de Raquel (Crescer) e Tereza Braga (Crescer) são exemplares. Embora as duas se auto-declarem carismáticas, elas também relataram participar de cultos evangélicos. Por existir este trânsito, Raquel inova e ressignifica questões bastante emblemáticas na doutrina da Renovação Carismática Católica como a questão de Maria.

Contudo, tal ressignificação, por parte Raquel, não acontece somente em detrimento do seu trânsito, ela se apresenta também como uma estratégia para contrabalançar o conflito com os membros evangélicos da sua família no que se refere ao culto a Maria. Tereza Braga (Crescer), por sua vez, também relatou participar em algumas circunstâncias dos cultos nas igrejas evangélicas que seus familiares freqüentam. Desta forma, o fato de seus filhos terem se convertido a igrejas evangélicas para ela foi muito positivo, já que eles não gostavam de religião e passaram depois da conversão a valorizar mais fortemente questões espirituais.

Além destas questões citadas acima, foi observado ainda na análise de campo sobre possíveis causas de conflitos em famílias com pluralismo religioso intrafamiliar, o aumento dos conflitos quando o casal professa credos distintos como é o caso de João, que é evangélico (ECC), e Severina, que é carismática (Crescer). Quando isto ocorre, uma série de questões como descendência espiritual e transformações dos papéis socialmente construídos sobre o lugar do homem e da mulher na família são reorganizados, podendo gerar tensões e conflitos.

Se o casal é evangélico ou carismático compartilhando a mesma crença há o reforço da casa como instância privilegiada na formação dos padrões de comportamentos para meninos e meninas (pelos ensinamentos paternos e maternos). Quando, porém acontecem conversões que são seguidas pelo restante dos membros, e não pela mãe, a casa como instância socializadora, segundo o referencial feminino, perde espaço para a Igreja ou grupo religioso de referência, porque este novo local constitui, portanto, uma nova referência (“a família de fé”) em que são buscadas as novas orientações que informam atitudes e comportamentos. Tal assertiva pode ser verificada na rede familiar de João e Severina, tendo em vista que ela é a única carismática.

Observamos ainda, o que também foi destacado por Edlaine Gomes (2003, 2006), que as conversões a igrejas evangélicas são vistas pelos membros católicos como fator de desagregação ou desestruturação da família tradicional. Desta forma, são comuns os relatos nostálgicos, principalmente dos membros mais velhos da família, que fazem referência há um tempo bom, no qual a família não era religiosamente plural e, portanto, segundo os entrevistados, mais coesa e solidária.

Portanto, no que se refere ao nosso questionamento sobre se o discurso belicoso, que acontece por ocasião da realização do ECC (evangélicos) e do Crescer (carismáticos), é reproduzido na família, concluímos, a partir dos dados de campo, que este conflito ou atitudes intolerantes não fazem parte da vivência familiar de todos os entrevistados, até porque quando se cruza comportamento e adesão religiosa com questões laicas, como a família, as configurações se tornam muito mais complexas, tendo em vista, que, como afirmamos acima, uma série de arranjos como grau de adesão, gênero, geração, tempo de conversão, denominação entram em jogo nesta trama complexa que é a religiosidade na família.

Assim, alguns entrevistados enfatizaram manter uma relação de respeito com familiares de outros credos, muito embora, para a maioria dos entrevistados, o pluralismo religioso na família seja visto como fator de conflito e tensões.

Portanto, o que se buscou nesta dissertação foi levantar e destacar o debate de que nas sociedades atuais o desafio que vem se apresentando, de forma mais aguda e sistemática com o advento da globalização, trata-se do confronto com a alteridade ou com o situar-se frente ao “outro”, e que neste jogo relacional os atores sociais adotam inúmeras identidades que nem sempre tem a religião como fator preponderante. Assim, podemos observar a preponderância ou, até mesmo, a ritualização do conflito entre evangélicos e carismáticos em determinada época como por ocasião do ECC e Crescer, e atitudes mais tolerantes em outros planos e momentos como na família.

Desta forma, o que tentamos analisar foram às variedades de arranjos da equação tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos, buscando responder a perguntas relativas ao convívio com o diferente no mesmo espaço social e/ou territorial que é a cidade de Campina Grande/PB.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ronaldo de. (2006) **A expansão do pentecostal: circulação e flexibilidade**. In TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes.
- AMARAL, Leila. (2000) **Carnaval da Alma – Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ANTONIAZZI, Alberto. (1994a) **A igreja Católica face a expansão do pentecostalismo (Pra começo de conversa)** In ANTONIAZZI, A... / et al./. Nem anjos nem demônios. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ANTONIAZZI, Alberto. (1994b) **Nem anjos nem demônios**. In ANTONIAZZI, A... / et al./. Nem anjos nem demônios. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BABBIE, Earl. (1999) **A Ciência e as Ciências Sociais**. In BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisa de Survey. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BARRET-DUCROQ, Françoise (2000) **Vade-Mecum por uma luta contra a intolerância**. In A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
- BAUMAN, Zygmunt. (2004) **Sobre a dificuldade de amar o próximo** In Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. (2004) **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BERGER, Peter. (2001) **A Dessecularização do Mundo: Uma Visão Global**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 9-23.
- BERGER, Peter. (1985) **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas.
- BÍBLIA SAGRADA**. (1997) São Paulo: Editora AVE-MARIA Ltda. EDIÇÃO CLARENTIANA.
- BIRMAN, Patrícia. (1996) **Cultos de Possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens**. Religião e Sociedade 17/1-2.
- BIRMAN, Patrícia. (1994) **“Destino dos homens e sacrifício animal: interpretações em confronto”**, Comunicações do ISER, n.45: A dança dos sincretismos. Rio de Janeiro.
- BIRMAN, Patrícia. (1992) **Modos periféricos de crença**. In: SANCHIS, Pierre (org.) Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural. São Paulo: Loyola.

- BOFF, Clodovis. (2000) **Carismáticos e libertadores na Igreja**. REB, v60, n. 287, p: 36-53.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues de. (1988) **“Ser Católico: Dimensões Brasileiras – um Estudo sobre a Atribuição de identidade através da Religião”** In V. Sachs et ali, *Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1994) **A alma do outro – identidade alteridade e sincretismo na ética das relações de reciprocidade entre vivos e mortos em religiões do Brasil** In “Somos todos águas puras.” São Paulo: Papirus.
- BRUMANA, Fernando Giobellina (2002) **Prefácio 500 Anos de Catolicismos & Sincretismos no Brasil** In ANDRADE, Maristela Oliveira. *500 Anos de catolicismo & sincretismos no Brasil*. João Pessoa: Editora UFPB, 2002.
- BRYSON, T. (1992) **‘The hermeneutics of religious syncretism: Swami Vivekananda’s “Practical Vedanta”**. Unpublished PhD thesis, University of Chicago.
- BURITY, Joanildo. (1997) **Identidade e política no campo religioso: estudos sobre a cultura, pluralismo e o novo ativismo eclesial**. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. (1997) **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um empreendimento Neopentecostal**. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. (2005) **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada** In *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100 – 115, setembro / novembro.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2007) **Um estudo comparativo sobre (in)tolerância religiosa e de como “raça”, “classe” e “religião” se entrecruzam nas falas e práticas de crianças de escolas públicas e privadas, em Recife**. Mimeografado.
- CHAGAS, Dom Cipriano. (1981) **Renovação Carismática Católica**. Temas e Conferências.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. (2006) **A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000**. In TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. (1998) **Sombras na Catedral: A Influência New Age na Igreja Católica e o Holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto**. In *Numen. Revista de Estudo e Pesquisa da Religião*. vol.1, nº 1, NEPREL/UFJF, Juiz de Fora, pp.85-125.
- CANTO-SPERBER, Monique. (2000) **Tolerância, neutralidade e pluralismo na tradição liberal**. In *A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de

1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. (2003) **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade**. São Paulo: UNESP.

CARRANZA, Brenda Maribel Dávila. (2000) **Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências**. Aparecida, SP: Editora Santuário.

COMTE-SPONVILLE, André. (1999) **A tolerância**. In Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

CORRÊA, Mariza. (1993) **Repensando a família patriarcal brasileira**. In ARANTES, A. /et. Al./ Colcha de retalhos – estudos sobre a família no Brasil. Campinas, SP: editora da UNICAMP.

COUTO, Márcia Thereza. (2005) **Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de famílias em pluralismo religioso**. In HEILBORN, Maria Luíza ... [et al.]. Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond.

COUTO, Márcia Thereza. (2001) **Pluralismo Religioso em famílias populares: Poder, Gênero e Reprodução**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Sociologia – UFPE, Recife.

DaMATTA, Roberto. (1991) **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco.

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS SOBRE A TOLERÂNCIA (2001) In GRUPIONI, Luís, D, B, & VIDAL, Lux B, & FISCHMANN, Roseli (orgs.) Povos Indígenas e Tolerância: Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

DE ROMILLY, Jacqueline. (2000) **A Grécia Antiga contra a Intolerância**. In A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2005) **Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira**. In HEILBORN, Maria Luíza ... [et al.]. Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond.

DUARTE, L, D; JABOR, J, de M; GOMES, E, C; LUNA, N. (2006a) **Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes**. In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (orgs.) Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2006b) **Ethos privado e modernidade o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação.** In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (orgs.) Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2006c) **O Sacrário Original, Pessoa, Família e Religiosidade.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 26 (2): 11-40.
- DUMONT, Louis. (1997) **Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações.** São Paulo: EDUSP.
- DURKHEIM, Émile. (1974) **As formas Elementares da Vida Religiosa** In Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- DROGERS, A. (1989) **'Syncretism: the problem of definition, the definition of the problem'.** In GOORT, J & VROOM, H & FERNHOUT, R & WESSELS (eds). Dialogue and Syncretism: An Interdisciplinary Approach. Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co.
- ECO, Umberto. (2000) **Definições Léxicas** In A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bretand Brasil.
- FERGUSON, Marilyn. (1994) **A Conspiração Aquariana.** Rio de Janeiro: Record.
- FERNANDES, Sílvia Regina Alves & PITTA, Marcelo. (2006) **Mapeando as Rotas do Trânsito Religioso no Brasil.** In Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 26(2): 120 -154, 2006.
- FERNANDES, Rubem César et al. (1998). **Novo Nascimento: Os evangélicos em Casa, na Igreja e na Política.** Rio de Janeiro: Mauad.
- FRESTON, Paul. (1994) **Breve história do pentecostalismo brasileiro** In ANTONIAZZI, A... / et al./. Nem anjos nem demônios. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FREYRE, Gilberto. (2004) **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global.
- GAARDER, Jonstein. (2000) **Religiões surgidas no Oriente Médio.** In GAARDER, Jonstein. O Livro das religiões. São Paulo: Companhia das Letras.
- GEERTZ, Clifford. (1989) **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos.
- GEERTZ, Clifford. (2004) **Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GELLNER, Ernest. (1992) **Pós-Modernismo, Razão e Religião.** Lisboa: Instituto Piaget.

- GIUMBELLI, Emerson. (2003) **O “Chute na Santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil.** In BIRMAN, Patrícia. *Religião e espaço público.* São Paulo: Attar.
- GIUMBELLI, Emerson. (2002) **Liberdade religiosa no Brasil contemporâneo: Uma discussão a partir do caso da Igreja Universal do Reino de Deus.**
- GIUMBELLI, Emerson. (2001) **A Vontade do Saber: terminologias e Classificações sobre o Protestantismo Brasileiro.** *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 67-86.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. (2003) **Máximas e reflexões.** São Paulo: Editora Forense Universitária.
- GOFFMAN, Erving. (1999). **A representação do Eu na Vida Cotidiana.** Petrópolis: Vozes.
- GOMES, Edlaine Campos de. (2006) **Família e trajetórias individuais em um contexto religioso plural.** In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (orgs.) *Família e Religião.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- GUERRA, Lemuel. **A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião.** *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 22(2): 135-166.
- Guimarães Rosa. (1986) **Grande Sertão Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- HALL, Stuart. (1997) **Identidades Culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A.
- HEELAS, Paul. (1996) **A Nova Era no contexto cultural: Pré-Moderno Moderno e Pós Moderno.** *Religião e Sociedade*, Vol 17, Nº 1-2: 15-32.
- HÉRITIER, Françoise. (2000) **O Eu, o Outro e a Intolerância.** In *A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HERVIEU – LÉGER, Danièle. (1997) **Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?** *Religião e Sociedade*, nº. 18, 1997, 31 – 47.
- HERVIEU – LÉGER, Danièle. (2005a) **Catolicismo: A configuração da memória.** *Revista de Estudos da Religião – Rever*, Nº. 2, 2005, pp. 87-107.
- HERVIEU – LÉGER, Danièle. (2005b) **O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento.** Lisboa: Gradiva.
- HILL, Malcom & TISDALL, Kay. (1997) **Children and Society.** London: Longman, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995) **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras.
- HÖLLINGER- VALLE, A & SIQUEIRA.D, HÖLLINGER, F. (2002) **Religião e Esoterismo entre Estudantes: Um Estudo Comparado Internacional.** *Religião e Sociedade*, Vol 22, Nº 2: 115-134.

- JUNGBLUT, Airton de A. (1997) **A guerra Santa de evangélicos contra o neopentecostalismo** In Debates do NER – Guerra Santa, Porto Alegre, ano 1, n. 1. novembro de 1997, p. 46 – 52.
- KRAMER, Heinrick & SPRENGER, Jacobus. (s/d) **Malleus Maleficarum**. São Paulo: Edições Planeta.
- LE GOFF, Jacques. (2000) **As raízes medievais da intolerância**. In A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- LEIRNER, Nelson. (2003) **Adoração**. [texto de] Moacir dos Anjos. Recife: Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães e Brasília: Arte 21 – Escritório de Arte e Projetos Culturais.
- LEWGOY, Bernardo. (2006) **Incluídos e letrados – Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual**. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata. (orgs.) As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LOCKE, John. (1973) **Carta acerca da Tolerância**. In Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril.
- LUNA, Naara. (2006) **Religiosidade no contexto das novas tecnologias reprodutivas**. In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (org.) Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- MACHADO, Maria das Dores. (2006) **Religião, família e individualismo**. In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (org.) Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (1996) **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo SP: ANPOCS.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (s/d) **Sexualidade e planejamento familiar – Comparando o comportamento dos pentecostais e carismáticos católicos**. Mimeografado.
- MAFRA, Clara. (2001) **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (col. Descobrimo o Brasil).
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1996) **O neo-esoterismo na cidade**. Revista USP, São Paulo, Nº. 31: 6-15, Setembro/ Novembro.
- MANSFIELD, Patti Gallagher. (1995) **Como um novo Pentecostes: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica**. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus.
- MARIANO, Ricardo. (1999) **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola.

- MARIZ, Cecília Loreto. (2006a) **Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?** In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (orgs.) Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- MARIZ, Cecília Loreto. (2006b) **Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade.** In TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MARIZ, Cecília. (2005a) **‘De volta à dança do sincretismo’:** um diálogo com Pierre Sanchis. Mimeografado.
- MARIZ, Cecília. (2005b) **Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião.** Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v.17, n.2, pp. 253-273.
- MARIZ, Cecília Loreto. (2003a) **Rainha dos Anjos: A aparição de Maria em Itaipu, Niterói.** In: STEIL, C; MARIZ, C, L; REESINK, M, L. (Org.). Maria entre os vivos: Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MARIZ, Cecília Loreto. (2003b) **A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?** Civitas, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 169-186.
- MARIZ, Cecília Loreto. (2002) **Aparições da Virgem e o Fim do Milênio.** Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 4, p. 35-53.
- MARIZ, Cecília Loreto. (2001) **Secularização e Dessecularização: Comentários a um texto de Peter Berger.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 25-39.
- MARIZ, Cecília Loreto. (1994) **Alcoolismo e Pentecostalismo** In Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, ISER.
- MARIZ, Cecília Loreto. (s/d) **As Aparições da Virgem e o Fim do Milênio: um breve panorama da literatura sociológica e antropológica.** Mimeografado.
- MARIZ, Cecília Loreto & MACHADO, Maria das Dores Campos. (2001) **Encontro e desencontros entre católicos e evangélicos no Brasil.** In SANCHIS, P. (org.) Fiéis e cidadãos: Percursos do sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- MARIZ, Cecília Loreto & MACHADO, Maria das Dores Campos. (1998) **Mudanças recentes no campo religioso brasileiro** In Antropolítica, Niterói, n. 5, p. 21 – 43.
- MARIZ, Cecília Loreto & MACHADO, Maria das Dores Campos. (1994) **Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais.** Comunicações ISER, n.45.
- MARIZ, Cecília Loreto & MACHADO, Maria das Dores Campos. (s/d) **Mulheres Pentecostais.** Mimeografado (s/d).

- MATOS, Silvana Sobreira de. (2005) **O Encontro para a Consciência Cristã – O que pensam seus adeptos sobre o Movimento Nova Era**. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mimeografado.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. (2005) **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 48 – 67, setembro / novembro.
- MEREU, Ítalo. (2000) **A intolerância institucional; origem e instauração de um sistema sempre dissimulado**. In A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MIRANDA, Júlia. (1999) **Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- NATIVIDADE, Marcelo & OLIVEIRA, Leandro de. (2007) **Religião e Intolerância à homossexualidade: tendências contemporâneas no Brasil**. In SILVA, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro/ Ari Pedro Oro... et. al.; Vagner Gonçalves da Silva (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- NATIVIDADE, Marcelo & GOMES, Edlaine de Campos. (2006) **Para Além Da Família e Da Religião: Segredo e Exercício da Sexualidade**. In Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 26(2): 41-58.
- NATIVIDADE, Marcelo. (2005) **Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal**. In HEILBORN, Maria Luíza ... [et al.]. Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond.
- NOVAES, Regina. (2006) **Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo**. In TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes.
- NOVAES, Regina. (2005) **Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos. Notas preliminares**. Revista Estudos Avançados, 18, 52, 2004, pp. 321-330.
- NOVAES, Regina. (2003) **Errantes do Novo Milênio: salmos e versículo bíblicos no espaço público**. In BIRMAN, Patrícia. (org.) Religião e Espaço público. São Paulo: Attar.
- NOVAES, Regina. (1985) **Os Escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania**. Rio de Janeiro, Iser.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (2001) **Sobre o Diálogo Intolerante** In GRUPIONI, Luís, D, B, & VIDAL, Lux B, & FISCHMANN, Roseli (org.) Povos Indígenas e Tolerância:

Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

ORO, Ari Pedro. **Intolerância religiosa iurdiana e reações Afro no Rio Grande do Sul**. . In SILVA, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro/ Ari Pedro Oro... et. al.; Vagner Gonçalves da Silva (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

PEIRANO, Mariza. (2001) **A análise antropológica de rituais**. In PEIRANO, Mariza. (org.) O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ.

PEREZ, Léa Freitas. (2000) **Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira**. Edição Especial, *Brasil 500 anos*. Junho de 2000. Belo Horizonte, Imprensa Oficial dos Poderes do Estado, pp. 40-58.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (2006) **Cadê a nossa diversidade religiosa? – Comentários ao texto de Marcelo Camurça**. In TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (2004) **Secularização e declínio do catolicismo**. In SOUZA, Beatriz Muniz de & MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.) Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (2000) **Apêndice: As religiões no Brasil**. In GAADER, Jostein. O livro das religiões. São Paulo: Companhia das Letras.

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo (1996). **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec.

POMPA, Cristina. (2003) **Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial**. Bauru, SP: EDUSC.

PRANDI, Reginaldo. (1998) **UM SOPRO DO ESPÍRITO: A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

PRANDI, Reginaldo & SOUZA André Ricardo de (1996) **Catolicismo, Reação e Conflito: Renovação Carismática Versus CEBs**. XX Reunião Brasileira de Antropologia – ABA, GT: Campo Religioso em Conflito. Salvador 14 a 18 de abril.

RAHM, Haroldo & LAMEGO, Maria J, R. (1991) **Sereis Batizados no Espírito Santo**. São Paulo, Edições Loyola.

REILY, Duncan Alexander. (2003) **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE.

- RICOEUR, Paul. (2000) **Etapa atual do pensamento sobre a intolerância**. In A intolerância: Fórum Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- SAHLINS, Marshall. (2003) **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SANCHIS, Pierre. (2001) **Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro** In SANCHIS, P. (org.) *Fiéis e cidadãos: Percursos do sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- SANCHIS, Pierre. (1997) **O campo religioso contemporâneo no Brasil**. In: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto (orgs.) *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, p: 103-116, 1997.
- SANCHIS, Pierre. (1994) **“Pra não dizer que não falei de sincretismo”**. *Comunicações ISER*, 45, ano 13.
- SANCHIS, Pierre. (1994) **O repto pentecostal à cultura católico-brasileira** In ANTONIAZZI, A... / et al./. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SANTOS, Edmilson Santos dos. (2005) **Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer**. *Revista de Estudos da Religião*. Nº. 3/ pp.161-177.
- SANTOS, Elen Barbosa de. (2002) **Religiões em família: continuidades e mudanças em tempos de nova era**. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ. Dissertação de Mestrado.
- SCOTT, Russel Parry. (2007) **Morais, religião e sexualidade em contextos urbano, rural e indígena: namoro, aborto e responsabilidade**. In SCOTT, Russel Parry & ATHIAS, Renato & QUADROS, Marion Teodósio de. *Saúde, Sexualidade e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- STARK, R & IANNACONE, L, R. (1994) **“A Supply-Side Interpretation of the Secularization of Europe.”** *Journal for The Scientific Study of Religion*, 33:230-52.
- SHAW, Rosalind & Stewart, Charles. (1994) **Introduction: problematizing syncretism**. In STEWART, Charles & SHAW, Rosalind (Edited). *Syncretism/Anti-syncretism: The politics of religious synthesis*. Londres: ROUTLEDGE, London and New York.
- SHWADE, Elisete. (2001) **Deusas Urbanas: Experiências Encontros e Espaços Neo-Esotéricos no Nordeste**. Tese de Doutorado. PPGAS/FFLCH, USP.
- SILVA, Magnólia. (2001) **Arqueologia Mítica do Esoterismo na Cultura Brasileira**. *Revista Antropológicas*. A. 6, v.13, série Imaginário, p.147-159, Recife.
- SILVA, Magnólia. (2000) **Esoterismo e Movimento Esotérico no Brasil**. Tese de Doutorado, PPGS, UFPE.

- SILVA, Magnólia. (s/d) **O pensamento da Cultura Emergente: a Memória do “Encontro para a Nova Consciência”**. Mimeografado.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. (2005) **Concepções religiosas afro-brasileiras e pentecostais: uma análise simbólica**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 150-175, setembro/novembro.
- SIQUEIRA, Deis. (2001) **A Labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotérica na capital do Brasil**. Série Sociológica, Nº. 185, Brasília.
- SOARES, Luis Eduardo. (1993) **Dimensões democráticas do conflito religioso no Brasil: A Guerra dos pentecostais contra o afro-brasileiro** in Os Dois Corpos do Presidente. Rio de Janeiro: Relume Dumara – ISER.
- STEIL, Carlos Alberto. (2003) **Eu sou Nossa Senhora da Assunção. A aparição de Maria em Taquari (RS)**. In STEIL, C, A & REESINK, M, L, & MARIZ, C, L. Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Rio Grande do Sul: Ed. da UFRGS.
- STEIL, Carlos Alberto. (2001a) **Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso**. Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, oct.
- STEIL, Carlos Alberto. (2001b) **Aparições marianas contemporâneas e carisma católico**. In SANCHIS, P. (org.) Fiéis e cidadãos: Percursos do sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ..
- STEIL, Carlos Alberto. (1997) **Demônios Modernos e Rituais de Poder**. Debates NER. Porto Alegre, NER/PPGAS/UFRGS, pp.38-45.
- STEIL, Carlos Alberto. (1995) **Aparições de Nossa Senhora, tradição e atualidade**. Revista Grande Sinal, ano XLIX, set/out, pp. 545-555.
- SZYMANSKI, Heloísa. (1995) **Teorias e “teorias” de famílias**. In CARVALHO, M, C. (org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC.
- TAMBIAH, Stanley J. (1985) **Culture, thought and social action**. An Anthropologist Perspective. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- TAMBIAH, Stanley J. (1996) **Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Ásia**. California/London: University of California Press.
- TEIXEIRA, Faustino. (2005) **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo** In Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 14 – 23, setembro / novembro.
- VELHO, Otávio. (1997) **“Globalização: Antropologia e Religião”**. In: ORO, Ari & STEIL, Carlos (orgs.) Globalização e Religião. Petrópolis: Vozes.

WALZER, Michel. (1999) **Da Tolerância**. São Paulo: Martins Fontes.

WEBER, Max. (1980) **Rejeições religiosas do mundo e suas direções**. In Textos Seleccionados, Coleções Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

JORNAIS, REVISTAS, AUDIOVISUAL, CD-ROM.

ANTUNES, Arnaldo. (1996) **Inclassificáveis**. Ciclope / (Warner Chappel). Cd O silêncio. BMG (MÚSICA).

ALVES, Ridalvo. (2002) **O porquê do Encontro para a Consciência Cristã**. Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, Ano 1 – nº. 01 – Outubro a Dezembro de 2002, pp:3.

ARAÚJO, Aluska. (2006) **Igreja evangélica precisa investir na Família**. In Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, Ano 4 – nº. 08 – Junho a Agosto de 2006.

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2007a). **Projeto Jonas alcançará Campina Grande em um dia**. Jornal Consciência Cristã em Foco, Ano 5, nº. 9 - Janeiro a Março de 2007, pp: 3.

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2007b) **Encontro vai debater sobre sexualidade sadia na sociedade**. Jornal Consciência Cristã em Foco, Campina Grande/PB, Ano 5 – nº. 9 – Janeiro a Março de 2007,pp: 8

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2007c) **Resgatando os valores cristãos da família**. Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande /PB, 2º Caderno, Ano 5 – nº. 9 - Janeiro a Março de 2007, pp:3.

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2007 d) **IV Desperta Débora conscientizará mães da importância de orarem pelos filhos**. Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, 2º Caderno Ano 5 – nº. 9 – Janeiro a Março de 2007.

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2006a) **Como foi o 8º ECC?** Jornal Consciência Cristã em Foco, Campina Grande/PB, Ano 4 - nº. 8 – Junho a Agosto de 2006, p:12.

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2006b) **Igreja evangélica precisa investir na família**. Jornal Consciência Cristã em Foco, Ano 4 - nº. 8 – Junho a Agosto de 2006, p:16.

CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2005) **Encontro pretende descobrir novos cantores**. Jornal Consciência Cristã em Foco, Campina Grande/PB, Ano 4 – nº. 5 – Janeiro a Fevereiro de 2005.

- CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2004a) **Os planos de Deus jamais serão frustrados.** Jornal Consciência Cristã em Foco, Campina Grande/PB, Ano 3 – nº. 4 – Julho a Setembro de 2004, pp:2.
- CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2004b) **Quase 100 pessoas passam a seguir os passos de Cristo Jesus.** Jornal Consciência Cristã em Foco, Campina Grande/PB, Ano 3 – nº. 4 – Julho a Setembro de 2004, pp:8.
- CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM FOCO. (2003) **A metamorfose que Deus fez em minha vida.** Jornal Consciência Cristã em Foco, Campina Grande/PB, Ano 2 – nº. 3, - Setembro a Novembro de 2003.
- DIEGUES, Cacá. (2003) **Deus é brasileiro.** Estúdio: Rio Vermelho Filmes / Globo Filmes / Columbia TriStar Filmes do Brasil / Luz Mágica Produções / Teleimage Distribuição: Columbia TriStar Filmes do Brasil, 2003. (FILME).
- FERNANDES, Dom Luís. (1995) **Nova Consciência (III).** Jornal da Paraíba/PB. Campina Grande/PB, 19/03/1995.
- GOMES, Silva. (2007) **Debatendo religião na pós-modernidade.** In Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, 2º Caderno, Ano 5 – nº. 9 –Janeiro / Março de 2007.
- GWERCMAN, Sérgio. (2004) **Evangélicos.** Revista Super Interessante. Edição: 197, Fevereiro de 2004.
- JORNAL DA PARAÍBA. (2005) **Pastor evangélico afirma que as aparições de Fátima são demoníacas.** Campina Grande /PB, 07 de Fevereiro de 2005.
- JUSTINO, Rozângela. (2007) **O que está por trás do Movimento Homossexual?** In Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, Ano 5 – nº. 9 –Janeiro / Março de 2007. pp:8.
- MATOS, Silvana & FEITOZA, Frederico & CARNEIRO, Liana & CRISPIM, Giuliana & KOBIAISHY, Franklin & SILVA, Farah. (2003) **“Carnaval da Alma”: Um caminhar para a Nova Consciência.** Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social. Universidade Estadual da Paraíba/PB, 41 minutos, 2003. (AUDIOVISUAL).
- MESQUITA, Suely & LUÍS, Pedro. (2004) **“Interesse”** (ED. Setembro Edições) interpretada por Pedro Luís e a Parede e Ney Matogrosso. CD Vagabundo, Universal Music, 2004 (MÚSICA).
- NÓBREGA, F, P. (2005) **“A Ignorância e a Lucidez: Evangélicos fundamentalistas contra a Nova Consciência e os Católicos”.** In Correio da Paraíba/PB. Campina Grande, 12 de fevereiro de 2005.

- NODA, Jorge Issao. (2002) **Nehemias Marien é pastor evangélico?** Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, Ano 1 – nº. 01 – Outubro / Dezembro de 2002. pp:4.
- NOVAES, Regina. (2002). **Igreja muda em busca do rebanho perdido.** Jornal do Brasil, 09 de maio de 2002.
- PELLEGRINI, Luis. (1998) **A Paraíba discute o futuro.** In Revista Planeta. Edição 308 – Nº. 61, Maio, 1998, pp. 61-65.
- RAMOS, Vanusa. (2000) **III Crescer quer reunir 16 mil pessoas.** In Jornal da Paraíba/PB. Campina Grande, 27 de Janeiro de 2000.
- REVISTA ÉPOCA. **Paulo Coelho.** 20/07/98: 34.
- SILVA, Elizete da. (2006) **A presença protestante no Brasil.** In Nossa História, Ano 4/ nº. 38. pg 14 -17, 2006.
- TAVARES, Robson. (2002) **“Nova Era: a velha mentira”** In Jornal Consciência Cristã em Foco. Campina Grande/PB, Ano 1- nº. 1-Outubro /Dezembro de 2002.
- TERZAKIS, P. & PAPES, A. C. (2005) **Dom Aldo contesta declarações sobre visões de Maria e demônio.** In Jornal da Paraíba/PB. Campina Grande/PB, 10 de Fevereiro de 2005.
- VASCONCELOS, Yuri. (2003) **O Homem que Inventou CRISTO.** In Revista Super Interessante. Edição 195, Dezembro de 2003.
- VOMERO, Maria Fernanda. (2003) **ABRRAÃO Existiu?** In Revista Super Interessante. Edição 190, Julho, 2003.

SITES

- AGIER, Michel. (2001) **Distúrbios identitários em tempos de globalização.** Mana, vol. 7, nº2, Rio de Janeiro, outubro, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200001
- ALMEIDA, Ronaldo & MONTERO, Paula. (s/d) **Trânsito Religioso no Brasil.** (s/d). Disponível em: <<http://www.centrodametropole.org.br/pdf/ronaldoameilda2.pdf>
- AMARAL, Leila. (2002) **Entrevista (edição nº8),** Comunidade Virtual de Antropologia. 10/06/2002. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br>>
- BACHA, Teófilo Filho. (2003) **Educação para uma cultura da tolerância.** In Seminário Cultura e Tolerância. SESC vila Marina/ São Paulo, novembro de 2003. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/79.rtf>

BARRET, David & JOHNSON, Tood. **The Catholic Charismatic Renewal, 1959-2025**. In: PESAR, Oreste (Org.) "Then Peter stood up..." [Vatican City: ICCRS, 2000, p. 117-124]. Disponível em: www.rccbrasil.org.br

BURITY, Joanildo. (2001) **Globalização e identidade: Desafios do multiculturalismo**. Trabalhos para discussão, nº.107, março, 2001. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Respostas a questões relativas a alguns aspectos da Doutrina sobre a Igreja**. Roma, Sede da Congregação para a Doutrina da Fé, 29 de Junho de 2007, Solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20070629_responsa-quaestiones_po.html

CRESCER. (2007a) **10 Anos de Crescer**. Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007b) **Adoração Ao Santíssimo Sacramento**. Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007c) **Testemunho dos Participantes do Crescer**. Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007 d) **Equipe Pio X de Reportagem: Como você vê a participação de tantos jovens no período de carnaval em um encontro como o Crescer?** Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007e) **D. Bernardino Marchió – Bispo de Caruaru e Coordenador das Novas Comunidades do Regional Nordeste II**. Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007f) **Que livros não são achados na Bíblia protestante?** Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007g) **Imagens e Ídolos**. Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007h) **"Maria e os Protestantes"**. Disponível em: www.piox.net

CRESCER. (2007i) **Entrevista – Cosme**. Disponível em: www.piox.net

COUTO, Márcia Thereza. (1997) **Pluralismo Religioso Intrafamiliar no Contexto de Pobres Urbanos**. VII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, Grupo de Trabalho "Religião, Gênero e Família". 27 a 29 de novembro de Buenos Aires – Argentina, 1997. Disponível em: <http://www.antropologia.com.ar/miembros/congresos/contenido/religion/23.htm>

ESTATUTO DO ENCONTRO PARA A NOVA CONSCIÊNCIA – Disponível em: www.novaconsciencia.inf.br

ESTUDOS CNBB. (1995) **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática**, São Paulo, Paulus: N°. 53, 1995. Disponível em: <http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=IGREJA&id=igr0539>

FONSECA, Alexandre Brasil. (1998) **Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem religião**. In VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/NovEraEvang-ConfPos-CrescSemReligiao-AFonseca.htm>

GOMES, Edlaine Campos de. (2003) **“Os irmãos agora são eles”: conseqüências do pluralismo religioso numa rede familiar**. V Reunião do Mercosul, 2003. (CD – ROM)

KELNER, Ricardo. **A Grande Celebração da Diversidade**. Disponível em: www.portalnet.com.br/rkelmer/rkene.htm

MARIZ, Cecília Loreto. (1997) **A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografia**. VII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA. Buenos Aires 27 a 29 de novembro de 1997, Buenos Aires – Argentina. Disponível em: <http://www.antropologia.com.ar/congresos/contenido/religion/18.htm>

MARIZ, Cecília Loreto. **Entrevista** (edição nº33). Comunidade Virtual de Antropologia. Disponível em: www.antropologia.com.br

NABETO, Carlos Martins. (2007) **Quem fundou a sua Igreja?** Disponível em: www.piox.net

ORO, Ari Pedro. (2005) **Considerações sobre a liberdade religiosa no Brasil**. In Ciênc.Let., Porto Alegre, n.37, p. 433-447, jan/jun. 2005. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras/publicacao.htm>

PEREZ, Léa Freitas. (2003) **Conflito religioso e politeísmo dos valores em tempos de globalização**. V Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, Juiz de Fora/MG, 27 a 30 de maio de 2003. Disponível em: www.antropologia.com.br/arti/colab/a25-lfreitas.pdf

SALES, Lília, M, P. (2003) **O espírito Santo e o Diabo: o preenchimento pelo bem e a contaminação pelo mal na renovação carismática católica**. V Reunião do Mercosul, 2003. (CD – ROM).

SANCHIS, Pierre. (s/d) **AS TRAMAS SINCRÉTICAS DA HISTÓRIA: Sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro**. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_10.htm

- SANCHIS, Pierre. (2000) **Catolicismo perde espaço** In Ciência Hoje. Vol. 27. n°. 159, abril, 2000. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Catolicismo+perde+espa%C3%A7o+&btnG=Pesquisa+Google&meta=>
- SILVA, Paulo Cristiano da. (2007) **Nem Una, Nem Apostólica - A falácia da unidade católica**. Disponível em: www.conscienciacruzista.org.br
- SILVA, Vagner Gonçalves da. (2007) **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo**. Mana v.13 Rio de Janeiro abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100008&lng=pt&nrm=iso
- VINACC. (2007a) **“O engano da Nova Era”**. Disponível em: www.conscienciacruzista.org.br
- VINACC. (2007b) **Aparecida - padroeira do Brasil?** Disponível em: www.conscienciacruzista.org.br
- VINACC. (2007c) **“Instituições religiosas e civis realizam ato em defesa da Família e dos Princípios bíblicos”** Disponível em: site www.conscienciacruzista.org.br
- VINACC. (2003) **Entrevista com Jece Valadão**. Disponível em: www.conscienciacruzista.org.br
- VIANNA, Hermano. (2001) **(Resenha, Antthropologie du Carnaval: La Ville, La Fête et l' Afrique à Bahia)** Michel Agier. Mana, vol. 1, n°1, Rio de Janeiro, Abril, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000100008&lng=pt&nrm=iso

ANEXOS

PALESTRANTES

Fr. Ricardo Gordon
Presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Deus - IBDD - SP
Presidente do Instituto Cristão de Estudos Cristocêntricos - ICCE
Teologia cristocêntrica e bíblica

Fr. Seraph Nguirige
Teólogo missionário - Angola - África
Membro fundador do grupo Bíblia e Vida - MG
Membro do grupo Bíblia e Vida - RJ
Teologia bíblica e prática missionária
Telefones: 5100-0000 / 5100-0000

Fr. Marcos Silveir Caballo
Teólogo - RJ, ex-IBDD, Igreja Mista e Paróquia
Baptista em Teresopolis - RJ
Diretor da Comissão de Fé e Vida - IBDD - RJ
Teólogo da Igreja Evangélica Metodista - RJ

Fr. Hélio Eduardo de Souza
Teólogo - RJ, ex-IBDD, Igreja Mista e Paróquia
Baptista em Teresopolis - RJ
Diretor da Comissão de Fé e Vida - IBDD - RJ
Teólogo da Igreja Evangélica Metodista - RJ

Fr. João Luiz Bastião
Teólogo - RJ, ex-IBDD, Igreja Mista e Paróquia
Baptista em Teresopolis - RJ
Diretor da Comissão de Fé e Vida - IBDD - RJ
Teólogo da Igreja Evangélica Metodista - RJ


Fr. Sérgio Nogueira
Teólogo - RJ, ex-IBDD, Igreja Mista e Paróquia
Baptista em Teresopolis - RJ
Diretor da Comissão de Fé e Vida - IBDD - RJ
Teólogo da Igreja Evangélica Metodista - RJ

Fr. João Luiz Bastião
Teólogo - RJ, ex-IBDD, Igreja Mista e Paróquia
Baptista em Teresopolis - RJ
Diretor da Comissão de Fé e Vida - IBDD - RJ
Teólogo da Igreja Evangélica Metodista - RJ

Realização:
VINACC

Apelo:
ARTEXPRESS
OIV-UIT

Patrocinadores



**IV Encontro
Para a
Consciência Cristã**
Uma Visão Cristocêntrica

JESUS

ENTRADA FRANCA

Anosos, não creiam em todo espírito, mas provai se os ensinamentos são de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. (João 4:1)

DE 08 A 12
FEVEREIRO 2002

Antigo Museu Vivo e Ginásio da AARB
CAMPINA GRANDE - PB

www.consciencia.crista.org.br

Programação		
<p>SEXTA-FEIRA: 08/02/2002 </p> <p>Abertura: 19:30 Local: Ginásio da AARB Música de Carinhata: Fr. Marcos Alexandre Costa Mendes - PB Palestra: Fr. Ricardo Gordon - SP Tema: Os Desafios da Igreja para o Milênio Participação especial: João Oliveira - MG</p> <p>SÁBADO: 09/02/2002 </p> <p>MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB T: Encontro para a Juventude - BPC - PB Palestra: Fr. João Luiz Bastião - RJ (Ex - Igreja em Injeição) Tema: Igreja Anjo do Céu MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Joaquim Antônio - SP Tema: Como identificar uma fé? MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: João Luiz Bastião - RJ (Igreja no homossexualismo durante 15 anos) Tema: As crianças do homossexualismo MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Seraph Nguirige - Angola - África (Filho de ex-IBDD) Tema: A Bíblia e os seus desafios MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Auditório) Palestra: Fr. Hélio Eduardo - RJ (Ex - Igreja T2) Tema: Missionários - uma missão de outro mundo MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: Fr. Marcos Silveir Caballo - PB (Missionário atalaia) Tema: O que Deus está fazendo no mundo atual? (Testemunho) DOMINGO: 10/02/2002 </p> <p>MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB T: Encontro para a Juventude - BPC - PB Palestra: Fr. Marcos Caballo - PB (Missionário atalaia) Tema: Poderes do fundamentalismo bíblico.</p>	<p>MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Joaquim Antônio - SP Tema: Os desafios de 17 do século atual? MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: Fr. Hélio Eduardo - RJ (Ex - Igreja T2) Tema: Testemunhos de Jesus, um outro testemunho. MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Marcos Caballo - PB (Missionário atalaia) Tema: Missionários - a grande missão de Jesus no 21º século MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Auditório) Palestra: Fr. Joaquim Antônio - SP Tema: Atualidade, porém de valores eternos? MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: Fr. Marcos Caballo - RJ (Ex - requerimento, amonitório e vício em drogas - RJ) Tema: Jesus vivo, hoje e lá fora (Testemunho) SEGUNDA: 11/02/2002 </p> <p>MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB T: Encontro para a Juventude - BPC - PB Palestra: Fr. João Luiz Bastião - RJ Tema: Jesus em espírito MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Joaquim Antônio - SP Tema: As suas experiências religiosas na Igreja Católica - Doutrina e compromissos MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: Fr. Hélio Eduardo - RJ (Ex - Igreja T2) Tema: Testemunhos de Jesus e sua influência sobre a cristandade e o cristão MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Seraph Nguirige - Angola - África (Filho de ex-IBDD) Tema: Desafios da Igreja no século XXI</p>	<p>MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Auditório) Palestra: Fr. Marcos Caballo - PB (Ex - fundamentalista) Tema: Reconhecimento da Reconstrução? MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: João Luiz Bastião - RJ (Igreja no homossexualismo durante 15 anos) Tema: Como Deus mudou minha vida - (Testemunho) TERÇA: 12/02/2002 </p> <p>MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB T: Encontro para a Juventude - BPC - PB Palestra: João Luiz Bastião - RJ (Igreja no homossexualismo durante 15 anos) Tema: A Bíblia e o homossexualismo: relações e entropia "conf" gay MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. Antônio Oliveira - MG (Ex - fundamentalista) Tema: Vício em substâncias psicoativas: entropia e conf MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: Fr. Hélio Eduardo - RJ (Ex - Igreja T2) Tema: A influência das doutrinas ocidentais sobre a Igreja - (Rosa Esquivel, Mergulho e Fideísmo) MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Salão de Exposição) Palestra: Fr. João Luiz Bastião - RJ Tema: A Fé e o novo Eia MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Antigo Museu Vivo (Auditório) Palestra: Fr. Joaquim Antônio - SP Tema: Missionários - espiritualidade e cultura na missão - Harry Potter MANHÃ: 08:30 AS 11:30</p> <p>Local: Ginásio da AARB Palestra: Fr. Seraph Nguirige - Angola - África (Filho de ex-IBDD) Tema: O que Deus está fazendo no mundo atual? - Testemunho</p>

Legenda 1: Programação do IV Encontro para a Consciência Cristã de 08 a 12 de fevereiro de 2002.

CAMPINA GRANDE: CIDADE DE JESUS CRISTO
 abdicou do Carnaval para tornar-se a Capital Mundial da Fé Cristã

VII ENCONTRO FRANÇA
Encontro
 Para a Consciência Cristã
 Uma Visão Cristocêntrica

03 a 08 de Fevereiro de 2005
 CAMPINA GRANDE - PARAIBA - BRASIL

INFORMAÇÕES
 031 3333 1000 / 3058 1000

PROGRAMA

- 03 a 08 de Fevereiro de 2005 -

<p>03 de Fevereiro</p> <p>07h00 - Missa de abertura</p> <p>08h00 - Início das atividades</p> <p>19h00 - Início das atividades</p> <p>20h00 - Início das atividades</p> <p>21h00 - Início das atividades</p>	<p>04 de Fevereiro</p> <p>07h00 - Missa</p> <p>08h00 - Início das atividades</p> <p>19h00 - Início das atividades</p> <p>20h00 - Início das atividades</p> <p>21h00 - Início das atividades</p>	<p>05 de Fevereiro</p> <p>07h00 - Missa</p> <p>08h00 - Início das atividades</p> <p>19h00 - Início das atividades</p> <p>20h00 - Início das atividades</p> <p>21h00 - Início das atividades</p>	<p>06 de Fevereiro</p> <p>07h00 - Missa</p> <p>08h00 - Início das atividades</p> <p>19h00 - Início das atividades</p> <p>20h00 - Início das atividades</p> <p>21h00 - Início das atividades</p>	<p>07 de Fevereiro</p> <p>07h00 - Missa</p> <p>08h00 - Início das atividades</p> <p>19h00 - Início das atividades</p> <p>20h00 - Início das atividades</p> <p>21h00 - Início das atividades</p>	<p>08 de Fevereiro</p> <p>07h00 - Missa</p> <p>08h00 - Início das atividades</p> <p>19h00 - Início das atividades</p> <p>20h00 - Início das atividades</p> <p>21h00 - Início das atividades</p>
---	---	---	---	---	---

03 de Fevereiro

07h00 - Missa de abertura

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

04 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

05 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

06 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

07 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

08 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

03 de Fevereiro

07h00 - Missa de abertura

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

04 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

05 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

06 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

07 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

08 de Fevereiro

07h00 - Missa

08h00 - Início das atividades

19h00 - Início das atividades

20h00 - Início das atividades

21h00 - Início das atividades

Legenda 3: Programação do VII Encontro para a Consciência Cristã de 03 a 08 de fevereiro de 2005.

9º Encontro Para a Consciência Cristã

Uma Visão Cristã

15 a 20 de Fevereiro de 2007

CAMPINA GRANDE PARQUE - BRASILL
Lugar: PARQUE DO POVO

031-3321-4041

Entrada Gratuita

Seja Parceiro da Consciência Cristã, Contribua para a realização do 9º Encontro Para a Consciência Cristã em 15 a 20 de Fevereiro de 2007

Participantes especiais: Apos. 10000, 20000, 30000, 40000, 50000, 60000, 70000, 80000, 90000, 100000

Participantes especiais: Apos. 10000, 20000, 30000, 40000, 50000, 60000, 70000, 80000, 90000, 100000

Participantes especiais: Apos. 10000, 20000, 30000, 40000, 50000, 60000, 70000, 80000, 90000, 100000

15 de Fevereiro de 2007

16 de Fevereiro de 2007

17 de Fevereiro de 2007

18 de Fevereiro de 2007

19 de Fevereiro de 2007

20 de Fevereiro de 2007

V CONSCIÊNCIA CRISTÃ ROLÉ 3 | Espaço Infância P

15 de Fevereiro de 2007

16 de Fevereiro de 2007

17 de Fevereiro de 2007

18 de Fevereiro de 2007

19 de Fevereiro de 2007

20 de Fevereiro de 2007

Seja Parceiro da Consciência Cristã, Contribua

15 de Fevereiro de 2007

16 de Fevereiro de 2007

17 de Fevereiro de 2007

18 de Fevereiro de 2007

19 de Fevereiro de 2007

20 de Fevereiro de 2007

V CONSCIÊNCIA CRISTÃ ROLÉ 3 | Espaço Infância P

Legenda 4: Programação do IX Encontro para a Consciência Cristã de 15 a 20 de fevereiro de 2007.



Legenda 5: Panfleto que indica a Programação da Comunidade de Aliança PIO X, Comunidade esta que organiza o CRESCER.



Legenda 6: Programação do X Encontro CRESCER de 18 a 20 de fevereiro de 2007.



Pai de Bondade, Deus de Misericórdia,
 Filho Amado, enviado do Cotação do Pai
 Espírito Santo, derramado pelo Sopro do Filho,
 Resplande em nós, na Vozada Dona.

Não vos clamamos: Sacrificai-vos!
 Cíeis pelo Vosso Povo da Penitência
 E per Vossa Força, ajudai-nos
 Na construção da Cidade do Amor.

E pela intercessão de Mãe Imaculada,
 Mãe Mãe no Missão de Anunciar a Sua Nova
 E com necessário arbor missionário,
 Não conduza ao serviço dos irmãos.

Deixei agora para sempre,
 Com todos os Anjos e Santos
 Vos louvores e glorificações
 Amém.

Lembrança de:
 
 São 16, 15 e 14 da Paróquia do São


VOCÊ QUER SER UM EVANGELIZADOR?


CARTA-CONTRATO DE SÓCIO PARA COMUNIDADE PIO X

NÃO SOLICITO SIM SOLICITO Nº DE SOCIO _____ VALOR R\$ _____

NOME: _____
 END: _____
 _____ Nº _____ EMPLEO: _____
 BAIXADO: _____
 CIDADE: _____ ESTADO: _____
 CEP: _____ DATA DE ANIVERSÁRIO: _____ DATA DO CASAMENTO: _____
 FUNÇÃO RESIDENCIAL: _____ FUNÇÃO COMERCIAL: _____ OCUPAÇÃO: _____
 E-MAIL: _____

AUTORIZAÇÃO PARA DÉBITO AUTOMÁTICO
DESAUTORIZAÇÃO O DÉBITO AUTOMÁTICO, SEM PREVISÃO DE PRECATORIO DE CASOS ANTES DO DÉBITO, PODERÁ SER REALIZADO SEM PRECATORIO DE CASOS ANTES DO DÉBITO, PODERÁ SER REALIZADO SEM PRECATORIO DE CASOS ANTES DO DÉBITO, PODERÁ SER REALIZADO SEM PRECATORIO DE CASOS ANTES DO DÉBITO.

DATA DE EXPIRAÇÃO: _____
 CNP: _____ RAZÃO SOCIAL: _____ CONTA CORRENTE: _____
 BANCOS DO BRASIL BANCOS DO BRASIL
 R\$ 15,00 R\$ 20,00 R\$ 30,00 R\$ 40,00 OUTROS VALORES ACIMA DE R\$ 50,00

AUTORIZO/CONCORDO _____ O DÉBITO MENSAL, NESTA COMARCA, VOUCHER BANCÁRIO DEPOSITADO NESTE SOCIO/AFILIAÇÃO.

 
ENVELOPE DE DOAÇÃO
 Envolva, ao preencher, o X CRESCER, entregue por todos os Sócios
 quando forem requeridos para todos os, em 14 de Novembro, com o valor de R\$ 4.000,00
 (quatro mil reais) e utilize neste envelope o código de barras
 e valor de R\$ 4.000,00. Para mais detalhes consulte o site.
 Faça o envio para o endereço de e-mail: comunidade@piox.org.br
 Caixa Postal 46800-000, Curitiba, PR, CEP 81.340-000, Fone: (41) 3333-3333.

NOME: _____
 FONE: _____

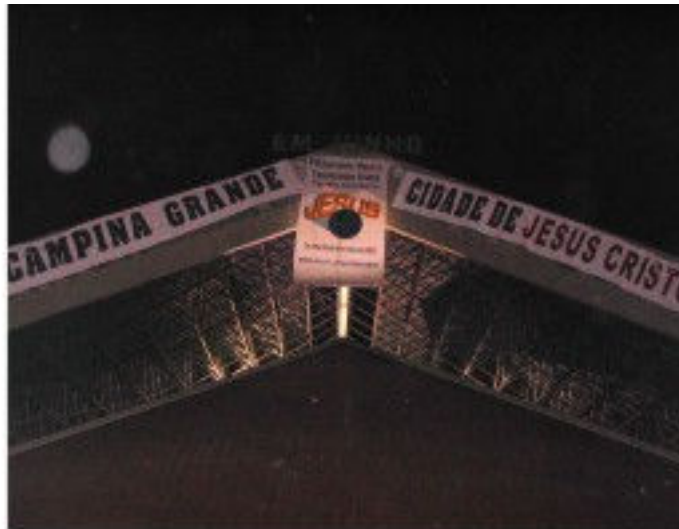
Legenda 7: Panfleto, Carta-contrato e envelope de doação distribuídos durante o X CRESCER.



Legenda 8: Capa da Programação do XI Encontro para a Nova Consciência de 08 a 12 de fevereiro de 2002.



Legenda 9: Capa da Programação do XVI Encontro da Nova Consciência de 16 a 20 de fevereiro de 2007.



Legenda 10: Letreiro exposto durante o VII Encontro para a Consciência Cristã.



**Legenda 11: Pastor Euder Fáber,
coordenador do Encontro para a Consciência Cristã.**



**Legenda 12: Encontro do Governador da Paraíba, Cássio Cunha Lima,
e do Prefeito de Campina Grande, Veneziano Vital do Rêgo, durante o
VII Encontro para a Consciência Cristã em 2005.**



Legenda 13: Pastor Joaquim de Andrade, durante o VII Encontro para a Consciência Cristã em 2005.



Legenda 14: "I Festival de Talentos Musicais Gospel" no VII Encontro para a Consciência Cristã em 2005.



Legenda 15: Apresentação da "Mocidade para Cristo" no VII Encontro para a Consciência Cristã em 2005.



Legenda 16: "III Consciência Cristã Kids" em 2005.



Legenda 17: Espaço físico do Encontro para a Consciência Cristã em 2007.



Legenda 18: “II Consciência Cristã em Debate”, durante o IX Encontro para a Consciência Cristã, no dia 17 de fevereiro de 2007.



Legenda 19: “III Ação Social e Cidadania com Cristo”, durante o IX Encontro para a Consciência Cristã, em 16 de fevereiro de 2007.



Legenda 20: Público durante o IX Encontro para a Consciência Cristã em 2007.



Legenda 21: Abertura do X CRESCER, em 18 de fevereiro de 2007.



Legenda 22: Stand de vendas da Comunidade Pio X durante o X CRESCER em 2007.



Legenda 23: Público no X CRESCER em 2007.



Legenda 24: Eucaristia na missa com Dom Jaime Vieira Rocha, Bispo de Campina Grande, no dia 20 de fevereiro de 2007, durante o X CRESCER.



Legenda 25: Pregação "O Senhor me tirou da "lama" do pecado", com o cantor Carismático Cosme (RJ), durante o X CRESCER em 19 de fevereiro de 2007.



Legenda 26: Reações do público durante o X CRESCER em 2007.



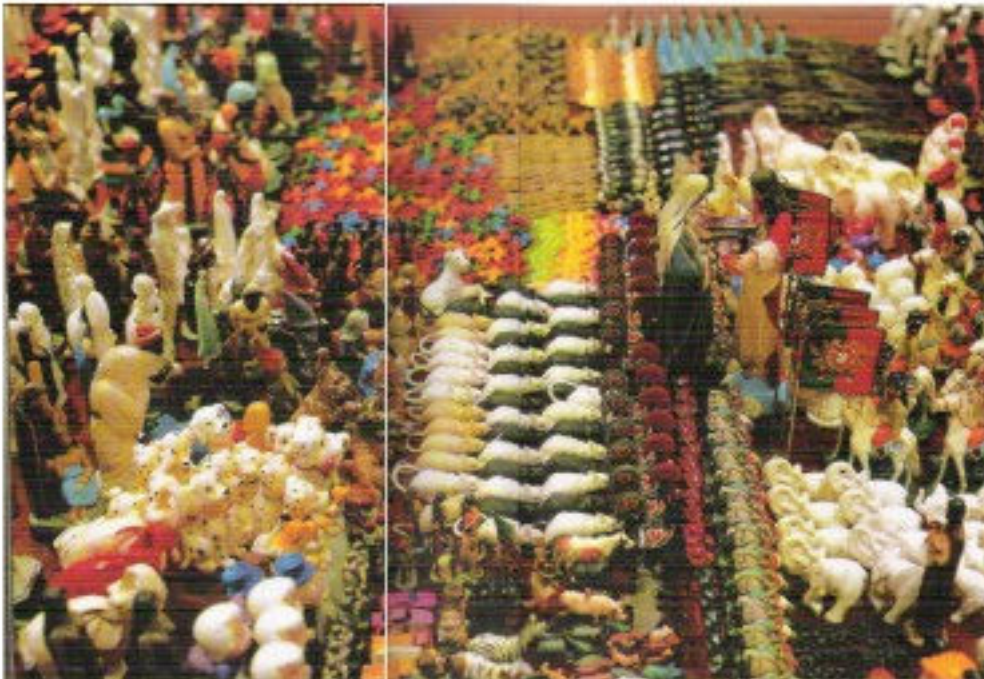
Legenda 27: Público durante o “Ofício da Imaculada Conceição cantado”, no dia 19 de fevereiro de 2007, no X CRESCER.



Legenda 28: 16º Encontro da Nova Consciência com o tema “Educando para a Paz” em 2007.



**Legenda 29: “Objetos de Desejo”, de Nelson Leirner, 2002 (Terra à Vista, 1998).
Instalação (montagem MAMAM). Coleção Museu de Arte Contemporânea
Prefeitura de Niterói / RJ.**



Legenda 30: Detalhe, montado, da instalação “Objetos de Desejo” de Nelson Leirner.